

OLYMA

D E ⁴⁷

D I O G O

BERNARDES

773

3 DEDICADO



O ILLVSTRISSIMO,
Reuerêdissimo Senhor
Dom Ioaõ da Sylua Ca-
pellão Mór de sua
Magesdade,
&c.

Com as licenças necessarias.

EM LISBOA.
por Lourenço Crasbeeck Impressor
del Rey. Anno 1633.



Licenças.

VI este liuro do insigne Poeta Diogo Bernardes, chamado o Lyra, que conthem as suas Eglogas, & diuersas Cartas, & por não achar nellas cousas contra nossa santa Fè, & bõs costumes, se pôde dar a licença que se pede. No Conuento da Esperança de Lisboa, em 30. de Outubro de 632.

Fr. Sebastião dos Santos.

Vestas Eglogas, & Cartas de Diogo Bernardes, tão celebradas por suas, como elle eternizado por ellas; & me pareceo que se de todo não ouuera que outra vez as estampara; seria deixar hũ tal seruiço mal pagado, & hũ taõ grande .m. taõ mal seruida: & assi para que se não diga que ate aqui teue lugar, que a ausencia causa esquecimento, lhe bem que se torne a imprimir. Em São Domingos de Lisboa, em 9. de Nouembro de 632.

Fr. Ayres Correa

M. & Reuedor.

Vistas as informações pode-se imprimir este liuro o Lyra de Diogo Bernardes, & depois de impresso tornará a este Conselho conferido com seu Original pera se lhe dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Lisboa 9. de Nouembro de 1632.

G. Pereira. D. João da Silva. F. Barreto

q 2

Don

Licenças.

D Ou licença para se poder imprimir este liuro, intitulado. O Lyma de Dio
60 Bernardes, Lisboa 12 Nouêbro 632
João Bezerra Iacome
Chantre de Lisboa.

Que se possa imprimir este liuro, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a esta mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 13. de Novembro 632.

Cabral. Salazar. Barreto.

Viste este liuro, & concorda com o Original. Em S. Domingos de Lisboa em 20 de Feueireiro de 1633.

Fr. Ayres Correa.

Vista a conferencia pode correr este liuro. Lisboa 22 Feueireiro 633

G. Pereira. Francisco Barreto.
Manoel da Cunha, Fr. João de Vascôc.

Taxado este liuro em meyo tostaõem papel. Em Lisboa 23 de Feueireiro 1633.

Cabral. Salazar. Barreto.

AO ILLVSTRISSIMO,
E REVERENDMO SENHOR

Dom Ioaõ da Sylua Capellaõ
Môr de sua Mage-
stade, &c. 49



Onfesso que julgara
alguem esta offerta
por pequena, tão in-
digna da grandeza
de V. S. Illma, quanto
eu culpado na confiança, com que
me atreuo a offerrecela: mas vendo
que nem ella podia achar amparo
mais seguro, nem eu dar-lhe Pre-
teitor mais grandioso; tomei por
motivo para o atreuimêto, as ms.
com que V. S. Illma me costuma
de ordinario honrar, & enrique-
cer. para lha dedicar. - Porq̃ a lem-
brança ser tão proprio de animos Reays
azer grandes merces; como accei-
tar pequenos seruiços: a materia
desta

desta (por ser do Diogo Bernardes,
Author tão conhecido em nossos
tempos, como aceito pella doutrina
de seus versos) a faz tão devida a
V.S. Ill^{ma}: que nem eu conhecen-
do a V.S. podia deixar de lha of-
ferecer; nem V.S. Ill^{ma} sem se des-
conhecer a sy, e recusar de a acei-
tar. Nosso Senhor, &c. Lisboa 11.
Fevereiro 1633.

Laurenço O'Crasbeeck.

T A B O A D A.

A DONIS, Egloga primeira.	Fol. 1
Flora, Egloga II.	f. 5
Liarda, Egloga III.	f. 8
Filis, & Marilia, Egloga IIII.	f. 11
Marilia, Egloga V.	f. 13
Saa, Egloga VI.	f. 15
Nyse, Egloga VII.	f. 17
Ioanna, Egloga VIII.	f. 19
Ines, Egloga IX.	f. 21
Perio, Egloga X.	f. 24
Galatea, Egloga XI.	f. 27
Deploratoria, Egloga XII.	f. 30
Lilia, Egloga XIII.	f. 32
Syluia, Egloga XIIIII.	f. 35
Peregrino, Egloga XV.	f. 37
Diogo, Egloga XVI.	f. 44
Montanhesa, Egloga XVII.	f. 46
Alcido, Egloga XVIII.	f. 49
Montano, Egloga XIX.	f. 52
Melicio, Egloga XX.	f. 53

C A R T A S.

C arta I. Ao doctór Francisco de Saa de Miranda.	Fol. 55
Seneto do mesmo.	f. 57
Carta II. Ao D. Antonio Ferreira. ibid.	
III. A Pero de Andrade Caminha.	f. 59
IIII. A D. João de Castello bráco.	f. 60
V. A Luys Dalcaçoua Carneiro.	f. 62
VI. A dom Francisco de Moura.	64
VII. A. Pero de Lemos.	66
VIII. A p. F. Agostinho da Cruz.	68
IX. Re-	

T A B O A

IX. Reposta do P.F. Agost. da Cruz-	70
X. Ao P.F. Thomas de souza.	71
XI. A Pero d'Andrade Caminha.	73
XII. Ao doctor Antonio Ferreira.	75
XIII. Reposta de Antonio Ferreira.	77
XIII. Ao D. Antonio de Castilho.	80
XV. A Christouão de Tauora.	83
XVI. A Frâcisco de Sã de Meneses.	84
XVII. De Iorge Bacarrao.	85
XVIII. Reposta a Iorge Bacarrao.	87
XIX. De Iorge Bacarrao.	88
XX. Reposta do Autor.	90
XXI. A Pero d'Andrade de Caminha.	92
XXII. Reposta de Pero d'Andrade.	94
XXIII. A Dom Fernando Aluarez de Castro.	96
XXIII. A D. Manoel Coutinho.	98
XXV. A Ruy Gomez da Graã.	100
XXVI. Ao mesmo Ruy Gomez.	102
XXVII. A dom Gongalo Coutinho.	106
XXVIII. Ao Conde de Monsanto.	109
XXIX. A D. Christouão de Moura.	111
XXX. A Gaspar de Sousa.	113
XXXI. A Pedralvêz Pereira.	114
XXXII. A Ioaõ Rodriguez de Sã.	117
Ao Licencia do Ioaõ Pimenta.	126

F I M.



ADONIS.

51

EGLOGA. I.

SYLVIO, E SERRANO.



S suas vacas a beber le-
vando

Hú dia ó Lima, Sylvio
grão vaqueiro

Omorto Adonis entre
si chorando

Vio á sombra da ramaz

d'hú vimeiro

Dormir Serrano, junto da ribeira,
Serrano seu amigo, & companheiro,

E soltando do peito a voz inteira
Có triste rosto em lagrimas banhado
Comegoulhe a dizer desta maneira.

Como dormies Serrano descansado
Ao som do claro rio, que consigo
Parece que te leua o mais cuidado.

Serr. Antes de muy cásado, Sylvio ami
Aqui d'hú leue sono me venci, (go.
Que de noite não pode étrar comigo

Quantos montes tu vês, tanto corri.

De

EGLOGA I.

De valle em valle andei, de mato em
Em busca d'ũ bezerro q̃perdi. (mato
E tenho para mim q̃ em vão o cato (le
Pois hontẽ, fẽ ninguẽ mais saber del
Da mãy sô s'apartou, & do mais farto
Cuido qu'algũ ladrao andou com elle,
Porque se foraõ lobos mal fazentes
Podera o sangue achar, ossos, ou pelle,
Mas a ti que te canfa, que mal sentes,
Que grande no teu rosto se figura,
E nessas tuas lagrimas correntes?

Sylu. Ah nouas tristes, ah de fauentura,
Ah fados no mór bẽ, mōres tyrãnos
ô manhã cōuertida em noite escura
Secaiuos verdes campos Lusitanos,
Secai fôtes, & rios, secai flores, (nos
Mostrai neste grao d'ãno grãdes d'ã-
Cobriuos verdes bosques doutras cores
Tam tristes como traz a dõr cõsigo,
Sêti tamanha perda de pastores. (go
Ser. Descubre esse mal ja. ah Sihuio ami
Que pois he mal cõmũ segũdo vejo,
Tãbẽm o chorarei aqui contigo.

Sylu. Leuou a cruel morte, sem ter pejo
Aquelle bello moço a quem tributo
Esperauão pagar o Indo, & o Tejo.

Que bem na vida ja, que rosto enxuto
De Ninfa, ou de pastor se pode ver,
Qual aue escusa dor, qual fero bruto

Morreo contigo, Adonis, o prazer
A brandura, o amor, o auiso raro,
De tudo se quiz o Ceo enriquecer.

Ser. ò Adonis pastor fermoso, e charo,
Contigo nos crecia herua na ferra,
E das fontes corria crystal claro.

E G L O G A I. 522

Os frutos sem trabalho daua a terra,
 Seguro ádaua o gado nas mótanhas
 Não lhe fazia o lobo cruel guerra.
 Sylu. Cheraí tamanho mal, gêtes estra
 Nas frias, & nas quêtes regiões, (frias
 Cheraí perda q̃ fez perdas tamanhas
 Ser. Dai lagrimas sê fim, varias nações,
 A dor q̃ enche de dor, êche d'espâto,
 A dôr de Tygres magoa, & de Leôty.
 Nãonegue cousa viua, viuo pranto
 De quantas o Ceo vê, a terra cria,
 As qu'o mar cobre fação outro tãto
 Sylu. Escuro torne sempre aq̃lle dia,
 Em q̃ da brâca neue andon ioubãdo
 A morte, as frescas rosas cõ mão fria
 Serr. Assim se foi teu rosto descôrando
 Como o lyrio no câpo, ou a bonina,
 A quẽ o arado talha em trespassãdo
 Sylu. Leuoute pera si, d' flor diuina,
 Esse quẽ girato sol, enfrea os vêtos,
 Aquẽ o Ceo, a terra, o mar s'inclina
 Ser. Já gozas immortais cõtentamêtos
 Nos ficamos sem ti nesta baixeza,
 Em magoas, e miserias, em tormêtos
 De q̃ he chea esta nossa natureza,
 Syluio a mim me pesa d'acabar,
 Mas não tenho vagar, pera que nôs
 Choremos aqui soos, & se tiuera
 Bem sei q̃ fallecera, em tãta m'ingoa
 A triste voz à lingua, os olhos agua,
 Porq̃ hũa grande magoa nũca deixa
 A quem della se queixa poder tal,
 Que como sente o mal, o manifeste:
 Quanto mais que ja neste caso triste
 Em choro não consiste o sentimento
 A 2 Tenha.

EGLOGA I.

Tenhamos sofrimento moderado,
 Pois que tudo ordenado vê do ceo.
 Em fim elle nasceo pera morrer,
 Quem poderá saber se foi melhor
 Partir-se tal pastor na mocidade.
 Se despois em idade de cem annos:
 Tenhão peitos humanos paciencia,
 Diuina prouidencia ja mais erra?
 Julguemos o da terra, não julguemos
 Cousas que não podemos alcançar.
 Sylu. Terá quem tal negar juizo cego,
 Por tanto não te nego isso q' dizes,
 Que seremos juizes do diuino,
 Parece de latino, ou peor erro. (ma
 Ser. Em fim o meu bezérro por m' cha-
 E sua mãy que brama, ainda m' obriga
 A que de rono siga em sua busca
 Antes q' a noite fusca a vista estreite,
 Pôde ser qu'aproueite algũa cousa.
 Sylu. Inda o gado repousa, não t'apreſ
 Se por caso conheces quẽ lá vẽ t'es,
 Pola banda d'alem, olha primeiro
 Que pastor estrangeiro me parece.
 Ser. Ah quãto m'êtristece, a vista d'elle,
 E do que vem com elle, se bem vejo,
 Pastores saõ do Tejo, antes do Lima
 E a dôr que os lastima he de maneira
 Que na sua ribeira os deſconhecem:
 Inda que te parecem, doutras terras
 Ia tu por estas serras os verias
 Em mais alegres dias, cõ mais gosto.
 Mudãças faz no rosto o sprito triste
 O que primeiro viste, aquelle digo
 He Franco, & traz consigo Limiano,
 Ambos no cõmun d'ão receberão.

Tal

F G L O G A I. 3

Tal perda, que teuerão por melhor,
 Por abrandar tal dór, se pode ser;
 Tornar-se a recolher átr'estes môtes.
 Sylu. Abasta, não me côtes delles mais,
 Que bẽ mostrão sinais de seu pezar.
 Serr. Ao menos em buscar lugar escuso
 Fôra do cômum vfo, solitario,
 Côforme, & necessario aquẽ dór sête,
 O Lyma brandamente vay correndo
 O vento estã mouendo a folha leue,
 A hora, qual ser deue, abrãda o Sol,
 Lã cáta hũ ruy sinol, mas não sei onde
 Hũ Melro lhe responde desta banda;
 Vay dãdo n'agua brãda a truyta sal-
 Daq̃lles môtes altos s'ôbras caẽ, (tos
 Olha que torres saem lã do mar,
 Onde se vay banhar ja Febo louro,
 Hũas parecẽ d'ouro, outras deprata;
 Mas como as desbarata o sol fugido
 Como se vão cobrĩdo doutras cores
 Sylu. Os doustristes pastores sospirando
 A lingua ao prãto dãdo, olhos ao cho
 Querẽ pagar o foro ã magoa, é dor (ro
 A vida que na flor virã cortada,
 A triste & magoadã voz leuantã,
 Lã que chorando cantã, escutemos
 Que daqui ouuiremos queixas tristes
 Franc. Cãfados olhos, se desq̃ partistes
 Donde tal perda vistes
 Nunca fizestes al senã chorar,
 Que razã me dareis de não cegar,
 Pois pera descansar
 Vendo, não podeis ver contẽtamẽto?
 imi. Vẽdo, não podeis ver cõtẽtamẽto
 A 3. Que

E G L O G A I.

Que vos não dê tormento
 Olhos que morrer vistes tal pastor,
 Ah dura estrella, ah nunca vista dor,
 Ah furdo, & cego amor! (magoa.
 Surdo, & cego mais cego em tão grã
 Frac. Surdo, & cego mais cego é tã grã
 Qu'os olhos cobre d'agua, (magoa
 O peito suspirando enche de fogo,
 Ditoso o que faz da vida jogo,
 Triste quem perde o rogo
 Contigo, contra nós morte tyrãna.
 Lim. Côtigo, cótra nós morte tyrãna
 Desta miseria humana
 Me não queres levar, tanto t'alçaste
 Quando o fermoso Adonis nos leua-
 Que logo desprezaste, (ste,
 Em desprezada vida vsar crueza.
 Franc. Em desprezada vida vsar, crueza
 Se julgas ser baixeza
 Matandome vsaràs de piedade,
 Deixaresme viuer he crueldade,
 Pois nesta faudade,
 Nunca verei prazer, nem vi da vejo.
 Limi. Nunca verei prazer, nê vida vejo
 Que lá junto do Tejo
 Tu morte me roubaste a melhor vida
 Ah fera, sem razão endurecida,
 Inda não era vrdida
 Tam rica tèa, quando a tu cortaste.
 Franc. Tam rica tèa, quando a tu cor-
 Cruel que não olhaste (taste,
 Quãtas có teu mortal golpe cortauas
 Ou acabàras ja , pois começauas,
 Porque não acabauas, (to?
 Que nos deixaste cà em choro, &prã
 Limi.

54.
E G L O G A I.

Limi. Que nos deixaste cá em choro, &
Pastor formoso, & santo (prato
Sem gosto, sem conselho, sê abrigo?
Ou não foras, ou foramos contigo,
Ah que não sei que digo
Quem merecia subir a tanto bem?

Fran. Que merecia sobir a tanto bem?
Tu bello moço, a quem,
Não merecia ter o mundo triste,
Eras digno do Ceo, ao Ceo sobiste.
Mas ah, cedo partiste
Isto choramos nós, isto sentimos.

Limi. Isto choramos nós, isto sentimos
Lembrá-nos que te vimos
Quando menos havia que rem-r,
Num voluer d'olhos delaparecer
Pera te nunca ver
Pera nunca ver mais hũ dia claro.

Fran. Pera nũca ver mais hũ dia claro,
Quem vio tal desamparo,
Nem vontade, nẽ olhos nũca tenha,
Este sol q se vay nunca mais venha:
Lã o dia nos detenha,
Nõs tenhamos cá sèpre noite escura

Limi. Nõs tenhamos cá sèpre noite es-
Sem flores, sem verdura, (cura
Tornẽ o verde Abril, & o lindo Mayo
Passou o nosso gosto como rayo,
Em tam geral delinavo (tes?
Como não choraís vòs, valles, & mō

Fran. Como não choraís vòs, valles, &
E vòs Ninfas das fontes, (mões?
Belissimas Napéas, & Driadas
Oreadas fermosas, & Nayadas,
Com vozes magoadas

E G L O G A I.

Ajudai a chorar tamanhos dânos;
 Limi. Ajudai a chorar tamanhos dânos;
 Satyros, & Syluanos (na,
 Cõ tais accetos, quaes tal dôr orde-
 Deixai de catar, Progne, & Filomena
 A vossa antiga pena

Pera chorar cõnosco a nossa noua.
 Frã. Pera chorar cõnosco a nossa noua
 Toda a gente se moua; (nha
 Não haja hauer no mûdo parte stra-
 De quãtas o sol rodea, & o mar ba-
 porque perda tamanha (nha,
 Fique com seu deuido sentimento.

Limi. Fique cõ seu deuido sentimento
 Escrito este tormento
 Nas duras plâtas, nos penedos duros
 Destes valles, q̃ febo deixa escuros,
 A fim que nos futuros
 Têpos, do nosso têpo haja memoria,
 Fran. Têpos do nosso têpo haja memo-
 Vença tam triste historia (ria
 A força dos annos, seja immortal.
 Nesta ribeira (se ella tanto val)
 Tal perda, magoa tal.
 Tal idade, tal vida, á morte dada.

Limi. Tal idade, tal vida, á morte dada
 Sem fim seja chorada;
 Aguas do brando Lyma deleitosas
 Tornemse vossas ondas vagarosas
 Lagrimas saudosas, (to.
 Pois não podê meus olhos chorar tã
 Fran. Pois não podê meus olhos chorar
 Quanto a dôr pede, & quãto (tãto
 Deseja est' alma triste de chorar,
 Lagrimas que por ti cã derramam

Não

E G L O G A I. 55

Não queiras desprezar
 Adonis, se no céu choro s'estima.
 Limi. Adonis se no céu choro s'estima,
 Se lá sobem acima
 Solpiros messageiros da vontade,
 Recebeos que te manda a saudade,
 De quem tam de verdade
 Da tua vida chora o roro fio.
 Aqui porque já tudo era sombrio, (res.)
 Derao fim a seu pranto os dous pasto
 E forão suspirando ao som do rio
 Os outros dous q ouvirão suas dores
 Também aleus currais se foraõ logo
 Onde lhe tinhão já os seruidores
 Ogado recolhido, e feito o fogo.

F L O R A, E G L O G A II.

Limiano.

N Vm solitario valle, fresco, & verde,
 Onde cõ vça doce, & vagarosa
 O vèz, no Lyra entrãdo, o nome per
 Nua tarde rosada, graciosa, (de.
 Quãdo no mar seus rayos resfriaui
 O sol deixãdo a terra saudosa.
 Ouvi hua voz tri ste que soaua
 Tam brandamente alli, que parecia
 Hu rio qie com outro murmuraua
 Ogado, que do campo recolhira
 Deixando nelle, por et.e a espessura
 Me fui chegando á triste voz qouuia

EGLOGA II.

Vi Tirse, & Melibeu, que na verdura
 Antre bastos salgueiros escondidos
 Chorauão duras magoas cõbrã-lura
 Nesta nossa ribeira ambos nacidos,
 Mas como pouco nella cõuerfaraõ,
 Erão mais na do Tejo conhecidos.
Em moços foraõ lã, lã se criaraõ
 Cõ outros de mórnome, mór estima
 De tanger, de cãtar fama cobrarão.
Não das nossas cantigas cã de cima,
 Doutras de tam bõ sã, q' inda pastor
 Tẽgora as não cantou jũto do Lyma
Ditosos foraõ elles, se na flor
 De sua mocidade, os tenros peitos
 Podẽraõ defender do cego amor.
Vieraõ de tal modo a ser fugeitos
 Do brando parecer de duas bellas
 Ninfas, q'sem olhar outros respeitos
Determinado tinhão ja naquellas (do
 Partès, q' o Tejo banha guardar ga-
 Negando a sua patria posa dellas.
Mas este fundamento derrubado
 Viraõ no triste dia, quando viraõ
 Da vida o bello Adonis ser roubado
Logo contra seu gosto se partirãõ
 Da terra, onde tal bẽtãtos perderaõ
 O q' pera mais mal tamẽ sentirãõ.
A tristeza continua, a que se deraõ
 Com taminha largueza se lhes deu,
 Que me fez duuidar se aq'lles traõ.
Continuaua Tirse o pranto seu
 Queixandose do caso duro, & fero,
 Fez o mesmo apos elle Melibeu.
O que disserãõ ambos dizer quero
 A vós fermosa Ninfã desta fonte,

E G L O G A II. 6

De quẽ cô magoa ouuido ser espero
Inda q̃ vós não veja a bella fronte (res
Erguei, & a linda maõ deixe os lauo-
Em quãto Amor me mãda q̃vos cõte
Os versos destes dous tristes pastores

T I R S E. 56

Que farei triste, nestas sôbras frias |
Ao som destas ribeiras que farei,
Que posso fazer ja senão chorar?
Ia tempo fôí que por aqui cantei,
ò quanto se mudou em poucos dias,
Triste de quẽ não pode alma mudar.
Rios que sem cantar:
Sempre vejo correr,
Montes que estais nam ser,
S'algũ ora d'amor força sentistes,
Ouui d'ũ pastor triste magoas tristes
Qu'inda q̃nãõ sãõ estas as primeiras
Que vós cantar me ouuistes,
Iã pode ser que sãõ derradeiras.
Quam liure de cuidados, quam cõtente
Me lembra q̃ pitãua esta verdura |
Cantando neste valle, onde me vejo
Tristẽ, posto ẽ prisaõ pesada, & scura
Ond'alma chora em vão o mal q̃sẽte
Chea de saudade, & de desejo.
Famoso, & rico Tejo,
Que banhas os ditos
Campos, onde os fermosos
Olhos de Flora ao sol fazẽ enueja,
Quando serã que tam lèdo te veja
Quam triste m'esta vèdo, & ouuindo
O Lyra que deseja (aqui
Aguas

E C L O G A II.

Aguas que leua ao mar, leuar a ti.
 Formosa Flora, pode est' alma tua
 Vontade ter pera de ti partirme?
 Triste vontade não, causa si tiue,
 Leuou a morte Adonis, destruir-me
 De tal maneira quis; ah morte crua
 Crua a quê morreo, crua a quê viue.
 Antes que descatue
 Meu doce amor o seu,
 Doce amor do meu
 O fio corta desta fraca tea,
 Chea de dores, de misérias chea,
 Não vejaõ os meus olhos, q'ja d'agua
 São feitos viua, vea, (magoa.
 Sobre magoas tamanhas, tam graõ
 Quem podia eu d'ir que tam asinha?
 Me derribasse o fado, ah fado duro,
 Daquelle alegre estado em q' me via
 Vendo, formosa Flora, o rayo puro
 Da tua doce vista, por quem minha
 Alma, suauemente em fogo ardia.
 A noite louua o dia,
 Soube este defengano,
 Agora com tal dãn o
 Que me fora melhor inda enganado
 Viuer, pois que viuia descansado,
 Mas quem serà q' fuja ao qu'o ceo tẽ
 Em si determinado,
 Quer seja pera mal, quer pera bem?
 Triste, que nesta ausencia vou gastando
 Em lagrimas a vida, que ja fora
 De todo consumi da, se cuidara
 Que tanto s'alongasse, d'hora e hora:
 Este cruel desterro, no qual ando
 Tã tal, que se me vi r nest'agua clara
 Que

E G L O G A II.

7

Que ja me foi tam cara,
 Não me conhecerei, 57
 Porque quando deixei (re
 De ver, os verdes olhos porquê mou
 Rosas em viua neve, tranças d'ouro,
 Logo me trãsformou amor esquiuo
 Em pedra não, nem leuro,
 Em fonte d'agua pura, e fogo viuo:
 6 dias vagarosos, dias tristes,
 Se vòs do vòsso curso acostumado
 Pera me cansar mais vos descuidais,
 Este contino meu triste cuidado
 Esta vida que ja com vida vistes
 Vos faça despregar as azas mais.
 Ah não vos detenhais
 Em tanto mal tam quedos
 Pois quando fostes lè dos
 Voastes sem parar, voai agora,
 Ou morte me trazei, ou trazei hora
 Na qual estes meus olhos descôtetes
 Contentes de ver Flora
 Chorem lagrimas destas diferentes.

M E L I B E V.

I Ncultos montes, altos, cauernosos
 Alegres valles, verdes, & floridos,
 Rios que brancas Ninfas encobris,
 E vòs Satyros, Faunos, qu'escôdidos
 De mortais olhos, nestes saudosos
 Bosques, lèdos morais, d'onde m'ouuis
 Se alheo mal sentis,
 Senti tamanho mal,
 Que nunca nenhum tal
 Chorado foi aqui, onde meu fado
 Ordene

E G L O G A II.

Ordenou qu'este meu fosse chorado;
 Porque se vós aqui entristeceis
 Qualquer lèdo cuidado,
 Em cuidado tam triste que fareis?
 & Dellia de meus olhos claro lume
 Ô vida da minh'alma, ô alma minha,
 Alma não tendo cà, tu lá contigo
 A tês, là te deixei hũa que tinha,
 A vida não te vendo se confume,
 Crê tu ô branda Dellia isto q' digo:
 E vós chorai comigo
 De piedade pura,
 Aguas que de mistura
 Conuolco minhas lagrimas leuais,
 Se vós aguas do Lyra não choraes
 Vendo que vos mereço sentimento,
 Dize-me quem cuidais (tò?)
 Que tenha dôr da dôr de meu tormê
 Que torça tam cruel arado a males
 Me tem cõ cê mil nôs de chorar cego
 Quê minha paz mudou é tâta guerra
 Como pude passar Douro, & Môdego?
 Tantos môtres taô altos, tâtos valles
 Se pera mim se faz hũa graô serra
 Qualquer Palmo de terra,
 Qu'em mello ficar vejo
 De mim, & meu desejo?
 E Amor sabendo isto não me dà
 As suas leues azas, com que vâ
 Voando, onde converte, descansaua;
 Antes me quebrou là
 Outras (quando parti) com q' voaua.
 Triste que por diuersos tristes modos
 Ando cuidâdo em ti sê perder pôto
 O que podes cuidar cuida tambem,

E G L O G A II. 3

Os dias hum & hũ chorando conto,
 Hũ me parece mil, & tristes todos,
 Coitado de quem taes cuidados tẽ;
 Pastores que me vem
 Andar tam pensatiuo 58
 S'espantaõ como viuo,
 Eu de não morrer ja tãbẽ m'espanto
 Se meus cuidados, Dellia, podẽ tãto,
 Que ja não sei que faço, nem q cuido
 Cuida contigo quanto
 Poder, em mĩ terà hũ teu descuido.
 Teus olhos onde s'ẽpre ardendo estaõ
 As chamas, de q Venus s'enriquece
 Que neue podem ver, qnã se accêda;
 Aquelles ricos laços q amor tece
 Dos teus rayos de sol, cabellos não,
 A quem podẽ prender q se despreda?
 Quem ha que se não renda
 Ao riso doce, & graue?
 Ao brando som suaue
 Da tua doce falla, que dũreza
 Senão abrandarà? o que despreza
 O mando de Cupido, o seu poder,
 Branduras, aspereza,
 Guardese de r'ouuir, & de te ver.
 Ah pastores fugi da vista branda
 Mas aspera com tudo a quem deseja
 Mais bẽ q poder ver cousa tão bella :
 Vejate bella Ninfa, & nunca veja
 Outro prazer quẽ tam sẽ prazer ãda
 Quẽ viue de tristeza, & morte della.
 Só nisto minha estrella
 Me seja piadosa,
 Mas não he tam ditosa
 Que pera tanto, bem daqui me leue
 An-

EGLOGA II.

Antes me vai gastando a vida leue
Sem me valerem lagrimas, nê rogo,
Como se fosse neue
Misturada cõ agua, ou cera ao fogo.
Dando aysi Melibeu fim a seu prâto
Deixou o verde assento, o triste risse
Banhado cõ mudo choro, entretanto
O tempo lhes foi causa de partirse
Era de todo o sol no mar cuberto
A lûa começaua a descobrise.
Tinhaõ suas choupanas dalli perto
Foraõ se recolhendo inda chorando
Hũ bẽ tam duuidoso, hũ mal tam cer
Mais delles porentaõ nãõ esperãdo (to
Tambem me recolhi por hũ atalho
Co gado mais depressa caminhando
Por fugir do sereno humido orualho

LIARDA.

EGLOGA III.

Dellio. Alcido. Galicio.

(gado
Del. A Gora Alcido ẽ quanto o nosso
Pace diãte nõs, mãso, & seguro
Sentemonos aqui neste abrigado.
Logremos este sol sereno, & puro
Que liure se nos dẽ, antes q venha
A noite fria, com seu manto escuro.
O rico com seu ouro lã se auenha,
Nãõ se farta cobiça com riqueza,
Mais arde o fogo quando tẽ mais ie
De pouco se cõtenta a natureza, (nha.
Quem

Quem nisto bem olhasse, certifico
Que não fugisse tanto da pobreza.
O sol também me quenta como ó rico,
A fonte agua me dà, fructos a terra,
Com pouco mantimento farto fico.
Ah, que mã vaidade nos faz guerra,
Pera q'gasto tépo em mais palauras,
Os olhos da razaõ esta nos cerra,
Alcido tês ouelhas, & tens cabras
De que tirás da laã, tiras do leite,
E não te faltaõ campos em q' lauras.
Inda tu queres mais! Amigo eu hey te
De fallar claro, s' s' lisonjarias
Não hajas medo q' nunca as afeite,
Tu cantauas amor, amor tangias
Fallaua a tua frauta, agora he muda,
q' mal te mudou tanto é poucos dias?
Alc. Muda se a cidade Dellio, & se se muda
Co ella a condicão, nada m'espanto.
O gosto m'ajudou, ja não m'ajuda.
Se ja cantei amor, se ja não canto
Culpa do fado mao, q' foi mudando
O meu cantar alegre em triste prato
O tempo que tam leue vai voando,
Dellio não torna mais, & así fugido
Camanhos defenganos nos vai dando?
Foyseme pouco a pouco descobrindo
O mal da esperança falsa, incerta,
q' me deixou chorando, & foise rindo
Quem sem ventura nace, ou quẽ acerta
De fazer fundamêto empeito alheio
De mil contas q' faz, qual sae certa?
Del. Se tu conheces isso, donde veio
Sentir tam de verdade sem razoẽs,
Não sedo doutra cousa o mûdo cheo

Alc

E G L O G A III.

Alc. Não queres tu que sintão corações
Obrigados com dôr a sentimento
Vendo razão vencida d'afeições?

De l. Emfim todas as cousas querê tétô
Encubre tua dor, guarde d'estremos,
Que sempre trazem arrependimêto.

Ao nosso doce canto nos tornemos
Das nossas Ninfas, & d'amor imigas
Cruenza, & fermosura celebremos.

Alc. Como cantarei eu nouas cançigas
Em terra mãyde cardos, & despinhas
E madrastra de vides, & d'espigas?

De memãdar chorar mais razão tinhas
Quando tão sê sentido alguê me vira
Que não vira correr lágrimas minhas

Pendurei num salgueiro a minha lyra,
Ouvilla ao sô do vêto he hũa magoa
Em lugar de ranger geme, & sospira.

Marilia que pintada nũa taboa
Aqui no seyo trago, também chora
Seus olhos dâme fogo, os meus dão
lh'agua.

Mas cantarà Galício. Del. Muito é bora
Galício queres tu cantar comigo?

Gal. Eu nunca me roguei, menos agora
Cantaremos Amor d'amor amigo

Firme, defenganado, em razão posto
Oudella, & de nós mais, cõtino imigo

Del. O nosso canto seja a nosso gosto
Ou seja d'amor brãdo, oud'amor fero

Oud'olhos cõr de ceo, oud'aluo rosto

Alc. Em quanto vds câtais recolher qre
As cabras, q' são horas d'ordenhar

A noite na malhada vos espero.

Del. Primeiro que te vãs has de julgar
Qual

E G L O G A III. 10

Qual melhor de nós cáta, & melhor se
 Gal. Sobr'isso auemos ábos dapostar (e
 E ponho o meu rafeiro, que valent e
 Se chama, (cô razaó) q o lobo afasta,
 Senáo cátar mais doce, & brádamête.
 Del. E eu hũ Corço manso. Gal. Isso
 não basta:

Poẽ mais hũ par de cabras. Del. Deo s
 me guarde,

Este gado Gallicio he de madrasta,
 Al. Fazeisme vòs juiz, qreis q aguar de
 Ora cantai sem preço, & se enueja
 logo, porque se vai fazendo tarde.
 Del. Liarda minha, mais alua q a neve,
 Liarda mais corada q gram fina,
 Se amor a vèncerte não se atreue,
 Que farà quẽ d'amor por ti se fina?
 Eu mouro, tu meu maljulgas por leue
 Não vès, Liarda, que me desatina?
 Ah triste, que o vem valles, & montes
 Vêdo por ti meus olhos feitos fontes
 Gal. Marfida bráca mais qo bráco leite
 Mais vermelha q rosa fresca, & pura
 Assim descuido em ti nunca sospeite,
 Assim me trates inda com brandura,
 Que fato, cabana, vida, & alma egeite
 Por ti, Marfida, mais q pedra dura
 Doute por testemunhas môtes, valles.
 Aquẽ dou larga cóta de meus males
 Del. Quando Liarda minha desconhece
 O seu longo cabello louro, & ódado,
 O sol d'enueja pura se recolhe
 Corrido de se ver menos dourado;
 Não ha pastor tam liure, q tal olhe,
 Que nelle não fique preso, & ela çado

E G L O G A III.

Não soltes ora, Nífa, os teus cabellos
 Pois tantos prêdequantos oufaóvelos.
Gal. Os tristes corações se tornaó lédos
 Ouviendo de Marfida o doce canto,
 Os ventos, & os rios estaó quedos,
 Naóguia oclaro sol seu carro étanto
 Conuertese a dureza dos penedos
 Em brando amor, amor desfazse em
 Vécido doteu doce só, Marfida (práto
 Mas tu nunca d'amor foste vencida.
Del. A viua chama, aq̃lle intenso ardor
 Que brando sinto ja pelo costume,
 De noite de si dá tal resplandor
 Que mil pastoresvem a buscar lume,
 Palmados ficaó vêdo em mi damor
 O fogo, q̃ por dentro me consume,
 E tu, por quem eu arço noite, & dia,
 Quando tal ardor vês, ficas maisfria.
Gal. Eu sèpre choro, & tanto ja chorei
 Vencido da graó dor q̃ naalma tinha,
 Que mil vezes de lágrimas fartei
 Meu gado, quãdo có mais sede vinha
 Chorando duras pedras abrandei,
 A ti nunca, cruel imiga minha,
 Que vendo que por ti m'estilo éagua
 Nenhúa magoa tês da minha magoa.
Del. O campo de verdura vejo pobre.
 O ceo chuoso sempre; turuó o rio,
 Da sua leue folha a terra cobre
 O bosque q̃ ja foi verde, & sombrio;
 Mas se Liarda o seu rosto descobre
 Logo desaparece o tempo frio,
 Configo a Primavera traz Liarda, i
 Ah quẽ na visse ja, quanto q̃ tarda.
Gal. A doce Filiquella enmudeceo

EGLOGA III.

4

A toda flor o frio foi imigo,
A triste Progne desapareceo 61
Rouca de lamentar seu mal antigo;
Mas vindo por aqui quem me vêceo
Cõ sò hã voluer d'olhos, eu m'obri-
q logo as aues cantẽ seus amores (go
A terra se matize de mil flores.

Del. Quando vires Liarda o nosso Lima
Que lá vai de meu choro acõpafiado,
Tornar com suas aguas pera cima
Esquecido do curso acostumado;
Então julga tu, Ninfa, então estima,
Que tenho noutra parte o meu cuida
Bem podẽ deixar rios de correr (do
Mas en não deixarei de te querer.

Gal. Estas serras, Marfiada, por certeza
Da minha fé inteira quero darte,
Quando com desusada ligeireza
Daqui passar as vires noutra parte;
Então julga que falta em mĩ firmeza
Então deixarei eu men bẽ d'amarte
Bem podem as montanhas abalar-se,
Mas não meu coração de ti mudar-se

Alc. Se meu coração triste não deseja
A vossos versos dar justos louvores,
Iá nunca nesta vida alegre seja,

Aceitai meu desejo, meus pastores,
Mais vos não podedar quẽ traz o sprĩ
Caido entre mil magoas, & mil dores (to
Mas porque dẽ de vós publico grito
A leue fama, como vedes deixo

O vosso canto, & meu juizo escrito
No pé deste sombrio, & verde freixo.
Aqui Dellio, & Gallicio, aqui cantou
Em quanto o manso gado aqui pascia,
Liarda

EGLOGA III.

Liardá hũ, Marfida outro leuou,
A qual delles melhor as louuaria:
Alcido que seu canto bem notou
Por ver qual a vitoria leuaria,
Como juiz (q̃ foy) deu por sentença
Que naõ auia antr'elles differença.

FILIS, E MARILIA.

EGLOGA III.

Soneto dedicatorio.

A S lagrimas d'amor, os tristes ays,
a fê quebrada em parte, onde segura
Deuera mais estar, antr' brandura
Cruezas descobrir, tantas, & tays:
Aqui vereis senhor, s'ouuidos daís
A duas tristes Nin'as sem ventura
Conformes em auiso, & fermosura
Nas magoas, & nas q̃ixas inda mais:
Do Lyra se vaõ ao Tejo agrauadas,
A culpa quem a tem, & sempre teve
Se naõ amor, ingrato a bõs amores?
Fauor por estrangeiras se lhe deue,
Naõ se vejaõ tambẽ lá desprezadas
Como se viraõ cá de seus pastores.

F I L L I S.

P Acei minhas ouelhas, eu em quanto
Aquelle passarinho canta, ouchora
Chamarei Coridon có uiste pranto.
Plantas s'em vds d'amor lê brãça mōra
Plantas ja vds amastes, tẽde magoa,
De

E G L O G A III. 62 12

De qué tantas d'amor padece agora
 Ah cruel Coridon, cruel à magoa
 Em q' viuo por ti, não has piedade
 De ver meu peitosogo, os olhos agua
 Fillis não amas ja, ah crueldade,
 Ah triste que farei, em poucos dias
 Pode ste mudar, cruel, tua vontade.
 Não amas Fillis ja a quem trazias
 Na doce primavera, doces fruitas,
 Sinal do grande bem que me querias
 Sabes cruel pastor, que tenho muitas
 Causas, para de ti sempre queixarme
 Por isso de mī foges, não m'escuitas.
 Poderão os teus rogos abrandarme
 Osmeus(triste demī) mais t'edurecē
 Não sei em q' ja possa confiarme.
 Aquelles doces versos ja t'esquecem
 Que polos pès dos alemos cortauas,
 Onde cō teus enganos sempre crecē.
 Arder por meu amor nelle mostrauas
 Eu cria qu'era assi, não entendia
 Que fingias amar, que não amauas.
 Tristes forão meus fados, triste o dia
 Em que naci, coitada de mī triste,
 Qu'ē magoa se tornou minh'alegria
 No mesmo dia que Gallatēda viste,
 Vi eu deste meu mal tristes agouros,
 E tu hū coruo à parte esq'rda ouuiste
 Gallatēda não tem mores tesouros
 Nem tem mōr fermosura, indaq' seja
 alua de rosto, de cabellos louros,
 Da pallida viola tem enueja
 O branco lyrio, porq' tal não tem
 O cheiro, que vencido não se veja.
 Titiro arde per mī, Titiro a quem

Md

E G L O G A III.

Mil Ninfas dão capellas de mil flores
 Mas elle a mī só chama, a mī q̃r bem:
 Eu desprezo por ti muitos pastores,
 E tu por Gallarèa me desprezas?
 Cruel, tal pago dās a meus amores?
 Em que te merèci tantas cruezas
 Quantas vsas comigo? por ventura
 Vsei contigo d'ira, ou d'asperezas?
 Prouera a Deos q̃ tam izenta, & dura
 Me viras pera ti, que nunca viras
 Em mī final d'a mor, nē de brandura
 S'eu fugira de ti, tu me seguiras,
 Por mī arderas, naõ por hũa ingrata
 Por quē choras emvão, emvão sospi
 Bē me vinga de ti, pois te maltrata(ras;
 Mas eu querote tanto quē defamo
 (Inda q̃ tu memaras) quem te mata.
 Respõdem estes mōtes quando chamo
 Por ti, & com voz triste ecco respõde
 Mouida de quãtas lagrimas derraino
 E tn naõ me respondes? naõ sei onde
 Te leua esse desejo, mas bem sei
 Qu'amor, & defamor de mī t'escõde,
 Ah triste Fillis, triste onde acharei
 Remedio a mal sem elle; o fogo puro
 Em q̃ me queimo, cõ q̃ o abrandarei?
 Ia fugira daqui, inda que duro
 Me fora deixar terra onde nasci,
 Mas cõtra amornaõ ha lugar seguro
 A morte sò (mil vezes isto ouui
 a nossa Cellia) por remedio espere
 Quē quer q̃ fez o amor senhõr de si.
 Entaõ, porque de todo desespere
 Este cego, a quē nõs cegos seguimos,
 a mī por nī, a ti por ouia, fere.

Alcorrea

Morrera eu naq' hora em q' nos vimos,
 Não vira tanto mal, mas que da sua
 Ventura algũs fugisẽ poucos vimos.
 Eu queixome derti, & tudo tua
 Gallatã te queixas, & não vès **63**
 Que hẽ piadosa, em ser perã ti crua.
 Sendo tu tã cruel, quam cruel es,
 Cuidas achar piedade? como queres
 q' te creas tenmal, se o meu não cres?
 Que viua em pezar eu, tu em prazeres
 Não quer o justo Ceo, ou ãos tristes
 Ou tãbẽ ledos ambos, al não esperes.
 Plantas q' noutro tempo nos cobristes
 Cõ frescas sôbras do ardor de cima,
 Quãtas palavras, vaãs aqui ouuistes.
 Primeiro saltarã no rio Lyma,
 Dizia Coridon agua corrente, (ma
 q' no meu peito outro amor s'mpri-
 Primeiro serã frio o fogo ardente,
 O dia escuro sempre, a noite clara,
 Que veja sem te ver, q' me contente.
 Primeiro que te deixẽ, Fillis cara,
 Vida me deixará, Fillis a vida,
 A dor se tu não, foras ma roubara.
 Pois tu, Fillis, ma dẽste offerecida
 A tenho a teu querer, tu della ordena
 Como, doce amor meu fores seruida
 Por ti me serã branda a dura pena,
 Por ti suave a dõr, leue o tormẽto,
 A que me leua, o fado, & me cõdena.
 Ah falso Coridon, teu fundamento
 Era enganarme, a sã dada ma tinhas,
 Co as palavras a leuou o vento,
 Mas ay triste de mim, tãbẽ as minhas
 O vento as foi leuãdo, & sol he po st
 o so

EGLOGA V.

O sol fermoso, que te não de tinhas
Em quanto neste prato achaua gosto.

M A R I L I A

EGLOGA V.

Q Vam docemête agora aqui cantaa
Hũ Ruyfinol antr'ellás auelleiras
Em quanto Fillis sua dôr chôrâua.
Eu vim a lansar fora estas cordeiras
Daquelle trigo, & não lh'ouui ja mais,
Senão as differenças derradeiras.
A sem ventura Fillis deu hũs ays,
Tam sentidos entam, que me cortou
O coração com dôr, de dores rays.
Em fim triste se foy elle voou,
Não sei se voou triste, ou voou lédo,
Quamanha sa'dade me deixou.
Não sou eu tam ditosa que mais cedo
Viera a me lograr do seu bom câto;
S'eu nã o gritara elle estiuera quedo
Inda que foy melhor assi, por quanto
A magoa fora môr que não o gosto
Daquelle triste, ouhindo o triste prã
Mal aja quẽ'da causa, q̃ tal rosto (to.
Em lagrimas se laue, desamado
Seja quem seu amor tẽ noutra posto
Quãto mais firme, & mais desêganado
Foy o amor de Dellio com Liarda,
Inda que tambem della mal olhado.
Cruel amor, que nunca razão guarda,
A culpa tem de tantas semrazões,
Hũ bem me prometeo, quãto q̃ tarda.
Assi nos vay roubando os corações

A troco

E G L O G A V.

13

troco d'esperanças duvidosas
undadas sempre em vãs opiniões.
asas são por certo, ah quam ditosas
ne são aquellas Ninfas q' não amaõ, 64
ristes as q' d'amor viuem queixosas:
âtas vezes em vão seu fado chamaõ
cruel, cruel amor, cruel ventura,
que sospiros, q' lagrimas derramaõ,
e val mostrar nos olhos a brandura
do coração vencido, que nos val
as tristes digo, graça & fermosura?
somos desprezadas, grande mal,
se mal tamanho não acaba a sinha,
a sinha acabará quem sente tal.
coitada de mĩ, a triste vinha, (ste,
mas nã cuidei de me tornar maistriz
dôr de Fillis me dobrou a minha.
nos ingrato amor, pois nos feriste,
algũ remedio ja, senão vingança
de quem a nòs despreza, a ti resiste.
promessas fuy pòr minha esperança
em ventura de mĩ, mas q' promessas
são doces, inda as tenho na lembrança
i Marillia minha, não t'esqueças
de Syluio, o mesmo Syluio me dizia,
que nunca negue cousa q' me peças.
e ti entre serpentes andaria
seguro por ti lèdo, & sem temor
per antre fogo, & ferro passaria.
ou amor em mĩ hum nouo amor,
hum coração tam nouo que sem ti
ente no mór descanso mayor dôr.
que le mesmo ponto em que te vi,
fosse força d'amor, fosse d'estrellas.
O gosto de mais ver logo perdi.

E G L O G A V.

Muitas ouelhas tento, & as mais
 Parem de cada parto dous cord
 O leite tambem he dobrado ne
 Tenho cem cabras mais, q̃dous raf
 Hūmalhado de negro, outro deb
 Nos valles guardā sēpre, & nos
 Pois tãger, & cãtar, poucos ē cãpo
 Ousão entrar comigo, porq̃ sab
 q̃ tais dous mestres tiue Alcido,
 Inda q̃ de gabarme me desgabē,
 Gabome, porque saibas q̃ não er
 Em querer q̃ meus males ja se ac
 Viueremos aqui antr'estas ferras
 Contentes, quam cōtentes, sē en
 Dontros, q̃ tē mais gados noutra
 Que falta a quē alcança o q̃ deseja
 Que tem o q̃ não tem gosto da v
 Inda que sō do mundo senhor se
 Ah pastor falso, desque de vencida
 Com teus doces enganos me leu
 Quam asinha de ti fuy esquecida
 Mostraas querer bem, & nūca am
 E certo q̃ os amores que mostr
 Ou ouuiste doutro, ou os sonha
 A nauate saãmente, se cuidaas
 Outra cōsa de mī, bem podes cr
 Que també a ti mesmo t'engana
 Mas que me faz a dōr aqui dizer,
 Aqui onde sō eco a meus queixu
 E Syluio não, me pôde responde
 Depois q̃ atraueffou os altos cume
 Daquella serra, não quis mais tor
 Negros fados os meus negros ciu
 Deixoume ja tam pouco, qu'espera
 Que bem seria que desesperasse,

иногда
 и не бегу

EGLOGA V.

Mas inda amor me não q̃r dar lugar.
 Emfim tornarme quero, s'encontrasse
 A caso este cruel, meu inimigo,
 Certo que ver-me triste o alegrasse.
 Andai minhas cordeiras, ay no trigo
 Entraraó outra vez, outra vez fôra
 As deitarei, a dór que vay comigo
 Coitada não, q̃ dentro nalma móra.

S A A.

EGLOGA VI.

Serrano, Alpino.

Ser. V Es aquell'agua faudosa, & brãda
 q̃ parece q̃ vay graó dór fêido
 Aquella, Alpino, aqui chorar me mã-
 Aqui onde já lèdo estíue ouuindo (da.
 A sombra deste Freixo, o cãto brãdo
 De sã, q̃ està no Ceo, da terra rindo.
 Alp. Ah q̃ perda tamanã, ah bõ sã, quã
 Cuido q̃ te perdemos esmoreço, (do
 E pois o cuidosẽpre, emmĩ não ando
 Ser. Meu mestre, esta capella q̃ vido, &
 reço (res
 De verde murta, & de cheirosas flo-
 Aqui onde cantaste t'offereço.
 Ornar de mil dôes vejo a mil pastores
 O teu sepulchro, vejote cantando
 D'Apolo, das irmãs, & dos amores.
 Alp. Eu sã, não posso dar-te e tal estado
 Senão tristes sospiros, triste pranto,
 Assim o quis o teu, assim meu fado.
 Mas tu Serrano, aqui agora, e quanto
 A calma nos detem à sombra fria.

E G L O G A VI.

A seus lououres d'à teu doce canto.
 Abranda voz que noíto meítre o iuia
 Com tam alegre roíto, liure voe
 Fazendo a meus sospitos companhia
 Soe teu som no Ceo, & triste soe
 Por estes valles cã, por estes montes
 Assim Febo de louro te coroe. (tes,
 Serr. Se tu vês os meus olhos feitos fô-
 De lagrimas, q̃ de si em fio deitaõ,
 Como queres q̃ cante? Ah não m'afro
 Ati conuê cantar q̃ não t'êgeitaõ (tes.
 Abrandas Musas, tu lhe cãta Alpino
 Os teus versos a Febo mais deleitaõ
 Alp. E qual doce cãtor, qual peregrino
 Engenho, sentes tu que o verso ignale
 Aquelle alto louuor, de q̃ elle he digno?
 Ser. Obosq̃ chora, o rio, o môre, o valle
 Toí'aue, toda flor, tod'erua, & planta
 Quem pôde ser tam duro q̃ se calle?
 Toma pastora a lyra, ou tange, ou cãta,
 Olha quam doce soa, eú a laurei
 Tal a fiz d'Era, qué a vê s'espanta.
 Alp. Pois q̃ me fazes força, cantarei,
 E minha baixa voz Febo leuante,
 Começa de tanger, & seguir'ey:
 Ó Musas vós me dai versos q̃ cante.
 Importuna, cruel, & farda, & cega,
 Causa de tanta dor, tanto queixume
 Triste morte; tu a fouce porq̃ cega
 As boas eruas? ah seu duro gume,
 Porq̃ razão às mãs se troce, & nega,
 Porq̃ nos deixa os mãos, os bõs cõsu
 qué d'isto medarã milhor certeza (me
 Quem não s'espantará de tal crueza:
 Um tyrano cruel, hum auarento,

E G L O G A VI.

16

Que sô viue de força, sô d'engano,
Contando armentios cento a cento,
Que de nouo ôcurral trazê cad'âno,
q pastor pobre, por neue, chuua, e vê
Cô trabalho criou para seu dâno (vô
Estes vemos viuer, seu gado crece,
Triste do virtuoso que padece.
O nosso Sã Miranda qu'entendeo
A sem razão do mundo, a tyrânia,
Aqui antr'estes montes s'escondeo,
Onde senhor de si liure viuia:
Viuia esses bôs annos que viueo
Pois que não esperaua, nem temia.
Ah discreto pastor, quem te se viuſſe
Tuas pisadas cá! quem lá te viuſſe!
O teu suauê som, & graue, & brando,
q'engano à morte faz, dà vida ô nome,
Teu som q'vay do tempo triumphando
Por mais q'tudo vença, tudo dome,
O caminho do Ceo nos vai mostrâdo
que não quizer errar porguia otome.
A ti figa bom Sã, por ti se guie,
Desconfie de si, em ti confie.
Os braues touros tua doce lyra
Trazia ao málo jugo, ao duro arado,
Dos lobos amansaua a'cruel ira:
Detinha os rios, não negaua aogado
(Ao triste gado, que por ti sospira)
Nê agua a fonte, nê verdura oprado
Não vejo agora aqui (tudo se perde)
Nem agua clara já, nem erua verde.
Tu nos bosques as plâtas, tu nas serras
As pedras abrandauas cô teu canto,
Trazido cá por ti d'estranhas terras
Cô grãde eueja d'us, d'outros espâto.

E G L O G A N I

Agora em lôgo fono os olhos cerra:
 Agora estes meus abres ao pranto,
 Mas eu não choro sò, q'choraõ môtres
 Valles, bosques, & prados, rios, fôres
 Por traues, & feras chorar vejo,
 Os Satyros, os Faunos, os Pastores,
 Minho, Douro, Mòdego, Lima, e Tejo
 afolha o louro perde, ocâpo as flores
 As-louras Ninfas deixaõ cõ desejo
 Saudoso de verte, seus laoures
 E pola triste praya, em grito solto
 Teu nome cõ sospiros vay enuolto
 Da sua mulgosa fonte o Neiua fora
 O doce Neiua teu, que docemente
 Tam lédo corre ja, que corre agora
 Tam turuo, & triste q' Neptuno o fê-
 A ti bô Sâ chorou, a ti Sâ choro (te:
 A ti sospira, & chama, mas vâmente,
 Ah Sâ, meu bô Sâ, grita, quê r'escôde
 Ah, sem mais respôder, Eco respôde.
 Aquelle humor contino que derrama
 Em lagrimas o muda a triste sorte,
 Iroso, & surdo ao Ceo, & cruel chama
 A dura Parca; o fado duro & forte.
 Pois a meu nome dêste eterna fama
 Pranto eterno darei à tua morte:
 Nunca ò mar leuarei alegres agoas,
 Lagrimas tristes si, & tristes magoas.
 E se por caso (diz) a voz chorosa
 Inda q' rouca, & triste tal qual for,
 Soar, là onde alegre, onde amorosa
 A tua soa, no Ceo q' rege amor,
 Alma ditosa câ, là mais ditosa,
 Não tucue a teu repouso minhad'ôr
 Goza do bem eterno que alcançaste
 E dêi

EGLOGA VI. 17

E deixame chorar, pois me deixaste.
 Ah Ninfas da Castalia, que perdestes
 O grao Poeta, que vos tanto honrou
 Como, fermosus Ninfas, não vècestes
 Câtado morte cruel, quando o roubou
 Se mil frêscas capellas lhe tecestes.
 De que Febo sua fronte rodeou, 66
 Môr premio merecerao seus escritos
 Que d'Eras, q de Louros, q de Mirtos
 Quem subira conuoosco ao vosso monte
 (Vede se com razão me desconso!)
 Quem o doce liquor da vossa fonte
 Derramarà dũ Pôlo a outro Pôlo?
 Dos ceos, da terra quẽ qreis q conte
 Mysterios altos? quebre a lyra Apôlo,
 A frauta quebre Paõ, Amor as setas,
 E vòs Musas chorai, chorai Poetas,
 Não posso mais cantar, estou ja roco,
 Quãto me qixo mais adôr mais crece
 A voz soy me faltãdo pouco a pouco.
 Ser. A lyra, & mãõ tãbẽ ja m'efraquece.
 - Vaise escodêdo o sol, vẽ sóbra escura
 Vamos, emquãto mais não escurece,
 Cobrir de louro a sua sepultura.

N I S E.

EGLOGA VII.

I Vnto dũ Lyma claro, & fresco rio,
 Que Lethes se chamou antigamente,
 Num bosque d'altos alems sombrio.
 Cantava hũa Ninfa alegremente.
 Com voz suave, brãnda, & desusada
 Nouo-canto, do nosso differente.

B 5

Vindo

E G L O G A VII.

Vindo já a branca Aurora rodeada.
 De noua luz, vestida d'alegria,
 De lyrios, & de rosas coroadas.
 O campo, o monte, o valle parecia
 Que para festejar tam lédo canto
 De mais alegres flores se cobria.
 As cristalinas aguas entretánro
 Do seu natural curso descuidauão,
 Tam cheas de prazer como d'espáto
 As aues pelos ramos se callauão,
 Os ventos por ouuir o som diuino
 Escassamente a folha meneauão.
 Qual eu fiquei então, não determino
 Contallo agora aqui, & se quisesse
 Não me lembra; tal foy o desatino:
 Receoso enfim que lhe não dêsse
 Desgosto, com me ver, estíue quedo:
 O quem oque cantou cantar podesse!
 As palauras direi, não o segredo,
 Que a branca Ninfa nellas encubria,
 Mas o Ceo tudo comprirá muy cedo
 Ouvi senhor, em tanto o que dizia.
 O Ninfas destas aguas, que tégora
 Viuestes com esperança d'alegria,
 Pois veyo o desejado, alegre dia,
 Pois já, por nossô bem, veyo tal hora
 Sahi, fermosas Ninfas, sahi fora
 Das urnas de cristal em que morais,
 Ah não vos detenhais,
 Vinde, não aja là quẽ vos detenha
 Primeiro que mais lédo Febo venha
 Deixai fermosas Ninfas os lauores,
 Por agora deixai todo exercicio
 Onde vence à natureza o artificio
 Enganao as fingidas viuas cores:

Mil capellas trazei de varias flores,
 De mil cheirosas eruas peregrinas,
 Violas, & boninas
 Esmaltê esses laços d'ouro puro; (ro
 Dos quaes não anda amor inda segu
 Vinde, ó beilas Ninfas, vinde a filha
 Celebrar com deuido acatamento 67
 Da vossa bella Nise o nascimento,
 q de tam longe o ceo guardado tinha
 Vedes voando vem, vedes caminha
 Diretamente a vòs a leue fama,
 Vedes Lucina chama
 ò Nise, Nise, Lyma, Lyma, Lyma,
 A terra re festeja, o Ceo t'estima
 Soberbo o Tejo vay, vay de corrido,
 O peito leua d'ouro, & prazer cheyo
 Porque na sua praya a nacer veyo
 Esta luz noua, est'alma bem nascida;
 Mas ella foy ao Lyma prometida;
 Do Lyma, a qué nasceo, ha de ser glo
 E honra, & noua historia, (ria,
 Que rece a Parca ja com marauilha,
 Ditosa mãy de tam ditosa filha.
 ò ditosos auòs, ò pay ditoso
 Que de tal flor ornaste esta ribeira,
 Nascida flor daquella flor primeira,
 Cuyo nome serà sempre famoso,
 Arça em vossas aras o cheiroso
 Balsamo, Incenso, & Nardo largamête
 De que o Oriente
 Enuia de centino ao Tejo foro,
 O fumo vâ subindo ao alto choro.
 Não vedes como as graças do ceo decê
 A fazerlhe no berço companhia;
 Não vedes com q amor, com q perfia

E G L O G A VII.

As Musas a cantalla se offerecem
 Já Nise por senhora t'obedecem
 Belleza, & castidade, dom perfeito,
 Já no teu tenro peito
 Viuem contentes, liures do temor
 Da guerra, que lhe faz o cego Amor.
 Crecelhes tu felice, & noua planta,
 Eni auiso, em virtude, em fermosura,
 Cumprase o prometido da ventura,
 Que maravilhas de ti ao mudo cãta:
 Igual aos altos troncos te levanta
 Das illustres a vós, q em toda aparte
 Que luz o sol reparte,
 São hora, & gloria desta nossa idade
 Exêplo de prudencia, & honestidade.
 Qual a fermosa Lúa entr'as Estrellas,
 Que vay a escura noite lumiano,
 Tal os fados te estão pronosticando;
 Tal seràs tu mais clara luz antr'ellas
 Eraõ dignas de ti, tu dignas dellas,
 Isto sò quero Ninfas que noteis
 Pera que festejeis
 Nesta vossa ribeira tanto bem.
 Como agora de nouo ao mundo vê.
 Estando a bella Ninfa assi cantando
 O que o sagrado Apollo no seu peito
 Lh'estaua diuinamente inspirando.
 Transportada de todo no fôgeito
 Digno de ser cantado alegremente
 Em estylo mais culto, & mais perfeito
 Alçou os olhos, & vendo em Oriente,
 Que ja douraua o sol o Orizote,
 Por não se deixar ver da mortal gét
 Tornouse a recolher na sua fonte.

EGLOGA VIII.

19

IOANNA. 68

EGLOGA VIII.

Sileno.

Melliben.

Sil. Viste quando abrio oje, ó Melliben
As rosadas janellas d'Oriente

A bráca Aurora ao Louro amigo seu?

Como se nos mostrou resplandecente

Quam cheyo d'alegria se mostrou,

Destes dias atraz quam differente?

Por todos estes valles s'alegrou

Tod'ane, toda fera, & toda flor,

De si suaue cheiro derramou.

Mel. Que gosto pôde ver, q' resplâdor,

Amigo meu Sileno, hū sem ventura,

Aquem se paga amor com desamor?

Nos campos pera mī naõ ha verdura,

Nas fontes pera mī agua não vejo,

De mī s'escóde o sol ē neua escura.

Sile. Não sejas em teu dano tam sobejo

Se lèdo queres ser, se viuer queres,

Trabalha por vencer o teu desejo.

De mī palauras doces naõ esperes,

Segues vaõs appetites da vontade,

Ninguem te buscará se te perderes.

Mel. Deuera ter de mī mais piedade

Aquella que da vida fiz senhora,

Aquella que me tem a liberdade.

Sil. Deixa queixumes tristes por agora

Em tam alegre dia, & tam sereno,

Lança do triste peito as magoas fora.

Mel. Quem fora poderoso, meu Sileno:

Porer

E G L O G A VIII.

Porem podes me crer isto que digo;
Que de te yer sem pena, menos peno
Sil. Nisso aprouas tu bẽ hũ dito antigo
Que diz do bẽ s'alegra, & chora o dã
O amigo fiel, do seu amigo. (no
Mas querote contar de Limiano
Solitario pastor, que nesta ferta
Passa sê gosto o dia, o mes, & o anno
Hũs dizem q̃ lhe fez a morte guerra,
Outros que foy d'amor noua crueza,
Elle o segredo disto em si o encerra,
Sobre ser tam contino na tristeza,
q̃ poucas vezes ri, muy poucas cãta,
Nã por falta de voz, arte & destreza
Que Febo inspirou nelle graça tanta,
Que lã no seu Parnaso o recebo
De que s'alegra o Tejo, antes s'espãta
Quando o formoso sol appareco
Esta fresca manhaã fora do Gange
(Que nunca mais sereno amanheceo.
Tomando a lyra em que por festa tãge
Começou brandamẽte a tocar nella,
Eis soa o valle ôde o sô doce abraçe
Estes versos cãtou logo ao som della.

S E vòs Musas suaves
Neste meu triste peito
Algũas lèdas rimas inspirastes,
Se com doces, & graues
Accentos, o conceito
Que tinha dentro nelle declazastes;
Se vos não desprerastes
De levantar meu canto,
A parte onde naõ chega
Aquelle, a que se nega

O fauor

O lauro que de vós desejo tanto;
Agora brandas Musas me inspirai,
Agora meu estylo leuantai.

E tu sacro Hymenco

Sem esperar mais rogo

Vem ja, voado vem, não te detenhas,

Vem d'alegria cheyo,

Abranda o viuo fogo,

De quem arderà sempre ate qvenhas?

Quer Iupiter que tenhas

O talamo sagrado

Composto da mão tua,

Pois pera gloria sua

Este tam santo nõ foy delle dado,

Onde arder se veja brandamente

O casto lume teu resplandecente.

ò bemauenturados

Charissimos esposos,

Que já daqui com outros olhos vejo

Os tempos, & os fados

A vós sempre ditosos,

Conformes ao que for vosso desejo.

ò Zezere, que no Tejo

S'esconde assi o diz

Vaticinando ledo,

Por entender que cedo

Ha de pagar o foro a ti Inys,

Porque t'espera ja de dia em dia

Com tua chara esposa em cõpanhia.

Mil flores derramando

Com suas Ninfas todas

Sahirà da sua fonte a receberuos

O dia celebrando

De tam alegres vodas,

Sẽ cantar delouuauos, nẽ de vernos

Sofre

E G L O G A VIII.

Sofre (que obedeceruos
 Ha tanto que deseja)
 Vossa dilacão mal
 Disto dá bom final
 O que canta de vós sem ter enueja
 Do Douro, do Mõdego, & Guadiana,
 Luys ditoso viua com Ioanna.

Prometem as estrellas
 De vós cousas tam altas,
 Que não sobetam alto alta memoria:
 Abastame sô crellas
 Sem ir com minhas faltas
 Escurecendo a luz de vossa gloria,
 Teçãõ tam noua historia
 As brandas irmãs noue
 Com sempre viuas cores
 Mostrem como de flores
 Hũa nuuê do Cee sob'ambos choue;
 Cantem cõ doce som Inno, & Diana,
 Luis ditoso viua com Ioanna.

Iã me parece muito
 O vosso apartamento,
 Não sofre grande amor, grãde tardã.
 Colhei o doce fruto (sa:
 Do sacro ajuntamento,
 Não se dilate mais vossa esperança,
 Segura confiança
 Tende, que por vós creça
 A geraçãõ illustre,
 E que tam claro lustre, (deça
 Que em quanto ouuer mundo resplã
 Apello assi o diz, que não s'engana
 Luys ditoso viua com Ioanna.
 Nos rios, & nas fontes
 No mar, na terra seja

E G L O G A VIII.

21

Este fermoso dia celebrado,
 Nos valles, & nos montes
 O sol entam se veja (rado
 Amanhecer mais claro, & mais dou-
 Não negue entao o prado
 Aos olhos lyrios, rosas,
 Nem chore Filomena
 A sua antiga pena,
 Mas cante ao som das aguas faudosas
 Desta minha corrente, cante v'fante
 Luis ditoso viua com Ioanna.
 Conformes nũ querer
 Viuei, viuei mil annos
 Attados juntamente com mil nũs
 Em gostos, em prazer:
 Tristezas, nojos, dannos
 Sempre fugindo vaõ diante vòs,
 Pays, cedo, cedo a vòs
 Vos vejaõ vossos pays
 Alem disto mais vejaõ
 De vòs o que desejaõ,
 E de si o que vòs lhe desejaes;
 Seguros sempre de quãto a vida dána
 Luis ditoso viua com Ioanna?
 Isto cantou, & mais tantar quera
 Mostrando mais palauras, & no rosto
 O prazer desusado que sentia.
 Mas vendose antre mil pastores. poste,
 Què logo o doce som ali trouxera,
 A seu canto deu fim, naõ a seu gosto.
 De flores coroad. Louro, & Era
 Foyle pela ribeira sò tangendo
 Tam lèdo como triste d'antes era.
 Mel. Pois vamonos. tãbè nos recolhendo
 A por mais q' depressa o sol nos foga.

70

EGLOGA IX.

E a sombra se vâ tanto estendendo?
Inda quem me não vê, ey de ver oje;

INES.

EGLOGA IX.

Fernando, Rodrigo.

(inho)
Fer. Dize Cabreiro nouo, esse reba-
Quê to deu aguardartaõ douda

q logo se vê nelle ser stranho? (mête,
Rod. Dize vaqueiro antigo maldizêre,

Porq. disseste a Iusta ontê na fonte,
Que na festa canton me lhior Vicêre?

Fer. Pergunta tu a Aldonça q te conte
Isto como passou dessas cantigas,
Que tornaua cogado entaõ domôte.

Mas quero pois perguntas, q me digas
Porque quebraсте a frauta de Gôçalo
Causádo anre pastores tâtas brigas?

Rod. Se tal frauta qbrei (olha o q fallo)
Nunca mais estas cabras medrar veja,
Mas bẽ mereço eu isso, pois me calo

Fer. Pois nunca dequê amo amado seja
Se me não disse hũa alma, hora qual
q lha qbraras tu depura éueja. (dia

Rod. Certo q s'alguê foy, q foy Maria,
Qu'anda de mi raiuosa, pola roca
Laurada que me viô dar a Luzia.

Toca de delenuolta, & sempre toca
Mús pontos, q lhe são bem escusados
Zomba, escarnece, ri, tudo remoca.

Cuida que com seus olhos requêbrados
Todos leua apos si, todos namora,
E que

E G L O G A IX.

22

E que nos faz andar como encâtados
 Pois crême (& mais não digo por agora)
 Q' Linda q' ri daquelle, & ri daquella,
 Porquem se della ri mil vezes chora
 Pôs logo olhos em mî, pôs olhos nella
 E disse-me, despois, leuaua siso?
 Leuaua, mas o meu perco por ella.
 A tal resposta deu hû grande riso,
 E foy dizendo sô, roca sem fusô? 7
 Sem fusô roca, ah gentil auiso.
 Fiquei desta palavra tam confuso,
 Que podera fazer hum desatino
 A não ter ja sabido o seu mau uso.
 Fer. Por isso se pintou amor minino
 Em tudo sem razão; mas nos ciumes
 Sem juizo nenhû, sem nenhû tino.
 Rod. Emfim pôdo a de parte, os mais q' i
 Vejamos, oufaras câtar comigo (xumes
 Pois q' de bô cantor tanto presumes?
 Fer. Que veja s'oufarei cantar cõtigo?
 Vaise omûdo aperder; & tu não sabes
 q' sabê quẽ he Fernão, quẽ Rodrigo?
 Rod. Eu te conheço bẽ, não te megabes
 Nê cuides q' m'espanta o teu espâto,
 Que ja veci cantâdo outros mais gra
 Fer. Foy isso por vêtura hû dia sãto (ues
 Que cantaste comigo sobre teima,
 Que as moças todas riraôdoteu câto?
 Rod. Dizẽ quem alhoscome q' le queima
 Não disse entãô Mecia estas pala uras
 Ouuir cantar Fernão he hûa freima
 Fer. Cõ tuas mesmas armas t'escalauras
 Ines foy a q' disse. Oluai a graça,
 Como q' ireis q' cãte hû guarda cabrav
 Hora pois q' ja tudo vem à praça;

Mas

EGLOGA IX.

Mas eis cá vem Ines, & vem ja rindo
 Diga de qual de nós foi a foga ça. (do
 Ines. D'árrestas murtas os estíue ouuí
 Deixai por meu amor essa córenda,
 Não vades tãtaseyuas descubrindo,
 Fer. Quem queres tu Ines q se defenda
 Desses teus olhos verdesvence dores
 Rod. Quê queres tu Ines q se não rêda
 Ines. Lisonjas, ah lisonja de pastores,
 Demandas começadas, ah demandas
 Morte me fostes vós q não amores.
 Fer. Quê se desuia Ines do q tu mãdas?
 Rod. Quê desprezá Ines, o q tu prezas?
 In. Ia me não vécerao palauras brãdas
 Fer. Vencem logo a mi tuas durezas,
 Rod. Venceme logo a mi tuas brãduras
 In. Enfadao logo a mi vossas friezas.
 De que serue fazer tantas misturas
 D'enganos q nos dais por beberaje
 Mexidos, remexidos com doguras?
 Fer. Cruel que me rogaste na romaje,
 Rod. Cruel q te não lêbras do meu ro-
 In. Hora tomai vós là tal linguaie, (go.
 Queimados seiais ambos de mau fogo,
 Eu vim a despartir vossas perfiás
 E vós estais de mi fazendo jojo.
 Não se gaste mais tempo em zóbarias
 Por me fazer prazer cantai hūpouco
 Fer. Eu não cantei Ines ha muitos dias.
 Rod. E eu de câtar muito ádo ja rouco
 Mas não m'eyde rogar, diz tu qual di
 In. Aqlla q começa em amor louco. (ga
 Fer. Antes de la dulce mi enemiga,
 In. Mas sola me deixaste, & naql ermo
 Rod. Guardeme Deos de cousa tã átiga
 Fer.

E G L O G A IX.

72

23

Fer. As q̃ são boas nunca fazem termo,
Dizia o mór cantor destas mórthanhas
Sendo bem velho ja, & bẽ enfermo.

Rod. Pois esse m'ésinou mil das strañas
Quẽ as não entēder, q̃ as não cante.

In. Mao es de cõtētar, logo t'assanhas?

Fer. Tua palaura Ines vâ por diante,
Cante de quais quiser, q̃ lho nã tcolho
Eu lhe responderei ao consoante.

Rod. Olhei Ginebra hũdia, & deume d'õ
Com tal desenuoltura (lho
Que não lhe pude ter rosto direito,
Ginebra se te colho
(Lhe disse) por ventura.

Me pagaras o mal que me tẽs feito
Hum riso contrafeito,
Hum desprezar meus dannos
Enuoltos num despejo,
Na hora em que te vejo
(A fim sô d'enganarme) mil enganos
Cuidar nisto Ginebra,
O coração me quebra.

Fer. O coração me quebra, quãdo cuido
O que d: vós entendo,
Olhos postos em mi furtadamente,
Com que doce descuido
Me vedes, em me vendo
Por verme sò, sê dar q̃ ver à gente;
Em vós muy claramente
Naquelle ponto breue
O puro dalma leo,
E se duuido, ou creio,
Amor logo nos meus vo lo escreue;
Que são embaixadores
De mil secretas dores.

Rod.

Se chora, se sospira,
 Se viue sêpre em dôr, sêpre é tristeza
 Quem ama defamado
 Amor tu es culpado.

Fer. Amor tu és culpado dos que não
 Entendem quanto vales,
 Nem sabê teu poder quanto s'estêde
 E alsí contra razão
 Se queixa de teus males (de.
 Quê dos teus doces bês menos entê;
 Em mi teu fogo accênde,
 Em mi prega teus tiros,
 Que não os sinto graues,
 Mas brandos, & suaues
 Teu pranto doce, doces teus sospiros
 Por ser a causa tal,
 Que em bein conuerte o mal.

Rod. Não quero mais câtar; agora Ines
 Inlgue sem affeição, & sem detença,
 Qual foy o q de nós melhor o fez.

In. Consentes tu Fernando na sentença?

Fer. Consinto; mas receo que Rodrigo
 Se contra elle a dâs faya d'auença.

Rod. Não fayo eu Fernando doq digo,
 Inlgue por tua parte, ou pola minha,
 Acabe, acabarei oje contigo.

Ines. O q julgo de vds he, que vos tinha
 Antes de vos ouuir por bós câtores,
 Agora sei quam enganada vinha.

Ambos cantastes mal o mal d'amores,
 O bem não sei quam bẽ o cantareis,
 Empresa he de mais altos pastores.

E porque mais de mi não espereis,
 Vou colher certas ervas entretanto,
 Que vds o vossô gado recolheis.

Fer,

EGLÓGA IX. 73

Rod. De mil secretas dores não faz có-
 Ginebra minha imiga, (ta
 De mil q' lhe descubro menes inda;
 Emfim que tanto monta
 Que calle, ou que lhe diga
 Do mal q' fim não té a pena infinda;
 Ah quanta ida, & vinda
 Por rios, montes, valles,
 Por ti perdi perdido,
 De mi tam esquecido,
 Quão esquecida tu de tantos males;
 Ah Ninfa descuidada
 Que te não lembra nada.

Fer. Que te não lembra nada mais q' ver-
 Por mil razões o creio, (me,
 E sei q' tu de mi cres outro tanto;
 Mas tardas em valerme
 Tanto que ja receo
 q' se mude meu gosto em triste prato
 Colhamos entretanto
 Fa ltao impedimentos
 (Que nunca tardaó muito)
 De amor o doce fruito,
 Não seja causa d'arrependimento
 Guardar para mais tarde,
 Aguarda mal quem arde

Rod. Aguarda mal quem arde, mal quem
 Da vista só da falla (treme
 De quem não tem deuer có sua magoa
 D'amor a rolla geme,
 D'amor a ouelha balla;
 Est'agua d'amor vay buscando outra
 Accende amor na fragua (agua
 Da mesma natureza
 As lettras com que tira;

EGLOGA IX.

Fer. Inda que desprezaste nosso canto,
 Espera que contigo nos iremos. (to.
 in. Por quê canta tam mal, nã spero tã
Kod. Pois q se foy Ines, nõs q faremos?
 Eu às vacas me vou, tu vay às cabras
 A noite na malhada nos juntemos
 Que não he tẽpo aqui de mais pala-
 (uras.

PERIO.

EGLOGA X.

Syluio. **Alcido.**

Syl. A Qui Dellio cãtou, alli defronte
 Por mais o segurar me recolhi
 Corria entam mais agua desta fonte,
 Fazia fresca sombra hũ choupo aqui
 No liso pé do qual com ferro agudo
 Cortei o triste canto que lh'ouni.
Deu hũ rayo por elle, abrasou tudo,
 Tndo com tal estrago se perdeo,
 Que quando nisso cuidò ficou mudo.
Na planta, que não teme ira do Ceo,
 Eu o cortei de nouo, em melhor ora,
 Que na minha lembrança não ardeo
O que disse depois de soltar fora
 Do triste peito seu, suspiros tristes,
 Vos torno a referir montes agora.
Se vós olhos crueis nos meus abristes
 Duas fontes, q manaõ noyte, & dia,
 Pera me pãover mais, porq me vistes?
Se ver tam alto bem não merecia,
 Menos vos merecia tanto mal,
 Bastaua quanto já d'antes sofria.

E G L O G A X. 74 25

Onsadia foy veruoso, porem tal (me,
Tormento, como foy não querer ver
Parece, que de culpa he desigual.

Não choro, olhos crueis, por vós perder
Choro perder o gosto de servisto (me
E não poder em lagrimas valerme.

Enxugou as entam com dizer isto,
Correi lagrimas tristes, não canseis,
Que cõ vos enxugar, não vos resisto.

A causa deste mal já vós sabeis (frio
Ser força d'alto amor, ou' é fogo, &
Consumo o coração donde nasceis.

Deixo o q' mais cantou, pois do sóbrio
Souto já o manso gado se derrama,
He tempo d'ir co elle ao fresco rio.

Mas vejo hũ pastor lá, q' por mi chama,
Navoz parece Alcido, & mais nogeito
Tambẽ em vão sospira, porque ama.

De Syluia bella Ninfa, o fez sogeito
Sen fado, ou seu desejo de maneira
Que mil e stremos tem por ella feito.

Tam clara historia já, nesta ribeira,
Que serue já d'auiso antre pastores,
Della a quebrada fé, delle a indeira.

Alc. Tu Sylvio saltas, d'ou' fado amor?
Amores deueni ser, q' seus cuidados
Inda causão emnõs descuidos mórtes

Enchi todo este valle de meus brados
Sẽ tu m'ouviress nũca, nã m'espáro,
q' ninguẽ ouue os mal afortunados.

Syl. Estaua imaginando o triste canto
De Dellio, que tu já escrito viste
Aqui onde danou o rayo tanto.

Alc. Quãta razão q' Dellio de ser triste
Os dias que viver, se forem muitos,
C

E G L O G A X.

Côdór tos côtei já, cô dór m'ouuiste.
 Amor negoulhe amor, a terra frutos,
 As fontes pera Dellio se secarão;
 Seus olhos não, já mais lhos vi exu-
 Estas, & outras cousas o leuarão (tós.
 Daqui pera tão longe, os fados là
 Os bês lhe mostrê, q̃lhe cà negarão.
 Syl. Queira Deos qu'assi seja, e assi será
 Que me dizem que Perio, alto pastor
 Debaixo o seu emparo o tomou já.
 Alc. Perio digno de fama, & de louvor
 Tam largamente o Ceo te fauoreça,
 q̃ em ti todo o alto ingenho ache fa-
 O dia pera ti aluo amanheça, (uor.
 A noite pera ti seja serena,
 Sépre verde a teu gado a erua creça
 Nem o faminto Lobo lhe dé pena,
 Nem seja d'olho mau nunca ferido,
 Nê sinta outra mór dôr, nê mais piq̃
 Perio, ôs câpos do Tejo bẽ nacido (na.
 Se tu os não cultiuas, nẽm grangeas,
 Vejo o trigo em auea conuertido.
 Tu sabes quando lauras, tu semeas
 A tempo q̃ a semente a terra toma,
 Pera louras espigas nos dar cheas.
 Quem as abelhas cria, os touros doma
 Senão tua prudencia? quem entende
 A tẽpestade, qu'inda bẽ não affoma?
 Quem della as tẽras plâtas nos desfede
 Quem o bẽ do pastor, quẽ o do gado
 Cô mais vigia, & mais amor pretẽde?
 Colhãote as Ninfas, Perio, pelo prado
 Mil nouas flores, toda voz te cante,
 Perio em toda a voz seja cantado.
 Tanto teu doce nome se leuante

Nestes

EGLOGA X. 26

Nestes troncos escrito que se veja.
 As nuuês penetrar, & mais auante.
 Sempre Perio, de ti a cega enueja
 Seu venenoso peito estê roendo, 75
 Porque da sua culpa pena seja.
 De câ tam docemente estou, à vendo,
 Dellio, à tua sombra estar cantando
 Qu'os vêtos polo ouirs'estê detêdo
 Por onde os teus cordeiros for guiado
 Vejo muito mais puro o fresco orna
 A rosada manhã ir derramado, (lho
 Por ti lhe serà, Perio, o môr trabalho
 Mais doce, q'na calma aquê caninha
 A fonte fria, & a sombra do cruallho
 Syl. Porq' acabaste Alcido tam asinha?
 Não vias que detinhas o sol, em tâto
 Seu curso cõ espanto, & puro amor
 De Perio bom pastor o nome ouiu
 Agora vay fugindo tam ligeiro, (do?
 Que temo q' primeiro lã nas ondas
 Te banhes, & t'escondas, louro Febo,
 Que o gosto, q' concebo, dizer possa,
 Vendo que nesta nossa idade dura,
 Tem inda onde segura se recolha,
 Edignos premios colha a brãda Musa
 De Dellio, q' cõfusa ò valle, e ò môre.
 Ò bosque, ò rio, & à fôrte se queixaua
 Da pena que passaua, & sò sentio;
 Por ver, q' não podia ao som da lyra
 Vencer a cruel ira do seu fado.
 ò bem affortunado Dellio agora,
 Pois já chegou tu'hora tam ditosa,
 Inda que vagarosamente veyo,
 Alegre, como creio, a Perio cant,
 Escrito em toda-planta, seja Perio,

E G L O G A X.

Nú & noutro Emispherio sêpre soe,
 Tanto teu verso voe doce, & puro,
 Que da morte seguro o non e claro,
 Do longo tempo auaro, mil enganos
 Sabendo estê mil annos, & mil inda.
 Alc. Syluio, a noite he vinda, ao gaão
 Primeiro ôno mar a noua lûa (torno
 Elconda expos dñ, o outro corno,
 Syl. Alsi te seja Syluia menos crua,
 Que logo entra vez nos ajuntemos,
 Quer na minha choupana, q̃r na tua.
 As noites grandes saõ, là fallaremos
 No remedio domal, que te desmaya,
 Se nelle algũ remedio dar podemos.
 Alc. Cûta primeiro os versos q̃ na faya
 Escrueo Dellio, quando se mudou
 Desta verde ribeira, & branca praya.
 Onde logo hûa Ninfa os tressadou
 Nua concha do mar alua, & rosada,
 Que no seu brando peito pendurou.
 Syl. Si câtarei, pois minha voz t'agrada
 Descubre, ô Lûa, os teus rayos fermo
 Pois já dũ pastor foste namorada, (os
 Escuta doutro os versos faudosos.

S Ombrio & verde valle, ondes' acolhe
 Marilia, quando o sol mais se leuata
 Onde doce suspira, & doce canta,
 E seus cabellos solta, & os recolhe.
 Praya, por onde as aluas flores colhe
 Com tanta graça, q̃ o amor s'espâta,
 Estes versos vos deixo nesta planta,
 Darnos outro louvor meu fado to-
 fresca, & namorada Primavera (lhe
 Nunca já mais daqui desapareça,

Nunca

EGLOGA X. 27

Nunca vos mostre o Inverno aJira sua
 Segua pelos olmos, trepe a era,
 Segura naça a flor, a erua creça, 76
 Favor renhais do Sol, favor da Lũa.
 Alc. Não sei (tal fiquei Syluio) se te gaue
 Primeiro desses versos a brandura,
 Se tua voz pera mĩ brãda, & suave?
 A quem os deixou cá, nunca a ventura
 Se lhe mostre cruel nem a ti Marfida
 Auara seja da sua fermosura,
 Sylu. Pera te contar dessa endurecida,
 Vay ter oje comigo, em todo caso,
 Quebem sabes quem ama, q̃ duuida.
 Dar'ey de branca faya hũ nouo vaso
 Onde verás de vulto as noue irmãs
 Cantar ò som das aguas de Pegafo.
 Bosloças te darei, & auellãs,
 E outras cousas mais que te não digo
 Gostofas ao sabor, à vida saãs.
 Alc. Embora vay, que là me tês cõtigo.

GALATEA.

EGLOGA XI.

Ilustre senhor meu, a quẽ me manda
 Minha fatal estrellã, que sò cante.
 Cõ Musa natural tam doce, & brãda,
 Qu'a toda a estrãgeiravêça, & espãre:
 Apesar da cruel, q̃ em mĩ deslinda
 A sua roda sempre, irei auante
 Seguindo pouco & pouco este desejo
 De q̃ sò digno vós, outrem não vejo
 Qu'ellas raras graças altas tanto,
 De q̃ a Fortuna, o Ceo, & a Natureza
 C 3 Vos

E G L O G A XL

Vos quizerão ornar, por hõra, & espã
 Do mûdo, q̃e vós só tẽ sua riq̃za, / to
 Pedindo estão de Esmirna o alto cãto
 Ou o q̃ Mãtua ergueo a môr alteza,
 Não este baixõ meu; mas q̃ tal seja,
 Quem tal fozeito tem, q̃ mais deseja?
Pera poder vrdir a nova historia
 Onde espero tecer com nouas cores
 Do vosso illure sangüẽ a illure glo
 Aquẽ o mûdo deue mil lououres (ria
 Sinta o êgenho meu, sinta a memoria
 De vós, de febo nã, nouos fauores;
 Põde guardar os seas os vossos q̃ro,
 Muito me dêstes, a mais inda spero
 Alembreuos, senhor, quão bem olhada
 Foy jã de vós a minha brãda rima,
 Não seja agora menõs estimada,
 Se quercis q̃ se tenha ẽ muita estima:
 Não he do alto alemo engeitada
 A baixã era, q̃ão seu trõco s'arrima;
 Elle a vay erguendo a môr altura,
 Ella lhe d'ũ mais graça, & fer mofura
Outras cousas co esta vos lembrara,
 Dignas, por serem vossas, de lêbrãça,
 Mas hũ esp̃rito puro, hũã alma clara
 Não deue de mostrar desconfiança:
 E mais de quẽ recolhe, a mimã, e ẽ pa
 Cõ obras, cõ fauor, cõ esperãça (ra
 As Musas, cujo pay jã sois por proua
 Hũ nouo Augusto à poesia noua.
Celebre o grãõ Marãõ Heroes Latinos,
 D'Homeroos Gregos sejaõ celebrados
 Façaõ d'homẽs mortais homẽs diui-
 Cõnomes nestavida eternizados (nos
 Q̃ se cõ igual canto, & versos dignos

EGLOGA XI. 28

De vós poderem ser de mí cantados
 Do vosso alto valor altos estremos,
 Nem vós,nê eu,enueja lhe teremos.
 Aceitai entretanto por começo
 Do que pagar espero inteiramente,
 Esta piquena offerta que offereço
 A vós grande senhor deuoramente,
 Se por tam pouco tanto bem mereço,
 Os olhos ponde nella alegremente,
 Ficarei satisfeito,& atreuido
 Pera poder comprir o prometido.
 Depois q o leue barco ao duro remo,
 Onde menos das ondas se remia,
 Atou o pescador pobre Pallemo.
 Em quanto as negras redes estendia,
 Seu cõpanheiro Alcam,nabrãca area.
 E Licio as longas cordas enuoluia.
 De cima d'ja rocha,a qual rodea
 O mar,quebrando nella de continuo
 começou de chamar por Gallatea.
 Deixa o liquor molle,& cristalino,
 Dizia,ah Ninfa já,q o sol deseja
 Enxugar teu cabello d'ouro fino.
 Inda que tẽ de ti muy grande inueja,
 Não temas q te queime o cara o brã
 Basta para abraçar-se q te veja. (do,
 Não te detenhas mais. ve já cortando
 Co teu candido peito as mãs ôdas
 Escuma menos alua leuando.
 Darr'ey (cõ condicão q não t'escôdas
 De mí li nessas liquidas moradas,
 E qu'algũ dia branda me respôdas.)
 Mil conchas nũ cordão verde enfiadas
 Todas d'hũa feyçãõ,não d'hũa cõr,
 Que dellas são azuys,dellas rosadas.

E G L O G A XI.

Inda que seja pobre, & pescador, (tas)
 Não sei em desprezarme quão acer-
 Pois que rico d'amor me fez amor,
 Pera ti noutras prayas mais desertas
 Irei pescar por âtre as pedras duras
 q' sempre d'alga verde está cubertas.
 As pardas nostras, onde 2 s gottas puras
 Do fresco orvalho dêtro êdnrecidas
 Não podem da cobiga estar seguras.
 Porque deixas de vir? de que duidas?
 Por ventura d'algũ meu cópanheiro?
 Inda as redes ao sol tem estendidas.
 Toda a noite pescarão, & primeiro
 Querem dormir a sêsta nesta praya,
 Que o barco pelo mar, leuê ligeiro.
 Eu vigiando aqui como atallaya
 Sempre te chamarei, tẽ que cansado
 Hum dia desta rocha abaixo caya.
 Deixando este lugar tam infamado
 Cõ minha morte, q' dos marinheiros
 Co dedo do alto mar serà mostrado.
 Diraõ os naturais aos estrangeiros;
 Ali morreo Palemo. ah triste historia
 Guardar a nao dali ventos ligeiros.
 Antes que tal soceda, olha que gloria
 Alcanças, em deixar aos nauegantes
 Da tua ingratidão esta memoria.
 Da nossa differença não t'espantes,
 Tu Ninsa eu pescador, Glauco, Deos
 Qual eu agora sou, talera dâtes (võsso)
 Ainda entr'estas eruas achar posso
 Aquella (se tem erua tal virtude)
 Que mude noutro ser, este ser nõsso.
 Mas o amor que cã mudar não pude
 Despois de morador lá nessas aguas

Não

E G L O G A XI. 19

Não podes recear q̃ em mi se muda
 Seraõ as frias ondas viuas fragoas
 De fogo, em q̃ arderei a noite, &odia
 Emquãto não fétires minhas magoas
 As horas naturais da pescaria (C.
 Não ves q̃ vão passando, em q̃ as pas
 Quem de tal passatempo te deuita?
 Ah descuidada Ninfa, não me faças 76
 Dar mais gritos emvão, vê já, iremos
 Ambos alcuantar as verdes naças.
 E os curuos anzolos cubriremos
 Com mentirosas iscas, cõ q̃os peixes
 Cõ grande gosto nosso prêderemos.
 Assim d'amor cruel nunca te queixes,
 E da tua fermosura as mais fermosas
 Ninfas do mar azul ven. idas deixes.
 Que vejas, que por ti em faudosas
 Lagrimas, vou gastando vida, & alma
 Tirame d'esperanças duuidosas.
 A praya esta callada, o mar encalma,
 Por cima desta rocha brandamente
 Sõ Zefiro aspirando desencalma.
 Aquí não vejo cousa finalmente,
 Porque deixes de vir como ohias,
 Senão não seres tu disso contente.
 Se tu desgostas já das pescarias,
 Marisco appetitoso aqui não falta,
 Quer sejaõ Lúas cheas, quer vafias.
 Pelo pé desta rocha dura, & alta
 Hirei desapegando hũs como pês,
 Dum animal, que polas fragoas falta
 E viços te darei (le delles es
 Amiga) os cranguejos vagarosos,
 Que vejas ir andando de tranês.
 Não te darei ouris os espinhosos,
 C 5 Sabes

E G L O G A XI.

Sabes Ninfa porque? por que receo
 Que piquê esses teus dedos mimolos
 Faz daqui perto o mar hũ largo seyo,
 Onde d'ameijoas lisas sem trabalho
 Podemos apanhar hũ cesto cheyo.
 Alem de tudo isto, hum crespo galho
 De vermelho coral te darei logo,
 q̃ordita ebarrou nã meu tresmalho
 Mas ah, q̃ euaó te chamo, e vão te rogo,
 Que nê tu a meus rogos tês respeito,
 Nem eu gritando tanto defafogo.
 Hum coração em lagrimas desfeito
 Como te não abranda? quem encerra
 Cruenza tal em tant setmoso peito?
 Nã reyna amor no mar, como na terra?
 Não sabes quantas vezes já venceo
 Neptuno vosso Rey em cruel guerra?
 Sua fermosa mãy onde nasceo,
 Se nã no mesmo mar em q̃ te banhas?
 Onde Thetis por Pellio e fogo ardeo?
 Se naceras de pedras nas montanhas,
 Se com leite de feras te criaras,
 Que mais duras tiueras as etranhas?
 Apareceras tu, entam tornaras
 A esconderte logo, se quiseras,
 Nessas águas pera mĩ de ri auaras.
 Com hũa mostra sô, que de ti deras,
 A vida, que me fuge, não te vendo,
 Nes teus fermosos olhos detiueras,
 E viras estes meus, donde correndo
 De lagrimas estão dous novos rios,
 Qu'o mar rãbê em si vaó recolhêdo.
 Ah doudo pescador, que desuarios
 Mẽ deixo aqui dizer, & aquẽ os digo?
 A lurdas ondas, & a ventos frios.

Crece-

EGLOGA XI. 30

Creceirão ellas, corre o barco perigo,
 Eylo dũa,eylo doutra combatido,
 Eylo de todo leuão já contigo.
 Olhes, que lá me tinheis o sentido
 A culpa tendes vós, q me não vedes,
 Mas pois o pescador anda perdido,
 Percãose també o barco,& as redes.

EGLOGA XII. 77

DEPLORATORIA AO SE-
 nhor dom Duarte, no tempo
 do mal.

P Ríncipe soberano, não vos seja
 Pesado o pouco meu merecimento
 Que se meu baixo verso se despeja,
 De vós lhe nace o seu atreuimento,
 Pois não ha bõ juizo, que não veja,
 Que sepre dar fauor foy vosso Intêro
 Aquãtossão seguindo Apollo, e Marte
 Dos quais vos coube a vós a melhor
 Não tocarei có tudo no vedado (parte.
 Inda qu'está verdade me segura,
 Que pera vós de mĩ serdes cantado,
 Bem sei q me negou muito a v êrura:
 Alpino, & Mincio, êquãto o mãso ga
 Pascia a seu sabor pola verdura (do
 Na ribeira do Lyma isso cantaraõ,
 Depois que també isso praticarãõ.
 Correm os nossos tempos de manciã,
 Antes no mal parece q estão quedos
 Por mais q muda o sol sua carreira;
 Tantos os males sagittos os medos
 Que não ha valle cã, não ha ribeira

E G L O G A XII.

Por onde soem já cantares lèdos;
 Dos tristes ouvi esses, entretanto
 Dará o Ceo materia a melhor canto.
 Alp. Ha tanto tẽpo já q̃ não cantamos,
 Não sei q̃ pera mĩ, é Mincio tenha
 Parece que grão mal adeuinhamos.
 Minc. Inda tu queres q̃ outro môr nos
 venha

Merecemolo nós, mas Deos nos guarde
 E sua ira por seu amor detenha.
 Não vês tu q̃ tal fogo entrẽ nós arde,
 Qu'inda não pega bê na choga albea
 Quando na sua nã haquẽ mais aguarde?
 Depois que's'atteeu na môr aldeia,
 Derramandose foy por cada malha,
 E hora aqui, hora acolà s'attea.
 Se quem tudo gouerna não atalha
 A mal tã sê remedio, ali triste terra!
 Quẽ cuida q̃ te guarda, é vã trabalha
 Os pastores mais ricos para a serra
 Com seu fato, & cabana vão fugindo
 No mais seguro cada qual s'encerra;
 Sem dõ de quantos fica consumindo,
 Não digo esta pegonha, a soune digo,
 Que della muito mais estão caindo.
 Quem isto vendo està, Alpino amigo,
 Como queres que cante, & vija lèdo?
 Não cõsente o temor prazer cõfigo.
 Alpi. Tudo quãto me dizes te cõcedo,
 Porem andãdo triste qu'aproueitas?
 Nã auemos nós d'ir ou tarde, ou cedo
 Cada hũ traga as suas contas feitas
 Cõfigo, cõ vezinho, & cõ estranho,
 E falle o preto no brãco às direitas.
 Aquelle, que juntou grosso rebanho

E G L O G A XII. 78 31

Muy largas terras, grandes colmeaes
 Co muito não s'ajunta cõ bõ ganho.
 Torne a seu dono o seu, doalhe mais
 A perda da sua alma, que a fazenda,
 Que cã nos fica o gado, & os currais.
 De fiso, não d'el arneo s'arrependa
 De todo o mal passado, & do presête
 E no por vir vigie, & pohha emêda.
 Satisfazendo em tudo inteiramente
 Tenha esperãça e Deos, e baile, e cãte
 Que não dana a ninguê viuer cõtete.
 Antes segundo disse hũ viandante,
 Passando por aqui, hora qual dia,
 Foyt quando casou Gil cõ Violante,
 Este mal, que chamou Epidimia,
 Com nojos & triztezas s'acrecenta,
 E fuge de prazer, & d'alegria.
 Mi. Tu queres q̃ cantemos na tormêta
 Como contão que fazem as Sereas
 Quãdo cõ mayor furia omar rebêta?
 Os vilos nos destruem as colmeas,
 Os raposos que à serra s'acollherão,
 Decem já sem tenor polas aldeas.
 Se vêm famintos lobos, porqu'esperão
 Q̃ venhão batalhar cõ touros fortes
 Que sera quando sôs tal cometerão?
 Quanta perda de gado, quantas mortes
 De rafeiros fieis entã veremos,
 Milhure o Ceo cõ tudo as nossas sortes
 Porem são horas já, q̃ nos mudemos
 Daqui, pera o abrigo, lã d'espazo
 Nisto, & noutras cousas fallaremos,
 Alpi. Emquãto as vacas vão seu passo a
 Matar a sede no corrête rio (passo
 (Perdoa se te nisto agrauo fago.)
 A ranger

E G L O G A XII.

A tanger, & cantar te desafio,
 Não te pareça muito atreuimento,
 Que também eu de meu saber côfio,
 Min. Antés q tu me tenhas por isento,
 Ou inda o q he pior, por tensoeiro.
 Satisfarei cantando a teu intento.

Porem auemos de deixar primeiro
 q o Sol nos deixe a nós, o triste câto
 q bẽ triste ha de ser porderradeiro.

Alp. Nisso, e no mais te seguirei e quãto
 Tua vontade for; podes cantar

Que de câtares tristes não m'espãto
 Hora escuta, & supre aonde eu saltar.

S E chega, ô Rey do Ceo, humano rogo
 A teus ouvidos, ouue nossos brados;

Apaga (por quem es) o viuo fogo,
 Qu'acendẽ entre nõs nossos pecados.

Faraõ os teus imigos de nõs jogo,
 Se nos virem de ti desemparados;

Que somos peccadores conhecemos
 Mas inda q taes somos, e ti cremos.

Min. Lẽbrete que de nãda nos fizeste,
 E por teu proprio sangue nos remiste

Quãdo à terra por nõs do Ceo deceste
 Quãdo da terra á Cruz por nõs subiste

Destruẽ os ares maos desta mã peste
 Como com tua morte destruiuẽte

Os pecados do mũdo, & o reino scuro
 Rõpendo com teu pé seu forte muro

Alp. ô Virgem, a quẽ tod'alma suspira;
 De quem pede fauor, & espera ajuda,

Abrandai do vosso filho a jũsta ira,
 Volua aos infieis sua espada agũda:

Pois nũca a vosso rogo o rosto vira,
 Pois nũca o vós chamais, qnã acuda

E G L O G A XII. 79³²

Por isso Virgem, não vos descuideis,
Fauoreceinos já, já que podeis,
Min. Virgem toda fermosa, toda pura,
Volvei a Lusitania olhos beninos,
Olhai nossa miséria dessa altura,
E logo fugirãem ares malinos:

Que s'esta corrupção mais tẽpo dura
Quẽ vos pôde câtar Psalmos? quẽ him
quẽ visitar os vossos tẽplos sãtos (nos
Com nouas flores, cõsagrados câtos?

Alp. o tu, q̃ por teu Deos foste aſetado,
Martyr, & juntamente caualleiro,
Quẽ do final da santa Cruz armado
Sahiste contra o tyrano ao terreiro;
Se fores là no Ceo noſſo auogado,
Como na terra câ es padroeiro (res,
Erguendo cõ teu brãço eſtes maos a-
De nouo t'ergueremos mil altares.

Min. Onde tuas imagẽs visitadas
De nõs ſempre ſeraõ cõ mil offertas
De lyrios, & de roſas coroadas,
E d'ouro guarnecidas tuas ſettas,
Com mais quieto eſprito veneradas
De gentes, q̃ hora ves tam inquietas;
Primeiro do graõ Rey, q̃ tẽ teu nome
Porque o pouo d'elle exẽplo tome.

Alp. Paſtores, q̃ morais no môte ſanto
Por graça do Paſtor dos bõs paſtores
Que neſte baixo valle amaste tanto,
Que fostes de tal bem merecedores;
Alcance voſſo rogo, & noſſo pranto
Outros tẽpos mais ſaõs, ares milho
Logo ſereis de nõs mais visitados (res
Nos dias que vos ſomos obrigados.

Min. Valcinos em tamanho deſeparo
Como

EGLOGA XII.

Como cá entre nós vedes que vay
Deixando a tenra mãy o filho charo,
Desemparando o filho o velho pay:
Ó de crueza grande exemplo raro!
Ó campos Lusitanos suspirai,
Abriuos de piedadê pedras duras,
E dai a tãtos mortos sepultura. (raô
Alp. Não posso mais cantar, q me corta
De modo essas paiauras derradeiras,
q as minhas na garganta se pegaraõ.
Mincio, a vitoria he tua; não a queiras
Attribuir a quem já tem sabido,
Que es mestre de cantigas strãgeiras
E co isto por ora me despido,
Qu'o gado não espera, & já m'espera
ò pé daquelle outeiro onost. Alp. O
Minc. Eu me fora contigo s'e stiuera
Algũ pastor aqui da minha aldea,
Qu'este gado co seu me recolhera.
Mas porque a noite he grãde, a Lũa he
Lã merêdes cõnosco, aparelhai (chea
Entretanto bom fogo, & boa cea.
Descansa & fica èbora. Al. Embora vay.

L I L I A.

EGLOGA XIII.

Piscatoria.

E Ncheo do mar azul a branca prora
Melliso pescador, de mil querellas,
Melliso, q por Lilia arde, e desmaya
Depois q à luz da Lũa, & das estrellas
Sobre dura fateixa o barco posto,
As redes recolheo remos, & vellas.
Que

20
E G L O G A XIII.

33

Que gosto, ò Lilia (disse) ou q' desgosto
Te moue a me negar. vêdo qual âdo,
Teus olhos còr do Ceo, teu aluorosto?
Se tu queres que pene desejando,
Se queres que no mar em fogo viua,
Ardendo sempre estê, sêpre penando
Mas olha Lilia branda, antes esquiua,
Que não merece ser tão maltratada
Hũ'alma dêsse teus olhos catiua.
Viues dos meus cuidados descuidada,
Coitado de quem traz a duuidosa
Vida em mar, & em terra auenturada
Bem podes, com razão, ser piedosa
De quê não quer mór bẽ, q' bẽ q'errete,
Não sejas tão cruel. como fermosa.
Deixa hora, ingrata Lilia. deixa verte
A meus cansados olhos, q' de tantas
Lagrimas são mouidos, sã moue te.
Sê tu Lilia me ven'es, sê m'encantas
Com tua doce falla, & doce riso,
Porque foges de mĩ, de q' r'espantas?
Lembrete a fermosura de Narciso,
Que tal paga-lhe deu seu desamor,
Olha, que com Amor isto r'auiuso.
Mas quando tua crueza tanta for,
Que mereça do Ceo nouo castigo,
Qual erua serà digna de tal flor?
Amor que me persegue, amor que figo
Me faz dũ graue mal andar temendo
Dũ mal q' sinto na alma, & q' não digo.
Quanto mais ledo já r'estiue vendo
Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar ati, vinhaõ correndo.
Eda molhada areia despegando
Com delicada mão cõchas marinhas

E G L O G A XIII.

A forma do teu pé ali deixando.
 Daquellas, de que tu mór gosto tinhas,
 Muitas te trago aqui, inda q' temo,
 Que não otenhas já por serê minhas
 Chegame este temor a tal estremo,
 Que vencido dâ triste esquecimento,
 Da mão no mar me cae o duro remo
 E quando a branca vela solto ò vento,
 Tam descuidado vou do fiel leme,
 q' me leua a perder meu pouco têto.
 Mas quê arde por ti, quê por ti treme;
 Os seus proprios perigos não recea,
 Os teus q' sente mais, muito maiste-
 Depois q' te não vi (nã sei q' crea (me.
 Desta tardança tuâ, & morte minha)
 Sendo a Lúa vasia, he quasi chea.
 O tempo que nos gostos passa a linha,
 Detemse neste mal da saudade
 Por me dobrar a dôr q' dantes tinha
 Não desprezes, ò Lilia, hũa vontade,
 Que por te contentar tudo despreza
 Tudo julga sem ti por pouquidade.
 Se pretendes amor, ja tens certeza,
 Que não podes ser nũca mais amada
 Dos que vencidos traz tua belleza.
 Se por ventura eutis affeçoada
 A gentil parecer, a bom ingenho,
 A ninguem nesta parte deuo nada.
 Se fazes caso d'honra, olha que venho
 De geraçãõ d'honrados pescadores,
 Se de riqueza, barco, & redes tenho.
 Por erro julgaras estes louvores,
 Oxalã não os julgues por doudice,
 Mas quê sifoquer ter não tenha amo
 E mais tudo foy pouco quãto disse (res
 Pondo

E G L O G A , XIII. 81 34

Pôdo os olhos no muito q' meu fado
 Nos teus, q' ver desejo, quis q' visse:
 Aconteceome hum caso desusado,
 Inda que d'ũa cousa em outra salto,
 Digao, porier d' amor, de ser côrado
 Pescando ontem à tarde no mar alto
 Sospenso nessa tua fermosura,
 A quem cõ mil lêbrangas nũca salto
 Comecei de cantar, Liũa mais dura,
 Que hũa inculta rocha rodeada
 Do mar de cuja furia estã fegura.
 Mais alua que gessim & mais côrada
 Que vermelhas cerejas pelo Mayo,
 Mais loura que manhã de sentiãgãda
 Não ves (dizer qneria) que desmayo
 Quando (cousa q' mal me serã crida)
 No mar forçado dũ, do bar co cayo.
 Ali tiuera fim a triste vida
 Se dũ brando Deissim, q' m'escutaua
 Não fora, por ser tua socorrida.
 Parece que tambem vencido andava
 Do mal, de que me via andar vécido,
 Quem em tamanho risco me ajudava
 Trouxeme sobre si amortecido, (re,
 Nadando ô soim das ondas mansa nã
 Atẽ que me sentia em meu sentido.
 Liure deste mortal brauo accidente,
 Tal foi o espantomẽu, tal meu temor
 Que doutro me liurei escassamente.
 Mas logo o amoroso nadador
 Me pos junto do barco, q' taõ perto
 Esteue de ficar sem pescador.
 O sol era de todo jã cuberto
 Quando eu entrando nelle, sahi fora
 Do perigo, onde tiue o fim taõ certo
 Porém

[illegible]

Nunca

E G L O G A XIII 35

Nunca te faltarão de folha a folha.
 Não sei fermosa Lilia que mais diga,
 q' moua amor em ti, ou moua magoa,
 Sei q' magoa, & amor a mais obriga,
 Mas antes do sol dar naquella fragoa.
 Onde meus ays dilata a triste Eco,
 Voume segurar mais o barco n'agoa
 Porq' de baixa mar não fiqu' em seco.

S Y L V I A. 82

E G L O G A XIII.

Catua Alcido hũ dia ao sũ das agoas
 Do Lyma, q' mais brando ali corria
 Dizem q' por ouuir suas doces magoas
 Sobr' hũ curuo penedo, que pendia
 Por cima da corrente vagarosa,
 Se me não lembra mal assi dizia.
 Syluia nestes meus olhos mais fermosa
 Que o sol de dia, que de noite a Lũ.
 (Não digo lyrio ja, não digo rosa.)
 Que flor não cria o valle, que da tua
 Fermosura não tenha grande inueja
 Se tão fermosa es, como es tão crua?
 Porque desprezas Syluia quem deseja
 Mais o teu gosto sũ, q' a propria vida
 Porque t' escondes onde te não veja;
 Nũ sempre no bosque espesso escõdida
 A mansa serua estã posta em seguro,
 Nũ sũpre em raso campo he offẽdida
 Vem Syluia ja ver neste crĩstal puro
 Teu brando parecer daqui decima
Deste penedo, menos que ti duro.

E G L O G A XI.

Inda que seja pobre, & pescador, (tas
 Não sei em desprezarme quão acer-
 Pois que rico d'amor me fez amor,
 Pera ti noutras prayas mais desertas
 Irei pescar por átre as pedras duras
 q' sempre d'alga verde estã cubertas.
 As pardas ostras, onde as gottas puras
 Do fresco orvalho dêtro edurecidas
 Não podem da cobiça estar seguras.
 Porque deixas de vir? de que duvidas?
 Por ventura d'algũ meu cópanheiro?
 Inda as redes ao sol tem estendidas.
 Toda a noite pescarão, & primeiro
 Querem dormir a sesta nesta praya,
 Que o barco pelo mar, leuẽ ligeiro.
 Eu vigiando aqui como atallaya
 Sempre te chamarei, tẽ que cansado
 Huin dia desta rocha abaixo caya.
 Deixando este lugar tam infamado
 Cõ minha morte, q' dos marinheiros
 Co dedo do alto mar serà mostrado.
 Diraõ os naturais aos estrangeiros;
 Ali morreo Palemo. ah triste historia
 Guardar a nao dali ventos ligeiros.
 Antes que tal soceda, olha que gloria
 Alcanças, em deixar aos nauegantes
 Da tua ingratição esta memoria.
 Da nossa differença não t'espantes,
 Tu Ninfa eu pescador, Glauco, Deos
 Qual eu agora sou, talera dâtes (võsso
 Ainda entr'estas eruas achar posso
 Aquella (se tem erua tal virtude)
 Que mude noutro ser, este ser nõsso.
 Mas o amor que cã mudar não pude
 Depois de morador lá nessas aguas
 Não

E C L O G A XI. 19

Não podes recear q̃ em mĩ se mude.
 Seraõ as frias ondas viuas fragoas
 De fogo, em q̃ arderẽ a noite, &odia.
 Emquãto não sereis minhas magoas
 As horas naturais da pescaria (C.?)
 Não ves q̃ vão passando, em q̃ as pas
 Quem de tal passarempo te desuia?
 Ah descuidada Ninfa, não me faças 76
 Dar mais gritos emvão, vè já, iremos
 Ambos aleuantar as verdes naças.
 E os curuos anzolos cubriremos
 Com mentirosas iscas, cõ q̃os peixes
 Cõ grande gosto nõsso prèderemos.
 Assim d'amor cruel nunca te queixes,
 E da tua fermosura as mais fermosas
 Ninfas do mar azul venidas deixes.
 Que vejas, que por ti em faudosas
 Lágrimas, vou gastando vida, & alma,
 Tirame d'esperanças duvidosas.
 A praya esta callada, o mar encalma,
 Por cima desta rocha brandamente
 Sò Zefiro aspirando desencalma.
 Aquí não vejo cousa finalmente,
 Porque deixes de vir como solias,
 Senão não seres tu disso contente.
 Se tu delgostas, já das pescarias,
 Marisco apertoso aqui não falta,
 Quer sejaõ Lúas cheas, quer vafias.
 Pelo pé desta rocha dura, & alta
 Hirci desapegando hũs como pês,
 Dum animal, que pelas fragoas salta
 E viços te darei (le delles es
 Amiga) os cranguejos vagarosos,
 Que vejas ir andando de tranês.
 Não te darei ouriços espinhosos,
 C 5 Sabes

E G L O G A XI.

Sabes Ninfa porque? porque receo
 Que piquê esses teus dedos mimolos
 Faz daqui perto o mar hũ largo seyo,
 Onde d'ameijoas lisas sem trabalho
 Podemos apanhar hũ cesto cheyo.
Alem de tudo isto, hum crespo galbo
 De vermelho cora! te darei logo,
 q̃ordita ẽbarrrou nũ meu tresmalho
 Mas ah, q̃ ẽvaó te chamo, ẽ vão te rogo,
 Que nê tu a meus rogos tês respeito,
 Nem eu gritando tanto defafogo.
Hum coração em lágrimas desfeito
 Como te não abranda? quem encerra
 Cruenza tal em tant'fermoso peito?
Nã reyna q̃mor nãmar, como na terra?
 Não sabes quantas vezes já venceo
 Neptuno voffo Rey em cruel guerra?
Sua fermosa mãy onde nasceo,
 Senã no mêsmo mar em q̃ te banhas?
 Onde Theris por Pellio ẽfogo ardeo?
Se naceras de pedras nas montanhas,
 Se com leite de feras te criaras,
 Que mais duras tiueras as ẽtranhas?
Apareceras tu, entam tornaras
 A esconderte logo, se quiseras,
 Nessas aguas pera mĩ de ti auaras.
Com hũa mostra sô, que de ti deras,
 A vida, que me fuge, não te vendo,
 Nos teus fermosos olhos detiueras,
E viras estes meus, donde correndo
 De lagrimas estão dous novos rios,
 Qu'o mar rãbê em si vaó recolhêdo.
Ah doudo pescador, que desuarios
 Me deixo aqui dizer, & aquê os digo?
 A surdas ondas, & a ventos frios.

EGLOGA XI. 30

Creceirão ellas, corre o barco perigo,
Eylo d'ũa,eylo doutra combatido,
Eylo de todo leuão já contigo.
Olhes, que lá me tinheis o sentido
A culpa tendes vós, q me não vedes,
Mas pois o pescador anda perdido,
Percãose també o barco, & as redes.

EGLOGA XII. 77

DEPLORATORIA AO SE-
nhor dom Duarte, no tempo
do mal.

P Ríncipe soberano, não vos seja
Pesado o pouco meu merecimento
Que se meu baixo verso se despeja,
De vós lhe nace o seu atreuimento,
Pois não ha bõ juizo, que não veja,
Que sepre dar fauor foy vosso Intêro
Aquãtos vão seguindo Apollo, e Marte
Dos quais vos coube a vós a melhor
Não tocarei có tudo no vedado (parte.
Inda qu'está verdade me segura,
Que pera vós de mĩ serdes cantado,
Bem sei q me negou muito a v'etura:
Alpino, & Mincio, êquãto o m'asõ ga
Pascia a seu sabor pola verdura (do
Na ribeira do Lyma isso cantará,
Despois que també isso praticará.
Correm os nossos tempos de maneira,
Antes no mal parere q estão quedos
Por mais q muda o sol sua carreira,
Tantos os males saõ, tãtos os medos
Que não ha valle cã, não ha ribeira

E G L O G A XII.

Por onde soem já cantares lèdos;
 Dos tristes ouui esses, entretanto
 Dará o Ceo materia a melhor canto.
 Alp. Ha tanto tẽpo já q̃ não cantamos,
 Não sei q̃ pera mĩ, & Mincio tenha
 Parece que grão mal adeuinhamos.
 Minc, Indá tu queres q̃outro môr nos
 venha

Merecemolo nòs, mas Deos nos guarde
 E sua ira por seu amor detenha.
 Não vês tu q̃ tal fogo entrẽ nòs arde,
 Qu'inda não pega bẽ na chõça albea
 Quando na sua nã haquẽmais aguarde?
 Depois queis'atteou na môr aldeia,
 Derramandose foy por cada malha,
 E hora aqui, hora acolà s'attea.
 Se quem tudo governa não atalha
 A mal tã sã remedio, ali triste terra!
 Qué cuida q̃ te guarda, & vã trabalha
 Os pastores mais ricos para a serra
 Com seu fato, & cabana vão fugindo
 No mais seguro cada qual s'encerra;
 Sem dõ de quantos fica consumindo,
 Não digo esta pegonha, a fome digo,
 Que della muito mais estão caindo.
 Quem isto vendo està, Alpino amigo,
 Como queres que cante, & vija lèdo?
 Não cõsente o temor prazer cõsigo.
 Alpi. Tudo quãto me dizes te cõcedo,
 Porem andãdo triste qu'aproueitas?
 Nã auemos nòs d'ir ou tarde, ou cedo
 Cada hũ traga as suas contas feitas
 Cõsigo, co vezinho, & co estranho,
 E falle o preto no brãco às direitas.
 Quelle, que juntou grosso rebanho

Muf

E G L O G A XII. 78

Muy largas terras, grandes colmeaes
 Co muito não s'ajunta cõ bõ ganho.
Torne a seu dono o seu, doalhe mais
 A perda da sua alma, que a fazenda,
 Que cã nos fica o gado, & os currais.
De siso, não d'es'arneo s'arrependa
 De todo o mal passado, & do presête.
 E no por vir vigie, & pohha emêda.
Satisfazendo em tudo inteiramente
 Tenha esperãça ã Deos, e baile, e cãte
 Que não dana a ninguê viuer cõtete.
Antes segundo disse hũ viandante,
 Passando por aqui, hora qual dia,
 Foyt quando casou Gil cõ Violante,
 Este mal, que chamou Epidimia,
 Com nojos & tritezas s'acrecenta,
 E foge de prazer, & d'alegria.
Mi. Tu queres q̃ cantemos na tormêta
 Como contão que fazem as Sereas
 Quãdo cõ mayor furia omar rebêta?
Os vilõs nos destruem as colmeas,
 Os raposos que ã ferra s'acolherão,
 Decem já sem temor polas aldeas.
Se vêm famintos lobos, porqu'esperão
 q̃ venhão batalhar cõ touros fortes
 Que sera quando sõs tal cometerão?
Quanta perda de gado, quantas mortes
 De rafeiros fieis entam veremos,
 Milhare o Ceo ê tudo as nossas sortes
 Porem sãõ horas jã, q̃ nos mudemos
 Daqui, pera o abrigo, lã d'espaço
 Nisto, & noutras cousas fallaremos,
Alpi. Emquãto as vacas vão seu passo a
 Matar a sede no corrête rio (passo
 (Perdoa se te nisto agrauo fago.)
 A ranger

E G L O G A XII.

A tanger, & cantar te defaſſo,
 Não te pareça muito atreuimento,
 Que tambem eu de meu ſaber cóſio,
 Min. Antes q̃ tu me tenhas por iſento,
 Ou inda o q̃ he pior, por tenſociro.
 Satisfarei cantando a teu intento.
 Porem auemos de deixar primeiro
 q̃ o Sol nos deixe a nós, o triſte câto
 q̃ bẽ triſte ha de ſer porderradeiro.

Alp. Niſſo, e no mais te ſeguirei e quãto
 Tua vontade for; podes cantar
 Que de câtares triſtes não m'ẽspãto
 Hora eſcuta, & ſupre aonde eu faltar.

S E chega, ô Rey do Ceo, humano rogo
 A teus ouuidos, ouue noſſos brados;
 Apaga (por quem es) o viuo fogo,
 Qu'acendẽ entre nũs noſſos pecados.
 Faraõ os teus imigos de nũs jogo,
 Se nos virem de ti deſemparados;
 Que ſomos peccadores conhecemos
 Mas inda q̃ taes ſomos, e ti crẽmos.

Min. Lẽbrete que de nada nũs fizeste,
 E por teu proprio ſangue nos remiſte
 Quãdo à terra por nũs do Ceo deceſte
 Quãdo da terra á Cruz por nũs ſubiſte
 Deſtrue os ares maos deſta mã peſte
 Como com tua morte deſtruiſte
 Os pecados do mũdo, & o reino ſcuro
 Rõpendo com teu pé ſeu forte muro

Alp. ô Virgem, a quẽ tod'alma ſuſpira,
 De quem pede fauor, & eſpera ajuda,
 Abrandai do voſſo filho a juſta ira,
 Volua aos inſieis ſua eſpada aguda:
 Pois nũca a voſſo rogo o roſto vira,
 Pois nũca o vòs chamais, q̃nã acuda

Por

E G L O G A XII. 79³²

Por isso Virgem, não vos descuideis,
Fauoreceinos já, já que podeis,
Min. Virgem toda fermosa, toda pura,
Veluei a Lusitania olhos beninos,
Olhai nossa miséria dessa altura,
E logo fugirâm ares malinos:

Que s'esta corrupção mais tẽpo dura
Quẽ vos pôde câtar Psalmos? quẽ him
quẽ visitar os vossos tẽplos sãtos (nos
Com'nouas flores, cõsagrados câtos?
Al. o tu, q̃ por teu Deos foste asetado,
Martyr, & juntamente caualleiro,
Quẽ do final da santa Cruz armado
Sahiste contra o tyrano ao terreiro;
Se fores là no Ceo nosso auogado,
Como na terra câ es padroeiro (res,
Erguendo cõ teu braço estes maos a-
De nouo r'ergueremos mil altares.

Min. Onde tuas imagẽs visitadas
De nõs sempre seraõ cõ mil offertas
De lyrios, & de rosas coroadas,
E d'ouro guarnecidas tuas settas,
Com mais quieto espirito veneradas
De gentes, q̃ hora ves tam inquietas;
Primeiro do graõ Rey, q̃ tẽ teu nome
Porque o pouo d'elle exẽplo tome.

Al. Pastores, q̃ morais no môte santo
Por graça do Pastor dos bõs pastores
Que neste baixo valle amaste tanto,
Que fostes de tal bem merecedores;
Alcance vosso rogo, & nosso pranto
Outros tẽpos mais saõs, ares milho
Logo sereis de nõs mais visitados (res
Nos dias que vos somos obrigados.

Min. Valeinos em tamanho desẽparo
Como

EGLOGA XII.

Como cá entre nós vedes que vay
Deixando a tenra mãy o filho charo,
Desemparando o filho o velho pay:
ô de crueza grande exemplo raro!
ô campos Luitanos suspirai,
Abriuos de piedadê pedras duras,
E dai a tãtos mortos sepultura. (raô
Alp. Não posso mais cantar, q me corta
De modo essas palauras derradeiras,
q as minhas na garganta se pegaraô.
Mincio, a vitoria he tua; não a queiras
Attribuir a quem já tem sabido,
Que es mestre de cantigas strageiras
E co isto por ora me despidô,
Qu'o gado não espera, & já m'espera
ô pé daquelle outeiro onosso. Al. d. d.
Minc. Eu me fora contigo s'e stiuera,
Algũ pastor aqui da minn'aldea,
Qu'este gado co seu me recolhera.
Mas porque a noite he grãde, a Lúa he
Là merêdes cõnosco, aparelhai (chea
Entretanto bom fogo, & boa cea.
Descansa & fica èbora. Al. Embora vay.

L I L I A.

EGLOGA XIII.

Piscatoria.

E Ncheo do mar azul a branca praya
Melliso pescador, de mil querellas,
Melliso, q por Lilia arde, e desmaya
Despois q à luz da Lúa, & das estrellas
Sobre dura fateixa o barco posto,
As redes recolheo remos, & vellas.
(Que

E G L O G A XIII. 33

Que gosto, ò Lilia(disse) ou q̃ desgosto
Te moue a me negar. vêdo qual âdo,
Teusolhos còr do Ceo, teu aluorosto?

Se tu queres que pene desejando,
Se queres que no mar em fogo viva,
Ardendo sempre estê, sêpre penando
Mas olha Lilia branda, antes esquiva,
Que não merece ser tão maltratada
Hũ'alma gesses teus olhos cativa.

Vives dos meus cuidados descuidada,
Coitado de quem traz a duuidosa
Vida em mar, & em terra auenturada
Bem podes, com razão, ser piedosa
De quẽ não quer mór bẽ, q̃bẽ q̃rerte,
Não sejas tão cruêl. como fermosa.

Deixa hora, ingrata Lilia. deixa verte
A meus cansados olhos, q̃ de tantas
Lagrimas são mouidos, sã moue te.

Sêtu Lilia me vençes, sê m'encantas
Com tua doce falla, & doce riso,
Porque foges de mĩ, de q̃ t'espantas?

Lembrete a fermosura de Narciso,
Que tal paga lhe deu seu desamor,
Olha, que com Amor isto t'auiso.

Mas quando tua crueza tanta for,
Que mereça do Ceo nouo castigo,
Qual erua serà digna de tal flor?

Amor que me persegue, amor que figo.
Me faz dũ graue mal andar temendo
Dũ mal q̃ sinto na alma, & q̃ não digo.

Quanto mais ledo já t'estiue vendo
Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar ati, vinhaõ correndo.

Ida molhada areia despegando
Com delicada mão cõchas marinhas

E G L O G A XIII.

A forma do teu pé ali deixando,
 Daquellas, de que tu mór gosto tinhas,
 Muitas te trago aqui, inda q' temo,
 Que não otenhas já por serê minhas
 Chegame este temor a tal extremo,
 Que vencido dũ triste esquecimento,
 Da mão no mar me cae o duro remo
 E quando a branca vela solto d' ventos,
 Tam descuidado vou do fiel leme,
 q' me leua a perder meu pouco tẽto.
 Mas quẽ arde por ti, quẽ por ti treme,
 Os seus proprios perigos não recea,
 Os teus q' sente mais, muito mais te-
 Despois q' te não vi (nã sei q' crea (me.
 Desta tardança tuã, & morte minha)
 Sendo a Lãa vassia, he quasi chea.
 O tempo que nos gostos passa asinha,
 Detemse neite mal da saudade
 Por me dobrar a dõr q' dantes tinha
 Não desprezes, d' Lilia, hũa vontade,
 Que por te contentar tudo despreza
 Tudo julga sem ti por pouquidade.
 Se pretendes amor, ja tens certeza,
 Que não podes ser nũca mais a nada
 Dõs que vencidos traz tua belleza.
 Se por ventura eitas affeigoadã
 A gentil parecer, a bom ingenho,
 A ninguem nesta parte deuo nada.
 Se fazes caso d'honra, olha que venho
 De geraçãõ d'honrados pescadores,
 Se de riqueza, barco, & redes tenho.
 Por erro julgaras estes louvores,
 Oxalã não os julgues por doudice,
 Mas quẽ sifoquer ter não tenha amo
 E mais tudo foy pouco quãto disse (res
 Pondo

E' G L O G A . XIII. 81 34

Pôdo os olhos no muíto q' meu fado
 Nos teus, q' ver desejo, quis q' visse.
 Aconteceome hum caso defusado,
 Inda que d'ua cousa em outra salto,
 Digno, parter d' amor, de ser côrado
 Pescando ontem à tarde no mar alto
 Sospenso nessa tua fermoçura,
 A quem cõ mil lêbranças nũca salto
 Comecei de cantar, Liçã mais dura,
 Que hũa inculta rocha rodeada
 Do mar de cuja furia estã segura.
 Mais alua que gesmim. & mais côrada
 Que vermelhas cereijas pelo Mayo,
 Mais loura que manhã desentragada
 Naõ ves (dizer qneria) que desmayo
 Quando (cousa q' mal me ferã crida)
 No mar forçado dũ, do barco cayõ.
 Ali tiuera fim a triste vida
 Se dũ brando Deísim, q' n'escutaua
 Naõ fora, por ser tua socorrida.
 Parece que tambem vencido andana
 Do mal, de que me via andar vécido,
 Quem em tamanho risco me ajudaua
 Trouxeme sobre si amortecido, (re,
 Nadando ô foin das ondas mansa nã
 Atẽ que me sentiu em meu sentido.
 Liure deste mortal brauo accidente,
 Tal foi o espantomeu, tal meu temor
 Que doutro me liurei escassamente.
 Mas logo o amoroso nadador
 Me pos junto do barco, q' taõ perto
 Esteue de ficar sem pescador.
 O sol era de todo jã cuberto
 Quando eu entrando nelle, sahi fora
 Do perigo, onde riue o fim taõ certo
 Pore n

E G L O G A XIII.

Porem outro mayor me cansa agora
 De que sahírei mal se te não vir
 Amanhecer aqui cõ a noua Aurora.
 Que não tardará muito em descobrir
 As suas louças tranga s defatadas,
 Das quaes se podem bẽ as tuas rir.
 Que por cima das ondas acordadas
 As Alcíonas ouço lamentar se
 Do seu antigo dano inda lembradas.
 E sinto o fresco orvalho derramar se
 Mais congellado, & frio, & Venus bel
 Em Oriente vejõ aleuantar se. (la
 Bem podes Lilia competir com ella,
 E com Pallas, & Iuno em gentileza,
 Em amor não, pois elle naceo della.
 Destertou o de ti tua aspereza,
 Que desterra de mi prazer, & vida,
 Deixando e seu lugar magoa, e triste
 No silencio da noite, q̃ conuida (za.
 A descanso cõmum tanto me cansa,
 Que não sei se remedio, ou morte pi
 Se tu Lilia me dẽsses esperanza (da.
 De te feruir de mi, ou tarde ou cedo
 Nunca me negaria o mar bonança.
 Pelas inchadas ondas, que poem medo
 Eu sò, sem mais ajuda, leuaria
 Sẽpre a forsa de braço o barco q̃do.
 Tam seguro por ellas andaria,
 Como pelo seu campo o laurador
 No mais assossegado, & claro dia.
 Olha que não ha destro pescador, (lha
 Que mais prestes as redes desenco-
 Nem os tortos anzois isque melhor.
 Os peixes deixarei em tua escolha,
 Aquelles de que fores mais amiga,
 Nunca

E G L O G A XIII 35

Nunca te faltarám de folha a folha.
 Não sei fermosa Lilia que mais diga,
 q' moua amor em ti, ou mouro magoa,
 Sei q' magoa, & amor a mais obriga.
 Mas antes do sol dar naquella fragoa.
 Onde meus ays dilata a triste Eco,
 Vou-me segurar mais o barco n'agoa
 Porq' de baixa mar não fiqu' em seco.

S Y L V I A. 82

E G L O G A XIII.

Cãraua Alcido hũ dia ao sô das agoas
 Do Lyma, q' mais brando ali corria
 Dizem q' por bouir suas doces magoas
 Sob' hũ curuo penedo, que pendia
 Por cima da corrente vagarosa,
 Se me não lembra mal assi dizia.
 Syluia nestes meus olhos mais fermosa
 Que o sol de dia, que de noite a Lũa.
 (Não digo lyrio ja, não digo rosa.)
 Que flor não cria o valle, que da tua
 Ferosura não tenha grande inueja
 Se tão fermosa es, como es tão crua?
 Porque desprezas Syluia quem deseja
 Mais o teu gosto sô, q' apropriada
 Porque t'elcondes onde te não veja;
 Nê sempre no bosque espesso escôdida
 A mansa serua está posta em seguro,
 Nê sépre em raso campo he offedida
 Vem Syluia ja ver neste crístal puro
 Teu brando parecer daqui decima
Deste penedo, menos que ti duro.

Por

E G L O G A XIII.

Porque fazes cruel tam pouca estima
 Desta fresca ribeira, destas flores,
 Que mansamente rega o manso Ly-
 Aqui as doces aúes seus amores (ma-
 Dú ramo cōtro ramo vão cantando;
 Aqui se veste o campo de mil cores.
 Daqui donde por ti estouchamando
 No fũdo deste pego os negros peixes
 E os brancos seixos estaràs contando
 Ou te queixes de mĩ, ou te naõ õixes,
 Ou branda, ou se preirosame respõdas
 Este fresco lugar Syluia naõ deixes.
 Hũa sombría lapa em que t'escondas
 Do sol te mostrarei, dormiras nella
 Ao sô do murmurar das roucas ôdas.
 Em tanto do teu gado ferei vella,
 E juntamente t'estarei tecendo
 De branca madre sylua hũa capella
 Dali indo o sol já menos ardendo
 Ao longo deste rio nos iremos
 Hora hũa flor, hora outra flor colhé do
 Os olhos pelo campo estenderemos,
 O saudoso Melro d'bũa banda,
 E o doce Ruygnol dou tra ouutremos
 Syluia soando ira na lyra branda
 Soará Syluia na montanha dura,
 Que sua dureza cõ teu nome abrandá
 Desque deixei de ver tua fermosura
 Já o sol tres vezes lumiou a terra,
 E outras tantas a deixou escura.
 Qualquer lugar q'ẽ si t'escõde, e ẽ cerra,
 Nũca o verei se dôr, nũca se magoa,
 Ou seja câpo, ou boiç, ou valle, ou fir
 Achei de duas rollas nella fragoa (ra-
 Os teros filhos sob'r'ãu fizeo antigo
 QUE

83
E G L O G A XIII 36

Que tem suas rayzes dentro n'agua.
 Salto a nossa Filis já comigo,
 Com dadiuas, & rogos, q' lhos dêsse,
 Não trabalhes em vão, Filis, lhe digo:
 Tam corrida se foy, que se soubesse
 Ond'elles hora estão, tenho por certo
 Que mos furtasse logo, se podesse.
 Mas não os pode ver, senão de perto,
 Qu'alê do freixo estar d'agoa cercado
 D'ua verde parreira está cuberto.
 Syluia, tens haóde ser, perde o cuidado
 Eu os vigiarei até que venhas,
 Melhor do que vigio este meu gado.
 E qual fruta auerá, que tu não tenhas,
 Ou se crie em mimosa, e culta pranta
 Ou na duraq' nasce em duras brenhas?
 Inda que tua crueza seja tanta,
 Descanso me será qualquer trabalho,
 Que tudo vence amor, tudo q'branta.
 As douradas maçãs no mesmo galho,
 Doces, & roxas vuas pela fria
 Colherei pera ti, cheas d'orvalho.
 Isto tudo a seu tempo te daria,
 E outras cousas mais, có q' te espero.
 Ha tantos dias já, de dia em dia,
 Que não abrandá amor teu peito fero.
 (Bê fero, & bê cruel, mas bê sermofo)
 Pois sabe quanto peno, e quanto qro?
 Mil vezes meu espirito laudoso
 De mi se parte, & deixa o corpo frio,
 Doque deseja mais, mais duuidoso.
 Mil vezes de mil lagrimas hũ rio
 Banhado vay, a face descorada,
 Outras tantas, se fallo, desuário,
 De leues sombras fica saltuada.

EGLOGA XIII.

Est'alma, que lá trazes não sei
 Nos teus fermosos olhos pena
 Quando chamo por ti, que me r
 A mesma voz no valle ôd'ê va
 Cuido q' outrê te chama, & q' t
 Ali com noua força, nouo espri
 Com ira vou buscando quê ne
 Teu doce nome no meu peito
 Se có suaue som brando mene
 Hú leue, & brando vêto a folh
 Se fere a onda crespa a branc
 Ouirte me parece; ah gosto br
 Eis este êgano passa, eis nout
 Quê enganos d'amor estranha
 Quando em escuro bosque hûcla
 Por entre a basta rama respla
 Ali m'enleuo todo, ali desma
 Dos teus serenos olhos me pare
 Aquella viu luz, que se me n
 Enr'caja a ausencia o sol se m'e
 Enuolto è lagos d'ouro amor m
 Aquelle imaginar sempre sob
 Ali v'ista me dá, a li me cega.
 Que planta posso ver, que pedr
 q' lyrio, ou q' rosa, ou neue. o
 Onde te não figure o meu del
 Amor anda de mi fazendo jog
 Tu Syluia muito mais, pois t
 Tantas lagrimas tristes tant
 Tuas frias entranhas inda pro
 Porê mais brandamête as cha
 q' nestas minhas decôrtino cho
 Porque foges de mi, porq' m'ef
 - q' não ha cousa aqui, q'nao t'
 Tê as aguas deste rio fugitiu

84 37
E G L O G A XIII.

Se tu vieses, Syluia, inda esta tarde,
Verias lá no mar nuues rosadas.
Por entre as quaes o sol mais brádo,
Verias destas humidas moradas (arde,
Sayr as brancas Ninfas saudosas
De mil alegres flores coroadas.
E qual de roxos lyrios, qual de rosas
Esmaltaria teu crespo, & puro ouro,
Taõ ledas de rever, quanto inuejosas
E eu veria os olhos, por quem mouro,
Veria esse cõrado, & aluo rosto,
Da mayer fermosura o mór tesouro
Se todo meu prazer, todo meu gosto
Depende de ti sò, que vãs fugindo,
Nã ves ê qual estremo me tês posto?
Nã ves que ray a magoa consumindo
A vida em duuidosas esperanças?
Ah doudo Alcião, Syluia estã se rindo
E tu de chamar Syluia, inda não can-
(ças.

P E R E G R I N O .

E G L O G A XV.

Peregrino. Limiaho.

Per. P areceme pastor, se mal nã vejo
Que já te vi mais ledo andar
outr'hora
Nós largos campos do famoso Tejo,
Lim. Podia ser que muito tempo fora
Andei desta ribeira, patria minha,
Onde riste me vês andar agora.
Tinha lá pera mĩ que a vida tinha
Mais collegada cá, & mais segura
Ante

E G L O G A XV.

Antr'osmeus, q' cõ gosto buscar vinha
 Foy doutro parecer minha ventura,
 Discordias achei cã, achei dureza
 Em lugar de sossego, & de brandura.
 Achei as boas leys da natureza
 Vencidas d'interesse, & a gente cega,
 q' mais q' o sangue seu, seu gado pre
 Dizê q' quãdo omar bonçã nega' (za.
 Que corre aquella naomayor perigo
 Que à desejada terra mais se chega.
 Assim m'aconteceo a mĩ comigo,
 Seguro sempre ò longe, sêpre ledo,
 Triste, & tratado ôperto como imigo
 Per. Sêpre (podesme crer este segredo)
 Desejei de te ver, mas com desgosto,
 Inda te não quisera ver tam cedo.
 Prestando pera cousas de teu gosto,
 Como Camelleaõ, não mudo cores,
 qual he meu coraçãõ, tal he meu rosto
 Lim. Pois não saõ logo assi outros passo
 q' de promessas vãs te fazê rico, (res
 E nunca fructo daõ, tudo saõ flores.
 Mas desejo saber com quem pratico,
 Porq' não caya t'alta, & porq' entêda
 A quem tamanho amor deuêdo fico.
 Per. Antes q' nisso mais tẽpo dispenda,
 Busquemos hũ lugar mais fresco, &
 q' da calma q' cãe nos defenda. (frio,
 Lim. Estã hũ bosque ali verde, e sôbrio
 Que sôbra nos darã, assento o prado
 Formosa vista o môte, o valle, o rio.
 O rio, que verã tam sossegado,
 Que te pareçera que se arrepende
 De leuar agua doce ao mar salgado.
 Nem cabra, nem ouelha ali offende

E G L O G A XV. 38

Erua, folha, nem flor, do ferro duro,
A planta pelo ar livre se estende.

Nua secreta lapa cristal puro

Verás estar caindo em gotas frias (rô
Por antre hñ mufgo antigo verd'escu

Ali sô me recolho os mais dos dias,

Por não tratar cõ gente endurecida

Que mais brandura sinto ã penedias

Per. Quê traz à saudade alma rendida

A saudade busca onde descansa,

Mas o descanso della encurta a vida

Com tudo quê do Ceo na terra alcãsa

Poderse lograr desta em liberdade,

Que mais deseja ter, q̃ mais o cansa?

Podesme crer, amigo, esta verdade,

Que muitos vallesvi, muitas ribeiras

Mas esta me dobiou a saudade.

Que murras, q̃ medronhos, q̃ analleiras

q̃ freixos, como estão d'era cingidos

Quãtas voltas lhe dà de mal maneiras.

Os lyrios junto d'agua bem nacidos

Quanta graça q̃ tem antre boninas,

Sê ordê cõ mais graça entremetidas.

Vem encrespando as aguas cristallinas

Hua viraçãõ branda, a folha treme;

O movimento a penas determinas.

O seu perdido amor a Rolla geme,

Escondida se queixa Filomella

Parece que do seu inda se teme.

Espantase quem olha, vendo aquella

Rocha por cima d'agua pendurada,

Co no já se não deixa cair nella.

Ah ribeira do Lyra celebrada,

Cõ outras de mais aguas sêpre sejas

Sempre de brandas Ninfas habitada

É G L O G A XV. 86 39

Pertendi grangearlhe outra vontade.
 Amor mestre me fez de mil officios
 Pera meyos do fim, que desejava,
 Que delle dauão claros mil indicios.
 Tecia aluos cestinhos quando andaua
 Co as varas no prado; à noite hũcico
 De flores, outro de fruta lhe leuava.
 Nas mangas muitas vezes, & no seo
 As nozes lhe leuei, & as castanhas,
 q̃r do souto do pay, q̃r doutro alheo.
 Nos solitarios bosques, nas mōranhas,
 Por seu amor as feras perseguia
 Hora usando de forga, hora de ma-
 Viuos os mǎos corsos lhe trazia (nhas
 Viuas as mansas lebres fugitiuas,
 Ligeireza de pès não lhe valia.
 As medrosas porem lhe daua viuas,
 E mortas as que via andar armadas
 Do dente cortador, d'vnhas esquiuas.
 Quaes aues, ou com outras enganadas,
 Ou com nodosa rede, ou molle visco
 Lhe não foraõ por mi apresentadas?
 Nos espinkosos matos, no trouisco,
 As tortas esparrelas cedo arimaia,
 Cõ piqueno trabalho, & menos risco.
 O simples passarinho, que cuidaua
 Lograr-se da vermelha, & fresca bāga
 Carpindo pelos pès preso ficaua.
 Mas se cõ mayõr dõr minh'alma paga
 Estas cousas, que já tiue por gloria,
 Porq̃ von renouando a mortal chaga:
 Com tudo acabarei tam triste historia
 Vencendo, se poder, minha tristeza,
 Porque de mi tẽ fique esta memoria.
 Lembrame achar hũ dia na aspereza

E G L O G A - XV.

Sem mãy hũ ceruo branco piquenino
 Trouxelho, ella o criou, tẽno, inda o
 Ou seja cõdição, ou seja ensino, (preza
 Logo que a não vê, geme, & suspira,
 Que menos fará, triste otriste anzino.
 Tangia mal na frauta, mal na lyra,
 Vim a tanger tambẽ q̃ era hũ espãto
 A quẽ antes damar, tanger m'ouuira
 Ouindo celebrarsempre em meu cãto
 Vllina a sua rara fermosura,
 Me perguntaua, aquẽ louuaua tanto.
 Contaualhe meus males por figura,
 Ficaua eu de medroso frio, & mudo
 Ficaua ella sospensa, a historia escura
 Assim com tal amor, com tal estudo,
 Amor suy grangeando longamente
 A conta doutro amor lançando tudo.
 Vllina da tenção minha inocente,
 O mesino amor me tinha, tanto digo,
 Que no ser era hũ doutro differente.
 Praticaua seus gostos sò comigo,
 Seus desgostos tãbẽ, seus pensamẽtos,
 Com noua graça, com saber antigo.
 Outras vezes confusa nos intentos,
 Estranhando as palauras me dizia,
 Entre irmaõs deq̃ seruẽ cõprimẽtos.
 Seruem, irmaã aniga, respondia,
 De te certificar, que não no sendo
 Nem com menos amor te serviria.
 Essa resposta tal menos eatendo,
 O que não pôde ser queres q̃ seja,
 Que castellos no vẽro andas erguẽdo
 Se meu gosto pretendes, não te veja
 Saltar palauras mais tam ocio las,
 Matéria menos graue nos sobeja,
 Nas-

E G L O G A XV. 87 40

Nasciaó, dizendo isto, novas rosas
 Sobr'outras naturais, sobr'alua neve,
 Das suas faces mais q'io tol fermosas.
 Conigo algúas quebras destas teue,
 Cujas forças amor quebraua logo
 Noutra cóuerção mais bráda, e le
 Creceo desta maneira aq'lle fogo, (ue-
 q' d'etro na alma ardêdo encurta avida
 Cujos principio foy hũ brinco, hũ jo-
 vllina neste tempo era pedida (go-
 De muitos a seu pay em casamento,
 Noua dor pera mi, mortal ferida.
 Elle lhe nomeava mais de cento,
 Dos quaes mimosamête lhe rogava
 Que tomasse hũ a seu contêramêto.
 Com mil razões fingidas s'escusava,
 A causa das escusas encobria, .. (ua
 No q' desgo sto ao pay, gosto ami da-
 Estando emm hũ dia (ah triste dia)
 Na sua fermosura imaginando,
 A sóbra dũs carualhos fresca, e fria,
 Ali buscarne veyo suspirando,
 Dizêdo cõ graó magoeitas palauras:
 Anzino, q' farei, que em mi não ando;
 Tornando esta manhã meu pay defora
 Me disse, que assentara de casarme
 Com Sylvano o pastor das muitas ca-
 q' não buscase causas d'escusarme (bras
 Como por tantas vezes ja fizera,
 Pois tinha muitas mais de cõtêtar-
 q' neste parecer, o qual seu era, (me-
 Seus parentes també cóformes erão.
 Aquei elle o pedira, & conta dera.
 Lagrimas, que de si meus olhos derão,
 Quando sua tenção me descobrio,

EGLOGA XV.

Por mi (q' fiquei mudo) responderão.
 A pena q' sofreo quem isto ouvio
 Bem a pôde cuidar que amor sente,
 Mal a pôde dizer quem a sentio.
 Ficando o pay suspenso, & descóntente
 Dá magoada filha a quem amava,
 Tratoua por entam mais bradaméte
 Dizendo, que de tudo o que passaua
 Me desse (como deu) inteira conta,
 E visse o que lhe nisso aconselhaua.
 A qual por se liurar de tal afronta,
 Vindo daquella terra trespassada,
 Que tẽ de frio chumbo molle ponta
 Disse qu'estaua já determinada
 A sofrer qualquet mal que lhe viesse,
 Antes que com Syluano ser casada.
 Que por mais de mil cabras q' tiuesse,
 Já mais esta vontade mudaria,
 Que buscava pastor, não interesse.
 E que de melhor mente casaria.
 Cõ outro muito mais pobre de gado,
 Se nelle partes visse q' em mi via.
 Por estremo de mi lhe foy louuado
 O proposito seu, & sem detensã
 Lhe respondi do amor aconselhado.
 Se me deres Vllina essa liezença,
 Hum pastor te darei de qualidade,
 Que delle a mim não aja differença.
 Nem de menos saber, nẽ mais idade,
 Nas manhas outro tal, e corpo, e ge
 Da fazêda não sei a quantidade. (Ito
 Se pera este pastor vires que p̃festo
 Prometo q' não tome outro marido,
 Me respõdeo cõ rosto alegre, e hone
 Pois sabe q' tẽs nisso prometido (Ito.
 De

E G L O G A XV. 88 42

De me tomar a mi por teu esposo,
 Que pois me dou ami, tenho cóprido.
 Não pude dizer mais de vergonhoso,
 Nem ella pera mais lugar me deu,
 Gritando com fur or impetuoso.
 Que grande desatino foy o teu?
 O doudo sem respeito, q pretendes?
 Qué te tornou d'irmão amigo meu?
 O Ceo; que com injusto amor offendes
 Tome por mi de ti justa vingança,
 Antes q de tamanho erro t'émêdes.
 Enchia sine de gosto, & d'esperança,
 Com falsos, & porem diuidos meos,
 Por me segurar mais na confiança.
 Fizeste verdadeiros os receos.
 A que confusamente me leuauas
 Cõ fôbras deste engano, e cõ rodeos
 Desejo no teu peito agasalhauas
 Tam torpe, tam infame, tam alhe
 Do piro amor aq obrigado estauas.
 Calte, não te desculpes; já não creio
 Lagrimas, palavras, nem desculpas
 De quem imaginou caso tam feo.
 Isto dizia vllina; em que me culpas,
 Ehe dizia tambem, não t'es razão,
 Acaba de m'ouuir o fim das culpas.
 Enxende que são teu, não teu irmão,
 Agora te descubro esta verdade,
 De teu pay saberás se minto, ou não.
 Por filho me criou, a flor da idade
 Gastes em o servir por teu respeito,
 Olha que te mereço esta vontade.
 Se com isto assi fer, tenho erro feito,
 Em grangear hã bem, que sô desejo,
 Vês este ferro aqui, vês este peito.

E G L O G A XV.

Mostrou, isto m'oupinde, hũ lèdo pejo
 Pôdo os olhos no chã fermosa, e brã
 Parece q nos meus tal inda avejo (da
 Em que reuoltas, disse, o amor anda,
 Assim como no mal, no bem m'enlea,
 Tomou posse de mi; já reyna, e mada
 Como queres Anzino, que te crea
 Causa, que nem sonhada foi tẽgora?
 Não sabes tu quem ama, q arrecea?
 Fallarei com meu pay, ficat'embora,
 No desengano seu teu bem cõsiste,
 Da palaura que dei não estou fõra.
 Co isto me deixou alegre, & triste:
 Já o começo ouuiste de meu dano,
 Amigo Limiano, o fim amargo,
 Em que não serei largo, escuta agora
 Laurencia outra pastora, q vizinha
 Era de Vllina minha, & grãde amiga
 (Não sei como isto diga, q nã meura)
 Pastora branca, & loura, q na serra
 Era a segunda guerra dds pastores;
 Por mal dos meus amores me quis
 Fundauase porẽ em calamẽto, (bẽ;
 E deste fundamento lhe nascia
 Que como me não via, ovalle, omôte
 O bosque, o rio, a fonte rodeaua:
 Em busca minha andaua; aqlla sêsta
 Entrou pela floresta, onde nos vio,
 E tudo nos ouuio quanto fallamos
 Dantre hũs espessos ramos, escõdida
 Cruelmente ferida dos ciúmes,
 Foyse fazer queixumes (descubriendo
 Mais do q esteue ouuindo) ao pay de
 Eys logo desatina o triste velho (Vllina
 Eys q tem mais cõselho a filha trega
 Que

Que cô choro se nega, & cô palavras,
 Ao simples guarda cabras, por sposa.
 Ah hora de ditiçã, ah sorte dura
 Daquella fermosura desusada
 De tantos desejada, & de mir tanto
 Seruida com espanto, & puro amor:
 Quiseste por mais dôr enriquecer:
 Qué não sabe entender o prego della
 Ô tu serra da estrella, que tal viste,
 Como te não abriu, & no teu cetro
 Me não cerraste dentro, estãdo viuo
 Porq̃ mal tam esquivo não sentira?
 Ô cega, & cruel ira, ô pay fingido,
 Para me ver perdido me criaste,
 Porquê me não deixaste no deserto?
 Menos crueza certo, entã, vsaras,
 Inda q̃ me deixaras (não t'agrauds)
 As feras, & às aues da montanha.
 Não ves q̃ o Ceo stranha isso q̃ tratas
 Não ves q̃ a ri te matas cobigoso?
 Na porta o nono esposo tropeçou,
 Na casa não entrou co pé direito,
 Gritou sobelo teyto a noite inteira,
 A aue mesageira de fins tristes?
 O mesmo vós sentistes, caés d'aldeia
 Quando por mã estrea juntos todos
 Com diferentes modos ouiaistes:
 Serranas q̃ esperastes nestas vódas
 Cantar alegres todas, hymeneos
 Dos vossos aluos seys aluas flores,
 Em lugar dos liquores mais custosos
 Por cima dos esposos derramando:
 Ou vêdo andar bailãdo, estãdo fidas
 Ao som das gaítas lèdas no terreiro
 O moço tam ligeiro a maravilha,

E G L O G A XV.

Q̃ quasi o pè não trilha o jūco molle
 Qual serà que console a triste amiga
 A quem a força obriga do pay puro.
 A quem o amor puro obriga tanto,
 Que nũ contino pranto se consume?
 Assim do bello cume da esperança,
 Com subita mudança derrubado,
 Me pôs em tal estado a triste noua,
 Como sabe por proua quẽ bẽ ama.
 O seu officio a fama foy fazendo,
 Leuou logo correndo minha dôr
 A Misseno pastor, meu grãde amigo,
 Que de noite consigo me leuou
 Do môte ôde m'achou, desq̃ tres dias
 E tres noites sombrias vio passar,
 Onde por acabar a termos vim,
 Q̃ já de viuo em mi muy pouco auia.
 As vacas noite, & dia estaõ bramado,
 Sinal n'aldea dando em seu bramido
 Que tinhaõ já perdido o pastor seu.
 Tamanha pena deu à bella Vllina
 (Bella, porem mofina) a pena minha,
 Sobre quantas já tinha no seu peito,
 Q̃ nunca do triste leito mais s'ergueo
 O velho pay morreo de nojo puro,
 Tarde, de ser taõ duro, arrependido
 Mal de q̃ procedido o meu mal tem:
 Pois acabou meu bem, a vida acabe,
 Ou nalma, onde nã cabe, faça pausa,
 Laurencia, q̃ foy causa destes males,
 Desque montes, & valles descubrio,
 Despois q̃ me não vio e toda a serra
 Deixou, deixãdo a terra magoa aos
 pays,

q̃ nunca della mais nouas souberaõ
 Enfim

EGLOGA XV. 90 43

Emfim tal fim tiueraõ meus amores;
 Choraraõ os pastores juntamente;
 D'Vllina descontente a triste sorte
 Do pay a brene morte de Laurencia,
 A vingadora ausencia do seu erro,
 De mi este desterro, em q me pôs. (stes
 Mas mais chorastes vós meus olhos tri
 Quando da vossa luz, se a do dia. (stes
 Pera terras estranhas vos partistes.
 Cuido que mea noite entam seria,
 Cantauão os gallos já na triste aldeia
 Choraua sô quem della se partia.
 Casa de meus sospiros sempre chea,
 Disse, quando passei pola d'Vllina,
 Que té magoa de mi não sei se crea,
 Com tudo sempre sinto mais benina
 A fortuna cruel, de que me queixo,
 Inda que noutros braços se reclina.
 A Deos Misseno amigo, a Deos Aleixo,
 Nos troncos destes aleiros cortados
 Algũ dia lereis porque vos deixo.
 A Deos môtes, & valles, bosqs, prados,
 Rios, & fontes claras saudosas,
 Lugares que tratei, & não tratados.
 Creçãõ as madres syluas, creçãõ rosas,
 Creçãõ lyrios aqui, creçãõ mil flores
 Sem recco de mãos tam desditosas.
 A Deos fiquem també os mais pastores
 A Deos os mais pastores desta serra,
 Milhor pago vos deimvossos amores
 E quando deste mal, que me desterra,
 Mostrarem vossas fraucas sentimêto
 Descanso me serà em qualq terra.
 Assim mil magoas derramando o vento
 Que muitas mais de milenou cõfeggo

Fiz

EGLOGA XV.

Fiz, sem me ver ninguẽ, apartam
 Dali nos largos campos dei comigo
 Que retahando vay o doce Tejo
 Onde te vi mais lèdo, como digo
 Por ver se posso agora a meu desejo
 Achar em parte algũa, algũ sosseg
 Muitas corrêdovou, mas nenhũ v
 Passei as claras*aguas do Mondego
 Das Musas celebrado, & câro nã
 As do Douro despois em turuo p
 Daqui continuando meu caminho
 Espero ver a casa ao Ceo accita
 Na terra, q̃ da nossa aparta o Min
 Onde vou visitar nã vna estreita
 Os santos ossos do varaõ diuino
 q̃ pretendeo do mestre amaõ dire
 Assim dum lugar noutro de continuo
 O meu perdido bẽ chorando ven
 Torneime de vaqueiro Peregrino
 Tais habitos me vês, tal nome ter
 Lim. Amigo Peregrino, quanta ma
 A tua me causou enxergarias
 Nos meus olhos q̃ viste arrazar
 Tu menos sentimento não deuas
 A hũ mal, q̃ hũ amor de tãtos an
 Acabou por môr mal, e poucos e
 Do tẽpo espera a cura dos teus dar
 Que tudo emfim o tempo remed
 A pellar de successos deshumanos.
 Repousa oje comigo nesta aldeã,
 Que inda q̃ neila colho pouco fru
 Não nos ha de saltar cama, nẽ c
 Alem do que te posso ter em muito
 Não podes fazer al. legundo vejo
 Que foy de nós o sol fugindo mu
 E i

E mais saber desejo
 Se nos a fama engana,
 Que diz q' o grao pastor dos Lusitanos
 Da larga Foz do Tejo,
 Com fato, & com cabana
 Passa nos largos campos Affricanos,
 Onde mil soberanos
 Triunfos, delle dignos
 Lh'ordena a fatal sorte
 Com grande estrago, & morte
 De brutos, mal nascidos Sarracinos.
 Que de si despejados
 Os currais deixaraõ cheos de gados.
 Que sendo así te digo,
 Que não espero mais
 Nesta pera mi sempre ingrata terra
 Quem traz guerra consigo,
 Antre seus naturaes,
 Não deue d'estránhar estranha guer
 Sem mi, de ferra à ferra (ra
 (O Ceo así o queira)
 Logremte meus imigos
 Os valles, & pacigos
 Desta, onde naci, fresca ribeira
 Na qual, se não m'engano
 Inda serà chorado Limiano.
 per. Limiano, já bẽ tenho entendido
 Quanto sentes meu mal, tãbẽ te digo
 Que o teu não he de mi menos senti-
 Acerca de ficar oje contigo (do.
 Farei (pois que nos tantodetiue mos)
 Tudo o q' tu quizeres como amigo.
 E pois a calma já passada teimos,
 Vamonos mais chegãdo pera ogado
 E la nas outras cousas fallaremos.

EGLOGA XVI.

Todavla de funda, & de caxado
Te vay apercebêdo a som de guerra,
Q não foy tal pastor cá do Ceo dado
Pera não dar ao Ceo tam larga terra

DIEGO.

EGLOGA XVI.

Bicito. Diego.

Bic. **H** v'te leuaõ os pès tã apressado,
E q leuas nas mãos, Diego ami-
q parece q vãs dellas pejado? (go.

Em tempo tam roim saes do abrigo,
Não deixaràs passar a tempestade?
Certo que pouca conta tês contigo.

Die. Bicito, eu te dirci, vou à Cidade,
E leuo pès nas mãos, vou é maos diás
Forçado da mais má necessidade.

Bi c. Vejo q vãs, & vês, canças, perfiar,
E que sempre de caleuas mãos cheas
E co ellas de lá tornas vazias.

Die. Pois eu, inda q tu mal m'estreas,
Espero desta feita melhorança,
Co mel vayse buscar, hũ hũ colineas.

Bic. Em quẽ tês tu agora essa esperança?

Die. Em Deos primeiramẽte, e nos ami
q nũca perdi d'elles confiança. (gos,

Bem sabem que passci fortes perigos
Naquella geral noisa de sauentura,
Hũ se me foy o gado, & os pacigos.

Não me quis ajuntar a morte dura
Com tantos, a quẽ não cobrio a terra
E toda a terra tem por sepultura.

Bicito.

6 L O G A XVI. 92⁴⁵

Ble. Ah não renoues magoas dessa guer
 q̃ sò o nome della assi m'espāta (ra
 Que finto o coração q̃ se me quebra,
 Die. Tambẽ o meu no peito se quebrata
 Cuidando no que fuy dizer agora,
 E a voz se me pega na garganta.
 Por tanto, meu amigo, fica embora,
 Ou fallemos em al, em quanto o dia
 Me consente fazer esta demora.
 Bjeit. Hũa couisa de ti saber queria,
 Ou muitas, se tu mais vagar tiueras,
 Mas deixemos das mais a demasia.
 Quaes são esses amigos em q̃ esperas
 De tornar desta vez auentêjado,
 Correndo nouos mûdos, nouas eras?
 Die. São dous, & pera mais ir confiado,
 Hũ tẽ de Christo o nome outro daq̃l
 q̃ foy das suas chagas asinado. (le
 Ambos tanto fauor alcançaõ d'elle,
 q̃ cõtar não te posso os seus louuõres
 Por mais q̃ nisso canse, & me desuelle
 Ambos são hũ refugio dos pastores,
 Ambos por amar todos são amados,
 Dos grandes, dos meãos, & dos meno
 Ambos, por serẽ nisso doutrinados (res.
 Repartem a cada hũ como merece,
 O pasto nõ hõ cãpo, & nos mōrados
 Amor, nem defamor, nem interesse
 Os torce do caminho da verdade,
 A justiga, a razão nelles florece.
 Ambos esteos são da nõssa idade,
 (Trabalhusapor certo) ãbos espelhos
 Da saã prudencia amiga da bõdade,
 Vão do mando seu com tal conselho,
 q̃ quem nũca os vio os louua; & ama,
 Pois

E G L O G A XVI.

Pois que farà hũ seu amigo velho?
 Emfim que destes dous bem tẽ a fama,
 Que contar por mil bocas, annos mil
 q̃ por tantas se diz q̃ a voz derrama.
 Bie. Lêbrame q̃ por Mayo. ou por Abril
 Ià desses dons pãstores nos cantaste
 Encerando de nouo o arrabil.
 Que posto q̃ quem saõ, não declaraste
 Seu nome vay voando pelo mundo,
 Sem do tempo temer nenhũ cótraste
 O primeiro (olha tu se bem me fundo)
 De Christo, ser Christouaõ se diriuat
 Pois cetto q̃ Francisco he o segũdo.
 Die. Bofẽ q̃ tẽs muy graõ imaginatiua,
 Hũs nomes tẽ, tẽ hũ por sobrenome
 Moura, tẽ outro Sã de casta aluiua.
 Qualquer q̃ destes dous a cargo tome,
 Pincharme na piscina, como espero
 Tu me verás bẽ sam do mal da fome
 Bie. Perdoa, se mais inda saber quero,
 Mas vamos caminhando entretãto,
 Qu'õ dese; o me faz que destempero.
 Como te detiueste por cã tanto,
 Vendo que tinhas lá taes valedores,
 Que te juro, que já disse m'espanto.
 Die. Tarde foraõ algũs dos cauadores
 A vinha do Senhor, mas nem por isso
 Leuaraõ mais os mais madrugadores
 Não me deteue cã da terra o viço,
 Nem a caça do rio, nem do monte,
 Nem da cachopa o mimo, ou o feiti
 Mas jã q̃ tudo queres que te conte, (ço
 Sabe que me deteue a jaca leue,
 E là nẽ agua dà de graça a fonte.
 Para dar mais razões o dia he breue,
 Fiquẽ

E G L O G A . XVI. 3346

Fique contigo Deos, & te dé vida.
 Bie. O mesmo em sua guarda a tua leu
 Eo teu mau planeta não te impida
 O bem que lá se faz, antes te reja
 De tam boa feyçãõ nesta pattida,
 Que qual foy sēpre o sã, así te seja,
 Eno Moura, não moura o bõdesejo,
 E inda por seu amor Files te veja.
 Die. Prometo, se co elles ão me vejo,
 De não me ficar isso no tinteiro
 Que de fallar verdades não me pejo.
 Bie. Bem sei q̃ sempre foste verdadeiro
 Mas vê se dà o tempo essa licença,
 Espera, & rēta o vao mui bẽ primeiro
 Die. Não ha descuido nisso q̃ me vêça,
 Posto que pera mi sou descuidado
 O que claro se vê nesta detença.
 Bie. Hora porq̃ de mi sejas lembrado,
 Este copo te dou de branca faya,
 Que de belços não foy inda tocado.
 Nas vodas o ganhei da nossa Olaya,
 Quando venci cantando Pascoal.
 Die. Não me podias dar melhor alfaya:
 Quaes as figuras são entendo mal,
 Mas vejo nos seus vultros ledo esprito
 Parece ser historia festiual.
 Bie. Isso, que pola borda ves e scrito,
 A quem sabe latim tudo declara,
 Así dum grande mestre me foy dito
 Se me dissiera mais, mais te contara,
 Mas tu lá na cidade acharás cento,
 Que te podem fazer a cousa clara.
 Die. Pois segũdo o meu fraco etêdimen
 Esta gēte no trajo, & no seu geito (to
 Festeja hum venturoso casamento.

E tu

E G L O G A XVI.

E tu co'isto amigo mên Bieito
 Não faças o caminho mais côprido,
 Torna-te a semear hó teu barbeito
 Bie. Por não ficar em confusão metido
 Te rogo finalmente que me des
 A hũa fallá tua o seu sentido.
 Disseste que nay maõs leuauas pês,
 Eu não te vejo pês, que nasmaõs leues
 Nêm de coua de prumã, nem de rez.
 Dic. As vezes homem solta fallas leues.
 Se tu a todas has de pedir proua,
 Em muitas, mui ras faltas achar deues
 Os pês de que fallei, são pês de troua,
 Que mais de mil muy sotilmente
 Nesta casa de choupo lisa, & noua.
 Aquêlles, cu'a vida Deos sustente
 De quem sustentação a minhã espera,
 Não esperaõ de nũm outro presente.
 Bieit. Eu te juro a mim, que se soubera
 Que tu teu finca pẽ fazias nisso,
 Que por menos fessado te tihiera
 Hora vay, que vãs lá com bõ seruico.

MONTANHESA.

E G L O G A XVII.

Ribeirão. Montino.

Q uam sossegado aqui, quã se cãseira
 Viues, Montino amigo, quão alheo
 Da perdição que vay lá na ribeira.
 O repouso de lá, cã se te veio,
 Fugio de todo a dos nossos prados,
 Constrangido da força, ou do receo.
 Não ouues nestes montes escaluados,
 Hum

E G L O G I A XVII. 94 47

Hũ continuo bum, bũ, hũ fero estrôdo,
 Que nos a todos lá traz ourijados.
 Os olhos, sempre enxutos, andas pôdo
 Nesta, que guarde Deos, tua manada
 ò som da leda frauta otêpo empôdo
 Seguro vãs de noite, & daluorada
 A ver o bicho mau, que lhe faz nojo.
 Se foy, sê tino, dar na trãpa armada,
 Seguro pela vrz, & pelo rojo
 Afilhando teus cães vãs dando gritos
 Dos quaes o lobo fuja, & dè no fojo
 Não trazes abafados teus espiritos
 De ver hũs, q por forga, outros por
 manhas (tos
 Te roubaó teus cordeiros, teus cabri
 As louras auellãs, louras castanhas,
 As nozes, os medronhos, as bellotes,
 Não ves colher aqui amaõs stranhas
 Comes o teu centeo, que mascotas,
 Não to fazem vender em que te pez
 Aquê valendo seis, te dà tr es jotas.
 Aqui por mas contar da tua rez
 Não te vem arguir mül caramihos,
 Dizendo, est c foy tal, este tal fez.
 Daqui não leuaõ vacas, nem nouilhos,
 Nem menos leuas tu carradas cheas
 Da palha dos teus boys, dopaõ, dos fi
 Tu só crestas aqui tuas colmeas (lhos
 De que te fazes rico nesta serra,
 Emfim q tudo he teu quãto grãgeas.
 Coitado de quem deixa a sua terra,
 Sem saber a qual outra vay agora,
 Mas não pôde ser mã, se for sêguerra
 Mon. Venhas Ribeiro amigo muito èbo
 Folgãdo de te ver, vêdote triste (ra

E G L O G A XVII.

Em vez de s'alegrar, minh'alma chora
 Lembrame doutra vez que cã subiste
 Em busca dũ almalho que per deras
 Quão faudofo de mi te despeditte.
 Inda naquelle tempo tu não eras (ça
 Tam cuberto de barbas, mas de for-
 A ninguem lh, nẽ cã ventage deras,
 Encontr alte comigo ò val da orça,
 Antigo verãdouro de vaqueiros,
 No caminho darei, por mais q'torça
 Se atamonos à sombra dũs olmeiros,
 Num prado d'aruoredo rodeado,
 Onde cruzar se vinhaõ tres ribeiros
 Lugar fresco, & sombrio, aparelhado
 Pera fugir do sol, que entãõ entrara,
 No Key dos animais todo abrafado
 Por cima da corrente-doce, & clara
 Hũ freixo te mostrei, cuja verdura
 Hum rayo, que deu nelle chamuscara
 Em cujo tronco nũ, & secca altura
 Hũa gralha tres dias gritou tanto,
 Que sem folgo cahio na vea dura,
 Causou isto entre nós hũ grãde espãto,
 Mas despois hũ final, q' no Coo vimos
 Nos fez maior pañor, maior q'brãto.
 Logo (posto que rudos) presumimos
 Mortes dos maiores, pestes; ltra gos,
 Inde mal porque nisso não mẽtimos
 Bebeo do nosso sangue quentes lagos,
 A terra d'alem mar, nós cã bebemos
 De lagrimas tambẽ amargos tragos.
 Não tenhas pera ti, que nao tiñemos
 Parte na comum dor, q' r'entristece,
 Todos, Ribeiro meu, todos perdemos
 Rib; Segundo me respond.s, bẽ parece
 Que

E G L O G A XVII

95⁴⁸

Que não estás no caso do que sinto,
 Esse não he o mal, mas uaceo desse.
 O nosso Tejo vay de sangue tinto,
 Tal vay o nosso Douro, tal o Ly ma,
 E vão inda pior do que te pinto.
 Aquelle que mais pode não estima
 Entrar por onde quer, faquea tudo;
 O fogo traz na mão, a maça, & a lima,
 O dono do curral ha de ser mudo,
 Se não quer, em soltando hũa só fala
 Prouar com dano seu, seu ago agudo
 O seu rouco metal nunca se calla,
 Parece que diz sempre mata, mata,
 Despede o ferro occo a mortal bal-
 Tornar a soterrar o ouro, & a prata (la.
 Nas entranhas damáy pouco aprouei
 Dali cobiga o tira, alli o cata. (ta,
 Os mortos desenterra, não respeita
 Ao diuino mais' que ao profano,
 Mas alguem daf'a disso conta estreita
 ò desditoso pouo Lusitano,
 Quâtos males padeces, qnantos temes
 Que no millhor te podem fazer dano.
 Fizeste já tremer, agora tremes,
 Açoute foy do Ceo por teu castigo,
 O Ceo te cure a chaga, deque gemes.
 Não mestures comnosco, olha q' digo,
 A nossa, & de Iesus inimiga gente,
 Que muy pior serà pera còtigo.
 Peçonha chimpanrà n'agoa corrente,
 De que bebe o teu gado, & de q' bebes
 Teus campos sujarà com m'a semête.
 Mas tenho pera mim, que já recebes
 Angustia de m'ouvir, que no teu rosto
 Enxergo o que no animo concebes.

Mont.

E C L O G A . XVII.

Môr. Não te posso negar, q me té posto
 Em tanta alteração o que me é ora,
 Que mil finais darei de grão de gosto
 Mas tu tuas razões tam bem apontas,
 Que dellas não me nace angustiar-me,
 Senão de maginar tantas afrontas.
 Per isso não t'escuses de contar-me
 Tamanha perdigão mais de raiz,
 E quem foy causa della declarar-me.
 Rib. Montino, hū diz, & o outro diz,
 Mas Deos, que sò de tudo he sabedor
 A justiça nas armas mostrar quis.
 De mi te sei dizer, que com grão dor
 A minha choga deixo, por não ver
 Comigo dentro nella outro senhor.
 E quasi que podera isto sofrer
 Querendo ser senhor sò da fazenda,
 Porem, este porem, has d'entender.
 Mont. E quē me darás tu, q não entēda
 O que queres dizer, q de que foges,
 Por mais qu'ono saber pouco s'entēda
 Enfim, Ribeiro amigo, não te afojes,
 Aqui deiscanfarás com teu rebanho,
 Aqurte darei choga, onde te alojes.
 Não pode durar muito mal tamanho,
 Quē sabe, se da perda, que choramos
 Norpode resultar dobrado ganho?
 Os reydos temos perto, lá nos vanios,
 O teu moço apos nós co ga do venha
 Que por segura parte caminhamos.
 Rib. Eu quizerá passar àquella brenha
 Ondē mora Casindo meu parente
 Mas receo qu'a noite sobrevenha,
 E mais este meu gado tal se sente
 Do trabalho que teue na jornada,
 Que

Quem pè se pôde ter escallamente.
 Vês tu aquella cabra entre filhada,
 Aquella moucha digo, do pè manco,
 Que vay apos a grande arcyuascada
 Alli onde se faz hum grão barranco
 Por hús lapedos íngremes trepado,
 Dous neixêres pario, hū negro, & hū
 E por seguir as maisq̃ amnhôdo brãco
 Passaráo ádiante, joy corriendo
 Dos filhos que parira descurdando.
 Mont. Poito q̃ tua rez entra quecendo
 A repousar aqui não t'obrigdra,
 E poito que não fora o sol decendo;
 Apartarte de mim não te deixara,
 Antes da forga nisto, me valera,
 Quando contigo o rogo não fastidra
 R. Dú verdadeiro amigo isso s'espera
 Mas eu não te sabira da vontade,
 Por mais vontade, & dia que riuerá.
 Mont. Já conheço de si esta verdade,
 Eusemos palauras sem proueito,
 q̃ se pre on le mais ha, falta amizade
 Não por ser das tuas satisfeito
 Mas releu o tempo aco. nodarnos,
 Doute, co. no mais velho, esse pteccito
 E pois quis a ventura aqui juntarnos
 Primeiro que de tosto o foltrafmo're
 Vamos co noífo gado agafalharnos.
 Ele nos darà leyte, & agu a fonte,
 Pão, & chácina tenho tenho frutas
 A senha seca já por esse monte.
 Se quíleres pescar bogas, & truytas,
 São ranras polas lapas desse rio,
 Que sê as mãos po. lemos tomar unai
 E naremos au vido o rēyo frio year.

EGLOGA XVII.

No barbeito à perdiz cerrado icho,
 No mato ó coelho aberto fio.
 Não tenhas (já to disse) de ti dô,
 Nem cuides q se perde o q lá deixas
 E quando se perder, não perdes sô.
 Rib. Montino, có me ver liure de qixas
 Em parte ôde có olho o mal nã vejo
 ôde queixas não dou, nê ouço qixas.
 Inda o pouco que trago ey por sobejo,
 O que menos me lëbra he mätimëto
 Aquietarme sô, isto desejo.
 E senão fora darte cansamento
 Quisera refusar tua companhia,
 Porque me pode ser contentamëto.
 Passara n'hũa lapa a noite fria,
 Da sôbra dũ penedo, ou dũ carualho
 Me podera valer no quente dia.
 Chorara sô comigo este trabalho,
 q queira Debs mudar ã boa estrea,
 E dar em nossas cousas melhor talho
 Mas nós estamos já dentro n'aldea,
 Fallemos por agora noutra cousa.
 Mont. Eu não quero fallar antes da cea
 Senão co m eu fumeiro, & co a choufa

ALCIDO.

EGLOGA XVIII.

A L largo campo del famoso Rio,
 q al Lusitano mar lleua oro fino,
 Entre blancas arenas esparzido
 Huyêdo de su patria vn pastor vino:
 En tiempo qu'el ardiere, y seco estio
 Vã marchitando el prado florecido.
 Era

97
E G L O G A XVIII.

Era su nombre Alcido,
Pastor d'ouejas era,
Pastua en la ribera
Del claro Lyma, juto a vn' alta serra;
Donde cruel amor le hizo tal guerra
Qu'el misero pastor por tierra estea-
Dexó su misina tierra, (ña
Y con todo lo más ható, y cabaña.

El dia que llegó por donde el Tajo
Sus aguas cristallinas más derrama,
Haziendo sus rodeos vagaroso,
Yá q' cēplaua el sol su ardiente llama
Causado del camino, y del trabajo;
Del esposito cansado, y congoxoso
Al pie de vn olmo vmbroso
Tendido por el suelo
Con lagrimas sin duelo
Regó la verde yerua, y blanca arena;
Y como si la causa de su pena
Escuchara sus ansias d'amor llenas,
Al son d'agreste auena
Cátó su mal, su boz formado apenas

o Syluia, dixo, mas endurecida,
Que toda cosa dura a mis querellas,
Mas furda q' la muerte, aunq' muero
Aqui sin esperar remedio dellas,
Llorando acabarè la triste vida,
En pago de lo mucho que te quiero;
o pecho hermoso, y fiero;
Los brutos animales
Testigos de mis males
Con mi continuo lloro, enternecia,
Y tu que por razon se quieta vn dia,

E G L O G A XVIII

Deuieras de tener más sentimi
De quien por ti moria,
Menos sentiste siépre el mal q

Si en la Libia fueras engendada
De las más indomables, cruda
Si tu corazón fuera vn diamante
q más dura, ó más fiera ser pud
Qual culebra de incanto pie pi
Con su ira pasó tanto adelant
No aya quien s'espante
De sin rason ninguna
D'Amor, ni de Fortuna,
Antes quien de los dos penado
Quando por más perdido se tu
Mire bien a q punto me ha lle
Porque si bien lo viere
Se rendrá por dichoso el desali

Bien vias, cruel Syluia, que por v
Dexaua mis ouejas olvidadas
De noche por los yermos sin a
Que del hábriento lobo arreba
Pagauán mi descuido con su m
Quedádo la sangre dellas por r
In esto poco digo,
Que no solo el ganado
De mi era olvidado,
Mas yo mismo de mi puesto en
Me quedaua en el monte embet
De modo, día y noche, en tus a
Que así como a perdido
Me llorauan la muerte los pa

Sup. 25111

Triste que no pensè que mi tor

E G L O G A. XVIII. 51

Y tu esquinidad pudiesen tanto
 Que de tu dulce vista m'apartassen,
 Ni que mi doloroso, y tierno llanto,
 Y los suspiros mios sin aliento
 Tan poca compasión en ti hallasé;
 Pensé que te agradassen
 Mis versos a lo menos,
 Por seren de amor llenos,
 Y que tu voluntad ya más pudiese,
 Puesto que desdenosa, y cruda fuese
 Tanto perseverar en perseguirme,
 Que la patria me hiziesse
 Dexar, y de la vida despedirme.

Mas ya soy por mi mal desengañado
 De quanto por mi bien de mí pensaua
 Ya sé que vana fue mi confianza;
 Amor de mis discursos se burlaua
 A muerte me tenia condenado,
 Dandome de vivir dulce esperanza
 Con falsa semejança
 De la pretencion mia
 Sus tratos componia,
 Y con dulces engaños m'ha traydo
 A tanta confusion, que de perdido
 Acabar de perderme ya desseo,
 O mal no merecido
 En quánto mal por querer bié me veo?

Veome do no veo cosa vana,
 Que de mi vana muerte tenga duelo,
 Veo que todo bien por ti me dexa;
 En fin veome tal, que me consuelo,
 Con esperar aquí la hora esquinada
 Aunque ya de mí mucho se alexa.

E G L O G A XVIII.

Se con razon se quexa
De tanta sin razon
Mi triste coraçon
Al cielo de cruexas enemigo,
Teme Syluia cruel, teme el castigo,
Que puede, como justo vengador,
Usar, por mi, contigo,
No viuas, pues que matas sin temor.

Ya no t'offenderé con quexas mias,
Con mis llorosos ojos, cō boz triste,
Ya no te quejarás que no te dexo,
Bien puedes hazer cuenta q̄ me viste
El quando, no lo sè, pues no me vias;
Y esta es la razon porq̄ me quexo:
Y con dolor me alexo
De ti, que no lo tienes,
Mas tu conmigo vienes,
Yo contigo allá do quedas quedo,
Ni a ti de mí, ni a mí de ti ya puedo
Partiendo me apartar, aunq̄ quiera;
Pero no tengas miedo
q̄ buelua a t'enojar, o viua, o muera.
Consumiré mi vida miserable
En soledad llorando desuenturas,
Dexando de mis males triste historia
Cō hierro duro escrita en piedras dū
En doloroso estilo, y lamétable, (rás
Que d'amor, y crueldad sea memoria
Y pueda hazer notoria
Hasta en las montañas
A fieras alimañas
La causa de mi muerte dolorosa,
Que pues ha sido siempre deseosa
De me llegar a fin tan lastimero,

EGLOGA XVIII. 52

Ya no quiero otra cosa,
Mas como esto sera, si yo lo quier?

Ansi Alcido solo se quexaua 99
De Syluia, del Amor, y de su hado.
Las fieras, y las aues, que le oyan,
Mostrauan sentimiento desolado.
El dulce, y claro Tajo lo mostraua,
Sus aguas, por oyrlle, no corrian,
Yo viendo que bolauan,
Los tardos animales
Del pasto a los corrales,
Y en el aprisco ya luzir el fuego,
Atajando su llanto con mi ruego,
Por no quedar en campo sin abrigo,
Alayre humido, y ciego,
A la majada lo lleue conmigo.

EGLOGA XIX.

Montano. Tireno.

(temos
Môr. C Antemos mi Tireno aqui, cá-
A la sobra dest' alto, y verde pr
Estos floridos valles alegrimos. (no
Tir. Ah ventura cruel, cruel destino!
Como cantarè triste en tierra agena
Donde lloran mis ojos de contino?
Mont. Enfrena tu dolor, dexa la pena
En mano del oluido, su mal fiero
Cantando desacerba Filomena.
Tir. Hora pues ansi quieres, catar quie-
Oyd el canto mio doloroso, (ro
El de Montano oyd Ninfas primero

E 4 Mont.

E C L O G A XVIII.

Mot. Abraza el sol el mète, y el ca
eruso

Emboscase el ganado entre la r

Oluida su pascor por su reposo.

Tir. Arde mi coraçon en viña llan

Quãdo su luz nos muestra el clar

Quando la escura sôbra se derr

Mot. Dormi corderos mios, vuestra

Os velarà del lobo hãbrido, y cr

No dexeis por temor la sombra

Tir. Salid sospiros tristes a menuo

Del encendido pecho de Tiren

Que vino de su bien partir se pr

Mont. Si buelues oy por este valle

Mañana te darè, Fies hermosa,

De frescas rosas vn cestillo llen

Tir. De tiernas flores, Citharea De

Siempre ornarè tu templo sobe

Si fueres para mi mès amorosa

Mot. Nel trôco d'aquel olmo de m

El caro y dulce nombre dexo es

Daquella, por quiè nõ suspiro e

Tir. En breues versos mal q es inñ

Se os pluguiere ler, llegad pasc

Al pie d'aquel frôdoso, y verde n

Mot. Tal prêda ayer me dierõ mis

q bien puedo dezir q libre qdo,

ô crudo dios d'amôr, de tus dolo

Tir. Tal es mi desventura; q no p

Esperar ningun bien, ni la fortu

Acrecentâr al mal vn solo dedo

Mot. Dichoso Endemiõ, por quièl

Tenia auorrecido el claro cielo

No piêses q te tengo embidia al

Tir. Tristes, y los mäs tristes deste

ECLOGA XIX. 100

No queráis olvidar mis daños grandes
 q'è los nuestros os puedè ser còsuelo
 Môt. q' no càtais còmigo alegres aues.

Cantad mi bien còmigo, ô auezillas,
 En bozes tiernas, dulces y suaves.

Tir. Que no seçais vòs ya, ô florezillas,
 Dexen os ya secar, lagrimas mias

De pura còpasiòn de mis niàzillas.
 Mont. Destas calladas seluas, y sòbrias

Parecen que se alegran con mi càto.
 Las verdes yéruas, y las aguas frias

Tir. Enojanse estos mòtes cò mi llàto.
 La triste eco de responderme canfa

Y vòs mis ojos no de llorar tanto.
 Môt. Pues oy de ver mi biè tègo lperè

ô hijo de Lãrõa, el fieno alarga, (sa
 No turbes mi plazer cò tuitardãga

Tir. Pues dulce me seràs, y no amarga,
 q' no vienes ya muerte a còsolarme?

Que no quitas de mi tan dura càr,
 Môt. Quiero de verdes fauzes coronar

Aqui los hallarè nesta elpeñara, (me
 Y desta suerte a Fíles presentarme.

Tir. Quiero follo llorar mi desnètura,
 Al son desta ribeta cristalina,

Que murmurãdo cae del altura. (ua
 Môt. Naquella mãs robusta, y verde èzi

Vn dulce ruy sinor tienè su nido,
 El cielo a ser de Fíles lo destina.

Tir. Naquel hermoso pecho èdurecido
 Que deste mi destierro culpa tiene,

Criar amor, amor ya mãs se vido.
 Mont. El sol ablãda, Fíles q' nõ viene,

Cò blãca mano por los verdes prados
 Cojendo lindas flores se detiene.

EGLOGA XIX.

Tir. El tiempo buela, crece mis cuidados,
Dexé la patria, a mi dexar quisiera,
No lo cóssete amor, no los mis hados
Mór. Derramase el ganado, ya no espéra
Los filios del pastor como solía,
Llenemos le Tirreno a la ribera.
Tir. Tu lo llena Montano, tu lo guía,
Pues decátar cótigo haré medexas
Sin ti me dexa, miétras dura el día,
Llorar de nuevo mis antiguas cuexas

MELISIO.

EGLOGA XX.

DE funebres cipreses rodeado
Está el bué Melisio, triste, y solo
En el pie d'vno dellos acostado,
Melisio, que del vno al otro Polo
En ninguna ribera, valle, o Sierra,
Otro mejor ha visto el claro Apolo.
De su antigo tronco, y de su tierra
Gran hora, y gloria, y desperdicia cierra
De lo justo en la paz, fuerte e la guerra
Este del coraçon abrió la puerta. (ra.
Al niño bolador, flechero ciego,
Que toda lo trastórna, y delcórria
Entró con manifestóbrea el amor luego,
Encubriendo en el riso, y bládo gesto
El rigor de su arco, el de fuego.
Después que en su prisión lo tuvo puesto
Herido, y abrasado alcósse a buelo,
¿ presto mata amor, y eluida presto
Dexó ceñidos de nocturno velo
Los ojos del pastor el mal tyrano,
Que no sufre en su mal ningún consuelo
Que

101
E G L O G A XX.

Queixóse a todo monte, a todo llano,
 Que riega la fructífera ribera,
 qarenas d'oro lleua al padre Oceano.
 Estando, pues, así desta manera
 Entre las negras plátas solo, y triste,
 Soltó del triste pecho la boz tuera,
 Y dixo: Amor cruel, pues me pusiste
 En puntos d'alcançar lo merecido,
 Porque lo esperado no cumpliste?
 Dexaste me caer n'el hondo oluido
 De aquella, por quíe yo de mi oluida-
 No pido piedad, la muerte pido. (do
 Despues de ser vencido, y despojado
 No siento q' le errasse è cosa alguna,
 Si no yerra quien ama defamado.
 Ah vida miserable, y importuna,
 Qual poderosa mano te sostiene
 Contra lo que preiende mi fortuna
 Mas esto amor lo haze, d'el me viene
 Viuir entre los brazos de la muerte,
 Porq' viviendo más, muy más me pe-
 Conjurose con el mi mala suerte (ne.
 Y todo quanto piensa aprouecharme
 En daño de mi vida lo connierte.
 Forçado me será daqui mudarme,
 Que no puedo tener que peor caya,
 Pues no puedo sperar de mejorarme
 Mas qual de humano pievedada playa
 Qual puede alta mórtaña recogerme.
 Adóde aperseguirme amor no vayan
 Que no tiene poder para valerme, i...
 Sino vna ingrata, y cruda tanto,
 q' puede, mas no quiere locorrerme.
 No cesse pues, mis oios, vuestro llanto,
 Que

E G L O G A XX.

Que puesto q̄ en los della va riso sea
 En vós serà dolor, n'otros espanto.
 Lloran mi mal Camilia, y Galatea,
 Syluia, Belisa, y Filis espantadas,
 Que en tal belleza tal rigor se vea.
 Y las aues, y fieras no domadas
 Muestran vn doloroso sentimiento
 De mis quexas en vano derramadas
 Tu sola oca sion de mi tormento
 (No sé qual lo permite estrella dura)
 Despiertas con mi daño tu contento
 A quien no engañara la blandura
 Qu'el cielo puso en ti, en lo de fuera
 Vnida con tu gracia, y hermosura?
 Poder imaginar engaño fuera
 Que s'escódia allá d'entro en tu pecho
 Vn fiero coraçon d'alpestre siéra.
 Mas del inio en lagrimas deshecho
 El lloro lo descubre, y la tristeza,
 Aunq̄ por tu honra, a mi despecho.
 Mira bien ado llega mi pureza,
 q̄ estando qual estoi, me duele, y pena
 Que puedas ser notada d'aspereza.
 Pastores, que pisais la blanca arena
 Quádo a beuer lleuáis vuestros gana
 A la del claro Tajo dulce vena; (dos
 Y vós que por los riscos encúbados
 Las saltadoras cabras vais guiando
 Por no hazeré daño en los sebrados:
 Despues q̄ desta selua, i rió blando
 La muerte m'apartare, o la partida,
 Que a vna de las dos me voy llegádo
 Sea de vós cantada, y repetida
 Esta breue cancion en mi memoria,
 Melisso por amor perdio la vida.

102
E G L O G A XX.

Lo que supleredes más de tal historia,
No lo fies de vuestra agreste aena,
Por no escurecer agena gloria.
Murio d'amor Melisio en tierra agena
Esto solo se cante, y se repita,
Mal aya el ciego amor, q tal ordena
Aqui se le pegò la boz afflita
Al Zagal desdichado en la garganta,
q hasta poder hablar el amor quita.
Y despegòse el cuerpo de la planta,
Dexandose caer amortecido,
Tanto fue su dolor, su pena tanta.
Despues d'estar gran rato alli tédido,
Llegaron por acierto dos cabreros,
De los quales fue luego conocido.
Eran Alpino, y Mincio compañeros,
Que venian sus cabras recogiendo
Por vnos asperísimos senderos.
A Melisio los dos fueron corriendo,
El qual al mismo instante q llegarò,
Del mortal accidente yua saliendo.
Qual fue la causa delle preguntaron,
Y con amigamano el cuerpo frio,
Del suelo (do yazia) deuantaron.
No es d'hora, d'amigos, el mal mio
(Les dixo) porq a tiépos m'atorméta
Tanto, que de la vida desconfio.
Y para del os dar entera cuenta,
Ni lo consiente el alma fatigada,
Ni el sol q en la mar ya se aposenta.
Ellos por no le dar passion doblada,
Sin más se detener, con él en medio
Se fueron recogiendo a la mñada,
Pensando que tendria allà remedio

CAR-

CARTA I.

AO DOCTOR FRANCISCO
de Sã de Miranda.

(claro
L Vme das nove Irmãs, mais q' o sol
Frâncisco, em cujo peito Apollo inf
pira

Hum saber peregrino, hum canto raro
Ha muito ja, se tam alto sobira (do

O baixo ingenho meu, q' no grã Pin-
Cô Febo maõ por maõ catar te vira

Que fora a minha Musa descobrindo
A sua pobre vea em teu louvor,

Outros versos tecêdo; outros vrdindo
Inguet sempre o silencio por melhor,

Pq' fugir da pesonha, que derrama
A lingua mã, do maõ murmurador.

O hom esposito, que pretende fama
Ser louvado do povo não deseja,

q' se p' e ao menos sabeo mais a fama
Queres que de meus versos juiz seja

Hũ maõ, hũ ignorante; dambos temo
A ignorancia dum, de outro a inueja.

Trabalho por sair a vella, & a remo,
Dante Scilla, & Caribdes, não q'ria

Por fugir deste, dar naq'le estremo.
O doce estillo teu tomo por guia,

Escreuo, leo, & risco; vejo quantas
Vezes s'engana, quem de si se fia.

Se guardo teus preceitos, q' t'espantas
De não me conhecer; mais certo spã

Recebe o mudo todo do q' cãtas. (to
Tu já hũ nouo templo te leuanto

Dentro

Dentro na minha idéa, onde offereço
A teu immortal nome este meu câto
Não te contarei nelle do começo
Qual minha vida foy por ná tãfarte
Côrrario effeito dequãto às Musas pe
Isto só te direi, a melhor parte (ço.
Della leuou Amor, là onde o Tejo
Perd'o fabor das aguas, cõ q parte.
Alli me conuértia o vão desejo (plãta
Em agua, em fogo, e ferra, em pedria, em
Agora vejo tudo, porque vejo.
Amor não vfa d'ernas quando en canta
Nem cura das palauras, nê dos signos
De Circe, de quẽ tanto Homero câta
Jã liure de tamanhos defatinos,
O fogo morto, rotas as cadeas,
Cãto alegre ao Ceo Odas, e Hymnos.
Cobrei (desque bebi nestas Letreas
Aguas do Patrio Lyra) o ser perdido
Esta verdade quero que me creas.
Do tempo mal gastado arrependido,
Querã (se podesse) o que me fica,
Que fosse em melhor vfo despêdido.
Por isso não s'afaste atua rica
Musa de dar a mão à minha pobre,
Que no caminho do Parnaso i bica.
E fez das medalhas douro, e cobre:
Das estatuas de pedria, & de metal?
O tempo gasta tudo, tudo cobre.
No mudo a quelles tẽ fama immortal,
De quẽ nos canta hũ peigrino inge
O mais bẽ sabes tu q pouco val nho
Dalgũs cantarei eu, se por ti venho
A levantar me tanto, que na fonte
Castalia mate o grãde ardor q tenho

C A R T A I.

Cingida de louro verde, a bráca fronte
 Entam ouirás tu mais alta rima
 Ledo, que por ti cante, & por ti cote,
 Agora rio abaixo; rio acima,
 Que vay suauemente murmurando;
 Só me vou pola beira do meu Lyma.
 Mora enganós d'amor. lhe vou córado,
 Ourr'horà do sereno claro, & puro,
 O vou, como còstum o, celebrando.
 Da loura, & branda Ninfa o Pastorduto
 No bosq ouço queixar, sê lhe valer,
 D'ambos-me rio já, posto em seguro.
 Que mór contentamento pôde ver,
 Que verse liure quẽ no mûdo viue
 Sem ter já q̃ esperar, nem q̃ temer.
 O cobiçoso, & cego se catiue
 De seu ouro, sê Deos, ajûte, e guarde
 Que nũcaguardar muito por bó tiue.
 O peito sem ventura, aquelle q̃ arde
 Neste fogo cruel, que tanto laure
 q̃ mata cedo, equãdo morre he tarde
 Emfim, por n ão gastar tanta palaura
 Na rraça do desejo, no retrato,
 Que tu Frâncisco vês, sê q̃ mais s' abra.
 Queria boamente, sem mau trato
 Passar por esta vida de maneira
 Que fosse ao Ceo a ceito, ã terragrato
 Tu que seguindo vãs a verdadeira
 Via, que do Ceo mesmo te faz digno
 Cõ fama sempre clara, sê pre inteira
 Dizme por onde vâ; o Peregrino
 Quãdo pisando vay terras estranhas
 Hã miêr certa guiz, certo ensino
 Não te deraõ os Ceos graças tamanhas
 Pera sô as logares, mas por feres

Bom

C A R T A T. 104 77

Bó mestre d'artes boas, boas manhas.
 Se te roubou a morte os teus prazeres,
 O tempo (como dizes) força, & gollo,
 O melhor te deixará, q' mais q'res.
 Imrico diamante escripto, & posto
 No templo da fégura eternidade.
 Teu nome vejo a todos anteposto.
 Nem morte contra ti, nem longa idade
 Tem j' poder nenhum, podes te rir.
 Das suas forças, da sua crueldade.
 Podem-se derrubar, podem cayr
 Os edificios de que tú n' es reues,
 Teu nome não, q' sempre s' had' ouir
 Se te deuem as Musas, se lhe deues,
 Não fei determinar, tu as honraſte,
 Ellas não te negará azas leues,
 Com q' da terra ao ceo te leuãtaſte?

S O N E T O

Do Doutor Francisco de Sà, em re-
 ſta ao Autor.

N Este começo d'ão, & tão bom dia,
 Tão claro, porque não fallece nada
 Me foy da vossa parte apresentada
 Aquella composição, boa à portia
 E della me espantou tudo o que lia,
 E mais em parte aſsi tão deſuiada
 Sempre tégora, da direita estrada
 De Clio, de Caliope, & de Talia.
 O qu'enueja vos hey a eſſe correr
 Pola praya do Lyma, abaixo e arriba
 Que tem tanta virtude d'eſquecer,
 O qu'eſtes tristes corações alia
 Iſualmente do peſar, & do prazer
 Paſſado, q' não quer q'inda homẽ viu-

CARTA II.
CARTA II.

Ao Doutor Antonio Ferreira.

M vfa de Lusitania; pouco digo
Das noue do Parnaso a principal,
Que menos não partio o Ceo côtigo;
Inda que sei que pouco, ou nada val
Natureza sem arte, & sem doutrina,
Que pôde com amor parecer mal?
Se tal razão em tal materia he digna,
Bem te podem meus verios parecer,
Pois mos inspira amor, pois mos ensina
Ha nelles que cortar, ha qu'estender,
Vaõ como parto d'vffa, buscão vida,
Outra forma melhor, hum nouo ser.
Que lhes podes dar tudo, quẽ duuida?
Eu que lhes posso dar senão amor,
Suspiros tristes, ddr mal entendida.
Soberbo me fazia o teu louuor,
Se m'esquecera o moço, que cai ndo
Deixou o mar cõ nome, o pay cõddr.
Este me fez temer, & o que sobindo
No carro, que pedio, morto deceo,
Inda debaixo d'agua ardor sentindo.
Posto que logo entam tanto s'ergueo,
A vã presunpção minha sobre si,
Que mal seu defengano recebo.
Digo, quando meu nome escrito vi
Daquella pena, que com raro ensino
A nós prudencia dà da fama a ti.
O louuor traz consigo desatino,
Altera, & cega a quem he cobiçoso
Delle, por tal respeito, mais indigno.
O que

CARTÁ II. 105 58

O que fama não quer por virtuoso,
 O que de todo a vícios s'entregou,
 Não pôde(inda que lèbre) ser famoso
 Senão veção a fama, que deixou
 O q' pos fogo ao tēplo por memoria,
 Que nem somente o nome conferuou
 Outros conselhos dās na triste historia
 Da triste dona Ines, outras lēbranças
 Dignas de fama cā, no Ceo de gloria.
 As nossas bem fundadas esperanças
 Virtude deuem ter por seu objecto
 Pera firmes estarem nas mudanças.
 Quem vio o virtuoso andar sogeito
 A successos do mundo duuidosos?
 Quando não foy seu bē firme, e perfe;
 Os q' chegauão a termos tā ditoslos(to)
 Que mais tē q' esperar, ou que temer?
 De q' podē na vida andar queixosos?
 Não ouso de fallar, pode-se crer,
 As Musas liures de sua natureza
 Hum medo vāo as faz emmudecer.
 Pesame de vir dar nesta certeza:
 Mas quē pōd'escusar tristes q'ixumes
 Vēdo q'o bē s'engeira, o mal sepreza?
 Pouco presta escreuer grādes volumes
 Por parte da virtude, contra o vicio;
 Vencē boas palauras maos costumes?
 Se buscas Alexandre, se Fabricio
 Achas tu se não Elios, se não Midas,
 Que fazem, com dōr nossa, seu officio?
 Quanto melhor seria ver perdidas
 Estas vās pertenções atras q'andamos
 Auenturando as almas, polas vidas.
 Mil cousas que no publico tachamos,
 Seguimos, no secreto, a redea soltas;
 Cuidando

C A R T A II.

Cuidando d'enganar, nos enganamos:
 Em tanta confusão, nest'agua enuolta
 Fazemos da vontade nossa guia:
 Mas onde vay parar quê nã dá volta?
 Que dizes tú daquelle que confia
 Do seu juyzo tanto, que vãmente
 Escreue quanto lhe vem à fantasia?
 Este tal sente tudo, ou nada sente:
 Extremos perigosos, pera quem
 Seguindo o fio vay da cega gente.
 Que gosto dás na vida, que mór bem,
 Que ter homem de si conhecimento,
 Quem isto sô alcança tudo tem.
 Não se deixa virar de cada vento,
 Não mor, e por viver, não lisongea,
 Não faz em peito alheio fundamento.
 Rocolhe com prazer, o que semea,
 Com gosto come, dorme descansado:
 Da sua vida vive, & não d'alhea.
 Dos antigos Romaõs, foy perguntado
 Apollo, qual dos homẽs desta vida
 Julgava por mais bem aventurado.
 Respondeo à pergunta referida,
 Que Giges: Coula mais naõ declarãdo
 O qu'a reposta fez mal entendida.
 Elles, que d'elle estauãõ esperando
 Que nomeasse algum muy conhecido
 Dos grãdes, q no mudo tinhãõ mado.
 Querendo conhecer quem preferido
 Fora em ventura à regia dignidade,
 Acharãõ, tendo já muito enquirido.
 Ser hum homem, que fora da cidade,
 No campo, cultiuava hũ'orta pobre;
 O qual era mais pobre da vontade.
 Parece que já entã era de cobre

A idade

CART A II. 106 59

Ajda de, que tẽ li fora de prata,
 E dantes de metal muito mais nobre,
 O tempo tudo gasta, & desbarata;
 Acabou, começou esta de ferro,
 Onde trataõ melhor quem peor trata
 A terra que nos deraõ por desterro
 Esqueci los nos faz da patria propria
 Que mã desculpa tem tamanho erro.
 Emfim esta materia heme impropia,
 He pelo doutros hõbrs, doutro spri
 Aquẽ Febo de si dã mayor copia. (to
 Por tanto meu de sejo, & aõ meu dito
 Recebe com amor, & a tensãõ pura,
 E chegi, onde não chega o curto esferi
 E se tua clara luz q a neoa escura (to
 Dos bõs ingenhos vay alevantando,
 E de Pinolo lhes mostra a mór altura.
 Me for por esta selu i lumiaudo,
 Onde amor me mereo, alta & sobria,
 Por onde vou a mela caminha lo,
 Inda eu espero que vejas algum dia
 Cõ nouo louvor teu mais doce cato
 Porque tendo taõ certa, & sel guia
 Não he muito de mi prometer tato

CART A III.

A Pero d' Andrade Caminha.

A Ndrade hõra das Musas, lume nosso
 Dos q as seguimos digo, mas não q
 Se delles com razão, chamar me posso
 Eu vejome cativo, que farei
 Triste, posto em poder dũ moço, e ce-
 go,

A quem

C A R T A III.

A quem tndo o que tinha, tudo dei.
 De ti saber desejo, porque chego
 Tanto a quem me foge, que me guia
 Cego por outro cego não to' nego.
 Nas mōres esperanças desconfio
 De ver o que desejo, o peito he fogo
 Os olhos tão de lagrimas hum rio.
 Mas não me val arder, chorar, nê rogo.
 Que males menão dé, quādo promete
 Os bês que nunca dá tarde, nê logo.
 Quem set' annos seruiu cō outros sete.
 Pola Pastora bella, no fim sua
 Me diz, q' acaba amor quāto comete
 Mas vejo Dido contra si tam crua
 Tomar a pena em vã na mão direita,
 E na esquerda a Troyana espada nua
 Vejo o moço d'Abido em luta estreita
 Com ondas, onde morre sê temore;
 E que da torre abaixo Hero sedeita.
 Vejo (com magoa) os dous, q' negra cōr
 Deraõ ao branco fruto cō seu puro
 Sangue, que derramar lhe fez amor?
 Em tanta crueldade, que seguro
 Dás tu a minha vida, do teu lume
 Não tarde o claro rayo é tão p'scuro
 Em dous fogos m'abrazo, amor cōsume
 A vida de continuo, vejo o dano.
 E não posso apartarme do costume?
 Voume de dia em dia, de año em anno
 Apos dum vento leue fugitiuo,
 Cheo de sóbras vãs, & certo engano.
 Do meu proprio desejo ando catiuo,
 De fallas esperanças me sustento,
 Pera magoas nasci, em magoas viuo.
 Alcei torres no ar sem fundamento,
 Nas.

CARTA III. 107.

Nas nnu'es escreui, semeei n'agoa,
 Em rota rede quis colher o vento.
 Busqi descanso em dõr, prazér em agoa
 Em feras piedade, em mar firmeza,
 Na morte vida, neue em viua fragoa
 Agora julga Andrade em q̃ estreiteza
 Me poê amor cruel; & a mal tamaño
 Não negues bõ conselho cõ presteza
 Não deue (ó caro amigo) ser te estranho
 Qu'aspereza ferâ se me não valles;
 E que tua fica a gloria se me ganho.
 Eu encho de queixumes, môtos, valles,
 De sospiros o ar, de pranto a terra,
 Emfim omido todo encho de males
 Sê nãca achar brãdura, ou paz na gerra
 q̃ amor me faz de dous lumes fermo
 ôde seu arco tẽ, seu fogo ê cerra (fos,
 Poderão ter louuor de piedosos,
 Se por merce d'amor, seus rayos vira
 Mais brãdos pera mi, mais amorosos
 Isto chora minh'alma, isto sospira,
 Os desprezos do fogo em q̃ s'apura,
 O pouco galardão que disso tira,
 Se fora piedosa a Parca dura
 O fio logo em nascendo me cortara,
 Seruirame de berço a sepultura.
 Em começando a vida se acabara,
 Quam alegre me fora a triste morte,
 A quantas outras mortes atalhara.
 Dura condigaõ minha, laço forte,
 Como não q̃bras já, pois nã t'abrãda
 Aquella, a quẽ o Ceo me deu ê sorte?
 Porque fermosa Ninfa se me manda
 Amor q̃ apos ti vã, foges voando?
 Não ves q̃ estã razaõ da minha bãda
 Olha

CARTA III.

Olha, que va á mte. olha, estillando
 É lagrima a vida, olha estas chamas
 Em q por teu amor me vou qimado,
 Se aquy tanto te quer, tanto de laimas
 O que te de laimar não sei, q espero
 Mas bem se pó le crer q imigos amar
 Hircanos tygres já mouer pod. ra
 O triste pranto meo, q te não moue,
 Por q queres das feras ser mais fera?
 Queixem le ao Ceo de ti as brádas noue
 Irnás, a que n me tiras, se me matas,
 Olha, que não sou Fenix q renoue
 Se tu do mortal laço me desatas,
 Teu nome, tua fama, tua gloria
 Offendes, eferreces, desbracas,
 Que dozes versos, que loque historia
 Tecera em teu nome, se tu mueras
 Do meu amor, ou do meu mal meo
 A ti n frade tora, q n e por is. (1)
 Cansado de n ouir queixar é vao,
 O que tu por ver tu, a não quizeras.
 Mas pois que se não guta por razao
 Amar, de que me queixo, e fero
 A dar remedio á culpa da perdao,
 Ache o q bulco em ti, ache o q espero

CARTA III.

A don Ioaõ de Castello Branco castllo
 fronteiro em Ceyla.

Não tieira, senhor, tal ouladi
 Se primeiro da vossa não foubera
 Que nisto a vossa rogo olededi

Inda que por desculpa dar poderz
Faltarme (o q' cõfesso) ingenho, e arte
Que por ser verdadeira, me vallera.
Mas basta saber já que nessa parte,
Nessa donde nos conta o grão Poeta
Qual fica Dido, qual Eneas parte.
Cuido que por passar a inquieta,
E dura vida a Marte dedicada,
Que manda q' algũ ocio s'entremeta.
Alem de ser pedida, era esperada.
Esta carta que mandõ, em tal estillo
Qu'outra pena / pedia mais cortada.
Mas pois sendo qual he, quereis ouuilo.
Nã vos marauilheis, se as brãdas Mu
Nã o fazẽ soar do Tejo ã Nilo. (faz
Emfim deixando agora as mais escusas
Bem entendido, senhor, q' vos escoreuo
Por Palauras tão chãs, quãto cõfusas
Mas ou no claro, & puro amor m'atreuo
Nã espero daqui outro louuor,
E oxalã pagasse o que vos deuo.
Aquelles, que de Febo tem fauor,
Aque se mostra brande, a que amigo
Pretẽdãõ hõra, & fama, eu sãõ amor.
Amor de vós pretendo, mais nãõ digo;
Quero seguir caminhos sem rodeos.
Por nãõ casar a vós, nã a mi q' osigo.
Trate que m' mais quizer feitos alheos,
Diga mal, diga bem, falle à vontade,
Vie palauras novas, novos meos.
Nãõ cure de rezaõ, nem de verdade,
Em tudo contentando à vulgar gẽte,
Fachendo peitos raõs de vaydade,
Eyla Poeta logo, eyla excellente,
Idolo do pequeno, & mais do grande,

CARTA II

Sofrei se chamo grãde aquẽ
 Nunca permita o Ceo, nunca
 Que merecendo nome meu
 Este na voz do pouo em m
 Contentassenos eu raros elp
 Que nos ides a lingua enriq
 Nas rimas, & na prosa em al
 Ditosa lingua nossa, que esten
 Vas já teu nome tanto que s
 Inueja a toda outra irãs faz
 Por isso vòs senhor lá a Marte
 De todo vos não deis, tẽde
 Das brãdas Musas, cujo sois
 Hora tomai a pena, outr'ora a
 A uenturando a vida pola fa
 Que deste modo immortal s
 Apollo já vos tem, Martẽ vos ch
 Capella vos promete, Apollo
 Daquella q̃ foy Ninfa, agora h
 Digo da que seguiu com curso l
 Pola fresca ribeira do Peneo,
 O mesmo Apollo, como Ouidio
 Tu corres louro Apollo, pois eu c
 Que t'hade pesar muito quãdo
 Cobrirse de cortiça o branco
 Ninfa, melhor te fora não fugires
 De quem damor forçado te se
 Melhor fora a seu rogo consen
 Mas não foy culpa tua, o Ceo quer
 Que fosse o cego moço assi vin
 Planta te quis fazer verde, & sã
 Ditoso vòs a tais termos chegado,
 Que por Poeta, & grande cauall
 Sereis de Apollo, & Marte coroa
 Não vos pareça nisto lisongeiro,

por Poeta
 de Apollo
 os bates nist
 pa

CANTO III.

109 62

Que verdade tam certa, & tã notoria
Mê faz que della seja pregoeiro.
Tempo não gastará vossa memoria.
Se responder o fim a tal começo
Que louvor digno já, digno d'historia.
A ser eu della Autor. não m'offereço,
Que seria roubar como tyranno
Do vosso alto valor o rico preso?
Alcido cantarei, & Limiano
Cô frauta pastoril, de pouca estima,
E Syluia, & Ni se causa do seu danno.
As Napeas do Vade, Vez, & Lyma.
Cuido que dem ouvidos a meu câto
Nã desprezãdo aminha agreste rima
Vós là seguindo Marte, & Eêbo è tanto.
Por ambos juntamente trabalhando
D'inueja êchereis hũs, outros d'espã
As Affricanas armas desprezãdo - (to.
Hora no largo campo, hora na serra
Vosso castello branco aleuantando?
Mas como não dura sêpre aduraguerra.
Outras horas em brãdos exercicios
Passareis saudades desta terra.
Vereis os ruynados edificios,
Que da força do tempo consumidos
Inda de graõ soberba daõ indicios.
Vereis Neptuno incharse, & dar brãmi-
Quãdo venta Leuãte, & cõ Poëte (dos
Dar gosto aos olhos, se câsar ouvidos
Pola Almina ireis seguramente
Pisãdo a molle areia, a passos quedos
Tratando co as Musas brandamête.
Ali polas cauernas dos penedos (nhos
Dizem morarem já môstrosos mari-
Mas isto d'antiguidades fãdo segredos
De cousas nos fazemos adiuinhos

C A R T A III.

O fétido das quaes he a verdade
 Por vêtura q̃ leuão outros cami
 Deixemos o que seu he à longa id
 Tratemos de saber daquelle di
 Que seja fim de tanta saudade.
 Quando cã defranço â somto a fri
 Na ribeira do Tejo ao som da l
 Cantareis vosso amor como sol
 ô quem tal dia já chegado vira,
 Por não ver descontente. & sau
 Aquella, que por vós chora, & so
 Mas nã lhe rouba o choro ser fern
 Orualho as viuas lagrimas par
 Correndo pela face vergonhosa
 ô Ninfa, a cuja vista reuerdecem
 As plantas, que secou o estio ar
 Deixai lagrimas já, gostos come
 Cedo vereis o vosso amor presen
 Assim vis'eu est'alma que deten
 Em esperanças vãs, leda & cõ
 Não digo mais, senhor, porq̃ vos r
 Cansado jã com tam pesado c
 Seca è la vena del vsato ingenh
 E la Cithara mia riuolta in pian

C A R T A V.

A Luys d'Alcaçoua Carneiro, em
 sta doutra, que me escreueo es
 do em Ponte de Lyma.

Ô Nde m'esconderei, q̃ escapar p
 Se cã entre môranhas embren
 Me vê desembrenhar hũa carta

Sair ao campo logo, foy forçado
Cô meu inculto verso, & baixa rima,
Estillo emfim de cá, lá desprezado.
A vossa me tomou junto do Lyma,
Que com crecidasaguas então vinha
Da sua fonte, que nasce mais acima?
Ali me tomou triste, onde já tinha
Posto em silencio o câto, & pèdurada
Num antigo salgueiro a lyra minha.
Com proposito firme, que tocada
Não seria de mim nesta ribeira,
Onde tam pouco foy sèpre estimada
Muitos dias chorei a derradeira
Hora daqlla Ninfa a vós tão chara,
A mĩ senhora, a seus bós pays primei
Logo entãõ conheci, q̃ desfandara (ra.
A roda, no mór bê mais inconstante
Quando tal esperança nos roubata.
Fortuna em perseguirme foy auante,
Tanto, q̃ me chegou onde não tenho
Sóbra, em q̃ já descanse, & ledo cante
Que val por derradeiro hũ bõ ingenho
Que val câtar d'amor, o fogo, as setas
Se sempre cõ as mãos vazias venho.
Não sei, senhor, quem disse, q̃ os Poetas
Eraõ manjar da fome, sede, & frio,
Mas bẽ sei q̃ não comê cõ tróberas.
O trigo que juntou no seco Estio
A solicita formiga, assoalhaua
Desq̃ o bosque deixou de ser sôbrio.
A Cigarra importuna, que passaua
A caso por alli, morta de fome,
Que lh'emprestasse delle, lhe rogaua.
A fim que dá reposta auiso tome,
Perguntoulhe a formiga, em q̃ gastara

C A R T A V.

O tempo, em que se colhe oq se come,
A Cigarra lhe disse, que cantara,
 Bem fôra de cuidar poder cayr
 Naquella grande falta emq s'achara
Começou a Formiga entao de rir,
 Dizendo, Amiga, pois noveraõ câras
 Podes bailar no inuerno, e nã pedir
Quantas fabulas destas, senhor, quãtas
 Se podem em nossio tempo applicar,
 Aquellès q se daõ às Mulas santas.
Mas eu quizeria sô poder passar
 Os baixos da pobreza em têpos tais
 Pera d'homês formigas gracejar.
Dizei, essas riquezas que juntaes
 Tanto às custas dalma, ó cobigosos,
Sa Quando lograruos dellas esperais?
 ô ricos por ventura, ou saõ famosos
 Os q no mûdo tê mais ouro, e prata?
 ô quanto mais o saõ os dadiuosos.
Tempo os vossos tísouros desbaratas
 Os vossos edificios poem por terra,
 A boa fama não, nunca a mal trata.
Dito sô he logo aquelle que desterra
 Do peito a mã cobiça, q por certo
 Aquê mais rico faz, faz maior guerra
Ah q em deserto cà, grito em deserto,
 Pois tâtos gritos meus naõ saõ ouui
 dos,
 E menos quãto mais grito de perto.
Mas esperanças vãs, tempos perdidos,
 De costume tem jã deixar de si
 Humanos coraçoês arrependidos.
Muito me desalei porem daqui
 Estes queixumes vaõs atraz deixãdo
Torno ao proprio lugar donde parti.
 Algũs

C A R T A V. 111 64

Alguns versos andei desenterrando
 (Do lôgo esquecimento) a vossa vêdo
 Dos quaes s'estaua a traça jàlogrado
 Quiserá mandar tudo, mas temendo
 Que sendo muito, & mau enfastiasse,
 Tornei a mão atras, vou me detêdo.
 Mas permitindo o Ceo, q se mostrasse
 É vós, a minha Musa, outro Mecenaz
 Por cujo tronco a baixa era trepassse
 Inda com noua estillo as nouas penas
 Cantaria d'amor, mais ledo entam
 Entoadado de Febo, & das Camenas.
 Em tanto effas premicias, que là vão,
 Achem em vós fauor, achê emenda,
 Porq trataô d'amor, por minhas não
 Que quê seu he, bê he q os seus dese
 (da.)

C A R T A VI.

A dom Francisco de Moura,

O Ornamento de Febo, hõra de Marte,
 Se acsê voſſo brando, & forte peltor
 Deixou o Himineo as Musas parte;
 Bemſei que me lereis ſem ter respeito
 A meu largo ſilencio, antes ſentindo
 O mal, que niſſo amí me tenho feito
 Que ſe pôde eſperar de quem fugindo
 Enſinado do tempo, anda da gente
 A vida por deſertos conſumindo?
 Vedes vòs hũ ingenho que contenta
 Ou por arte acquerida, ou natural
 A todos neſta vida igualmente?
 Muitos de muitas couſas dizem mal;

C A R T A VI.

q̃ doutros são louuadas por estremo,
 Humana condigão sempre foy tal.
 Por isso, senhor, callo, porque temo
 De não chegar ao porto desejado
 por mais q̃ alargue avella, & aperte o
 Fallo cõ vosco claro, falo ousado (remo
 Porque sei qn'em espirito generoso.
 Firme esta navirtude em todo stado
 O vosso de alta fama cobiçoso,
 sêpre se mostrou mais q̃ de recursos
 E assi feito vos tem rico, & famoso.
 Quando esquecerã Moura entre mouros
 Quando vos negaraõ Bellona, & Palla?
 Mil palmas misturadas cõ mil louros
 Certo nas obras sois, certo nas fallas
 Emtudo ides formãdo eterno nome;
 Nas armas jutamête, & mais nas gal-
 Ah, que Febo se ri, & diz q̃ dome (las
 O desejo que renho de louuauos,
 Que tal empresa he sua, não lhatome
 Não o quero anotar, nem anotarvos,
 Elle vos louue, & cante de continuo,
 Pois elle melhor pôde contentarvos
 E saiba o natural, & o peregrino
 Agora & mais depois em toda idade.
 q̃ de menos louvor não sois vds dig-
 Quiserame deter nesta verdade, (no.
 Mas não me deixa Apollo, nê acarta
 Que me pede tambem sua breuidade
 Não basta a fortuna que reparta
 Os bês, q̃ chamaõ seus, muito a seu go
 E q̃ de males meus està já farta. (sto,
 Senão q̃ inda me chama cõ bom rosto
 A Ninfa, que de verde anda vestida,
 Porq̃ lá seja outra gralha d'Ariosto.

Se

CARTÁ VI.

112

69

Se contentei hũ tempo, quem duvida,
Que o mesmo tẽpo jã tudõ mudasse
Pois não há cousa firme nesta vida,
Os que me tinhaõ dito qu'esperasse,
Não tẽ jã qu'esperar, tudo alcãgaraõ
Sem auer quẽ de mi mais se lãtasse.
Antiga ley dos fados sempre vsaraõ
Banhar nas frias aguas do Leteo
Os que no mundo muito leuantaraõ
Se viuõ com razeõ neste receo,
De vòs espero o certo desengano,
Espírito raro d'alto auiso cheo.
Qu'õ descuido dũ anno, nẽ doutro año
Amor não mudaria, nem pureza
Dum peito todo puro, todo humano
Aculpa posso dar a natureza,
Que mil lãbranças dalma lãçou fora
Enchẽdo-a sã de magoa, & de tristeza
Tanto qu'inda sospira, inda sã chora
A graue, & noua dôr que lhe deixou
Quẽ vòsso hũ tẽpo foi, de Deos agora
Ah irmão da minh'alma, como estou
Errado em te chorar, tu perã o Ceo
E eu triste não sei perã onde vou.
Nunca mais perã mini amanheccõ.
Despois q me deixaste hum aluo dia
Sẽpre o Lyma despois turuo correo
A sua fresca praya jã não cria
As flôres na fermosa Primãuera
Dẽ que fermosamente se vestia.
As plantas não se deixaõ cingir d'era
Por não dar nõ veraõ sóbras dobra
Aquẽ lograr-se dellas inda spera (das
As cousas todas vejo aqui mudadas
Em tristes as que ledas ser sóyaõ,

F 5

As

C A R T A VI:

As tristes muito mais tristes tornadas
 As murtas, que contigo nos crecião
 Venus não ama já, nem dellas cura,
 As Misas daqui longe se desuião.
 Não vejo estar-se vendo em agoa pura
 O formoso Narciso, inda en leuado
 Depois de flor, da sua fermosura.
 A terra nega ao laurador cansado
 O deuido retorno da semente,
 Que nella deposita confiado.
 Da ja esta ribeira escassamente
 (Que dâtes sempre foy tam copiosa)
 No verao erua aogado, agua corrête
 Do sentido pastor frauta amorosa,
 A cujo som o rio estaua quedo
 Não soa pola selua deleitosa.
 Nê-elle em pê dê freixo, ou em penedo
 Corta com ferro duro verso brando
 Mouido damor triste, ou damor ledo
 As ninfas dentro nagoa estaõ laurâdo,
 Não apparecem já na verde praya,
 Hũa flores colhêdo, outras pisando.
 Entre a folha do louro, freixo, & faya
 Fillomela escondida ja não canta,
 Nê quando o sol se vay, nê quando arra
 Nũca ja grossa neuo se levanta (ya.
 Deredor destes montes, nunca o frio
 Deixã lograr o hũito à culta planta
 As tardes pera mim do seco estio,
 Nem graça tem. nem viraçãõ q̃ faça
 Estremecer, o alemo sombrio.
 Inda tem as manhãs mais pouca graça
 Orvalhoas não são, nê são rosa das:
 Triste de quem así sua vida passa.
 Podiaõ as razões que tenho dadas
 Magoa

113
CART A VI. 66

Magoa, não só perdaó em vós achar
 Não vos sendo de largas já pesadas.
 Comete culpa mór quem vos gastar
 O tempo, q̃ gastais em cousas mōres
 Sem ter a cega inueja que cortar.
 Ou seja em grangear novos fãuores
 Do grande Rey, aquê mereceis tudo
 Ou das armas trateis, ou dos amores
 Ou em deserto monte o colmilhudo
 E brauó Iauali perfigais tanto, (do
 Que nelle outra cōr deis ao aço agu-
 Ou em mudo silêncio doce canto
 De musico famoso esteis ouuindo,
 Roubado a pensamentos entretanto
 Ou caminhos mais chaós vades abrin-
 Pelos espessos boiões do Parnaso (do
 Por elles sem cansar ledo subindo.
 Ou ja no alto delle em claro vaso
 Vos dẽ Febo a beber licor sagrado
 Nascido da pegada de Pegaso.
 Ou de fias cousas todas descuidado
 Depois do santo nō, cuideis somēte
 Comprir obrigações do nouo estado
 Em suma digo logo breuemente
 Não entretêdo mais vosso alto sprito
 No que muito melhor entêde, & sête
 Que tudo quanto nesta tenho dito.
 He lembraruos q̃ viuo, & q̃ sou vosso
 Cō dar razã de vos não ter escriuo
 Isto saiba Castillo, & Andrade nosse.

C A R T A VII.

C A R T A VII.

A Pero de Lemos Secretario da Mar-
queza de Alcanifas, estando no
Porto, em reposta doutra
carta sua.

Lemos q̃ lã na praya do grão Douro
A sombra dessa illustre, & real plãta,
Cantãdo estãs cercado d'era e louros:
Sabe que minha Musa se leuanta
A responder à tua com grão pejo,
A tua, que doce chora, & doce canta.
Ah quem me dera ser qual me desejo
Iã que nãõ posso ser qual me tu fazes
Pera melhor louuar, o que em ti vejo
Ditosa Lusitania, pois lhe trazes
Da tua doce patria doce rima,
Ditoso tu, pois que te satisfazes.
No cume do Parnaso, ou mais acima
Teu nome vãs erguendo, & tua fama
Lã soa entr'os q̃ Febo mais estima.
Abrandas do teu peito a viua chama
No suaue licor, que de Hipocrene
De Castallia, & d'Aganipe se derrama
Eu inda que amor versos ordene,
Iã mais pude abrandar sua dureza,
Por mais q̃ delle cante, & delle pene.
Intam vsa comigo mdr crueza, (mo,
Quando mais tristes lagrimas derra-
Toma por seu prazer minha tristeza
Dura fortuna minha, & duro chamo
o mesmo duro amor q̃ tal ordena.

E do

CARTA VII. 67

É dura quem me defama, & tão amio.
 É sobre tantas penas mais me pena
 Não ver os raios claros, & suaves
 Que do sol a luz fazem mais serena.
 Sempre males d'ausência foraõ graues
 Mas neste bosque mais q'noite, & dia
 Ouço as fontes chorar, catar as aues
 Nem o verde do campo, que sohia
 Descanso offerecer a meu trabalho,
 Nê já m'alegra a sóbra fresca, & fria.
 Saudade he ver o freixo, & o carvalho,
 Ver sempre correr rios, estar mões;
 Saude as manhãs cheas d'orvalho.
 Das tardes os rosados Orizontes,
 Os olhos me detem na saudade,
 Que d'olhos os cõuerde em viuas fô-
 Enganase mil vezes a vontade, tes
 Figura á fantasia o que deseja,
 Amor me faz saber esta verdade.
 É assi cousa não vejo, em que não veja
 Aquella, por quê viuo é fogo ardêdo.
 Aquella, porquê morre amor d'inueja
 li na bella viua õlhos estendo,
 O tẽpo que me dura o doce engano,
 Despois doutros qvê não me defêdo
 Ando criando forças a meu danno,
 No vao destas imagẽs fugitiuas
 Sem nellas querer ver o defengano.
 Brandas aguas dizei, serras esquiuas
 Não vedes vds em mi qme matenho
 De sospiros mortais, lagrimas viuas?
 Torno Lemos a ti, que te detenho
 Ha muito já na dôr destes qixumes,
 Inda que delles dito o menos tenho.
 Se pretendes louuar os claros lumes

C A R T A VII.

Da Musa Portuguesa doce & branda,
 Que d'amor tẽ escrito altos volumes
 Lá tẽs o grande Sã, não Sã Miranda.
 De quẽ o mortal sò morte apagou.
 De quẽ a fama vira entre nós ando.
 O de Menezes digo, o qual honrou
 Cõsigo as nove irmãs, & tẽs seu filho,
 Que nã brandura mais se leuantou.
 Tẽs o nosso Ferreira, & tẽs Castilho,
 E dous Andrades, todos luz do môte
 Dos quaes Febo, eu nã sò me maraui.
 Tẽs Syluia, tẽs Sylueira, q̃ na fôte (lho.
 Apõs Miranda se banharã logo;
 E porq̃ mais em outros não t'apôte.
 Tẽs o de Portugal q̃ em claro fogo
 Dũ raro amor se vay todo abrazãdo
 Sem lhe valerem lagrimas, nẽ rogo.
 Destes, teu doce canto vã soando
 Destes escuita tu q̃ doce cantq̃,
 Nã de mĩ, q̃ jã rouco ẽ ferras ando.
 Deixame amigo Lemos entre tanto
 Que o triste tẽpo dest'ausencia dura
 A vida consumir em triste pranto.
 Aquella tenra planta, que segura
 No seu materno tronco agora crece,
 Em idade, em valor, em fermosura:
 O teu bom canto a celebrar comecẽ,
 Seu nome se derrame, & por ti sõe
 Onde s'encobre o sol, onde apparece.
 A lyra Calliopẽ te encordoe:
 Como a tal segetto, o verso ignale,
 Dando a teu verso azas com q̃ voe.
 Sã da fonte a Ninfa, & pelo valle
 Cõ alua mãõlhe colha as aluas flores
 O rio quẽdo estẽ, o vento calle.

Sinta

CARTÁ IV.

145 68

Sinta o seu tenro peito dos amores
O doce, & honesto só, & nũca finta
Seus danos, seus receos, suas dores.
Emfim o justo Ceo não te consinta
q̃ empregues mais em mi, injustamẽte
Tal ingelho, tal maõ, tal pena, & tin
A tua branã Musa, brandamente (ta
Folha, flor, fructo, & sôbra de tais plã
Celebre, louue, e cãte eternamẽte (tas
A minha meu mal chore, êquãto cã-
(tas.

CARTÁ VIII.

Ao Padre Frey Agostinho da Cruz meu
Irmãõ, quando tomou o habito

EM que te mereci, ò Agostinho,
Que nesta escura selua me deixasses
Tomando pera ti melhor caminho?
Em que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom, teu bõ desejo
Primeiro que do mũdo t'apartasses?
Agora sint o, Irmãõ, agora vejo
Que tinhas pouco amor peracomigo
Sendo pera contigo o meu sobejo.
Perdoa, se t'agrauo no que digo,
Não te posso negar que sou humano
E que da natureza a regra sigo.
Faz, nesta parte, a dõr à razaõ dano
Não medeixa cuidar quãto acerraste
E como tudo o mais he puro egano
Se tu soubesses là qual me deixaste,
Não digo eu que t'arrependerias
(Que nũca do bẽ feito atrás tornaste
Digo

C A R T A VIII.

Digo que magoado ficarias (nho,
 Em responder tam mal á amor tama-
 Que sêpre em mi creceo igual cos dias
 Do mi (sendo outro tu) fizeste estranho:
 Temeste q' t'empedisse cõ meu rogo
 Auenturar tampouco a tanto ganho.
 Temeste que enfriasse o nouo fogo
 Em que se conuerteo outro, e q' arde
 De q' tambẽ soubeste fazer jogo. (ste
 Enganastete a ti se ral temeste,
 Que por nenhũa via t'estoruara
 De conseguir a vida qu' escolheste.
 Antes tencas tam boa te louuara
 Outras razoes às tuas ajuntando,
 Cõ que nella inda mais te cõfirmara.
 Mas fora, tal sabendo, costumando;
 Pouco apouco minh'alma ador q'sete
 Tu mesmo ante maõ me consolando.
 Quiseste que sentisse juntamente
 Esta mudança tua, & pena minha,
 Que razaõ me daras q' me contente?
 Triste do coraçõ, quando adeuinha
 O mal antes de vir, fuy verdadeiro
 Nũs versos, que perã ti escrito tinha.
 Inda limando estana o derradeito,
 Quando tua triste carta me chegou,
 Chorada antes de lida foy primeiro.
 Cercado doutras dores me tomou
 Os olhos estilando viuas fontes,
 Tudo isto mais em min acrecentou.
 Fuy suspirando sò por esses monres,
 As lastimas que disse naõ escreuo,
 Porque de tal fraqueza naõ t'afrotes
 Disto te naõ espantes, que mais deuo
 A tua saudade, & a mil lembranças,

Em

ME
CART A VIII.

69

Em que desmayo agora, em q' m'ê leuo
Erguia já contigo as esperanças
Têgora, como sabes, abatidas
De muy pesadas mãos, leues mudanças
A cousas que por mais q' são devidas
A todo bom espirito, he bem q' se;ão
Desprezadas de nòs, mas merecidas.
Mil cousas per'a vida nos sobejão
E cem mil faltaõ pera avaydade,
Pergûta aos q' mais tẽ, se mais desejaõ
Se o mundo nos não anda à vontade,
Não hé pera estranhar, pois he hũ so-
q' nũca cõ ninguêtratuverdade. (nho
Se quando se nos mostra mais risonho
Mais brãdo, mais amigo, o despreza-
mos.

He grãõ virtude, & á sua cõta o ponho
Mas se (o q' he mais certo) o despreza-
mos,

Despois q' nos engeita, & nos despreza
Que premio, ou q' louuor disso espe-
ramos?

Não cahirás tu nesta certeza,
Que tal espirito não se moueria,
Nem d'apetite vaõ, nem de fraqueza.
Inspiração do Ceo esta seria

A que mouesse tu'alma, & a guiasse
Ao mesmo Ceo, por tam direita via
Sempre triste seria, se cuidasse
Qutra coua de ti, por não ficares
Cõ mayor dõr, des q' tal dõr passas se.
Em mudar trages, em mudar lugares
Não consiste, teu bẽ, teu bem consiste
Em te despir de ti, a ti mudares.
Se o mundo de que tu hora fugiste,

C A R T A VIII.

Te tornar a chamar com seus éganos,
Com vigoroso peito lhe resiste.
Lembrete a breuidade dos seus annos.
Certos pezares seus, falsos prazeres,
E a grão pena dos eternos dannos.
Inda te lembr e mais, que se quiseses,
Alcançar a virtude, a quem eu falto,
Não te carregues mais doq poderes;
Sobese pouco a pouco ahũ mōre alto.
Mais descansadamente que correndo.
Não cuides de leuartudo d'hũ falto.
O caminho muy chão te iram fazendo
Os bõs exemplos, a doutrina santa,
Que dũs seguindo iras, & dourros lēdo
Sempre em toda parte, a Deos leuanta
Tu'alma, teus desejos, teus intentos,
Por elle chora sò, a elle sò canta.
Não faças doutras cousas fundamētos,
Da regra professada não desuies
As obras nunca, nunca os pensamētos
Não te fies de ti, nem menos fies
Que te guie direito o que vay torto,
Toma guia fiel por quem te guies.
Faze conta que na vida andas à morto
Pera que sempre viuas na diuina,
Passando de bõ porto, a melhor porto
Recebe com amor a saã doutrina
Que com amor te derẽ, nem t'agraue
Esta que o mesmo amor adar m'ẽsina
Entrega do teu peito a Deos a chaue,
Tudo te serã facil tudo leue
Toda tribulugão, doce, & suaue.
A santa obediencia, que se deue
Estimar muito mais que a dignidade
Soberba, da tu'alma nunca a leue.

A;un

C A R T A VIII. 70

Ajuntalhe hũa simples humildade,
E dellas com pobreza r'enriquece,
Com pureza de vida, & castidade.
Quem destas ricas joyas se guarnece,
Nos olhos de seu Deos, com vũa luz,
E diante dos homẽs resplandece.
Nos ombros da tua alma toma a Cruz
de Christo, em teu nome sô não ande,
Em cujo dia tu sahiste à luz.
Se comprires com isto louvor grande,
No mundo alcançaràs gloria no Ceo,
Donde venha o socorro q' m'abrande
Esta dôr, que me tanto entristeceo,

C A R T A IX.

Resposta do Padre Frey Agostinho
da Cruz.

S E tanto penetrou tua dureza
O som desse teu brando, & doce câto
Que faria n'hũa branda natureza?
Culpas o meu amor, & dizes quanto
Me tinhas, muito foy, não sei se diga,
q' tenho agora mais, sêpre outro tâto
A ley do Redemptor não desobriga
A quem professou ser mais obrigado.
Daquillo que a razão humana obriga
Se quis que nosso inimigo fosse amado,
Como não querer, que nosso amigo
Seja no mesmo amor auantajado?
Não sinto que passasse môr perigo,
Pera carecer desta liberdade,
Que desejar viuer sô là contigo.

Ta-

C A R T A IX.

Tãmanha força tinha a saudade,
 Da leue meninisse bem gastada,
 Apos a tua graue mocidade.
 E tanto foy de mim mais estimada
 Sobre todas as mais esta esperança
 Quanto d'altos espiritos cobiçada,
 Trazia pendurada na lembrança
 Que na vista dos bosques não parana
 O gosto, d'outra firme confiança.
 Assim tinhas em ti o que buscava
 Doutros, que se mouerao d'interesse
 Cujã nodoa, a meu ver, tarde se lava.
 Meu mestre, meu irmao, ah quẽ te desse
 Co essa tua voz cá nesta serra,
 Que tam altos côceitos não perdesse.
 Hora suaue paz, outr' hora guerra
 Cruel (mas necessaria) cantarias
 A quem diuino amor buscou na terra
 No pasto da tu'alma sentirias
 Doçuras de tamanhas nouidades,
 Que tu mesmo de ti t'espantarias.
 Moraõ no sentimento estas verdades?
 Mal as pode dizer quem as não sente
 E peor quem sentio taes saudades.
 Das plantas que regou tua corrente,
 Outro fruto não tẽs, outro nã colhes
 Senaõ queixarte em vaõ d'esteril gẽte
 Acólhete aquem sempre te recolhes,
 Não faças d'outra cousa fundamento,
 Mais boninas do cãpo não esfolhes.
 Guardar a ley diuina he mantimento,
 O ter menos do mundo mais seguro,
 O suspirar por Deos contentamento.
 Não temas que te falte no futuro
 A prouisão daquelle, que manteue

Com

C A R T A IX. 71

Com pão celestial pouo tam duro.
 Muito mais tem de seu quê tanto teue
 De que lhe deu fugir dos que confiaõ
 Daquillo de que mais fugir se deue.
 Os lyrios do campo, que não fiao 118
 Vestidos de tamanha fermosura,
 Vejamos com os olhos que não viaõ.
 Do que não semeou na terra dura
 O passarinho colhe com licença
 Do Criador de toda criatura.
 Tardar quero que julgues por offensa,
 E não sem to dizer por em effeito,
 E eu proprio parecer, tua sentença.
 Que guardados trazia no meu peito
 Muitos conselhos teus, q tu me deste
 Pera no torto andar sempre direito
 Lêbraraõme aquelles versos q screueste
 Na tua Egloga antiga saudosa,
 Onde tanto a pòbreza enriqueceste.
 Pois olha agora quanto mais fermosa
 Hũa alma por seu Deos pobre seria,
 E quanto nos seus olhos mais fermo
 Nesta nossa christã Filosofia (sa.
 O Senhor que de graça nos sustenta
 Diante foy de nòs, por nossa guia.
 Quem da pos elle vay na môr tormêta
 Mayor quietaçãõ, forças mayores
 Pera mais o seguir, mais acrecenta.
 Verdes plantas lombrias, alvas flores.
 Agoas, q mansamente his murmurãdo
 Fermosos horizontes, nouas cores.
 Amor, que por amores suspirando
 Não pòdes repousar sennão ardendo,
 Amor diuino amor, meu amor quando
 A ti, de ti, contigo irei sostenendo.

Nos

C A R T A X.

Nos hõbros da minha alma atua cruz.
O Lyra no Letheo conuertendo
Chamarei por Maria, & por Iesús.

C A R T A X.

Ao Padre Frey Thomss de Sousa, achã-
dole entre Douro e Minho.

D iuino Preceptor da ley diuina, (do
Tomàs, q' ao grão Tomàs vãs imita-
Na vida, na profissão, & na doutrina.
Se a occasião que agora m'esta dando
A guedelha na mão, deixo passar,
Quando a alcancarey? passa voando.
A Tantalos me posso comparar,
Rodeado das aguas, & da fruita,
Que deseja, a que não pôde chegar.
Qual com Alcides Anteo assi luyta,
Meu pensamento nisto, mas que val
Piquena força, contra força muita?
Tal este tempo he, a terra he tal,
Que já não digo verte noite, & dia,
Mas inda a isto me despejo mal.
Que foy dos aluorços, que trazia
De lá donde s'espraya o rio Tejo,
Ah quanto m'enganaua a fantasia.
Quantos (cô outros olhos) de cá vejo
Enuejosos de mim, que só de ti
Não renho mais que só desejo.
Cuidaõ que m'enriqueço estando aqui,
Dos raros doês, q' o Ceo partiocõtigo
Ditofo fora, se isto fora assi.
Mas desta terra mdo, o vulgo inimigo,

De qualquer sombra vã, do ṽto leue
Leuanta mil mentiras que não digo.
Não basta que o bom faça quanto deue
Pera do mau nã ser por mau julgado
Bẽ sabes q̃ a malicia a mais s'atreue.
Vou do que a letra soa desuiado
A'outro aluo tira a minha Musa
Mais alto traço o espirito levantado
A inueja raramente aceita escusa,
Pergũto, o peito ond'ẽtra esta Megera
Se louua o bẽ, se bẽ, & mal nã acusa?
Caminho comecei porque podera
A Satyra seguir mais que de passo,
Inda que no melhor m'anoitecera.
Mas não he tẽpo agora, volto o passo,
Em silencio aqui quero esperar-te,
Aqui onde sem custo a vida passo.
Em tanto (inda q̃ he erro em occuparte
Cõ meu inculto verso es'alto sprito
Dado a lição mais alta, a melhor par
Sofreme o q̃ disser; sofreme o dito, (te)
q̃ inda q̃ rouco estou desejo, & spero,
q̃ onde nã chega a voz, q̃chegue o scri
Que duro coraçãõ, q̃ animo fero (to
Te poderã ouuir que não s'abrande?
En jã des que t'ouui isso sò quero,
O soberbo em seus mandos se desmãde
Descubra o cobiçoso nouas minas,
Cada hum a seu gosto viua, & ande.
He esta por ventura a ley qu'ensinas?
Não mostras tu ser tudo vaydade
Fõra do amor do Ceo, em q̃ t'ensinas?
Bem prégas a verdade de verdade,
Bẽ de verdade guardas quãto prégas
Os olhos s'ẽpre em peos, s'ẽpre a vó-
(tade. ṽgo

C A R T A X.

Vejo este breue tempo, que te negas
 Ao pouo, ao Rey, & a ti primeiro,
 Quam bẽ o gastas cã, quãõ bẽ o, e pre
 Cõfolas o triste pay, q̃o verdadeiro (gas
 Amor, o tornou tal, q̃ foy muy perto
 De ser na morte à filha cõpanheiro.
 Da magoada mãy o peito aberto
 Trabalhas por curar suauemente,
 Dando remedio a tudo santo, e certo
 Deuida obrigação à dõr presente, (cio,
 Deuida à natureza, & ao proprio offi-
 E ao amor paternal principalmente
 Quem não te loquorã tal exercicio
 Enxugar tanta's lagrimas alheas,
 Fazer das tuas proprias sacrificio?
 Qual bom cultor das almas q̃ grangeas,
 Despedes cõ viuã luz a neuoa escura
 Colhendo o fructo dellas, q̃ semeas.
 Assim d'hũa em ouera criatura
 Gnando as vãs de cã deãta baixeza
 Aquella antiga, & noua fermosura.
 Ditosa a que da flor, & da belleza
 Da rosa, da goa branda, & verde plãta
 De quãto enfim nos mostra a nature
 Ao Criador de tudo se leuanta, (za.
 E lá, à do mortal aborrecida,
 Nouos Hymnos no intimo lhe canta.
 Ô pura, ô descansada, ô santa vida,
 Mil vezes santa, & pura, & descansada
 E muitas mais de mim peor seguida:
 Se em todos meus escritos es louuada,
 Como te não abraçantes t'êgeito,
 Não es dos q̃ mais sabẽ mais preza-
 Tu vnico Thomãs, em cujo peito (da?
 O bom saber repousa, onde se entende
 Xod:

C A R T A X. 120. 73

Toda causa secreta, & seu effeito.
 Mostrame este segredo; não s'estende
 O meu juizo ponto, s'ó teu segue
 Se toma luz de ti, de ti aprende.
 O teu conselho aqui não se me negue
 Não me deixes sumir nest'alto pego,
 Pois não me pôdes dar a q' m'ape-
 Amor me mette nelle, não tó nego (gue.
 Que sempre me leuou por onde quis;
 Cego deixei guiar-me d'outro cego.
 Mil contas fiz co'elle, mil desfiz
 Todas feitas no ar, & em ar desfeitas
 O tempo que m'ensina, assi mo diz.
 A vida & alma a-sen querer fogueiras
 Deixarão-se enganar de conhaças
 Certas no vão; não certo contrafeitas,
 Que me ficou daquil senão lembranças
 Tristes, cheas de dor, & sentimento
 Perda de tempo, per da d'esperanças.
 Porém não he yiqueno fundamento
 Pera o fim q' pretendo conhecer-me
 Entregue a dor do arrependimento,
 Se isto pera com Deos pode valer-me
 Co mundo porq' não? que não errou?
 Quem pode liuremente reprêder-me?
 Desculpas são do vulgo; não tas do u,
 Por tal respeito não me delagranes.
 A culpa d'Eua a Adão não desculpou
 De cõdição humana he não ver traues
 É nossos próprios olhos, not alheios
 Arestas leues nos parecem graues.
 Mas deixe a estrada chã, siga rãdeos
 O nece, o pertinas seu mal fofente
 Cõ razões aparêtes, cõ vãos meios.
 De seu parecer proprio se contente.

CARTA X.I.

Todos os mais despreze, não entenda
Que mais fia de si quem menos sente.
Eu não me queixarei que me reprecnda
O sabio, o virtuoso, o amigo puro,
E sendo mister mais, q a mais s'entenda.
Ah que viemos neste valle escuro
Como senão ouuesse vida eterna,
Ou qu'essa nossa câ fosse de juro.
Por agoas encharcadas, de cisterna +
Trocamos as da pura & viua fonte;
Tão mal nossa vontade nos governa.
Não passarei daqui, temo q a fronte
Indo adiante mais; forças não tenho
Que bastem a subir tão alto monte.
Materia digna sò do teu ingenho
He esta que tocava; tu a trata,
Eu com agreste fraata, bẽ m'auenho.
Mil vezes cahe quem se não precata,
Quem a tudo o q cuida solta a pena
Muitas cousas enfeixa, poucas ata.
Mas se por dom do Ceo nelle se ordena
Que possa a minha, q por ti sospira,
Escrereuer algum dia mais sem pena.
O ingenho logo, a mão, o câto, & a lyra
A teu louvor darei com melhor rima
Tal qual no peito o d'outro Apollo
inspira.
Daq̃lles q mais ama, & mais estima.

CARTA XI.

A Pero d'Andrade Caminha.

(dos
A Ndrade a quẽ Fêbo afina & encor-
Com sua propria mão a doce lyra
Que

C A R T A XI. 74

Que tão doce, & tão bráda entre nos
 Escuta hũ triste espirito q̃ suspira (sôz
 E chora sô consigo, o q̃ só sente (ira.
 Hora de magoa cheio, outr' hora de
 Deixei o valle, & o môre, quis ver gête.
 O tempo me forçou, quieto estaua,
 Da vida solitaria, jã contente.
 Fingindo não temia, nem rogaua,
 O que me cumpre cá fazer agora,
 Hum rosto tenho sô, hũ sô mostrava;
 Os olhos hão de rir quãdo alma chora,
 Vontades diferentes entretendo(rã.
 Có arte, & buscar tẽpo, & esperar ho-
 Eime de mostrar simplicz no qu'entẽdo.
 Nô que não sey fazermẽ sabedor,
 Se quero ver o fim do que pretendo.
 Pode ser mayor pena' ah graue dôr
 Pera quẽ sô cõ bosques tinha conta,
 Co gado, co a Ninfa, & co pastor.
 Inda que com me ver me desafronta
 O que por armas tras o animal
 Por quẽ se pos Iasão em tãta asfôta.
 Destẽ quietanto pôde, & tanto val
 Espero ver muy cedo conuertido
 O cõbre meu em mais alto metal.
 Senão eysme outra vez logo escondido
 Nos valles, & nos môtes pedregosos
 De grandes, & pequenos esquecido.
 Cantarei pelloz bosques saudosos
 A plãta, à flor, à fonte, à simplicz aue,
 E às Ninfas, & faunos amorosos.
 Não temerei o mau que la me agraue,
 Ouro não vendo lã, nem vêdo prata
 Sentirei a pobreza menos graue.
 Qualquer fruto da terra a fome mata
 G 2 A fonte

C A R T A X I.

A fonte não se nega; Ah viuer puro
 Onde do natural se viu, & trata.
 Se vés que por aqui não vou seguro
 Pello q̃ deue às Musas, ensine & guie
 O teu claro juizo ao meu escuro.
 E porque do melhor se não desuie
 Mostrame tu Andrade entr' esta gēte
 Algum espirito boim de quem me fie.
 Quê ontem me mostrou rosto contente
 Já oje se me mostra carregado
 Em tudo do primeiro differente.
 Por graueficar quer desobrigado
 A me auorecer no que pretendo
 De que palaura já me tinha dado.
 Estes montes, & valles prometendo
 Sem nunca effectuar o prometido
 Querê q̃ o que não dão fique denêdo.
 Mas eu como já bem tenho entendido
 Quamanhos mestres são defingimēto
 Taôbê lhes sei mostrar rosto fingido.
 E inda que com dôr, & sentimento
 Vendo que me dão causa de mentira
 Satisfazendo vou vento cō vento.
 Mas sabe amigo meu que se me vira
 Na ribeira do Lyma donde vim
 Que de quanto câ choro là me rira.
 Outros se querem cã seruir de mim
 Em dar setido a versos, se são versos
 Os conjuros de Circe, ou de Merlim.
 Outros cō nouos modos, mas peruerlos
 Querê de mim q̃ seus cōtrarios note
 De vis, ou d'Agarenos, ou cōuersos.
 Hã quer q̃ lhe responda a hũ frio mote
 Diz outro q̃ lhe grosse hũ cantiga
 Mais cōfusa q̃ a torre de Nembrote.

Que

C A N T O XII. 75

Que cuidas que m'importa esta fadiga?
 Cuidarem que me deixão satisfeito
 Cõ dizerẽ não ha quem melhor diga.
 Parecetẽ que tiro bom proveito
 Do trabalho q' passo, antes qu'alyma
 Por bom aceite o verso, & o côceito?
 Viuõ sò do louvor da minha rima?
 Por ventura lho da quẽ não entende
 Se he digna de desprezo, se destima.
 Eio que sobre tudo mais me offende
 He tratar cõ Poetas que me pedem
 Que suas obras veja, & lhas emende.
 Que mude, ou risque os verlos q' proce
 Sẽ arte, & sẽ medida, liuremente, (dẽ
 Que poder pera tudo me concedem.
 Sendo a sua tensãõ muy differente;
 Que não querem emẽda mas louvor,
 Que d'emẽda não ha quẽ se contẽte.
 Ora louuaime lá hum sem sabor,
 Menti, por gosto seu, se ter vergonha
 Da terra, nem do Ceo nenhũ temor.
 Enfim se m'adefer sempre peçonha.
 O dô que me deu Fêbo, aqui s'acabe;
 Desagora lho largo, em mão o ponha
 De quem lisongear, & mentir sabe.

C A R T A XII.

Ao Doutor Antonio Ferreira.

Ferreira meu, não meu que foste dado
 Do Ceo às noue Irmãs, pera q' sejaõ
 Postas por ti, no seu antigo estado.
 Ouuir teu doce canto ja desejo
 Tejo, Mõdego, Douro, Neyua, & Lyma

C A R T A XII.

Por onde o curso seu mais brando re-
Dos quais senão farã menos estima (já õ
Que d'Arno, Mincio, & Pò, Sorga, &
Sebeto

Ouindo em suas prayas tua rima.
Ouindo aquelle som brando, quieto
Que vai fazêdo inueja ao q̃ o famoso
Anfriso ouuia do pastor d'Ameto.

Rompe pois assi he o vagaroso
Silencio, a q̃ sem causa vemos darte
Solta teu verso já, tão amoroso.

Não tenha a vida cousa que t'aparte
Do licor de Castallia, cristallino

Que pôde o q̃nãõ pode o mudo dar
Se podera formar quãto imagino (re.
Quando teus versos lêo, quãdo noto
Neiles, o teu ingenho peregrino;

Sem temerem os meus a mão de Clêto
Ficarião à fama encomendados
No templo de q̃ fuy sempre deuoto.

Mas não posso negar serem me dados
Por ti do ceo fauores venturosos,
Inda q̃ mal de mim remunerados.

Se me nãõ dera ao mundo em tãodito
Annos, de mim q̃ fora? que por ti (fos
T'espero de ter nome entre famosos?

Por mim nunca subira onde subi,
Meu nome co'a vida s'acabara,
O mundo não soubra se nasci-

Confesso deuer tudo àquella rara
Doutrina tua, q̃ me quis ser guia
Do celebrado monte à fonte clara.

E por te deuer mais, se à luz do dia
Te parecer que sayão meus escritos
Na tua pena està sua valia.

CARTÁ VI.

123, 76

As faltas, os sobejos, duros ditos,
O não guardar decoro, em pranto, E
Enfim erros q' leuão infinitos. (rogo,
Em nada, corta, abrandando, finto fogo
Da tua ardente Musa, em q' s'apurê,
E sendo dignos doutro dalho logo.
Ou acabem por ti, ou por ti durem;
Seu fim, ou seu louuor por ti os figua
De mim mais não esperê, nê procurê
Poein ant'os olhos a sentença antiga
Que não nacemos nós por nós sôs,
Esta te moua agora, pois t'obriga.
Escreue, canta, entina, porque dos
Altos escritos teus nos ajudemos,
E os mais que virão depois de nós
Não nos queiras negar já que te temos
Por mestre desta Musa, o largo câto
Por onde cõ nossa honra nos guie.
Que quando o meúvier a valer tâto (mos
Que tenha pouca inueja ao q' moueo
P' taó, a piedade, & Radamanto.
Canta ci teu amor, & amor do Ceo
Por estes bosques cá, nestas montañas
Onde o bom Sã tiranda s' escondêo
Que là nê canto val, nem valê manhas
As boas digo, as más bẽ sey q' valem,
Que não sô estranhão já, nê são estra-
nhas.
Ninguê não quer verdades, ou se fallê
P' sebusadamente, ou por figuras
Por isso espiritos bós sintão, & callê.
Dm Selua. escura andamos ás escuras
Sẽ ver do graõ Planeta, claro, & puro
O lume que dà luz às luzes puras.
O bema uenjurado o que seguro

CARTÁ XII.

No campo viue, cõ seus bois laurãdo
A dura terra com arado duro.
Ou vã o louro trigo semeando,
Ou o monde? ou regue dest que nasce
Ou cõ fouchinha torta o vã segnãdo
Ou em quanto no prado o gado paze
A vidreira, sem mimo, em frutuosa
Co alemo sombrio elpõe & abraça
Ou em planta siluestre, & amargosa (d
Inxerte cõ destra mão, & ferro agu
Outra de n'lhor gosto, & mais min
Bẽ se pode chamar ditoso em tudo (f
O que tamanho bem do Ceo alcãç
Que gasta assi seu tẽpo, & seu estud
De fortuna aduerfa, aspera mudança
Não teme, nẽ doshomẽs mil engan
Nos quais tẽrse não deue confianç
Nunca dana a ninguẽ, nunca vẽ dano
Que causem na su'alma tal tristeza
Que mais asinha veja o fim dos ãn
Goza dos puros doẽs da natureza,
De mil suaves frutas, de mil flores
Que parte a Primavera cõ largueza
Não se queixa em vã de vãos amor
Nẽ tẽ cuidados d'ondosquaes eu ti
Quando sentia a dõr de suas dõre
Finalmente que viue, ah, como viue,
Pois viue de esperanças, & receos
Tão liure, q̃ não tẽ quem o captiu
Mas digo, por concluir estes rodeos,
Que confesso de mim q̃ tenho inu
A quẽ de seus bẽs viue, & não d'al
Pelloq̃ rogo ao ceo, qu'inda me veja
Onde possa viuer com liberdade
O pouco que da vida me sobeja.

Onde fiqua razão, negue vontade
 A minha, cõ as mais q' errado fiquo;
 O trabalho perdendo a pos a idade.
 Ali não temerei do claro inimigo
 A mão armada, nê a lingua aguda
 Do maldizête, ou do fengido amigo.
 Ali a minha que tu vês tão muda
 Praticando entre aquelles aldeãos:
 Serà zuida por branda, & não por ru
 Rirei ali de pensamentos vãos, (da
 Dos qu'inchão dê soberba, & d'ira ce
 guão,
 Doutros aquê cobiça aleija as mãos.
 Rirei tambem dos q' por mar navegaõ
 Pois q' por falsos bês, q' o tempo tira,
 A húa fraca raboa a vida entregão.
 Sabe Ferreira meu, que se me vira
 Nesta tal vida já, em tal estremo
 Qu'isto, que sô desejo se comprira;
 Que não temerá tanto, quanto temo.
 O que podê dizer meus verios lèndo
 Nos quaes inda do vulgo mal m'estro
 Aqui me diràs tu: s'eu isto entendo mo.
 Quê me manda meter nestes perigos
 Quâdo te do milhorvão mal dizêdo?
 Não te nego ser erro, mas d'amigos
 Me poê, cõtinos rōgos, nesta afrōta.
 As obras medo ey serem d'inigos.
 Mas eu com teu juizo tenho conta
 E com outros q' sei que d'elle pèdem,
 Os mais que digão bem, que nial, que
 monta?
 Sempre os que menos sabem, mais
 reprendem.

CARTA XIII.

Resposta do Doutor Antonio Ferreira

Fez força o meu inteto à doce, & brã
Musa tua Bernardes, q' o meu peito (da
Da nouo espirito, no fogo manda.

Como hum juiz q' queres, que fogei to
Viue a tantos juizes, senão guarde
De tanto riso, & rosto contrafeito.

Quão e mim mais das Musas o fogo ar
Tão trabalho mais por apagallo (de
Quanto o silencio val, sabese tarde.

A medo viuo, a medo escreuo & fallo,
Ey medo do que fallo só comigo,
Mas inda a medo cuido, a medo cal-

Encontio a cada passo cô inimigo (lo.
De todo bom espirito; este me faz
Temerme de mim mesmo, & do ami-

Taes nouidades este tempo tras (go.
Que he necessario fingir pouco fiso.
Se queres vida ter, se queres paz.

Vida em tanta cautella, em tanto auiso
Quando me deixaràs? quando verei
Hũ vexadeiro rosto, hũ simples riso?

Quando a mim me crêrao, todos crerei
Sem duvida, sem cores, sem enganos
E eu de quê; de mim mesmo seja rey.

Ah tantos dias tristes, tantos annos
Leuados pellos ares, em desejos
De falsos bês, & nossos mōres danos.

A quem os deixa & fuge, quão sobejos
Lhe parecê mais bês, q' os q' s' d' bastaõ
Desuiar da virtude os cegos pejos.

Quantos

CART A XIII.

125

78

Quantos as vidas, quãtos almas gastão
Em buscar seu perigo, & sua morte,
E tras elle seus jugos crueis arrastão.
Aquello viues sò, a quẽ coube em sorte
O som da fraura, q̃ dos hõbroz pede
O mudo desprezar cõ espirito forte.
Toda minh'alma em desejar s'estende
A doce vida, q̃ taõ doce cantas (de.
Que quasi quebra a força q̃ me pren-
Mas ajunta a mil forças outras tantas,
Todas quebrarei eu, s'afas riuesse
Cõ q̃ chegasse onde me tu leuantas.
S'eu podesse ô Bernardes, s'eu podesse.
Ser de mim sò senhor, eu voaria
Onde do vulgo mais longe estiniesse
Ah quão docemente me iria
De quãto agora choro, alli meu esto
Livre por ares liures solitaria.
Em quãto me ves preso amigo, e quãto
Sẽ espirito, & se força, nã nte chames
Cõ teus versos, qua ti sò hõraõ tãto
Por mais q̃ me desêjes, mais q̃ me ames
Nã empregues ã mim tãto cegamẽte
Teus versos, cõ q̃ he bẽ q̃ Heroas afa-
Mas tratarei contigo amigamẽte (mes.
Do conselho q̃ pedes: luizo, & Lyma,
Tẽ em si todo o humilde, & diligẽte.
Quẽ tanto a si mesmo ama, tãto amima
Qu, a si se fauorece, & se perdoa (ma
Qu'ẽ espirito mostrarã em prosa, & ri-
Tas saõ algũs (q̃ triste) a Era corõa (to
Roubada dovão pouo ao claro espiri
Qu'escõderse trabalha, & enãto mais
Aquelle dã de si publico grito, (soa.
Este calla, & s'encõlhe, o tẽpo enfim

C A R T A XIII.

Dū morto, immortal doutro faz o ef
A primeira lei minha he, q̃de mim(crito
Primeiro me guard'eu, a mim não
Nê os q̃ leuamente se me rim. (crea,
Conheçame a mim mesino, siga a vea
Natural, não forçada; o juizo quero
De quê cō juizo, & sê palxaõ me lêa.
Na boa imitacão, & vso, que o fero
Ingenho abranda, o inculto da arte,
No conselho do amigo doutroespero.
Muito ò Poeta o ingenho pôde darte,
Mas muito mais éo ingenho o tēpo, e
estudo.

Não queiras de ti logo contentarte.
He necessario ser hum tempo mudo,
Ouir, & lêr somente qu'aproueita
Sê armas, com feruor cometer tudo?
Caminha por aquil, esta he a direita
Estrada, dos q̃ sobê ao alto môre (te
Ao brãdo Apollo, as noue Irmãas a cel
De bê escrever, saber primeiro he fôrte,
Enriquece a memoria de doutrina,
De q̃ hũ cante, outro ensine, outro te
Isto me disse sempre hũa diuina (conte.
Vôs à orelha, isto entendo, & creio,
Isto ora me castiga, ora m'ensina.
Cad'hũ pera seu fim busca seu meio,
Quê não sabe do officio não o trata;
Dos q̃ sê saber escreuê omũdo he che
S'ornares de fin'oro a brãca prata ;(io
Quãto mais, & melhor ja resp'lãdece,
Tãto mais val o ingenho s'a arte s'a
Não prêde logo a plãta, não florece (ta
Sê ser da destra maõ limpa, & rêgada
Co tēpo, & arte, flor, muito aparece.
Queisã

C A R T A XIII. 79

Questão foy ja de muiros disputada (za.
 S'obra é verso a arte mais, s'a nature
 Húa sê outra val ou pouco ou nada,
 Mas eu romaria antes a dureza (dou
 Daquelle q' o trabalho & arte abran-
 q' descutro a corrête, & vã presteza.
 Vence o trabalho tudo o que cansou
 Seu espirito, & seus olhos algũ' hora
 Mostrarà parte algũa do qu'achou,
 A palavra que sac húa vez fora (ro
 Mal se sabe tornar, he mais seguro
 Não tella, qu'escusar a culpa agora.
 Vêje teu verso brádo, estylo puro, (ria
 Ingenho, & arte, & doutrina sô que-
 Têpo; & Lyma; de inueja forte muro.
 Enfina muiro, & muda hũ anno, thũ dia
 Como é pintura os erros vai mostrádo
 O têpo, despois, qu'o olho antes naô
 Costa o lobejo, vay acrescentando (via.
 O q' falta, o baixo ergue, o alto mo-
 Tudo a húa igoal regra côfor- (dera
 Ao escuro dá luz, & o q' podera (mâdo.
 Fazer duuida a clara, do ornamento
 Ou tira, ou põe, co decoro o têpera.
 Sirua propria palavra, o bom intento,
 Aja juizo & regra, & differença
 Da pratica apressada o pensamêto.
 Dana o estylo às vezes a sentença.
 Venha tudo taô igoal, & taô côforme
 q' é duuida estêver qual delles vença.
 Mas diligente assi a lyma reforme
 Teu verso q' naô entre pello saô (me.
 Tornádo êvez d'orualllo, é taô disfor
 O vicio q' se dà ao Pintor q' a maô (sa
 Naô sabe erguer da taboa fuge; a gra
 Tiraô,

C A R T A XIII. 61

Em tal amigo, tão defenganado
 Juizo, & certo, em q' confiado vinha.
 Quê d'olhos tantos lido, quê julgado
 De tanto imigo as ve. ãs ha de ser,
 Conuê tẽpo esperar, & ir bẽ armado;
 Isto me faz Bernardez meu temer
 No teu como no meu; naõ val escusa
 Doe muito ver meu erro, & arrepêder
 quê louua obõ? quê bõ e mau naõ acusa
 Mas tu naõ tẽs razaõ de temer muito
 Assi t'alça, & te leua a branda Musa.
 Deixa sô madurar o doce fruto, .
 Hũ pouco; deixa a lima contentar-se,
 Enueta, & escolhe entaõ o milhor do
 Eu velo cada dia acrescetar-se, (muito.
 Em ti fogo mais claro, o ingenho teu
 Cada dia mais viuo levantar-se;
 Entaõ daràs, com gloria tua, o seu
 Graõ premio às Musas q'tal criaraõ,
 Vida a teu nome, qual a fama deu
 A muitos que da morte triun faram.

C A R T A XIII.

Ao Doutor Antonio de Castilho.

I A com muita razam Castilho pede
 q' quebre este silêcio, hũ amor puro,
 O qual esta licença me concede.
 Tomo a pena na mam muito seguro,
 Que sei q' me leràs com tal pureza
 Que fique claro este meu verso escuro.
 Hum espirito gentil a quem despreza?
 Quando a vòdade sête doutro espirito
 Nam

C A R T A XIII.

Nam mostra entao mais sua gẽtileza?
 Mil vezes a mim cã, me tenho dito!
 Que cuidará de mim o bom Castilho?
 q̃ tanto ha q̃ lhe nam tenho escrito.
 Se cuydas, por ventura, qu'inda o filho
 Da branda Citharea, me sogigua
 q̃ me desculpes nam me mara uilho.
 Mas nesta parte já, a sua antiga (ma,
 Virtude, em mim renoua o claro Ly
 Que de cousas passa das desobriga.
 A Ninfa que cantey em doce rima
 Já (dando ao Imineu consentimẽto)
 Nam d' Amor d' interesse fez estima.
 Declaro ẽ sôs dous versos, meu intẽto,
 Digo que de tardar a culpa teue.
 O nosso começado fundamento.
 Quando parti de lá, lembrarte deue,
 Que ficou o senhor do nosso Gouro
 De me mǎdar chamar ẽ tẽpo breue.
 Logo como quẽ corre a hũ gra telouro
 Em vendo seu recado, atras deixaua
 A terra a q̃ dá nome o Minho, & o Dou
 Na q̃lles verdes cǎpos nam paraua (ro.
 Do rio, ond'fermosa Madalena
 Cabellos louros, & aluo rosto laua.
 Aqui podera mais soltar a pena (q̃o,
 Mas sẽpre espreita Amor, por mi ove
 E nouo mal, nũ bera passado ordena.
 Em fim que te chegar lá ond' o Tejo
 Com aguas de Neptuno se mistura
 Nem descançara o pẽ, nem o desleio.
 Mas ja q̃ tal naõ foi minha ventura
 q̃ visse o qu'esperaua, perdoa o erro,
 E o descuido lá, se podes cura.
 Se naõ no voluntario meu deileiro

A vida

A vida acabarei, já que nasci
Em idade cruel, triste, & de ferro,
Assi que se dum não, depois dum si
Gouro me não quer dar o deségano
Porq' mo dés, o pode dar a ti. (annos
Que ja me corro, & canso de anno em
Andar d'húas em outras esperanças,
As quaes todas acabaão m meu dano
Pode ser maior graça que as mudanças
Do governo, & d'officios dessa terra
Tambẽ me vão a mim pôr: é balanças?
Não he meu natural o valle, & a serra
O rio, o bosq', o monte, o verde pra do
Ôde não ha cobiça, ôde não ha guer-
Não pretêdi eu sempre: é sossegado? (ra
Ocio, ouu ir as brandas irmaãs noue
Cantar ora o presente, ora o passado?
Se posso lograr isto, que me moue
A querer contrastar cõ minha sorte,
q' não consente qu'outravida proue?
Diràs que tudo vença hú peito fortê,
Diràs que nunca deu a molle vida
Nome q' dure mais despois de morte.
Que são razões muy claras: quẽ duvida
Mas q' queres Castilho q' mais faça;
Não tês tu a verdade bem sabida?
Os versos q' por meus andaão na praça
Se os o rico lê, não me conhece,
O pobre qu'aproveita se m'abrace?
Quando cuido q' acaba, entao mais cre-
A causa de queixarme, mas de quẽ c
Do tempo sò q' mal me fauorece.
Os que podem dirão q' conta tẽ (nada
Com meus queixumes, q' lhes não dá
Quer louvores lhes dê, quer lhos não

C A R T A XIII.

Eis logo esta razão sua aprovada:
Do necio, ou lisógeiro, eis logo a mi
Inda q' melhor seja condenada. (nha
Não olhaó qu' Alexandre inueja tinha
Não dos feitos d' Achilles, mas d' Ho
Porq'dellecátou comocóuinha (mero
Se os escritores não culparaó Nero,
Quem podera saber sua crueldade?
Eneas pôde ser que foy mais fero.
Das Musas o rigor, ou amisade (nos,
De fama escura, ou clara nosfaz dig
Ou seja com mentira, ou cõverdade.
O ditos os espiritos peregrinos
Quê vos nã ama, & teme, nã entêde,
q'podeis dos mortaes fazer diuinios.
Com força que do tempo se defende
Hús pôdes no Inferno, outros no Geo
O vosso poder tanto s'estende.
Que mais a Poesia mereceo
Iupiter, que Plutão, eraó irmãos,
Vejaó ond'hum sobio, ou deceo.
A causa disto foi ter largas mãos,
O que ficou acima dos Planetas,
O outro rinha os dedos mais villaós.
Differa maravilhas dos Poetas
A muito pouca custa da memoria,
Mas pera q', pois te não são secretas?
Pesame não poder em noua historia
Dos Lusitanos Reys a imagem pura,
Leuar ao tẽplo da imortal memoria.
Não por falta d'êgenho, & inuenção ra
Estilo, & arte, q'Febo é tal sógeito (ra
Desusados conceitos m'inspirara.
Mas sabes de que nace este defeito (sto
De não ver neste tẽpo hũ nouo Augu
A quem

C A R T A XIII. 25

A quem tão bô trabalho seja aceito.
 Logo necessario be. não digo justo
 Negarme a meu desejo, por buscar
 Causa que a pobrevida faça o custo.
 O mais fuja de mim, leuê ao mar (tollo
 Os seus tesouros, Tejo, Hermo, & Pa-
 Quem não cobiça he bô de cõtêtar.
 O Principe, ao Poeta, é o seu Apollo,
 As suas afas são, gosto, & fauor,
 Co estas voará do Pollo a Pollo.
 A quê isto falece, òlhe melhor (vellas
 Em tão graô mar não dar ao vento
 Antes sem fama fique, & sem louuor.
 Do que toca a mim sò duas nouellas
 Inda que muy vulgares, contarei,
 Se as não queres lér passa por ellas.
 Ah quanto s'aventura (isto direy
 Primeiro) quem escreue sem receo
 Fazendo de si mesmo sua ley.
 Tenhote por amigo, & temo, & creio
 Que !a meus versos lês cõ pesa dúbre;
 Isto julgo de ti pello que lèo.
 Que mil vezes (tal he nosso costume,
 Ou nõssa natureza) o bô me cansa,
 Outras lerei do mao si graô volume.
 A cousa nesta vida sem mudança n
 Por ventura a vôtade; qual he folha
 Leue, q' mais ó som do vento dança?
 Quem não quizer errar, antes escolha
 Callar, ou se fallar vâ sobre auiso
 Que sempre com bô tẽpo se recolha.
 Mas óde me leua a mĩ meu pouço siso,
 Não vejo q' da regra q'eu estou idãdo
 Tão desuiado von? q' grande riso.
 Enfim às duas fabulas tornando
 Ou tenha

C A R T A XIII.

Ou tenha nellas grãsa, ou seja frio,
 Irei quanto pòder abreuiando.
 Hum cão, passando hum dia por hú rio
 De cristalinas agoas, & correntes
 Diuia por razão deser no Estio.
 Dú osso duro, qu'antre os duros dêtes
 Leuaua attraueffado, a sombra vio.
 Naquellas frescas agoas trãsparêtes.
 Cuydando ser outro mór a boca abrio
 E por querer tomar a presa yam
 Acerta na corrente lhe cayo.
 Mas que me diràs tu daqlla raã (cendo
 Que vêdo o boy no prado andaripa
 Chamou húa filha sua, ou sua irmã;
 E disse-lhe eu espero, s'emeftendo
 De ser tamanha como este animal,
 E começou d'inchar, & foi crecendo.
 Amiga inchares muito, pouco val
 (Respondeo a que vêdo) certa estou
 Que não lhe podeis nunca ser igoal.
 A douda da reposta não curou
 Antes inchou com tanta força tanto
 Que não cábendo em si arebentou.
 As butras em lugar de fazer pranto
 Rirão da presumpção desta sandia,
 De rirem, & sombarê não m, espanto;
 Alem de ser costume, merecia
 Tamanha vaidade qual foi esta
 Fazerem della grande zombaria.
 Já te vejo Castilho fazer festa
 Vendo que pouco tempo te detiue
 Na fabula passada, & pouco nella.
 O fundamento d'ambas, s'algun tiue,
 A teu juizo o deixo; mais não digo
 Viue Castilho meu, felice viue,

O Cco

130
CARTÁ XV. 8;
O Cco seja cortez sempre contigo.

CARTÁ XV.

A Christouão de Tauora.

E Sperando q̃ desse o tempo leue
Algũa occasiã menos pesada
Onde pagasse o verso, o que vos deue,
O que deue Senhor, à desusada
Bondade de que vsais, q̃ gèralmente,
Obriga ser de todos celebrada
Foy o seu proceder tão differente
Do que nas apparencias prometia
Que ja delle não sei que me cõtente,
Mas pois (com perda minha) me desuia
D'hórar có vosso nome hũ câto ledo
Ao menos honrarei esta Elegia
Corrido de não ser isto mais cedo
Por esta razão que digo inda agora
Por outras q̃ não digo escreuo a me
Os escritos que saem da mão fora (do.
Tantas sentenças tẽ, quãtos lèdores,
Assi Miranda o canta, assi o chora,
Sẽpre averdade achou murmuradores,
A mentira que dana, & lisougea
Sẽpre (em pouco saber) grandes fauo
Em idade senhor de magoas cheia (res.
Acabei de saber (pera mór magoa)
Que no vento escreui, fundei n'area.
Auiame isto a ddr, como na fragoa
O fogo mais se aulua, & se leuanta
Quãdo por cima delle espargẽ agoa.
Ah se por mĩ suspira, à relua, & a plãta
Da ribeira do Lyma saudosa
q̃ faço? porqu'espere? que m'encãta?
NÃO

C A R T A XV.

Não se mostra na serra alta, & fragosa
A noite mais quieta, & mais serena?
A manhã mais rosada, & mais fermo-
Que ventura cruel tal vida ordena, (ta?
Depois de ter tã pouca & tãtas vidas?
Que culpa a tal miseria me condena?
Pretêdo por vêtura, as maos de Midas?
No mando, na valia ser primeiro?
Ou cuido q me são Palmas diuidas?
Cos bens de q meu pai me fez herdeiro
Iurãdo pouco mais da fome é Mayo
E do frio me rira no Janeiro.
Vos da planta penea, que do rayo
Não teme vosso fogo, digno filho
Se na conta que faço bem não cayo.
Dai hũ pouco de vós, ao bom Castilho
A razão vos darà destes queixumes
Que de não serê mais me marauilho.
Pois influem em vos celestes lumies
Benina condigão, auiso puro,
Valia sem igoal, tantos costumes.
Pois nella (com razão) estais seguro
Dos fauores reaes, co bem do pouo,
Fazei a cega suueja hum forte muro.
Se pobre de sciência a lingua mouo (de,
Desculpa esta lêbrança, amor, verda
q nisto, como nosãnosnão são nouo
Que cousa se defende a longa i dade?
As colunas o digão, os tropheos
As estatuas qu'ergueo a antiguidade.
O louuor que se ganha pellos meos
Da virtuosa vida; este só dura,
Este de se perder não tem receos.
A fama na virtude esta segura,
Por onde vosso nome, & vossa fama
Subirá

Subirá cada vez a mór altura.

Bem sabe o grande Rey porq' vós ama,
Bé vê cos olhos d'alma o fogo caro
q' vosso peito em seu amor inflama.

Ah, soberano Rey exemplo raro

Do mais estranho esforço qu'ê terra
Tegora celebrou ingenho claro.

Christo co vosso braço fará guerra

A todo imigo seu, & o torpe Mouro
Largando vos hirá o valle, & a serra.

Vos colhereis aquellas magás de ouro
De tanto tempo já, tanto guardadas
Do vencimento seu fatal agouro.

Em mil bandeiras vossas arvoradas

Em mil torres vereis, & muitas mais
A quem vos resistir vereis tomadas.

Os vossos de quem tanto confiais

Naõ duuidão empresas duuidosas;
A vitoria vos chama qu'ê sperais?

As villas, as cidades populosas

vereis meter a sacco, a ferro, & a fogo,
As rendidas a vós seraõ ditosas.

E se chegar ao Ceo meu justo rogo

Tal estílo darei a taes victorias
Que das grandes antigas façã jogo.

Day materia graõ Rey a mil historias,

A mil poetas dai nouo fogeito,

Mil penas estancai, & mil memorias.

O caso a vossos pès vejo fogeito

A fortuna rendida a vosso espirito; |

O mundo pera vos he inda estreito.

Mas onde me fuy eu, que tenho dito

Ou que podem dizer deitão graõ Rey

q' não tenha mais d'elle o Ceo escrito?

Tornando em fim Senhor, onde fiquei

Do

C A R T A XV:

Do grão furor de d'Apollio arrebatado
Cujos são esses versos q' cantei. (do)
Disse que por amor eréis amado
vendo que vos amava, o vosso amor
Andar só de seu gosto pendurado.
Que mais quereis que diga, q' louvor
A este juntarei, que tanto valha?
Ah, que me perderei se auante for.
Em vão apara a pena, sem vão trabalha
Quê presume louvar mais digna par
Isto, q'vêdo estou meu verso atalha, e
Mas com real fauor o ingenho, & arte
Pode d'homêsmortaës fazer diuinus
Assi fizerão Iupiter, & Marte,
Assi vemos no Ceo os doze Igues?

C A R T A XVI

A Francisco de Sã de Meneses, depois
que vim de captiuo.

I Illustrissimo Sã, a quem concede
O Ceo todas as partes q' a virtude
Pera formar hum raro espirito pede.
Antes que a occasião a fronte mude
Mereça (por vós só) o que regora
Por outrê, nê por mî alcançar purde.
Assi de nouas côres pinte flora
Do verso brando Lessa a verde praya
Ôde rindo amanhece a fresca aurora.
A mão Senhor me dai pera que saye
Dô pego da miseria, onde me vejo
Antes que sem remedio o fudo caia.
A muito não s'estêde o meu desejo, (to
Nê presumo de mî q'em vaso estreji
Recolher posso o Lima, o Douro, & o
Tejo.

Cuydo

Cuydo que julgareis, tendo respeito
 A Clio, a Calliope, & a Tallia,
 q̃ pode em mim caber, hõra, & pro-
 crueza, ou pior mal ey q̃ seria (neito.
 Faltarme em Lusitania paõ, & pano,
 Como s,inda estiuessẽ em Berberia.
 Em tempo que nõ mando soberano
 Vos coube (cõ razãõ) a milhor parte-
 Por bem do triste Reyno Lusitano.
 Tornei llelo por vds àquella partẽ
 Onde cantei desyluia brandamente,
 Restaurando do mal q̃ me fez Marte.
 Ally vos cantarei mais altamente
 Ao sô do murmurar da ronca fonte
 O que Apollo aqui nõ me consente.
 Darei ao patrio Lyra, ao valle, ao môrto
 O fim da breue vida que me resta
 Que bem se lly me vir leuo q̃ conte.
 Fazei conta Senhor q'elrly m'ẽprepa
 A merce, & a honra que pretendõ
 Ch il tẽpo vola, i vnhora non s'arre-
 E depois que podeis, fauorecendo (sta.
 Como fizestes sepre, os q̃ nõ podem
 Porq̃ vos fique mais o Ceo deuendo,
 As merces aos sefuisos s'acomodem
 Acodindo com tẽpo ao pobre asito,
 q̃ ao arco, a quẽ mais todos acodem.
 Materia deu o Ceo, a vosso espirito
 Pera se nos mostrar tal na largueza
 Qual sempre na virtude, qual no scri
 Não negua a vossa brãda natureza (to.
 Os olhos a ninguẽ, não negua ouul-
 A ninguẽ dã moriuo de tristeza. (dos
 Os da fortuna meaos conhecidos
 Esses achão e vos malacerto emparo.

CARTA XVII.

Esses são mais de vos fauorecidos.
 Mas eu a quê declaro o qu'està claro?
 Quem me diz q de graças peregrinas
 Não foisê todo o mûdo exêplorar?
 Enfim as vossas partes demais dignas,
 Mal as pôde cantar a minha Musa
 A bosques dadas & a fôtes cristalinas.
 A qual là ond'o sangue de Medusa
 Na terra produzio toda peçonha
 De lagrimas seltez outra Aretusa.
 o faz que da mão a pena penha
 Que rudo o que disser de vòs agora
 Em lugar de louvor serà vergonha.
 Mas se deste cuidado me vir fora (fo
 A vòs darei meu câto, & a gosto vos-
 A qu'èvos deu a terra, & no Ceo mora.
 Aquelle Santo velho (assi lhe posso
 Chamar ousadamente a boca chea)
 Que tanto nos honrou o tẽpo nosso.
 Que pera tal foguei to noua vea
 Apollo me dará, & lyra branda
 Com que no seu Parnaso se recrea.
 Mas em quanto meu espirito alheo adz
 Do soscego que pede bom fogueiro
 Aceitai com amor. o qu'amor mada
 Do mais q dâbos guardo no meu pei
 (to)

CARTA XVII.

De Jorge Bacarrao Aragones, estando
 por Alferez em Ponte de Lyma de hũa
 companhia de soldados, donde me es-
 creneo, estando eu na Ponte
 da Barca.

Discreto Alcido cujo dulce canto
 Alyma

133 86

C A R T A XVII.

A Lyma eternizô, en la memoria
 De quâtos cubre el estrechado máto.
 A Syluia neste mundo diste gloria
 Embidia a quiẽ tus verços ha leydo.
 Ya ti de los Poetas la vitoria.
 De my te sè dezir, que compelido
 De la suauidad de tu eloquencia
 T'escriuo acobardado, y atreuido.
 Cobarde por qu'estoy corto de sciencia;
 Atreuido, y tenaz, porqu'he osado
 Poner esta pobreza en tu presencia.
 Acordome a este punto del amado
 Pueblo de Dios, quâdo la mór dedura
 De serpientes, le truxo atribulado,
 Que Moyses para dar al daño cura
 Leuantô de metal vna serpiente
 Que curauan mirando esta figura.
 Yo lleno de ponçosa d'imprudencia
 Espero qu'en mirando carta tuya
 Quedarè castigado, y sufficiente.
 Y porque my desseo se concluya
 En sè daqueila qu'al amor tenias
 Al tiempo q̃ tambien Syluia fue suya.
 Y por los claros ojos do te vias,
 Y aq̃llas manos d'alabastro, y pecho
 A quien tanto regalo offerecias.
 Te pido, aunq̃ vaya el tiempo estrecho,
 Y aunq̃ t'ocupe lo que mas cõuiene.
 Hagas a esse tuyo esse prouecho.
 No pido más q̃ a quien todo lo tiene
 Pedirle poco es mengua; del q̃ pide,
 Ni pido mucho mas q̃ me conuiene.
 Tu juizo que al mas sobado mide
 Me darà lo que sabe que merezco,
 Y aquello pondrè yo do no s'oluide.

H 2

Y po

C A R T A XVII

Y por my alma, y coraçon q̄ offresco
 Que lo que my iuyzo no merece
 Por virtud en ty, lo remerescó.
 No escriuo lo que aquí se nos offrece
 Porq̄ todos los pechos s̄o de piedra
 Pues ny amor, ny valor los èternece.
 No se pega aquí al muro verde yedra,
 No ay sino crueldad lisa, indomable
 q̄ el q̄ mas la procura menosmiedra.
 Pues quando alguna viene a ser assable
 Dura tampoco, q̄ com mucho miedo
 S'antretiene algun tiêpo cõuersable.
 Como el tiêpo en vn ser nũca está que-
 Trocõse aq̄lla era fertil, quãdo (do
 Cantaua Alcido en el corbo penedo.
 Por my contento estoy te contẽplando
 Sentado en vna peña, y con tu llanto
 A los que te oyan ablandando.
 El ayre bulicioso el entretanto (tes,
 Sossegando, y del rio sus corrien-
 Gustando la dulçura de tu canto.
 Contemplo mãs de aquí q̄ si las gentes
 Tuuieran de tus partes, mãs indicio
 No cupieran en Lyma los oyentes.
 No es hablar en lisonja, ny arteficio
 Que despues que tus obras he leydo
 Eres a my desseo el mãs propicio.
 Y no entiendo qu'en esto è merecido,
 Que q̄rer mucho no es. merecimiẽto
 A quien tan digno es de ser querido.
 Ny quiero hazerte mãs ofrecimiento
 Pues no me queda cosa q̄ ofrecerte
 q̄ no te lã aya dado el pensamiento.
 El desseo de hablarte, y conocerte
 Illustre Alcido cumplirẽ muy breue
 Pues

C A R T A XVIII. 87

Pues tengo tan cūplido el de q̄rrete.
 Yaunq̄ cobrar licencia no es muy lieue
 En dandome la tuya, la licencia
 No ay Rey, ny Capitā q̄ no lo aprueue
 Y porque carta larga, & cortā sciencia
 Es cosa dignamente aborrecida,
 No digo más, la sūma omnipotencia
 Te dê salud, descanso, y larga vida.

C A R T A XVIII.

Reposta a Jorge Bacarrao.

Spirito valeroso que de Marte
 Sigues, cō honra fuya las banderas
 Dando a Febo de ti la mejor parte.
 No pudiendo llegar a dō m'esperas
 Vsarā del silencio acostumbrado
 Si tu a poquedad no lo tuvieras.
 De tu suauē Musa soy forçado
 A prouar si mereesco en la respuesta
 Los loores injustos, q̄ me has dado.
 De no te responder con mano presta
 Es culpa del dolor que l'alma mia
 Aflige de continuo, y la molesta.
 Despues daquel horrible, y fiero dia
 q̄ con mis ojos vi de sangre humana
 Hartarse, la seltienta Berberia,
 Siempre me parecio la gloria vana
 Que dy al Patrio Lyma con my cāto
 Entre gente plebea, y cortesana.
 Penetrō en my pecho el daño tanto
 Que me dexō sin gusto, y sin sentido
 Para tratar sino de quexa, y llanto.
 Ya no soy, dulce Tyrse, aquel Alcido
 Que cantando de Syluia los amores

! CARTA XVIII:

Hazia parar las aguas del Oluido:
Ansi llaman antiguos escritores
A Lyma, que por ty de mi s'oluida
Y sus orlas matiza de tus flores.
Qual Ninfa de las tuyas mas querida
Por mäs bella que sea, por mäs dura
No tienes con tu tanto enternecida?
Puesto, que de amor con hermosura
Fue siempre my sujeto en su ribera,
Mas quien a do nacio tuuo ventura?
De buelo se passò my Primavera
El Otono se vā tras el Estio,
No sè del cano inuierno q̃ s'espera?
La licencia que pides Tyrse mio
A my la daré yo de parte tuya
Que biuo más señor de my aluedrio:
Antes que d'ahre manos se me huya
Aquella que de sus rubios cabellos
Solo puede adornar la frente tuya.
Mas como te verè sin ver aquellos
q̃ my Syluia peynaua en my presècia:
Quando my coraçon colgaua dellos.
Estoy llorando ya la diferencia
Que verè nessa parte, en toda cosa
Dèspues de vna tan larga, y triste au-
El tiẽpo q̃ jamas nunca reposa (sencia.
Que dexa sin mudança en este suelo?
Que resiste a su mano poderosa?
Pero muy a pesar de my recelo
Espero de cumplir lo que deseas,
De no lo çumplir ya mucho me duelo.
Razon es que te vea, porque veas
Quan poca razon tienes d'alabarme
Por mäs q̃ con amor mis versos leas.
Si yo quisiese dellos gloriarme

Quien

CARTA XIX.

Quien no me lo tendria a deuaneo?
 Que sefo bastaria a desculparme?
 El loor que merecen bien lo veo,
 Y veo lo mejor los tuyos liendo,
 Que seran de my nóbre alto trofeo.
 Por mil agenas manos descurriendo
 Que tales a las tuyas llegarían?
 Aunq tu-lo callas, yo lo entiendo.
 Los que por su plazer los escreuián
 Hurtandose de my que los lloraua.
 Descuydos a mis yerros añadián
 Porque a la verdad yo no pensaua
 Que jamas se pudiesse hazer estima
 De cosas que my Syluia no estimaua.
 Enfin la palma sea de tu rima
 Que vencido me dexa, mas vfanol
 De la gloria que dàs a nuestro Lyma.
 Que si my pensamiento no es vano
 Mientras de claras aguas abundoso
 O pobre deilas fuere al Oceano
 Por ty serà mas claro, y más famoso.

CARTA XIX.

De Iorge Bacarrao.

(agena)

N Vnca el tierno Pinpollo, en tronco
 Enxerido, ansi pega, ny encorpora,
 Ny con mas gana dio el sudado ceno.
 Cansado Sefalo, a la fresca Aurosa,
 Ny donde Guadiana và mas lleno
 Dieron tan dulce dia, y fertil hora
 C6 la buelta de Troya, Mermidones
 Como en el alma mia tus razones.

H-4

Fuera

C A R T A XIX.

Fuera de pecho flaco, y pusilánimo
 No darles srio en la volúta intima,
 A razones de pecho tão magnanimo
 Y a ocasiõ de gozo tan legitima. (mo
 Nueuas fuerças me dio, y nueuo ani
 Tu carga Alcido, y prouechosa Pitima
 Có q volui en salud, y el color palido
 En roscier, y el frio pecho calido.

Tu materia en my alma a ssi reposa
 q nunca tuuo en lazo mas estrecho:
 De la amada hija piadosa (pecho.
 (El viejo hambriento) el abundante
 Porq a demas de serme muy gustosa,
 Tenia por gozar todo el prouecho
 En el frasis los labios embebi dos
 Y en la sentencia el alma, y los sen-
 (tidos.

Estoy de my osadia auergonçado
 Vista la habilidad esclarecida,
 El verlo limpio, el estilo limado
 En que tu carta viene guarnecida:
 Nunca seruicio fue tambien pagado,
 Ny tan grãde merced tãmal seruida,
 Pagasteme el seruicio del villano
 Con real gusto, y generosa mano.

Quanto más obligado estès al llanto
 q al cãto auiendo visto aquel estrago
 q al viejo, y al nueuo mudo pãso e spã
 Y suspèdio las aguas del grã lago, (to
 Concedolo, mas no por esso el canto
 Dexa d'excitarse oy en Cartago
 Con ser sus vexaciones infinitas,
 Ny le oluidan presos Israelitas.

Ny

C A R T A XIX. 89

Ny tu en tu patria fertil abundosa
 Es justo que conuiertas en lamiento
 La cancion mas discreta, y amorosa
 Qu'alcançar puede humano entẽ di-
 Y tal habilidad effar ociosa(miento,
 Merece culpa, pero no escarmiento
 Si es la ocasion solo conmigo
 Que en estas cosas siruo de testigo.

Soy lo de lo que vales, y has valido
 Y serẽ de tus obras pregonero,
 Si como escribes ya no eres Alcido
 Dirẽ cõ grã verdad qu'eres Homero.
 Y en reuer q' la ausencia traya oluido
 En esta tierra no eres el postrero;
 q' por nuestros pecados conocimos
 A Lyma, los qu'en torno residimos.

Estraño effecto de licor violento(floria
 Nunca escrito en nueua, o vieja hi-
 Qu'a los hõbres aumẽta el pensamẽ
 Y en las mingeres quite la memoria(to
 Si en las aguas viera entendimiẽto
 Creo yo que tenian esta vitoria
 Guardada al natural q' nella habita,
 Pero veola en todos infinita.

Dichosa Lusitania, que vencida
 Del vencedor te has hecho señora
 Entiendo que no fuisse conocida
 Que a fello siẽpre fueras vencedora.
 Permizio la fortuna esta cayda
 Para hazerte del mundo protectora
 Y para qu'entendiessen Castellanos
 Qnã fertiles, y hermosas sõ tus manos

C A R T A XIX.

Finalmente ¡ha querido hazer notoria
 L'hérmofura qñen ti eftaua écerrada,
 Y efto no fin alguna vana gloria,
 Y defseo de verfe refpectada,
 En el campo a los vnos dió viétoria,
 Y a penas efta eftaua declarada (cia
 Quando enrregó al vencido fu potē-
 Cō mas viétoria, triúfo, y excellēcia.

n ty la caftidad eftà apurada,
 Y en fu punto y vigor la loçania,
 En ty eftà Deanira bien cafada,
 Y Helena que de fello fe defuia.
 En ty eftà Hero muy enamorada,
 Y la que por no fello, en Nicoſia
 Al fuego fe entregò tãbién Lucrecia
 De quien difcretos dizen qñue necia.

No falta aqui Iudich, ny la inuentora
 Del ſepulchro en el mūdo mas nōbra
 No falta toāna, que Felipo llora (do
 Ny la que por tenella le à oluidado,
 Ny falta my enemiga, y my ſeñora
 De quiē ſoy natural clima ytreslado
 La reyna cuyo reyno riega el Nilo;
 Y la incoſtante dama de Troilo.

Venus alfin refide en eſta parte
 Con toda ſu bellíſima quadrilla
 Aquí ſigue el venerco eſtadarte
 La hermoſura, qñ al mūdo marauilla
 Pero a Vulcanò quierē ya, y no a Ma
 Ny Adonis, la ocaſiō he de dizilla (te
 qñ ay faltade galan s, mas no quieroe
 ſerte Alcido nojoſo verdadero;

Que

C A R T A XX. 90

Que quando Lusitania no tuiera
 Mas prendas de valor q̄ ferte madre,
 Por esta sola el laurô mereciera (dre
 Del roxo Apollo, y de suhermana, ypa
 Mas podrase dezir, q̄ en esta era
 Ya que al gusto aya cosa q̄no quadre
 Quedarà si se junta alli al sentido
 La memoria de auerre produzido.

De fuerte que has venido a ser amparo
 Y escudo de las faltas de tu tierra,
 Tambien te ruego, yo Alcido caro
 Lo seas deste tuyo è paz, y en guerra.
 En aquella que Apollo me fue auaro
 q̄ del gremio discreto me desierra,
 Te suplico me des fauor, y ayuda
 Porq̄ la mordaz lègua quede muda,

Ya lo deuia estar a questa mia
 Sino quiere tan corra la paciencia
 Como ella es larga, pero desuaria
 Con el ardor de barbara opulencia
 Si la extra facie calua se desuia. (cia
 De tus manos, acà està en my p̄sente
 Mas si en dexar gozarte no està pue-
 Suplicote no oluides la respuesta (sta
 Tyrse d'Alcido.

C A R T A XX.

Reposta do Autor.

S i cosa alguna del terreno assiento
 Por oculta que sea, o conocida.
 Pudiera enternecer el sentimiento

C A R T A XX:

De Palma en su dolor endurecida;
Si pudiera la vida dar contento
A quin fin lo gustar passa la vida
No solo de my bien fueras el medio,
Mas remedio de mal cá sin remedio.

Al punto que nací luego fortuna
Estendio sobre my su mano fiera
Diome amarga leche, y dura cuna,
La tristeza por ama, y compasiera;
Angustia no quedò, ni ansia alguna
Que no me lastimasse, de manera
Que todo plazer ya, por ser me extraño
Me dañaria más q el proprio daño.

Por nòs qvn dulce canto tãto pueda,
Que detenga los rios perenales
Y la piedra no dexè estar se queda
Lleue plãtas tras si, lleue animales,
Y haga d'Exion parar la rueda,
Y Tantalo en las penas infernales;
Las aguas olvidar, y las mançanas;
Y su trabajo vano las hermanas.

Y todos los tormentos del infierno
Suspèda Tyrse mio del tal suerte (no
Que el pecho enpedernido buelva tier
De Minos, de Megera, y dela muerte;
Y muena el crudo Rey del lago Auer
Y la Triforma dea su consorte (no
A nueua, y defusada mansedumbre.
En fin vença natura, y la costumbre.

Jamas tendrà conmigo fuerça tanta
Ny tal suauidad en my oydo

Que

130
CARTA XX.

91

Que haga despedir de my garganta
Sino bozes de llanto, y de gemido.
El pueblo d'Israel forgado canta
Entre los Babylonios detenido
Lo mismo hize yo entre los Moros,
Mas q fueron los cantos, sino lloros?

Y si cantò Cartago, yo hasta agora
No se qual escritor su cato encierra
Y se que nunca fue su boz sonora
q si fama alcãgò fue por la guerra.
Con lengua estrangera sé que llora
No quedar cosa della sobre tierra
Que pudiesse (despuës de su estrago)
Dizir, aqui solia ser Cartago.

Y si contodo esto a mi locura
Alguno mi silencio acomodasse
Responderia yo que su ventura (ce,
En el mundo a crascun del dy q nasc-
Callar en todo tiempo fue cordura.
Mas al presente, aq̃l q más callasse,
Con menos causa puede arrepêtir se
No me lo negaràs my caro Tyrise.

Pero a la verdad yo no callara
Respectando al valor de tus razones
Si de my baxa lyra el son llegara
A la cumbre de Pindo do me pones
Con mas razon tus obras pregonara
Por varias, y apartadas regiones,
De la que tienes tu en aplicarme
La gloria de tu Musa, y dulce carme.

No deues de pensar que me desuia

C A R T A XX.

De celebrar tn canto, otro sogeto
Sino no ser capaz la pluma mia
De lo effectuar sin my defecto,
Apollo que la tuya mueue y guia,
Y su saber inspira en tu conceto
Te cante, ytu le canta de cõtino,
Pues eres digno del, y el de ti digno.

Y quanto a las napeas dessa parte
De cuyo largo oluido te querellas
No se que causa tienen d'oluidarte
Si tu en las loar te acuerdas dellas
Quãtas vezes dexó Venus por Marte
Al herrero tñnado de centellas,
Y quantas, por Adonis mas hermoso
No curó del amigo belicoso?

La hija de Latona en las montañas
A vn pastor de cabras tanto amana
Que por verde en apriscos, y cabañas
Del estrellado Cielo no curaua,
Con rudo son de mal vnidas cañas
Las mãs esquiuas Ninfas ablandaua
El Semicapro Dios de los Pastores
Cantãdo entre las feluas sus amores

De su gran defamor no se que diga,
Que por mas q lo tengo ya llorado:
Tu pena tan de veras me fatiga
Como si fuera el mismo maltratado.
Por cierto si Cupido no castiga
Con rigurosa mano, y pecho ayrado
Tan vana ostinacion, brio tan loco,
Que su poder ferà tenido en poco.

Deulan

Devian de tener en la memoria

A pesar del licor del claro Lyma
La fama que les das, la hōra, y gloria
Entre quantas el mūdo mas sublima
Y no dexar boluer en triste historia
Tu amoroso estylo, y culta rima
Adonde, con razon sean notadas
D'ingratas, intratables, mal miradas

Mas yo no me concluyo que resistan

Al fuego de Cupido, y a sus factas
Ora de diamante el pecho vistan
Ora en las aguas biuan mās secretas
Que las armas d'amor todo cōquistā
Sino son fabulosos los Poetas
Y puesto que lo son en muchas cosas
No pueden las d'amor ser fabulosas.

Quisiera proseguir en mejor verso

Tambien con Lusitania m'alegando
q̄ quādo el Cielo quiso serle aduerso
Quedō (con nueva gloria) triūfando
Entregue al mayor Rey del vniverso
Todo, con su fauor lo yrā ganando;
Haziendo obedecer a nuestra España
Quātorodea el Sol, quāto el mar baña

Mas Fêbo sufre mal que desto cante

No se si tiene embidia, o razō tiene
Diziendo desdenoso en su semblāte)
Que nuevo espirito suyo me cōuiene
Y para no passar mās adelante
La pluma, con la mano me detiene;
Resistir no le sē, y así me quedo
Callando aquello q̄ dezir no puedo.

CAR.

CART A XXI.

CART A XXI.

A Pero d'Andrade Caminha, na morte
do Doutor Antonio Ferreira.

Cô quê posso chorar senão contigo
Amorte (quão a nós) do bô Ferreira
Andrade amigo seu, & meu amigo?
Fiquei da triste noua de maneira
Que se pode hũa vida diuidirse (ra.
Não me deixou a dôr a minha intel-
Nem deua de mim menos sentirse (tos
Vendo quê deu espirito a mil espiri-
Pera nũca o mas ver de nos partirse.
Ah lagrimas correi, ouça meus gritos
No cristalino ceo onde de scança
Ficando imortal cá em seus escritos.
Passou alegre d'incerta esperança
A certos galardões, & da coroa
Do louro à da gloria sem mudança.
Como bom filho de sua mãy Lisboa
Não pode soffrer mais ver tãta magoa
Q̃ não ley quê não tema, & senão doa.
Eterno Rey dos Reys a viua fragoa
Em q̃ tua ira forja as mortaes setas
Apaguem rãtos olhos fontes d'agoa.
Não a mã influencia dos Planetas
Tãta rigurosamente nos castiga
Mas nossas culpas claras, & secretas.
Porem senhor não queiras tu que diga
O q̃ não crê em ti que nnô tês cura
Daquelle q̃ aguardar tua ley s'obriga.
Olha que negão nesta desventura.
As almas o remedio espiritual

Aos

CART A XXI. 93

Aos corpos a deuida sepultura.
 Cesse (por quem tu es) tamanho mal,
 Conuerta teu furor em piedade
 A fé, nunca quebrada em Portugal
 Que me dirás a isto amigo Andrade
 Ficaua por vintura por passar
 Outro infortuioio algũ é nossa idade?
 Tinemos poucas vezes que chorar?
 Vimos hum dia sò hum bẽ perfeito?
 E ind'agora esta dõr particular.
 Saindo o nosso Antonio deste estreito
 E miserauel valle, onde viuendo
 A terra, & ao ceo foy sèpre mais acci
 Bem vejo quem cõ lagrimas offedo(to).
 A sua morte, que lhe deu tal vida
 Que ja não tem de q̃ viuer temendo;
 Mas que farei à pena da partida?
 Que sinto dentro n'alma, que farey
 A saudade, a seu amor deuida?
 Por onde quer que for sempre darey
 Lagrimas a meus olhos, sèpre tristes
 Suspiros pellos ares, soltarey.
 Ninfas do rico reio que cobristes
 A grã euolta em neuue, éstrellas, ouro
 De negroveo, quãdo tal perda vistes.
 Vinde de fresca murta, d'era, & louro
 Ornar de tẽpo, em tẽpo a pedra fria
 Onde a morte escõde o vossõ tesouro.
 Vinde cobrir as sinzas onde ardia
 Fogo d'amor diuino d'alias flores
 Em lembrança da magoa deste dia.
 Venhão tambẽ as Musas, & os amores
 Offerecerlhe doẽs qu'Arabia manda,
 E cáte Febo é tanto os seus lououres:
 Depois pendure a lyra doce, & branda.

C A R T A XXI.

Em cima do sepulchro, por memoria
 E Cupido arco, & settas, doutra bāda,
 Ambos perderaõ nelle sua gloria,
 Quê dum cantarã jã tanta belleza?
 Quê d'outro a doce guerra, & a viçõ
 Ah bõ cultor da Músa Portuguesa (ria,
 Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Ho
 Ital fofte tu à tua natureza. mero
 Em quãto da triftte auſência o fim eſpero
 E Cloto não me corta a mortal tea
 Pois tenaõ ſei cantar, chorar te qro.
 Verei com ſecos olhos ſeca a vea (ros
 Que dando à patria tantos verſos ra
 Hũ sò nũca lhe deu em lingua alhea?
 Verei ſerenas noites, dias claros?
 Ah nunca veja tal, os duros fados
 De goſtos, pera mim ſejão auaros,
 Chôrẽ por ti Antonio boſques, prados,
 As aues por ti gritem, & nos montes
 Os animaes por ti andem paſmados.
 Eſmalte de cõr triftte os Orizontes
 O Sol tarde & manhã, não d'ouro &
 neue,
 Faltẽ flores no valle, agoa nas fõtes.
 Não moua a leue folha o vento leue
 Branda, & docemente, antes iroſo
 Enuolta em ſeco pò ao Ceo a leue.
 Deixe o dourado leito o caudaloſo
 Teu patrio Tejo, mude ſeu coſtume
 Em turuo o claro, o doce & amargoſo
 Apagouſe contigo hũ nouo lume
 Tã cõtrario às neuoaſ do Parnaſo.
 Qu'inda agora aſ deſfaz, inda aſ cõ-
 Emudeceo hũ ſõ (ah triftte caſo) (fume.
 Que fazia cobrir quando ouuido. era-
 DE

141
C A R T A XXI. 94

De flores & verdura o campo 'rafo.
 Hú somiã do profundo bem podera,
 Euridice tornar à luz do dia
 Mil vezes, se mil vezes là descera.
 Mas ay, que ter mais olhos me cuspria
 Pera tudo chorar qu'Argos pastor
 Do qual se diz que cento possuia.
 Que não podê os meus conforme à dôr
 Derramar quâtas lagrimas coalhadas
 No peito a magoa tẽ, cada vez mór.
 Inda que bem sem fruto derramadas
 Sejaõ todas por ti, que já seguro
 Estás nessas altissimas moradas.
 Onde vês outro Sol mais claro, & puro,
 Outra mais alua Lúa, outras estrellas
 Onde noite não ha, nem dia escuro.
 Onde passando mais acima dellas
 Conuerfar podes outros excellentes
 Espiritos, q'na luz passaõ por ellas.
 Ouindo aquelles dons resplandecêtes
 Franciscos, como é nome, assi igoaes
 No verso, sô na Patria differentes.
 Hú de quem vds a morte inda chorais
 Ninfas do brando Neiua, & brádo Ly
 Outro q'fez os louros valer mais. (ma
 OBêbo, & o Sanazaro é prosa, & é rima
 dignos d'alto louuor; Boscã, & o Lasso
 q' leuantou o seu verso mais acima.
 O Dolce, & o Ariosto, & o culto Tasso
 q' d' Amor, & de Marte versos dignos
 Foraõ juntando tanto passo a passo.
 O taes espiritos, & outros peregrinos
 q' deu a idade antiga, & a moderna
 Cêtaràs nouos psálmos, nouos hym-
 En de saão sem fim, em paz eterna (nos
 Diante

C A R T A XXI.

Diante aquella luz esclarecida
Que luz a tudo dà, tudo gouerna,
Mastu triste Elegia em dór nascida (te
Não deixes de chorar, pois vãs a par
Onde tambem chorando seràs lida:
Não cures d'ornamento, vay sê arte
Fuge de ver prazer, fuge de quanto
Podera, em menos perda, consolarte.
A quem te mando roga, qu'o teu prâto
Ajunte co seu lâ, pera que seja
Ouuido com mais dór, menos espâto
De te faltar na magoa que sobeja.

C A R T A XXII.

Resposta de Pero d'Andrade.

Hvm silencio Bernardes me rô peste
Là quasi anão falar determinado (ste
Na dór que ora de nouo em mî moue
Igoalmête a dór minha ser chorado (ra
Não podia ê meu verso, o meu Ferrei
Nê ser de mî sem spirito bẽ câtado.
Entendia de mim que a verdadeira
Fama do qu'elle em tudo merecia
Bẽ não chegaua a minha voz inteira.
Calaua, & a falar nelle m' escondia
Por não offêder morto hũ bõ amigo
Que me quistanto quando cã viuia.
Fizesteme chorar ora contigo
Com noua magoa, noua faudade
A dór que eu cã choraua só cômigo.
Mouestem'alma a noua piedade
A noua pena, & nouo sentimento
D'aquella grande perdã desta idade.
Aquella

C A R T A XXII. 142 95

Aquella grande perda que hū momêto
Depois de tanto mal acontecido

Naõ deixei de trazer no pensamêto
Mas eu não choro ver d'entre nòs ido

Este retrato só da idade antiga
Do Ceo á nossa lingoa concedida.

Mas faltarme hū, Ingenho a qu'o meu
figua (prenda

E hūavoz que ouça, espirito de qu'a-
E os segredos das Musas m'abra & di

E q' o meu mau verso me reprêda, (ga.
E o meão m'o concerte, & mo leuâte

Có douto auiso, & có segura emêda.
Sinto saltar Bernardes qu' m'espante

Có seu bõ canto, & có seu bõ escrito
Com cuja imitação possa ir auante.

Aquelle claro, aq'le puro espirito

De saõ côselho cheio, & de prudêcia
Sêpre serà de mim câtado, & scrito,

Agora em sua triste, & longa ausencia
Quem achareí a dõr m'e desfagraue

E m'e mostre o remedio na paciencia?
Fazia me a tristeza menos-graue (leue,

Mais branda a dura pena, a dõr mais
Faziame a alegria mais suaue.

Se teue (magoa nossa) a vida breue

Largo nome terà, larga memoria
q' a toda parte & tẽpo a fama leue.

Já do tempo terà certa victoria (vida
Quem s'ouue assi nã triste, & mortal

q' aspirou sêpre á clara, & immortal
Nella da mortalcarnedespedita (gloria

Esquecida de tudo nos amores
Diuiños estarà toda embedida.

A voz leuantarà a outros lououres

C A R T A XXII.

Mais diuidos, mais puros, & mais sã
 Arrebatada d'immortaes ferveores. (tos
 Mil versos, & mil hymnos, & mil câtos
 Cantará sempre a eterna fermosura
 Mas dignos de memoria, mais d'espã
 Será nelles guiado de mais pura (tos
 De mais fermosa, de mais rica Musa
 Mais ornada de copia, & de brandura
 Amarã, & será amado, assi là s'vsa
 Cantará, y será ouuido de a quẽ câta
 Que quẽ la s'ama de amar não s'escu
 ☉ Sol que sobre o mundo se leuãta (sa.
 Que có sua luz clara, & tão fermosa
 Nos vêce avista, & o spirito nos espã
 Em conta não terã q' outra gloriosa (ta;
 Luz o Sol, & às almas lume,
 Lhe terã mais q' o Sol alma lustrosa.
 Hũ tempo certo, hũ immortal costume
 Seguirã sêpre; tempo alegre, & puro,
 Primavera que nunca se contume.
 Tã não verã inuernotriste, e escuro, (as
 Não vêtos não tormêtas, não mudan
 Mas tudo quieto é Deos, tudo seguro.
 Liurouse das incertas esperanças
 q' nos desafociguaõ, & desbaratã,
 E das leues, & falsas confianças. (tã
 Não vês Bernardes como nos maltra-
 Os mouimêtos vaõs, & os receos (tão?
 q' as almas inquietão, & as vidas ma-
 Quem pode defenderse a mil enleos?
 Quem se pode valer em mil perigos?
 Doutros muitos perigos sêpre cheos?
 He perigo não ter, & ter amigos,
 Mal se pode viver nesta estreiteza
 Se m'ey deyllar delles como imigos.

Onosso

143 66

CARTA XXIII.
O nosso Antonio está é outra largueza
Ninguém teme, ninguém delle se teme,
Em tudo vê pureza, & tem pureza.
E cá Bernardes nosso quê não treme?
Quem não deue desí mesmo temer-se?
Quê á q' contra t'po em vão não re-
quem vê cousa de q' possa valer-se, (me.
Olhos no Ceo,, & no diuino norte
Pôde guiar tod'alma a não perder-se.
Não chores já do nosso Antonio a sorte
A minha sorte chora, & a sorte tua
Pois no lo tem roubado dura morte.
A nós dura, a nós aspera, a nós crua
Que nos leuou o nosso amigo brádo
Ea doce & branda conuersação sua.
por elle rindo, por m' vou chorando,
E por elle contente, & por m' triste,
Sem elle a vida irei toda passando.
Tu que a nossa amizade clara viste
Claro verás q' a dôr da perda grande
d'ũ claro amigo, & bõ mal se resiste.
Nunca tal perda amigo o ceo te mãde,
Dôr he q' nunca a vida perde hũ hora
Remedio pede auer com q' s'abrande
Nãõ q' de todo a veng'a & deite fora.

CARTA XXIII.

[[A Dom Fernand' Aluréz de Castro.

Senhor dô Fernand' Aluréz pois Ianei
Vê pôr hũ nouo freo à cortesia (ro
Querouos de senhor saltar primeiro.
Nãõ ves dou a gostar a senhoria
(inda qu'entendo bẽ q' em tal pessoa)
Muito

144
C A R T A XXIII. 97

Os que se tem por idolos do pouo
Che sol virtute il alto ciel honora.
Mas porque ja por onde o passo mouo
Me cumpre vr apalpando como cego
Não quero seguir mais estillo nouo.
Torno a tomar a lyra qu'em sossego
Esteue ao silencio offerecida
Desque deixastes Tejo por Mondego.
Não cantarei lembranças da partida
Porque receo ver na magoa dellas
Como Cifre cantado ao fim da vida.
Sem vòs (não digo fados, nem estrellas)
Digo que o ceo me nega nest'ausência
A luz do sol, a fermosura dellas.
Mas largos annos, muita esperiencia,
O discurso da vida triste & vario
Me fazem ja no mal ter paciencia.
No vosso apartamento voluntario
Não pode durar muito o vosso gosto
Por mais q' yos prezeis de solitario.
Enfada da manhã tẽ o sol posto
Ver apertados valles, largas serras
A toda parte qu'o homẽ vira o rosto.
Enfada jugar sempre, ou' ler as guerras
Dos illustres Herois, antepassados
Destruição de gentes, & de terras.
Enfada tratar sempre com criados,
E muito mais com necios escudeiros
A queixumes do tempo acostumados.
Enfada andar às lebres por outeiros
Com buscas metrolhas, fracos galgos
Quer a pé, q'r è mais fracos sédeiros.
Enfada ver no inuerno montes alhos,
E tornalos a ver no seco estio (vos
Delembertos de sombra, & d'erua dal
Enfada

C A R T A XXIII.

Enfada ouuir tão perto o som do rio
 Que murmurado atroa o baixo valle
 Se topa no seu curso algum desvio.
 Enfim senhor donde não ha quem falle
 Nas damas, & nas armas, nos amores
 Bem se lhe pode dar o estremo valle.
 Deixemos a solidão aos professores
 Da vida que escolheo a bella Santa
 Exemplo de penitência a peccadores.
 Vós ramo produzido da graça planta
 De cuja alta prudencia, alta vêtura
 Lusitania se prezâ, o mûdo espanta;
 Esperay qu'outra idade mais madura
 Vos obrigue a tomar esse descanso,
 Que no trabalho a honra estâ segura.
 A vista do Mondegó clâro, & manso
 Não vos enleue tanto em sua praya
 Que vos faça perder o melhor lanço.
 Nunca a sombra do freixo, nê da faya
 Criou Trocatôs, Fabios, Cypioens
 Nem quê por cima delles pos a raya;
 Aquelle qu'entr'os mais claros varoês
 A palma se lhe deue; afirmar posso
 Isto, sem consular opinioês.
 Aquelle graô guerreiro, aquelle voffo
 Inuenciuel aud, graô Visorey
 De Castro Dom Ioão espelho nosso.
 Ah senhor Dom Fernando, que direy
 De quê por todo o mundo dizê tâto
 Se com tal intenção não comecey?
 Sômente por retrato raro, & santo
 Das armas, do saber, da cortesia
 Quis illustrar coelle este meu canto.
 Que pera o celebrar mister auia
 Hum estylo mais culto, & leuantado

145

C A N T O XXII.

Do que Satyra pede, ou Elegia,
 Deixouuos o caminho abalísado
 Por onde foi sobindo ao claro tēplo.
 A s'empiterna fama dedicádo.
 Não tenho que vos dar alheioexēplo,
 Em casa vo lo dou, & tal que tudo
 O que desejo em vos, nelle cōtēplo.
 Elle vos seja mestre, & seja estudo,
 Porque se for assi, daqui m'obrigo
 Que me tenhais em conta de scudō.
 Esta licença tem hum puro amigo
 Dizer sem palear tudojo q'entende,
 Mas eu isto que digo, a quem o digo?
 Quem entre nós agora mais pretende
 Ornarse de virtudes generosas?
 Quem mais q' vós á faltas se defende?
 Ou em altas montanhas cauernosas
 (Habitação de toda braua fera)
 Ou em cidades nobres, populosas.
 Paíeis essa florida Primavera (ledo
 Em ocio, ou em negocio, ou triste, ou
 Sempre sereis o que de vós s'espera.
 Não me deixa daqui passar o medo
 Que tenho de ser jã largo, & pesado,
 Mas eu segundarei esta muy cedo
 Que não he quê bē ama descuidado.

C A R T A XXIII.

A Dom Manoel Coutinho estando na
 sua quinta da torre do Bispo.

S Enhor Dô Manoel mal atentado
 Seria, se tardasse outra vez tanto
 q' me notasseis mais de descuidado.

I 2 In

C A R T A XXIII.

Inda que claramente entendo quanto
 A leue, & arrebatada breuidade
 A todo verso dana, a todo canto,
 Co este presposto a sandae.
 Argumento serà desta Elegia. (dade.
 Que assi chamarlhe posso com ver-
 Passou aquelle tempo em que sohia
 Cantar versos alegres, & suaues
 Junto do patrio Lyma à sombra fria.
 Carregarao em mim cuydados graues
 Depois q me entreguei ao Himineo
 Que fecha a liberdade cõ mil cháues
 Ando das brandas Musas tão alheio
 Taõ longe d'Hipocrene, & do Parnaso,
 Taõ sumido nas agoas do Letheo,
 Que tenho pouco gosto, & menos alio-
 Pera poder formar hum culto verso,
 Senão sae da pena algum a caso.
 Do que ja fuy me sinto tão diuerso
 Que me queixo do tẽpo, & do qveio
 Aquelles que não vejo, & q conuerso.
 Os rios não são todos qual o Tejo,
 Mas todos sã parar no mar profundo
 S; vão sumir por natural desejo.
 Nas cousas sem razão, a razão fundo
 Qu'os homẽs com não ser quaes ser
 sohião
 Nos fazem parecer ser outro mudo.
 Escreuem os Poetas que corrião
 Fontes de puro mel no tempo antigo
 E as plantas sem cultura produzio.
 E daua a madre terra louro trigo
 Sem h rãper o laurador melquinho
 Com duro segro, a nossa vida amigo.
 E que do monte não decia o pinho

Pera

C A R T A XXIII.

99

Pera qu'em curua forma conuertido
 Caminho abrisse, d' de não à caminho
 Porq' nem odio então, nê amor fingido
 Consentão em si peitos humanos
 Nem contendas auia, nem royo.
 Nem espiritos auaros, nem tyrannos
 Criava aquella boa antiguidade
 Que tirassê de forças, & d'enganos.
 Tudo era paz, amor, conformidade
 Sem discrepar a obra da promessa
 Nem menos a promessa da vontade.
 Prestação hús aos outros, por expressa
 E justa ley da natureza humana.
 Acudindo às pressas muy de pressa,
 Se nos a fama antiga não engana,
 Aquella foy a idade do metal
 q' a rãtos aproueita, & a rãtos dana.
 Depois veio a de prata já não tal,
 E também a poserañ em desterro
 Os homêz, ajuntando mal a mal.
 Enfim o tempo trouxe esta de ferro,
 Antes nòs a trouxemos, cometendo
 Mil erros por malicia, não por erro.
 Destas cousas q' vejo, & das qu'entendo
 Me nace tal espanto, tal tristeza
 Que me faz delcuidar do q' pretendo.
 Sendo de menos tenra natureza
 De quanto agora choro bẽ me rira
 E dera de mór riso mór certeza.
 Mas toquemos mais brádo a bráda lira,
 A furto do espirito apaixonado
 Que do que prometi fora mẽ tira.
 Vejamos nesse campo rodeado
 De saudades tristes verdadeiras
 De nosso doce amor todo enleuado.

CARTÁ XXIII.

Ora busqueis a sombra das parreiras,
 De cujos verdes braços fruto pende
 Ora vejais correr frescas ribeiras.
 Ora no pé do freixo que s'estende
 Por cima da corrente vagarosa
 Correis o nome a quê amor se rêde.
 Ora por essa serra pedregosa
 Sigais o leue cão que vay buscando
 A perdiz agachada de medrosa.
 Ora da caça o modo variando
 No alto, cauernoso, & turuo pègo
 Cõ leue cana, ou rede esteispescado.
 Sempre no maior gosto, & mór soscego
 Aquella luz vos ha de ser presente
 Q̃ bem pôde dar vista ao Amor cego.
 Não tem o campo cousa q̃ contente
 A hũ verdadeiro, & firme namorado
 Quando da bella dama viue ausente.
 Nem flores lhe presenta overde prado,
 Nẽ o goarda do sol fresca espessura,
 Que todo o passarêpo acha pesado.
 Quantas vezes na fonte fria, & pura
 Por mitigar a sede se reclina
 Tantas lagrimas bebe de mistura.
 E quantas d' som d' agoa cristalina
 Se lamenta do mal da triste ausência
 Tantas o valle a sospirar ensina.
 Fazer a seus desejos resistencia
 Qual pode ser mais aspero tormêto,
 Digamo, quem tem disso esperiencia.
 O quanto pôde o boni entendimento
 Entendame chi puo chi m'entêdo iõ,
 Quantas cousas acaba o sofrimento.
 Não aja imaginar que desuário
 Porque neste intricado laberinto

Inda

CART A XXIII. 147100

Inda seguindo vou o certo fio.
 Declaro nas materias o que sinto,
 E sinto bẽ que todas sãõ muy claras
 Ao vosso natural alto destino.
 Não trato das mais partes todas raras
 Que juntará em vós liberalmente
 As Meonias cõ tantos tão auras.
 Que nemo tempo agora me consente
 Nem a Musa q̃ segue outro caminho
 De tão alto fogeito diferente.
 Mas outro melhor tẽpo qu'adeuinho
 Outro cãto ornará doutros lououres
 Mais altos do q̃ neste agora alinho.
 Que já com olhos d'alma interiores
 Vos vejo no sublime estado posto
 Pretendido por vós d'antecessores.
 Já vejo com meu gosto o geral gosto
 Em todos quantos tendes obrigados
 Cõ obras, cõ palauras, cõ bõ rosto.
 O quantos perabẽs vos vejo dados,
 Quanto será tal dia festejado
 D' amigos, de vassallos, de criados.
 Entãõ sereis de mim melhor cantado,
 Que Febo me dará noua brandura
 Hum estillo mais puro, & leuantado.
 Entãõ se vestirá de mais alvura
 A vossa illustre casa Marialva
 Que sem vós eu a tenho por escura.
 Não deixarei passar a Ninfa Calva
 A qual se põlla fronte não se toma
 Escorrega das mãos, nos pẽs se salua.
 Enfim por não fazer mais larga soma
 De tão pesadas rimas, corro o fio,
 Dizendo, como dizem os de Roma
 Stare sano charo patrõ mio.

CARTÁ XXII.

142

95

Aquella grande perda que hũ momẽto

Depois de tanto mal acontecido

Naõ deixei de trazer nõ pensamẽto

Mas eu não choro ver d'entre nõs ido

Este retrato só da idade antiga

Do Ceo à nõssa lingoa concedida.

Mas faltarme hũ ingenho a qu'õ meir
figura

(prenda

E hũavoz que ouça, espirito de qu'a-

E os segredos das Musas m'abra & di

E q'õ meu mau verso me reprẽda, (ga.

E o meão m'õ concerte, & m'õ leuãte

Cõ douto auiso, & cõ seguravemẽda.

Sinto faltar Bernardez quẽ m'espante

Cõ seu bõ canto, & cõ seu bõ escrito

Com cuja imitação possa ir auante.

Aquelle claro, aq'õlle puro espirito

De saõ cõselho cheio, & de prudẽcia

Sẽpre serã de mim cãrãdo, & scrito,

Agora em sua triste, & longa ausẽcia

Quem acharei a dõr me desfagraue

E me mostre o remedio na paciẽcia?

Fazia me a tristeza men'õs graue (leue,

Mais branda a dura pena, a dõr mais

Faziame a alegria mais suaue.

Se teue (magoa nõssa) a vida breue

Largo nome terã, larga memoria

q' a toda parte & tẽpo a fama leue.

Iã do tempo terã certa victoria (vida

Quem s'ouue assi nã triste, & mortal

q' aspirou sẽpre á clara, & immortal

Nella da mortalcarnedespedita (gloria

Esquecida de tudo nõs amores

Diuinos estarã toda embedida.

A voz leuantarã a outros lououres

CARTA XXII.

Mais diuidos, mais puros, & mais sã
 Arrebatada d'imortaes ferveores. (tos
 Mil versos, & mil hymnos, & mil câtos
 Cantará sempre a eterna fermosura
 Mas dignos de memoria, mais d'espã
 Será nelles guiado de mais pura (cos.
 De mais fermosa, de mais rica Musa
 Mais ornada de copia, & de brandura
 Amarã, & será amado, así là s'yfa
 Cantará, y será ouuido de a quẽ câta
 Que quẽ la s'ama de amar não s'escia
 Sol que sobre o mundo se leuãta (sa.
 Que có sua luz clara, & tão fermosa
 Nos vêce avista, & o spirito nos espã
 Em conta não terá q' outra gloriosa (ta;
 Luz o Sol, & às almas lume,
 Lhe terá maisiq' o Sol alma lustrosa.
 Hũ tempo certo, hũ immortal costume
 Seguirã sêpre; tempo alegre, & puro,
 Primavera que nunca se consume.
 Não overã inuernotriste, e escuro, (sas
 Não vêtos não tormêtas, não mudan
 Mas tudo quieto é Deos, tudo seguro.
 Liurouse das incertas esperanças
 q' nos desãfoceguã, & desbaratã,
 E das leues, & falsas confianças. (tã
 Não vês Bernardes como nos maltra-
 Os mouimêtos vaês, & os receos (tão?
 q' as almas inquietão, & as vidas ma-
 Quem pode defenderse a mil enleos?
 Quem se pode valer em mil perigos?
 Doutros muitos perigos sêpre cheos?
 He perigo não ter, & ter amigos,
 Mal se pode viver nesta estreiteza
 Se m'ey deyllar delles como inimigos.
 O nosso

CARTA XXIII. 143 66

O nosso Antonio está e outra largueza
 Ninguém teme, ninguém delle se teme,
 Em tudo vê pureza, & tem pureza.
 E cá Bernardes nosso quê não treme?
 Quem não deue desí mesmo temer-se?
 Quê á q' contra t'po em vão não re-
 quem vê cousa de q' possa valer-se, (me.
 Olhos no Ceo,, & no diuino norte
 Pôde guiar tod' alma a não perder-se.
 Não chores já do nosso Antonio a sorte
 A minha sorte chora, & a sorte tua
 Pois no lo têm roubado dura morte.
 A nós dura, a nós aspera, a nós crua
 Que nos leuou o nosso amigo brado
 E a doce & branda conuersação sua.
 Por elle rindo, por mi vou chorando,
 E por elle contente, & por mi triste,
 Sem elle a vida irei toda passando.
 Tu que a nossa amizade clara viste
 Claro verás q' a dôr da perda grande
 d'ũ claro amigo, & bô mal se resiste.
 Nunca tal perda amigo o ceo te mude,
 Dôr he q' nunca auida perde hũ hora
 Remedio pede auer com q' s'abrande
 Não q' de todo a veng'a & deite fora.

CARTA XXIII.

[[A Dom Fernand' Aluréz de Castro.]

Senhôr dô Fernand' Aluréz pois Ianei
 Vê pôr hũ nouo freo à cortesia (ro
 Querous de senhor fatar primeiro.
 Não vos dou a gostar a senhoria
 (inda qu'entendo bẽ q' em tal pessoa)
 Muito

144
C A R T A XXIII. 297

Os que se tem por idolos do pouso
Che sol virtute il altro ciel honora.
Mas porque ja por onde o passo mouo
Me cumpre yr apalpando corao cego
Não quero seguir mais estillo nouo.
Torno a tomar a lyra qu'em sossego
Esteue ao silencio offerecida
Desque deixastes Tejo por Mondego.
Não cantarei lembranças da partida
Porque receo ver na magoa dellas
Como Cisne cantâdo ao fim da vida.
Sem vós (não digo fados, nem estrellas)
Digo que o ceo me nega nest'ausência
A luz do sol, a fermosura dellas.
Mas largos annos, muita esperiencia,
O discurso da vida triste & vario
Me fazem ja no mal ter paciencia.
No vosso apartamento voluntario
Não pode durar muito o vosso gosto
Por mais q' yos prezeis de solitario.
Enfada da manhã tẽ o sol posto
Ver apertados valles, largas serras
A toda parte qu'o homẽ vira o rosto.
Enfada jugar sempre, ou' ler as guerras
Dos illustres Herois, antepassados
Destruição de gentes, & de terras.
Enfada tratar sempre com criados,
E muito mais com necios escudeiros
A queixumes do tempo acostumados.
Enfada andar às lebres por outeiros
Com buscas mêtrosas, fracos galgos
Quer a pé, q'r è mais fracos sêdeiros.
Enfada ver no inuerno montes alhos,
E tornalos a ver no seco estio (vos
Deleuderos de sombra, & d'erua tal
Enfada

C A R T A XXIII.

Enfada ouuir tão perto o som do rio
 Que murmurado atroa o baixo valle
 Se topa no seu curso algum desvio.
 Enfim senhor donde não ha quem falle
 Nas damas, & nas armas, nos amores
 Bem se lhe pode dar o estremo valle.
 Deixemos a solidão aos professores
 Da vida que escolheo a bella Santa
 Exemplo de penitência a peccadores.
 Vós ramo produzido da grã planta
 De cuja alta prudencia, alta vêtura
 Lusitania se preza; o mûdo espanta;
 Esperay qu'outra idade mais madura
 Vos obrigue a tomar esse descanso,
 Que no trabalho a honra està segura.
 A vista do Mondegó cláro, & manso
 Não vos enleue tanto em sua praya
 Que vos faça perder o melhor lanço.
 Nunca a sombra do freixo, nê da faya
 Criou Trocatôs, Fabios, Cypioens
 Nem quê por cima delles pos a raya;
 Aquelle qu'entr'os mais claros varoês
 A palma se lhe deue; afirmar posso
 Isto, sem consultar opinioês.
 Aquelle grão guerreiro, aquelle vosso
 Inuenciuel aud, grão visorey
 De Castro Dom João espelho nosso.
 Ah senhor Dom Fernando, que direy
 De quê por todo o mundo dizê tão
 Se com tal intenção não comecey?
 Sômente por retrato raro, & santo
 Das armas, do saber, da cortesia
 Quis illustrar coelle este meu canto.
 Que pera o celebrar mister auia
 Hum estylo mais culto, & leuantado

CANTO XXII.

98

Do que Satyrã pede, ou Elegia,
Deixouuos o caminho abalisado
Por onde foi sobindo ao claro tēplo
A s'empiterna fama dedicado.
Não tenho que vos dar alheoexēplo,
Em casa vo lo dou, & tal que tudo
O que desejo em vos, nelie cōtēplo.
Elle vos seja mestre, & seja estudo,
Porque se for así, daqui m'obrigo
Que me tenhais em conta de sedudo:
Esta licença tem hum puro amigo
Dizer sem palear tudojo q'entende,
Mas eu isto que digo, a quem o digo?
Quem entre nós agora mais pretende
Ornarse de virtudes generosas?
Quem mais q' vós á faltas se defende?
Ou em altas montanhas cauernosas
(Habitação de toda brava fera)
Ou em cidades nobres, populosas.
Passeis essa florida Primavera (ledo
Em ocio, ou em negocio, ou triste, ou
Sempre sereis o que de vós s'espera.
Não me deixa daqui passar o medo
Que tenho de ser já largo, & pesado,
Mas eu segundarei esta muy cedo
Que não he quê bē ama descuidado.

CARTA XXIII.

Dom Manoel Coutinho estando na
sua quinta da torre do Bispo.

Senhor D^o Manoel mal atentado
Seria, se tardasse outra vez tanto
q' me notasseis mais de descuidado.

C A R T A XXIII.

Inda que claramente entendo quanto
A leue, & arrebatada breuidade
A todo verso dana, a todo canto,
Co este prefoposto a sandade
Argumento será desta Elegia. (dade.
Que assi chamarlhe posso com ver-
Passou aquelle tempo em que sohia
Cantar versos alegres, & suaves
Junto do patrio Lyma à sombra fria.
Carregarão em mim cuydados graues
Depois q me entreguei ao Himeneo
Que fecha a liberdade cõ mil chãues
Ando das brandas Musas tão alheo
Tão lãge d'Hipocrene, & do Parnaso,
Tão sumido nas agoas do Letheo,
Que tenho pouco gosto, & menos alio.
Pera poder formar hum culto verso,
Senão sae da pena algum a caso.
Do que ja fuy me sinto tão diuerso
Que me queixo do tẽpo, & do qvejo
Aquelles que não vejo, & q conuerso.
Os rios não são todos qual o Tejo,
Mas todos se parar no mar profundo
Se vão sumir, por natural desejo.
Nas cousas sem razão, a razão fundo
Qu'os homẽs com não ser quaes ser
sohião
Nos fazem parecer ser outro mudo.
Escreuem os Poetas que corrião
Fontes de puro mel no tempo antigo
E as plantas sem cultura produzio.
E daua a madre terra louro trigo.
Sem a rãper o laurador, mesquinho
Com duro seccõ, à nossa vida amigo.
r. que do monte não decia o pinho
Pera

C A R T A XXIII. 99

Pera qu'em curua forma conuertido
 Caminho abrisse, ñ de nãõ à caminho
 Porq' nem odio então, nẽ amor fingido
 Conseruição em si peitos humanos
 Nem contendas auia, nem royo.
 Nem espiritos auaros, nem tyrannos
 Criaua aquella boa antiguidade
 Que tratasse de forças, & d'enganos.
 Tudo era paz, amor, conformidade
 Sem discrepar a obra da promessa
 Nem menos a promessa da vontade.
 Prestauão hũs aos outros, por expressa
 E justa ley da natureza humana.
 Acudindo às pressas muy de pressa,
 Se nos a fama antiga não engana,
 Aquella foy a idade do metal
 Q' a rãos aproueita, & a rãos dana.
 Depois veio a de prara já não tal,
 E também a poseraõ em desterro
 Os homẽs, ajuntando mal a mal.
 Enfim o tẽpo trouxe esta de ferro,
 Antes nòs a trouxemos, cometendo
 Mil erros por malicia, não por erro.
 Destas cousas q' vejo, & das qu'entendo
 Me nasce tal espanto, tal tristeza
 Que me faz descuidar do q' pretendo.
 Sendo de menos tenra natureza
 De quanto agora choro bẽ me tira
 E dera de mór riso mór certeza.
 Mas toquemos mais brãdo a brãda lira
 A furto do espirito apaixonado
 Que do que prometi fora mẽ tira.
 Vejamos nesse campo rodeado
 De saudades tristes verdadeiras
 De nosso doce amor todo enleuado.

C A R T A XXIII.

Ora busqueis a sombra das parreiras,
De cujos verdes braços fructo pende
Ora vejais correr frescas ribeiras.
Ora no pé do freixo que s'estende
Por cima da corrente vagarosa
Corteis o nome a quê amor se rêde.
Ora por essa serra pedregosa
Sigais o leue cão que vay buscando
A perdiz agachada de medrosa.
Ora da caga o modo variando
No alto, cauernoso, & turuo pègo
Cô leue cana, ou rede esteispescado.
Sempre no maior gosto, & mór loscego
Aquella luzvos ha de ser presente
q' bem pôde dar vista ao Amor cego.
Não tem o campo cousa q' contente
A hũ verdadeiro, & firme namorado
Quando da bella dama viue ausente.
Nem flores lhe presenta overde prado,
Nê o goarda do sol fresca espessura,
Que todo o passatêpo acha pesado.
Quãtas vezes na fonte fria, & pura
Por mitigar a sede se reclina
Tantas lagrimas bebe de mistura.
E quantas ô som d'agoa cristalina
Se lamenta do mal da triste ausência
Tantas o valle a sospirar ensina.
Fazer a seus desejos resistencia
Qual pode ser mais aspero tormêto,
Digamo, quem tem disso esperiencia.
O quanto pôde o bom entendimento
Entendame chi puo chi m'entê do iô,
Quãtas cousas acaba o sofrimento.
Não aja imaginar que desuario
Porque neste intricado laberinto

Inda

C A R T A XXIII. 147100

Inda seguindo vou o certo fio.
 Declaro nas materias o que sinto,
 E sinto bẽ que todas sãõ muy claras
 Ao vosso natural alto destino.
 Não trato das mais partes todas raras
 Que juntaraõ em vòs liberalmente
 As Meonias cõ tantos tão avaras.
 Que nemo tempo agora me consente
 Nem a Musa q̃ segue outro caminho
 De tão alto fogeito diferente.
 Mas outro melhor répo qu'adeuinho,
 Outro câto ornará doutros louvores
 Mais altos do q̃ neste agora alinho.
 Que já com olhos d'alma interiores
 Vos vejo no sublime estado posto
 Pretendido por vòs d'antecessores.
 Já vejo com meu gosto o geral gosto
 Em todos quantos tendes obrigados
 Cõ obras, cõ palauras, cõ bõ rosto.
 O quantos perabẽs vos vejo dados,
 Quanto serã tal dia festejado
 D'amigos, de vassallos, de criados.
 Entãõ fereis de mim melhor cantado,
 Que Febo me darã noua brandura
 Hum estillo mais puro, & leuantado.
 Entãõ se vestirà de mais alvura
 A vossa illustre casa Marialva.
 Que sem vòs eu a tenho por escura.
 Não deixarei passar a Ninfa Calva
 A qual se polla fronte não se toma
 Escorrega das mãos, nos pès se salua.
 Enfim por não fazer mais larga soma
 De tão pesadas rimas, corto o fio,
 Dizendo, como dizem os de Roma
 State sano charo patrão mio.

Dellas em teus escritos graça choue
 Apolão de muy poucos satisfeito
 A branda pena có sua mão te mona
 In spira altos conceitos no teu peito,
 Os quaes tão altamête nos declaras
 Que o bõ verso orna o bõ conceito.
 Libera is pera ty as fontes claras
 Do Pindo, & do Parnaso vão correndo
 Que corrê perz muitos muy anaras.
 Tu mesmo eterno a ty tiras fazendo
 Teus feitos, també feitos co a espada
 A tua propria pena cometendo
 Que justamente pôde ser louvada
 A onfadia propria, a propria gloria
 Se a perda sem o ser, fica atriscada.
 Mas antes que de ti falte memoria
 O fogo será frio, a neue ardente
 E mais predada qu'oro a mil escoria.
 Já vejo que r'espera o Oriente
 Có nouos vencimêtos, nouas palmas
 Da nossa, & de Iesus imiga gente.
 Mas que chuvas, que frios, & q' calmas
 Passamos (te pergunto) pollas vidas
 -- E quão pouco de tudo pollas almas?
 Não ves como de nós são esquecidas
 Por tâtas confasvâas, q' nũca chegado
 E se chegado são logo aborreçidas?
 Quantos agora pello mar navegaõ
 Não por fama a laçar, mas por riqueza
 A hũa fraca taboa a vida entregão.
 Mas ah, que tal he nossa natureza
 Que conhecendo isto inda aspiro
 A poder desfartarme da pobreza.
 Mil vezes dêtro é mĩ choro, & sospir
 Ver que dõ verso meu, q' louvas cãz

CARTA XXV.

Tam pouco fructo em tão tẽpo tiro.
 Por ventura foytente do espanto,
 Ou do louuor q' dà, quẽ mais não dà,
 Ao meu, des oje mais ja, rousco cãto?
 A cobiça tão alto sobio ja
 Que a fama q' s'alcança cõ largueza
 Debaixo dos seus pẽs vejo qu' estã.
 Ah tegueira humana, antes vileza
 Se dar cõ larga mão he graã virtude
 Como ovicio cõrairo maisse preza?
 A chorar isto tua voz me ajude
 Accredica contigo as boas Musas
 Pois tu em tanto tẽpo nunca pude.
 Todas as partes tẽs, não tẽs escu fas
 Pera deixar d'usar do seu tesouro,
 Do qual com louuor dellas tambem
 Em pago te darão o verde louro, (vlas.
 Seis do brando febo coroad
 Cantando delle na sua lyra d'ouro.
 Não cuides que te fallo desuiado
 Daquillo que de ti tenho entẽdido
 Que sempre foy amor desenganoado.
 O meu que no peito anda encendido
 Iã não serja amor, seria engano
 Se te quisesse dar louuor fingido.
 E quanto a mi daqui te desengano
 Qu'hõra viesse dar, daràs mõi inda
 As Musas, & ao Reyno Lusitano.
 Mas que me fica a mim da tua vinda
 Pois foy pera dar vólta tão asinha
 Se não graõ saudeade, & magoa infin-
 Estarã a companhia minha (da?
 Em vez daqlla doce, branda & pura
 Conuerfação que cã contigo tinha.
 Tu la contente, onde se mais apura
 O ref-

CARTA XXVI. 102

O resplendor do Ceo, & cria a terra
 As pedras com celeste fermosura;
 Em liçãoboa, q' o vicio mau desterra,
 Do tempo enganaràs horas pesadas,
 Porqu' estassós te podê fazer guerra
 Não esquadroës de terra, & naos arma-
 Pois as tês ja cõ tanta perda sua (das
 Do seu pouco poder desenganadas;
 Nem quem dourada tras a noua Lúa
 Por diuisa em candidas bandeiras,
 Nem Persia que serà visinha tua.
 Isto não são palauras lisongeiras
 Que posto q' se admittê não as trago
 Pera louuar virtudes verdadeiras,
 Mas porquê dellas mais a luz apago
 Com tão socinto, & supito louuor
 Do grande que me deste, q' não pago
 Aceira (atê que pague) este penhor.

CARTA XXVI.

Ao mesmo Ruy Gomez da Gram, depois
 de partido pera a India.

A Graç distancia q' de ti m'aparta
 A grande saudade, o amor grande
 Nil cartas pedem, não esta sô carta
 Ou nouas de lá peça, ou de cá mando
 Ou siga, como dizem d'Arétusa
 Caminho pello qual outré não áde.
 Serci sem querer dar a isso escusa
 Mais largo do q' tenho por costume
 Se m'ê não for do verso escaca a Musa
 Do Pindo celebrado, & verde clime
 Inspire o brádo Apollo no meu peito

C A R T A XXVI.

Hũa faísca sò do seu grão lume.
 Porque sem tal fauor, em tal fôgeito
 Não posso formar verão cò q̃ fique
 Contente quem os lêr, ou satisfeito.
 Não queira q̃ o meu erro se publique
 Lá onde sua luz mais resplandece;
 Nê me deixe cair, inda qu'embique.
 E porque logo a te contar comece
 Aquillo que mais trago no cuydado
 Deixando tudo o mais q̃ aqui s'offre
 Digo que me deixaste penhorado (ce.
 No amor, com amor q̃ me mostraste
 Tão claro, quãto o meu defenganado
 Digo que ddr tamanha me deixaste
 Quando deraõ no marvellas ao yêto.
 Como foy o caminho que passaste.
 Rompia a proa o liquido clemento,
 Eu com sospiros d'alma o mar röpia
 Cò lagrimas mostrando o sentimêto.
 Cos olhos faldosos te seguia
 Em quanto diuisei as brancas vellas,
 E depois disso com a fantasia.
 Imaginey então Nereas bellas,
 Diãte o' curuo pinho esparger flores,
 E ontras os Tritoe's diante dellas.
 E mil delfins ligeiros nadadores
 Me pareço que via tr'volteando,
 Se como a fama diz, morrê d'amores.
 Imaginei Neptuno aquietando
 As bellicosas ondas inquietas,
 O mar fazêdo chão, o vento brando.
 E claro vi os lucidos Planetas
 Mostrarem sobre ti aspeitos, claros
 Em suas influencias mais secretas.
 Vi os tres q̃ no Ceo são mais preclaros
 Juntarem

C A R T A XXVI. 103

Intérem a teus feitos, (també feitos
 No mudo raros já, outros mais raros
 Guardo no meu conceito outros côcei-
 Os quaes fará o tẽpoverdadeiros (tos
 Porqu' agora o amor os faz sospeitos
 Enfim daquelles impiros primeiros
 Me pos a saúdade em tal estado
 q' tẽ inda em meus olhos deus forei-
 E tu, bẽ pode ser que descuidado (ros.
 De qual me cã deixauas, leuarias
 O coração alegre, & sofrega do.
 Não digo que de lagrimas ririas
 Se não que dos humanos accidentes
 A força, co a razão abrandarias
 Se por caso cuydasses nos presentes
 Tẽpos, & nos passados, com espanto
 Verias como correm diferentes.
 Verias sem rebuço a cada canto
 A sofrega cobiça, & a triste inueja
 E o engano com cãpa de grão santo.
 Verias (mas quem aqui sto não veja?)
 Mendigar a verdade, & a mentira
 Que pão, & pano; & tudo lhe sobeja.
 Verias o mão pẽsar que faz a ira
 Da mansa, & encolhida paciencia
 q' sofre, & calla, & a medo inda solpi
 Verias que da sua negligencia (ra.
 Nobreza quer fazer a vil preguiça
 Auendo por d'eshonra a diligencia.
 Verias as balanças da justiça
 Por odio, ou por amor abalançar-se
 Não sey se tambem diga por cobiça?
 Verias a pureza arremegar-se
 A sensualidade sem vergonha
 E d'ouro, engano, & forças ajudar-se.
 Verias

C A R T A XXVI. 140

Quantos jantares perdem quantas ceas.
 Nem flores do verão, nem do outono
 Os frutos lograo descansadamente,
 De tudo quanto tem quem he o dono?
 Temem como sobiraõ leuemente
 Que torne a defandar a roda leue
 Com aplauso geral da leue gente.
 Mas inda que propus de não ser breue
 Deixemos por agora esta materia,
 Que mais serue a quẽ Satyras escreue
 Com filhos da fortuna ja fiz seria
 Nẽ canso por fazer seu nome eterno
 Nem elles por tirarme de miseria,
 O rico morre, morre o do gouerno
 Sem leuarem do seu tanto consigo
 Que pagnẽ ao arrais do lago Euerno.
 Enfim sobre o que digo, & q̃ não digo
 Bem podias fazer discursos largos
 Se pello largo mar hyas contigo.
 Por Troya, & por Roma, & por Argos
 Podiaõ passear teus pensamentos
 Sem lhe virem negocios cõ embargos
 Que mais repouso te no mar os ventos
 As ondas mais soscego do que tem
 O que na terra tem varios intentos;
 Tu que tudo prouaste, cuyda quem
 Me poderã negar esta razão,
 Que cõ razão, eu cuido que ninguẽ.
 Taes voltas neste tempo as cousas daõ
 Qu'entẽdo, antes affirmo qu'acharias
 No inquieto mar quietação.
 A mór parte da noite, a mór dos dias
 As Musas que de si tanto te deraõ
 Com honra sua, & gosto teu, darias.
 Daquelles que nas armas floreceraõ

C A R T A XXVI

Te cantarião feitos saçanhosos,
Grãdes Reys, grandes Reynos q' vêce
Triunfos eminentes muy custosos (raó.
Estatuas cõ seus nomes levantadas,
Dos seus trabalhos prêmios gloriosos
As estatuas do tempo são gastadas,
Tambê o foraó já suas memorias
Senão foraó das Musas conseruadas.
Mas não te contariaó mil victorias
Dos nossos valerosos Lusitanos (rias.
Porq' elles mais são d'obras q' de histo
Os celebrados Gregos, os Tróyanos
Os famosos Romaos, cõquistadores
Não faraó mais nas armas soberanos
Mas se no mundo tẽ mōdes lououres
A causa disso foy, porque soubêrão
Grangear os prudentes escriptores.
As honras, & merces que receberão
Obpiano, & Virgilio foraó penas
Com q' tão altas cousas escreuerão,
Porque menos Coimbra, que Atenas,
Porq' mais farã Roma que Lisboa
Cantar ao só das armas as Camenas?
D'ingenhos a quẽ Febo encordia
A doce, & brãda lyra cõ mão propria
A quem de verde louro dã coroa.
Quando entre nos ouue may or copia?
E porem de Meccenas tantos temos
Como de brancos tem a Eriopia,
Enfim a vaós q'ixumes atalhemos; (lhas
Cantê os roucos coruos, rouca a gra-
E nos a nossas Musas nos tornemos.
Tambê te contariaó mil batalhas
Do vencedor dos que vencerão tudo
Sem elmos escalar, nê rôper malhas.
O qual

C A R T A XXVI. 105

Qual com inuensiuel golpe agudo
 Trespassa corações de parte a parte;
 Q' cõtra amor não val elmo n' escudo
 Amor venceo Apollo, & venceo Marte,
 E Jupiter no Ceo; cõbe nas agoas
 Do seu fogo, a Neptuno grãde parte.
 Não lh' escapou Vulcano & suas fragoas
 Não o fero Plutão cheo d'espanto
 Sumido lá na região das magoas.
 Deste que sobre tantos pode tanto
 Poucos successos lèdos cantarião,
 Porq' todos os mais foraõ de pranto.
 De Piramo, & de Tysbe chorarião,
 Cujos corpos juntou hũ duro ferro,
 Cujas almas mais juntas partirião.
 Ah lastimoso fim, triste desterro;
 Q' os não pode o Amor matar d'amo-
 E morreraõ d'Amor ambos por erro
 Chorarão Faunos, Ninfas, & Pastores
 Hum casa tão funesto, & desastrado,
 Tornaraõse as amoras doutras cores
 Chorarião tambem o moço oufada,
 Que por amor não teme, nê duvida
 Pessar de noite o Hellespõto a nado.
 Chegou ao pè da torre, mas sem vida;
 Hero que tal o viõ na triste praya
 Sobr'elle s'arrojou da dor vencida.
 Espera amor, espera atè que caya
 (Indo ja pello ar, dizendo hia)
 Passemos juntos desta vida a raya.
 Quantas lagrimas Sesto te daria
 O mal logrado moço, & o teu Abido
 Quantas por ti Leandro choraria?
 Entre tautas tragedias de Cupido
 Chorarião com verso mais famoso

A da

C A R T A XXVI:

A da triste Rainha Elifas Dydo,
 Que lhe deixou o fugitiuo esposo
 Senão hũa cruel, & aguda espada?
 Sem causa lhe chamaraõ piedoso.
 Também deuia Egeria ser chorada
 Que de muito chorar se tornou fôte;
 E Alcion em aue transformada.
 Que direi d'outra q por valle, & môte
 Seguio em vaõ o bello moço altiuo?
 Pois ella inda responde, ella re cõte.
 Amor dos seus desprezos vingatiuo (ra
 Mostroulhe hũa vãa sôbra é agoa pu
 Por qué o fez arder em fogo viuõ.
 Mas com q noua dôr, có que brádua
 Chorarião Orfeo, & a consorte
 Que por seu mal fugio polla verdura.
 Leuouad'antre viuos triste sorte,
 Elle polla tornar de nouo à vida
 Antre mortas a busca âtes da morte.
 Tod'a corte infernal ficou vencida
 Ouindo o sô da Lyra o canto brádo
 Tod'a pena das almas suspendida.
 Na pedra que costa arriba hia leuãdo
 Sefiso, se sentou, tomando alento,
 Sobre quem o cansaou descansado.
 Cessou do seu cantino moimento
 A roda d'Exien, & as dos criuos
 Deixaraõ de seguir seu vaõ intento.
 Das agoas, & dos pomos fugitiuos
 O quarento Tantalõ perdeo.
 Os desejeos famintos, sempre viuos.
 Por tres bocas Cerbero emudeceo,
 E a feya ciuel Aguia voante
 As entranhas de Ticio naõ roeo.
 Seguro passa o magoado amante

Por

C A R T A XXVI. 106

Por Tefifon, electo, & por Megera,
 Chegou a ver o Rey domao séblante.
 De nouo, & doce lyra, all tempera,
 Ali mais solta a mão, & avoz benigna
 Polla mercé que ali mayor espera.

Moueo a piedade Proserpina
 O marido cruel, Rey encuberto,
 Tanto, que darlh'a esposa determina;
 Deulha o seo Rey, mas com concerto,
 (Ah concerto cruel, merce piquena,
 Antes concerto não engano certo.)

Que por todo o caminho, onde se penz
 Leuandoa atras si a não veria
 Até sayr coella á luz serena

Elle que polla ver viua morria
 Quis ver antes de ver o dia puro
 Se por tão cegos ares o seguia.

Logo como delgado fumo escuro
 Alongando se foy o leue espirito
 Conforme ao pacto do tyrão duro,

Ficou soando este funesto grito;
 Não te canfes Orseo, por mudar
 O que ja tem de mim o Ceo escrito.

Tres vezes triste foy pera abraçar
 A fugitiga esposa, & outras tantas
 Os ventos abraçou em seu lugar.

Quãtas queixas d'Amor, lagrimas quã-
 Tu infelice Orseo derramaste, (tas
 Bem o sabem as pedras, bẽ as plantas.

As pedras, & as plantas que leuaste
 A pos o teu lũaue, & doce canto,
 Tigres, Leões, & Dragos, qu'amãfaste.

Mas não nos detenhámos no mar tão to,
 Deixemos já d'Apollo o filho triste
 No mayor paroxifino do seu prãto.

Deixamos

C A R T A XXVII.

Deixamos o grão gosto que sentiste
Quando no alto mar com voz sonora
Ouviſte dizer terra, & terra viſte.
Deitamos ferro ja ſahimos fora,
Eu na praya do Tejo cristalino,
Tu nella lá ôde nasce a bráda aurora
La te deixo entre goſtos qu'i n'agino
Que farias ſentir, que ſentigas
Com quem te deſejava de continuo.
O ceo lograr tos deixe muitos dias,
Coelles muitos annos, outros muitos
Colhendo ſa, & cá por muitas vias
Das armas, & das Muſas doces frutos

C A R T A XXVII.

A Dom Gonçalo Coutinho, eſtando
em hũa ſua quinta, que cha-
mão dos Vaqueiros.

S Enhor, ſe pretendera acreditar-me,
Inuocara ſauor de Calliope
N'eſte familiar & amigo carme,
Mas pouco me dá já que muitos tope
q' digaõ qu'inda menos ſey de rima
Do que de Grego ſabe hum Ethiope.
Nunca d'eſcuras verlos fiz eſtima,
Sempre (porq' m'entedaõ) fallo claro
Prezeſe quem quizer de ſer enima.
Queris a poucas voltas dar no faro?
Da ſentença que jaz no verſo vinciuſa
Qu'o muito rallejar cuſtame caro.
Aquella he mais formoſa, & rica Muſa:
Que ſempre nas figuraz, & palábras
Conforme ao ſoggetto, & vſo, vſa.

CARTÁ XXVII.

107

Está tão mal a hum pastor de cabras
 Tratar d'estrologia, & medicina,
 Como a hũ grãde Rey de gado, & lau-
 Eu sey algũs que mostrar doutrina(ras,
 Sem goardarem decoro, se desuião
 De quãto a esperiêcia, & arte ensina.
 Estes, & os que de si tanto se fiaõ
 Que não admitem bom juizo altheo
 O castigo de Marlias mereciaõ.
 Os versos destes taes sorue o Letheo,
 Ou vem lembulhar drogas de tẽda
 Como taõbem dos meus inda receo.
 Quem se teme de si, quẽ sobre emenda.
 Não tem de quẽ temer, nẽ dà moriuo
 Que nelle ache a malicia q̃ reprecnda.
 Deixa depois de morto nome viuo,
 E ornã seus escritos de brandura(uo,
 Cõ fer cõtra si mesmo duro, & esqui-
 O tempo o mau descobre, o bõ apura,
 Hũas cousas reproua, outras inueta,
 O quẽ vay de vagar mais se segura.
 Quem tanto de seus versos se contrêta
 Que cuida q̃nãõ ha qu'emêdar nelles
 Afronta, a suas faltas, acrescenta.
 A porta punha o celebrado apelles
 Doseu ingenho raro, o spartos bellos
 Não fiando de si a emenda delles,
 Eu li ja versos que pera entendelos
 Compria ser Merlim, o Nigromante
 Ou andar com Apollo aos cabellos.
 E outros taõ pesados qu'Athalante
 Não podera foster sõs dous tercetos,
 E com tres não darã passo adiante.
 Eu senhor já podera ter bisnetos
 Depois que comecci a fazer trouas.
 Ainda

C A R T A XXVII.

■ E inda bem não cayo nos sonetos.
 E vejo muitos qu'inda as penas nouas
 Com que sãe do ninho, não mudaraõ
 E querem de Poetas fazer prouas.
 Por isso nas empresas que tomaraõ
 Taõ fraca, & triamente procederaõ
 Qu'em vez d'hõra ganhar se deshõra
 Se tambẽ estes annos responderão(rão).
 Com nossos necessarios mantimẽtos
 Como em dar Poetas floreceraõ.
 Eu me rira de ter requerimentos:
 Que fazem ser hũ homẽ chocarreiro
 E causaõ outros mil abarimẽtos.
 Hum ayno carregado de dinheiro
 Trepã por onde quer, acaba tudo,
 E não acaba pouco o lisongeiro.
 O pobre virtuoso, & o sèfudo
 Perca (do que merece) a saude,
 E tome a paciencia por escudo.
 Ah, quẽ me dera agora a liberdade
 Que tiue noutro tẽpo, noutro estado
 Pera poder fallar mais à vontade.
 Mas pera que? la estou certificado
 Que certos desenganos pouco prestao
 Cõ quẽ não quizer ser desenganado:
 Reprensoes, & verdades, que molestaõ
 Basta serem toradas de passage
 Porqu'inda muito assi nos manifestão.
 Por tanto mudo aqui a lingoage
 A vida que escolheste aldeã
 Que faz a esta de cã muita ventage.
 Ah, mais cedo vedes a manhã
 Que bella em Oriente se leuanta
 Veitdad'ouro, & azul, de neut, & grã
 Ah! o roufiquel mais doce canta,

Has mais aues liures de senhores
Mais ledas voáo, d'hũa, e outra pláta.
Ahi s'alegra a vista com as flores
Que tem a verde relua matizada
De nouas, naturaes' alegres cores.
Ahi no ramo a fruita pendurada
O gosto vos desperta, & vos convida
Naó colhida sem tẽpo, nẽ comprada.
Ahy honra naó há que vos empida
Sahir de casa sò desafeitado,
Nẽ moeo q murmure, & sempre pida.
Ahi cada manhaã naó sois filhado
Do mercẽdor, do xastre, & calceteiro
Que na camavos tinhaó emprazado.
Ahi ceda somana o cepateiro
A vossa propria pelle naó esfolia
A troco da de bode, ou de carneiro.
Ahi naó encontraís com mariola
q depois q vos moe vos diz, goarda,
Nẽ anda o pê por lamas e qu'a tolla.
Ahi basta vestir de roupa parda
E servir de rocim galego, ou macho,
Ora posto de sella, ora d'albarda.
Ahi naó rabeaes aos do despacho
q vos leuaó taas si sã vos dar vento;
E nisto tambẽ eu a mim me tacho.
Ahi (seguudo meu entendimento)
De mais alegre vida vos lograis
Que quantos delln tẽ contentamẽto.
Ahi quando quereis caçar caçais
Pega conguaião, com galgo lebre,
A poucos passos que pello câpo dais.
Ahi pouco vos dà q as pazes quebre
O callifica d'Egypto, & o Salladino
Nẽ q o Preste Ioaõ moura de febre.

E menue

C A R T A XXVII.

E menos que Reynaldos Palladino
 Va por amor d'angelica la bella
 A Serra d'Ossa, a se meter biguino-
 Ahi sem passar mar, nê mudar sella (rô
 Vereis pintado o mûdo, ou por escri
 Em Plinio, Tollomeu, Pôponio Mel-
 Ahi naõ vos abrange o enterdito (la.
 Que poz Raby Azar em Babylonia.
 Porq̃ largou Granada elRey Chiquito
 Ahi viueis enfim sem cerimonia
 E ledes (sem estoruo) hum dia todo
 Sem vos ser necessaria Sellidonia.
 Cartas, & dados vaõse pôr de lodo,
 Ou vaõse aposentar cos do contrato
 q̃ trazê o dinheiro em casa a rodo.
 Ahi naõ da ribeira, mas do mato
 Vos trazem per dingoês, & laparinhos,
 O cabrito de mama, o tenro pato.
 Trazem vos delparrella passariuhos
 E rollas amarelâs de gordura
 Os criados de casa, & os vezinhos.
 Faltraõvos-hi Perus polla ventura?
 Bem sabem nesta casa como sabem
 Onde a lêbrança é vez do gosto, du-
 O azeite por mais que volo gabê (râ.
 De claro, & de louro, & de gostoso
 Muito mîdres lououres nelle cabem.
 Tambem hi tendes trigo espantoso
 Segundo ouço dizer, que de certeza
 Naõ sei se faz paõ feo, se fermoso.
 Foy liberal em tudo a natureza
 Co essa vossa quinta dos vaquelros
 E deulhe inda cõuõsco môr riqueza.
 Hum gabo m'esquecia dos primeiros
 Que lhe podera dar, pe: a Trofeo

Des

C A R T A XXVII. 109

Dos mais louvores seus bẽvedadeiros
 E he, que tal licor lhe deu Lieo
 Q̃ não somente alegra hũa, lma afflicta
 Mas anticipa o Placido Morfeo.
 Ah! (que seja sempre o Ceo permitta)
 Pera vos occupar des no diuino
 O monte, o valle, o bosque vos incita.
 Incitamos o rio cristalino
 A plãta a flor, o bicho, o passarinho,
 E a fonte, que murmura de contino.
 Etendes o Egypto por visinho
 Onde podeis gostar celeste sumo
 No pobre, & penitente e apuchinho.
 Finalmente senbor, que me refumo
 Qu'outra vida não ha q̃ melhor seja.
 Posto q̃ a todas vou lançando o prumo.
 Quem a pnde lograr que mais deseja?
 A que mando, a que mitra, a que coroa
 A que cousa do mundo tem inuêla?
 Do mal ah! mais tarde a noua soa,
 Do bem, hi vo la manda o bom amigo
 Ou seja de Mádrid, ou de Lisboa.
 Hũa & outra vez affirmo, & digo
 Que na vida do campo corre a vida
 E a lma tambem menos perigo.
 Sôberba não he vista, nem ouuida
 Entre simplez, & humildes lauradores
 Nem falsa hypocresia conhecida.
 Não trazem entre si aduladores
 Que por proveito seu, & alheio, danno
 Sempre ao gosto fallão dos senhores.
 Ah! não tem lugar o falso engano
 Em escrituras, tratôs, & distratôs,
 Em ouro, & prata, nẽ em seda, & pano.
 Ah! em vaôs sobejos aparatôs

C A R T A XXVII.

Não gastão o que tem, & o q não tem
 E appellar depois pera Pilatos.
 Emfim senhor, vos escolheites bem,
 Seja por hũa via, ou outra via
 Tal vida, por agora, vos conuem.
 Concedeus ahí a noite, & o dia
 Branda conuersação, casta, & suave
 Com vossa bella esposa em cópanhia.
 Ella do peito seu vos deu a chaue,
 Vós lha déstes tambem do peitovosso
 E assi não tem amor de que s'agraue.
 Ah senhor dom Gonzalo, que não posso
 Tratar desta materia como deuo,
 Tal ando eu, tal anda o tempo nosso.
 Este em qu'estes versos vos escreui
 A negocios, qu'importaõ, fuyreuhão
 Por elles ser mais largo não m'atreuo
 State fano, a Dio vi ricomando.

C A R T A XXVIII.

Ao Conde de Monsanto, tornando de
 Castella, eilando no seu Paul, junto
 do Tejo.

A Boa vinda, com alegre canto
 Vos dà a Musa minha, ò senhor caro
 Illustrissimo Conde de Monsanto;
 Cónosco lh'amanhece o sol mais claro
 Còuerte o seu Inverno em Primavera
 A pesar do mao tpo escuro, & avaro.
 Já Febro a branda lyra lhe tempera,
 Ao som da qual, com versos de susados
 Marauilhas de vds cantar espera.
 Os dias em silencio mal gastados
 Cõ grãde gosto seu, grãde loquor vosso
 Agora

157
CARTÁ XXVIII.

Agora podem ser recuperados.
Agora que do Patrio Tejo nosso
Lograis, a desejada, & rica praya,
A que por vós mais rica chamar posso
O qual de limo ornado, & branca sayá
Bem viste que deixou o rico leito
Passando, por vos ver, a antiga raya.
E ledo o largo campo achou estreito,
Medido pellogosso sem medida
Q' cõcebo de vós dent. o em seu peito
A belleza que tinhaõ ja perdida
As suas bem nascidas varias flores
conuõsco lhe será restituída.
Tornarão a cantar os seus pastores
Ao som da sua branda, & doce ven.
Ora queixas d' Amor, ora fauores.
Pallemo chamará por Gallatea.
Sospirando em vão: em vão Alcido
Por Syluia escreuerá versos n' arca.
Tyreno cantará fauorecido
Da branca Filles; & de Marilia bella
O Pastor que no Lyma foi nascido.
No silencio da noite Fillomella
Ouureis derramar magoas antigas
Nos verdes bosques habitados della.
Ceres com larga mão louras espigas
Vos apresentará de anno, em anno,
E Flora lindas flores, sem ortigas.
E aquella que do padre soberano
Da cabeça nacco, & o nome deu
A patria do valiente Heroe Tebano.
Liberal vos será do fruito seu
Sempre, qual foi agora, como soube
Do bõ Sobrinho vosso, & Senhor meu.
Aquelle a quem tão alta forte coube

C A R T A XXVIII.

Que lhe dá das mudanças de Proteo?
 Nem de Plutaó q Proserpina roube?
 Que lhe dá que das mesas de Fineo
 Rebatem o comer çujas a'pias
 Despejando, sem pejo o ventre cheio.
 Que lhe dá que gouernem Monarchias
 Os filhos da fortuna, se com tudo
 Nunca tem pera si, noites, nem dias?
 Do mando foge mais, o mais fefudo
 Escolhe acomodado, apartamento
 Onde se faz ao mundo cego, & mudo
 No campo nunca falta entretenimento
 A caça vem buscar, sem ser buscada
 Seruindo de prazer, & mantimento.
 E quando ja vos cança, ou vos enfada
 Não vos achais em parte tão remota
 Que chegueis a deshoras á pouxada.
 Ah! com má tençaó ninguem vos nota
 Se bem, se mal andais a acompanhado,
 S'a Balona vestis, s'a Marquesora.
 A mesa não vos vem comer comprado
 Mas o Perú de casa, & o Carneiro,
 O Leitão nouo, & o Capão ceuado:
 Com oliueira antiga, ou scuerreiro,
 Ah! Vulcano coxo, vos defende
 Destes terribéis frios de lanceiro.
 Ah! gato por lebre não vos vende
 O voffo comprador, nem vos vazia
 A bolsa, quem a sua encher pretende.
 Quem vos visita ah! não vos desula
 Da suaue lição dos bons autores,
 Ledes de noite ao fogo, ao sol de dia.
 Em Homero achareis grandes lououres
 Do fero Achylles, & do pio Eneas (ses
 Em Virgilio outros taes, ou inda não
 E a quelle

C A R T A XXVIII. III

E aquelle a quem mandou abrir as veas
 O cruel Nero; cantará chorando
 As batalhas ciuis de sangue cheas.
 Ouidio com seu verso triste, & brando
 Do seu desterro tratará queixoso
 Por Corina, & por Roma sospirando
 E o vosso sobre todos mais mimoso,
 Ahi conuersareis mais de contino,
 Digo, o suave autor do furioso.
 Trocado que fogeito achou diuino
 Pera mostrar os seus altos conceitos,
 Cantando de Gofredo, & d'Alladino.
 Petrarca, & Sanazaro cujos peitos
 Ina O douto Apollo encheo d'altra doutri
 OBêbo, & o Lafo, ao mesmo Apollo a-
 Veronica cõ Laura Tarraçina: ceitos.
 E aquella famosissima victoria
 Que sobre o nosso Sol o seu empina.
 Dos nossos deixo algũs dignos de gloria
 Porque vou sendo largo, & porq' sey
 Que de todos os bõs tendes memoria
 Emfim sempre senhor vos louuarey
 Essa quietação a que vos dèstes
 Senella de vós mesmo fordes Rey.
 Não ha que dizer mais, senão q' prestes
 Estou, pera servir: qual sempre estíue
 Em tudo quanto vos de mim quísestes
 No tempo que de vós mais fauor tíue.

C A R T A XXIX.

A D. Christouão de Moura.

S Enhor em todo tẽpo, em toda idade
 Diante Reys, diante Emperadores

K3

Tiucra6

C A R T A XXIX.

Tinero sempre as Musas liberdade,
 Ou pera celebrar com seus louvores
 Aquelles que por seus illustres feitos
 De fama vem a ser merecedores.
 Ou pera reprehender claros defeitos
 Doutros, q' a torpes vicios entregaraõ
 As obras, as palauras os conceitos.
 Naceo daqui que tanto as desprezaraõ
 Os de pouco saber, no tempo nosso
 Quanto os Sabios antigos as hõraraõ
 Por esta tal razaõ, com razãõ posso
 Louvar, sem parecer que vos grangeo
 Altas virtudes voſas, ſaber voſso.
 Eſt'alto eſpirito, d'alto auifo cheio,
 Humilde, & liberal, brando, & ſuaue,
 q' pera bem domindo, ao mûdo veio.
 A quẽ o grã Monarcha entrega a chaue
 Dos ſegredos reays, em quẽ deſcança
 Do peſo do gouerno duro, & graue.
 O mil vezes bem poſta conſiança
 Nũ peito puro, & firme, a comodado
 A todo bom, que o bõ inyz.õ alcança
 Todos tem ja de vos iſto notado
 No proceſſo das couſas eſpantofas
 Onde Imortal louvor tẽdes ganhado.
 De Luſitania as Musas mais fermofas
 Vos deuem a tal conta eterno canto
 Que ſerã ſe de vòs forem mimofas?
 Sõ com voſſo fauor ſobiram tanto
 Qu'eſpantem as mais altas peregrinas
 Que nos encherã ſẽpre d'alto eſpãto
 As ſuas puras fontes criſtalinas
 Pera vòs, de continuo irã regando
 Os lyrios, as violas, as boninas.
 A fama, com tal ſum irã cantando

CARTA XXIX.

159

De Moura o apelli-lo, que não moura
 Por mais q' o tempo vá tudo gastando
 Des onde a manhaá nascebráça & loura
 Tè onde o grão planeta luminoso
 No côtraio Orizôte as nuves doura
 Foy logo o voffo nome grandioso
 Hum prefagio muy claro de grãdeza
 Do voffo heroico espirito generoso
 No qual inflye o ceo, & a natureza
 Tal valor, tal prudencia, & cortesia,
 Tanta bôdade, em tudo, & tal pureza
 Que por mais que vos louue scô porfia,
 Outro, mais q' o meu subido iagenho
 Não ficara mentindo a Poesia.
 Mas tome o seu dourado curuo lenho
 D'Anfriso o pastor louro, & por mim
 cante, (tenho
 Em quãto em queixas minhas vos de-
 Quem auerá senhor que não, s'espante
 De não serdes às Musas hum Mecnas
 Se no mais, cõ môr Rey hides auapte
 Tanto como das armas, das camenas
 Os fãmosos do mundo s'ajudaraõ,
 Por ambas florecerão Roma, & Atenas,
 As Musas os seus nomes conseruarão
 cairaõ, os soberbos edificios
 Que pòr menor'a sua nos deixaraõ.
 Do que foy as estatuas são indícios
 Mas mudos, & se n luz, ellas ao viuo
 Nos mostrã d'hús virtudes, doutros vñ
 O q' lhes dà fãnor, dalhes moriuo(cios.
 De ser tão altamente celebrado
 Que vença o tempo auaro, & fugitiuõ.
 Confesso que muito ja me rendes dado
 Mas confesso tãbe n qu'inda me vejo

C A R T A XXIX.

Ao peso da miseria estar atado.
 A muito não s'estende o meu desejo
 Não presumo de mi q' em vaso estreito
 Recolher posso, o Douro, o Lyra, & o
 Só a poder viuer tenho respeito (Tejo.
 Antes qu' em mór miseria a vida caya
 Com pouco fica o pobre satisfeito.
 Dá-me, ó bom Christouão, porque saya
 Do negro, onde calii, por não ter guia
 A mão, & chegarei com vida à praya.
 Descuido, ou mayor falta inda seria
 Faltarme em regia casa, pão, & pano
 como quando servi em Berberia.
 Sendo vós do governo soberano
 Della (com razão) mais emmente
 Pera bem deste Regno Lugitano.
 Fartame, cantarei suauemente,
 Banhado na licor da clara fonte,
 O que n' agora a fome não consente.
 Ou seja em baixo valle, ou seja em môte,
 Em rio, em cãpo, é casa, ou em floresta
 Sêpre acharei de vós q' cáte, & conte.
 Fazei cóta se'nhor, qn' el Rey m'empresta
 A merce, que por vos delle pretendo,
 Porque de vida ja pouco me resta.
 Hide, pois que podeis fauorecendo
 (como sêpre fazeis) ós q' não podem,
 Porq' vos fique mais o ceo deuendo.
 As merces aos seruiços s'acomodem
 Acodindo com tempo ao pobre affito
 Qu' ao rico, a qual mais, todos acodê.
 Materia dá o ceo a voffo espirito
 Pe a se nos mostrar tal na largueza
 Qual sêpre no bõ feito, & no bõ ditto
 Não nega a vossa branda natureza.

CART A XXIX. III

Os olhos a ninguém, nem os ouvidos,
 Ninguém de vós se parte cõ tristezã,
 Os da fortuna menos conhecidos
 Esses (ò grão bõdade, ò exemplo raro)
 De vós são muito mais favorecidos.
 E ja isto ouvio de mim aquelle claro
 Espirito, cuja luz o Ceo esconde
 Que na terra soy vosso amigo caro.
 Aquelle valeroso, & d'ouro Conde
 A cujo nome o seu cantado Letta, (de
 E o grão Douro, cõ grãde amor resqõ-
 Emfim senhor, Fortuna ja confessa
 Ser vencida de vós, & superada,
 A sua roda ja conuoso fessa.
 E a cega & triste inueja enuergonhada
 Em escuras cauernas se retira
 Porq' não tem em vós q' morder nã
 E posto, que do bem doutros sospira
 Ia lhe não doe o nosso, porq' entrãde
 Como contra virtude em vã cõspira.
 D'seu mortal veneno vos defende
 Zello do bem cõmum, inãos liberaes,
 A quem ella s'humilha, a quẽ se rãde.
 Mas porque temo ja (se m'escutais
 Que vos posso de largo dar fastio,
 Não vos quero agora enfastar mais.
 A outros mil louvores certo o fio,
 Porẽ como souber qu'ouvis meu cãto
 Eu vos não deixarei no Lethes rio
 Que de tantos no mudo encobre tãto.

CART A XXX.

A Gaspar de Sousa sobrinho do mesmo
dom Christouão de Moura.

S Enhor Gaspar de Sousa, confiado.
Em vós, por qué vós sois, esta lêbraga
Vos taço; de mim ja defenganado.
Sabei queme leuanta a esperança
Ver q' qué gritamais, mais importuna
Mais q' qué serue, & calla tudo alcaga
Pois que vos fez o Ceo minha coluna
Sostentarme na vltima ruyna
A que me vai chegando ja má fortuna.
Leuame (como dizem) à picina
Pera poder fazar de hũa doença
Que tem ter que gastar por medicina
Por vós, vosso bom tio que despenfa
As merces do grão Rey cõ justa vara
As Musas liare ja de tal offensa.
Se fora por mim só dissimulara
com minha necessaria pertençaõ,
Ja que pobre nasci, pobre acabara.
Porem a coningal obrigaçaõ
Me moue a requerer, antes m'obriga
Por ley diuina & natural razão.
Ja quãto a my, não sey q' mais vos diga,
Mas quãto a vós hẽ sey q' não merece
Esquecimento hũa amizade anriga.
O louvor vos serà grande interesse
q' s'ẽpre das merces he premio digno
Com q' mais a nobreza s'engrandece.
Quem pôde fazer bem, bem he molino
Se

Se passar deixa a Ninfa fugitiua
Sem aferrar das tranças d'ouro fino.
A fama da virtude se deriua;
Rico poderá ser, mas não amado
Quem das próprias riquezas se catiua
O grande Macedonio tão cantado
De todos muito mais por liberal
Que por senhor do mudo he celebrado
Que val o que mais tem, & o q' mais val
se só pera si val, pera si tem?
se trata a outré mal, & a sy mais mal!
Bem sey que vou confuso, mas porém
Não entendais senhor que desuário,
Nem menos q' me queixo aqui d'alguém
Que nunca me queixey, antes me rio
Daquelles, que sem causa queixar vejo
Entenda mi chi puo, chi m'entêdo id.
Cô Midas não conforma o meu desejo
Nem tenho como Crasso sede d'ouro,
O pouco me parece inda sobejo
Não morri nunca por juatar risoaro,
Nunca pretendi mais que defender-me
Da graã fome, & do frio de q' moarô.
Se vejo, como espero responder-me
De maneira que possa a mais quieto
Co as Musas em ocio recolher-me.
De juntar os bôz versos vos prometo
Dos Poetas insignes Lusitanos
Aprovados por Febo, em seu decreto.
Entr'os quaes se verão mais soberanos
Os doutro tio vosso valeroso
Que feneceo nos campos Africanos
Pera quem foy alegre, & glorioso
Aquelle funeral, & turuo dia,
Que pera nós foy triste, & lastimoso.

CARTA XXX.

A fama, que no mundo pretendia
 Ali a conleguio, com segurança
 Morrendo com seu Rey em Berberia.
 E não (por mais q' tudo tem mudança)
 se pôde endurecer sua branda pena,
 Nem menos abrandar sua dura lança
 E se por vós inda no Ceo s'ordena
 Que na terra os meus versos appareçam
 Nunca nelles terá parte pequena.
 Mas quero aqui dar fim onde começo
 Lagrimas a turbarme abaixo ingenho
 Antes q' com tamanho impeto creçam
 Que röpão tudo quáto escrito tenho.

CARTA XXXI.

A Pedr' Aluréz Pereyra.

SE passa esta occasião, como tégora
 Outras muitas, por my tẽ ja passado
 Não se m'offerecer, milhor me fora.
 Mas eu senhor estou muy confiado
 Que desfateis com vosso claro auiso
 O não com qu' a miseria e stou arado.
 Favores mendiguei, com choro, & riso,
 Daquelles de q' esperei poder valerme
 Ora fallei de graça, ora de siso.
 Mas inda que podera conuerterme
 Em mais diuerfas formas que Protheo
 Não me ficara mais q' arrependermes.
 Escreuem que nas agoas do Lethes
 A fortuna mergulha os que sublima,
 E pello que delles se, assi o crees.
 Catey ao lom do Tejo, & ao sô do Lyma
 chorey

162

C A R T A XXXI. 115

Chorey ao fôro do ferro em Berberia,
 Que me váleo alegre, ou triste rima?
 Quando tinha valor a Poesia
 Sospirava Alexandre por Homero,
 E Celar a Virgilio enriquecia.
 Eu por ventura em ouro beber quero?
 Ou serviirme com prara figurada?
 Nunca pretendi tal, nem tal espero.
 Por ventura desejo ver cercada
 De requerêntes nescios agrauados
 A porta, ou á falla pasteada?
 Por ventura por meios infamados
 De moyos vou juntando grãde soma,
 Pera deixarmes filhos cõ morgados?
 Senhor o meu desejo he ter que coma,
 E cuido q̃ mereço o que desejo, (mã.
 Pois não he desejar ser Papa; em Ro-
 Neste particular ey por sobejo
 Tratar d'outras inopias que padeço
 No vltimo da vida em que me vejo.
 Finalmente senhor, o que vos peço
 He hum remedio meu com breuidade
 Hum justo galardão do que mereço.
 Tomai este negocio de vontade,
 Que não soffre descuido o mercenário
 Nem largas esperanças, larga idade.
 Ditoso o que no valle solitario,
 Passa em silencio a vida; satisfeito
 Do que pera viuer he necessario.
 Não mostra (com industria) cõtrafeito
 O rosto, da tenção muy differente;
 Qual nas palauras he, tal he no peito.
 Nem dá que murmurar á cegã gente;
 Nem tem de que temer aduladores;
 E sem adulaçãõ diz o que sente.

C A R T A XXXI.

Se nesta engrandecer vossos louvores,
 Tê vós direis de mim que me naceo.
 De pretender de vós novos fauores.
 Digo que seja assi, tambem no Ceo
 Os santos não engeitão ser cantados,
 E o inferno com canto se venceo:
 Cuido que pera vós tinhaõ guardados
 Os meus socessos maos, seu vencimêto
 Por ficarem vencidos mais honrados,
 Nos fruitos desse raro entendimento
 (Que o vosso puro amor de my fiaua)
 seguro o que me ditto o pensamento.
 Quem hõras, quẽ fauor me naõ negaua
 Quãdo apazerna maõ, nada encolhida
 As altas merces regias despenfaua.
 Agora que mais pôde quem duuida
 Que me negue despacho acomodado
 A poder scientiar a pobre vida?
 Ia vejo o brando Echo aluorocado
 Encordoar de nouo a lyra d'ouro
 Onde d'elle, por mim, fereis cantado,
 Dos seus versos abrindo o môr tesouro
 Espalharã no mundo a vossa fama
 Celebrando Pererra, mais q̃ Louro.
 Ó nobre, ò generosa, ò antiga rama
 A vossa fresca sombra ache descanso,
 Quem casado vos busca, louua, & ama
 sempre respire em vds Zephíro manso,
 Benigno, & brãdo o sol sêpre vos seia
 sêpre vos erga o Ceo de lãço em lãço.
 Toda Ninfa de vós leda se veja
 Tecer, com alua mão frescas capellas;
 A palma, Oriental vos tenha inueia.
 Fauor tenhais da Lua, & da sãstrellas,
 Derrame a bella Aurora do seu seio
 celeste

C A R T A . XXXI. 116

Celesteorualho envossas folhasbellas
 Dizem que penetrou o tracio Orfeo
 A negra reglão por sombra escura,
 Mas que se triste foy, que triste veo.
 Qual fera não moueo, qual pedra dura
 Chorando o triste caso da consorte
 Que teue em seu amor pouca vêtura.
 Leuoulha dantre vinos cruel sorte
 Elle pella, tornar de nouo a vida
 Antre mortos a busca, antes da morte
 Toda a corte infernal ficou vencida
 Ouuindo o som da lyra o câto brado,
 Toda alpena das almas suspendida.
 Na pedra com q sempre anda lidando
 Scisfo se sentou, tomando acento.
 Sobre quem o cansaua descansando.
 Cessou do seu contino movimento
 A roda d'Exlon, & as dos ériuos
 Deixaram de seguir seu vão intento.
 Das agoas, & dos Pomos fugitiuos
 O auarento Tantaló perdeu
 Os famintos desejos sempre viuos.
 Por tres bocas Cerbero emudeceo,
 E a fera cruel Aguia voante
 As entranhas de Ticio não roeo.
 Seguro passa o magoadó amante
 Por Tisifon, Allero, & por Megêra,
 Chegou a ver o key do mao sêblante.
 De nouo a branda lyra ali tempera,
 Ali mais solta a mão, & a voz afina,
 Ali onde seti bem cobrar espera.
 Moueo com brando rogo Proserpina
 O marido cruel, Rey encuberto
 Tanto que darh'a esposa determina.
 Deulha o seço Rey, mas com concerto

(Ah

C A R T A XXXI.

(Ah concerto cruel, merce pequena
 Antes concerto não, engano certo.)
 Que por todo o caminho onde se pena
 Leuando á tras si, a não veria
 Até sahir co ella à luz serena.
 Elle que polla ver v'lua morria,
 Querendo já sahir ao dia puro
 Virouse pera ver s'ella o seguia.
 Logo como delgado fumo escuro
 Alongandose foy o leue espirito
 Conforme ao pacto do tyrano duro.
 Ficou soando hum doloroso grito
 Não canses mais Orfeo por mudar
 Oque já de my tem meu fado escrito
 Tres vezes, triste foy pe' abraçar
 A fugitiua esposa, & o tras tantas
 O vento abraçou em seu lugar. (tas
 Quâtas queixas d'amor, lágrimas quã-
 Tã infelice Orfeo derramaste
 Bem o sabem as pedras, bẽ as plantas.
 As plantas, & as pedras que leuaste
 Apos o teu suave, & doce canto (Re.
 Tygres, Leões & Dragos qu' amansa-
 Pois Orfeo qu'em verso pode tanto
 Como mostrando fuy neste progresso
 Em vez qu'esperava alcançou pranto
 Que posso eu esperar do que lá peço.
 Faltandome senhor o fauor voſſo,
 Senão serlhe igual no meu successo;
 Que no bom câto sey q' fer não posso.

CAR

164
CARTA XXXII. 117
CARTA XXXII.

A Ioaõ Rodriguez de Sã de Meneses,
da jornada que fez Pero d'Alca-
soua Carneiro, a Castella,
por mandado del
Rey dom Se-
bastião.

Senhor, pois me mandais, inda q' vejo
A quanto auentura quem escreue,
Em tudo cumprirei vosso desejo,
Por quem auenturar tudo se deue.
Amor, que do meu peito afaíta o pejo,
E o peso do trabalho torna leue,
Me faz tomar a pena, confiado
Que me desculpa ser porvós mandado.

Por, isso á vossa conta, senhor, pôde
Esta vontade sô, muito mais cara
Queinão o proprio dom. q' correspôde
Com outro, que se fez já d'agua clara:
E pois á vosso espiritu não s'esconde.
O lume da doutrina pura, & rara,
Dá luz ao meu Poema, porque seja
Seguro da nociua, & cega inueja.

O Febó, se te moue humano rogo,
Inspira (porque teu poder se crea)
No frio peito meu, teu brando fogo,
Abre no duro ingenho noua vea,
Porque com teu fauor mostrando logo
As honras, que imprimi na minha idea
Daquelle espiritu raro, onde descásas,
Pague, em parte, merces, pagu'esperan-
(ças. E VÓS

CART A XXXII.

E vós brandas Irmãs, q̃ tanta estima
Fizestes já da minha agreste lyra
Quando da bella Syluia, ao só do Lyma
Andou cantando quem por cá sospira:
Aleantai agora a baixa rima,
Que de tam longe anoua gloria aspira;
Que se me vós guiais esperai deuo,
Que não canse meu verio aquê escreuo

Não cantarei aqui fabulas vaãs
De nouidades sempre tam amigas,
Que vem a' conuerter homês em raãs,
E tornaõ a fazer homês de formigas.
Verdades cantarei, verdades chaãs
E vistas por meus olhos, não antigas
Da jornada que fez o bom Carneiro.
Dos Alcaçonas tronco verdadeiro.

Este chamado Pedro, em cujo nome
Tam firme vejo os seus dous apellidos,
Que por mais q̃ passe hũ tẽpõ, outro al
Sẽpre serã por elle esclarecidos; (come
Este, de quem o auiso exemplo tome,
A quem reays faoures sãõ deuídos,
Mandou (porque mais deste participe
El Rey Sebastião) a el Rey Felipe.

(to
Qual foy desta embalxada o fũdame
Menos, quem fober mais, o afirmaria;
Hũs dizem, que del Rey he casamento,
O que se fosse assi grãõ bem seria,
Outros, porque se tome hũ nouo asẽro
Nas cousas de Maluco, & sem portia
Se determine, sendo a causa vista,
A qual dos Reys pertẽce esta cõquista.

Outro

CART A XXXII. 118

Outro cré leuementeio qu'imagina,
 Alheo parecer tem por infania,
 E diz, que totalmente determina
 ElRey passar de novo a Mauritania;
 Onde da torpe ley seja ruyna:
 A gente da temida Lusitania;
 E para dar melhor expediente,
 Manda pedir em dote ao tio gente.

Outros que seguem outra opiniaõ,
 Cuido que chegaõ mais perto do fco,
 Dizendo (para o que mil razões daõ)
 Que vem a tudo quanto tenho dito:
 E segundo do Reyno as cousas vaõ,
 Este seu parecer ao meu admitto,
 Que tudo pode ser, mas o que for,
 O tempo o mostrarà cedo milhor.

Deixando o leue pouo desta vez,
 Em seus variõs discursos occupado,
 Este meu bom Mecenas Portugues,
 A cuja sombra canto descansado,
 Partio á dias sobre dez
 Do mes em quaõdo osol mais impinado
 Roubando a Madre terra cõ seu rayo,
 A graça, que lhe dà Abril, & Mayo.

De Lisboa partio com tal louvor
 De grandes, & pequenos géralmente,
 Que sempre lembrará, em quanto for
 A neve branca, & fria, o fogo ardente:
 Dezlaõ todos, nunca embaixador
 Leuou tam escolhida, & tanta gente,
 Em boas horas vã, em boas venha;
 Venturoso successo em tudo tenha.

C A R T A . XXXII.

De dous genros q̃ tem, q̃ nesta idade
De tam illustre sangue poucos vejo,
Onde a nobreza mora, onde a bôdade.
Nas obras mostra sempre o bõ desejo,
Acompanhado foy des a cidade
Tè hum lugar fronteiro em RibaTejo,
Das ondas de Neptuno combatido,
Que de Galiza toma o apellido.

O mesmo fez o seu filho mais velho,
Que por certos respeitos não foy mais
O que de raro auiso, altro conselho
No processo das cousas dá finais:
Cortesaõ, liberal exemplo, & espelho
Dos que buscaõ louuor por terê tais,
Em tudo tal emfim, que se vê nelle
Ser digno de tal pay, & tal pay d'elle.

Outro de menos annos, não de menos
Partes dignas d'amor, & de lembrança,
Que já mostrou nos campos sarracenos
A sua larga mão, sua forte lança;
A qué grandes lououres são pequenos,
Tais graças, tal saber, do Ceo alcança
Seu pay, & acompanhou nesta jornada,
Por elle (com razão) mais celebrada.

Dous sobrinhos também leuou cõfigo
Ambos ramos d'hũ ramo verdadeiro,
Dum tronco, q̃ no Reyno he tam antigo
Que foy antes dos Reys nobre primeiro
Por mais me declarar Tauoras digo,
Hum, & outro auisado, & canalleiro,
Que podê merecer em qualquer parte
Mil honras de Cupido, mil de Marte.

E sendo

CARTÁ XXXII.

166
119

E sendo vinte & sete os que leuou
De caualllo fomento; por ventura
O que mais sobre tudo se notou.
Foy ver, que todos delle eraõ feytura.
No que claro se vê quanto acertou
O que criados seus fazer procura;
Pois quando os hamiter certos os tẽ,
No prazer, no pezar, no mal, no bem.

Se naõ ponho seus nomes por escrito
Naõ me deuem culpar, que hẽ olhado
Seria processo largo, & infinito,
E naõ itenerario abreuiado;
Quãto mais q̃ naõ sofre o meu espirito
Auenturarme a que hum desconfiado
Diga que sua honra lhe ritei,
Se no fim da estancia o nomeei.

Daqui deste lugar no mesmo dia
Declinando já Febo se partio,
Depois que com amor, & cortesia
Dos genros, & do filho s'espedio,
Depois que cada hum dos que trazia
A modo de aminho se vestio
Em calças, & gibaõ, capas de couro
Guarnecidas de seua, prata, & ouro.

Com noite escura já chega a Ladeira
E parte, em branqueando o Orizonte,
Deixa o valle atras, deixa a ribeyra,
E deixa a villa, a que deu nome omõte.
Arroyolos, Estremoz, & a guerreira.
Eluas, que Badajoz olha defronte;
Por onde Guadiana rio brandõ
Os câpos de dous Reynos vay regado.
Entra

Passados dezaseis ja da jornada
Hia dando principio a hum nouo dia,
A filha de Tiraõ, alua, & rosada,
Quando o real Madrid aparecia,
Madrid, onde a famosa, & celebrada
Corte, de graõ Felipe residia,
D'hum rio dond'o sol desce rodeado,
E donde torna a nòs d'hũ frescopiado.

E porque tinhaõ dantes entendido
Como naõ entraria na tal hora,
Naõ foy de tod'a corte recebido,
O que se fora á tard' certo foy;
Apenas dom Christouaõ, preuenido
O veyo receber, da villa foy
Dõ Christouaõ da clara estirpe Moura,
q' noutra parria, a nossa illustra & doura

Fosse apear co'elle, que lhe tinha
Pousadas prestes ja; & tudo estaua
Como pera tal hospede conuinha,
Como conuinha a quem o hospedaua.
Logo ali tod'a corte a vello vinha,
Hum sò digno de nome não ficaua;
Cõdes, Marqueses, Duques ná faltaraõ,
Todos pessoalmente o viũtaraõ.

De todo embaixador de Reino, & estado
(Que de toda naçaõ buscaõ Hespanha)
Foy como cõsa rara, visitado,
Com grand'espanto, & cortesia stranha
O de Veneza, em traje asinalado,
O de Genoua, o de Frãça, o d'Alemanha
De Mantua, de Ferrara, aly vieraõ,
Mas todos a mór honra ao nosso deraõ

Estaua

Entra já por Castella, já descobre
 De Merida os Romanos edificios,
 Que de ser noutro tempo coufa nobre
 Inda assi ruynados dão indícios:
 Logo Turfilho vê, que não s'encobre,
 Famoso por equestres exercícios;
 Vay adiante mais, tanto caminha,
 Que passa Tallaueira da Raynha.

Mas onde ficas tu famoso Tejo,
 Pois antes de chegar a Tallaueira
 Por hũa bella ponte passar vejo
 A tua fetmosíssima ribeira?
 Ah do meu doce amor, do meu desejo
 Secretario fiel, nunca o Ceo queira
 Que fiques em meus versos esquecido,
 Que só pœa ti feres melhor ouvido.

Inda que de lêbransas tam continas
 Colhas, ô claro Rio, pouco fruyto,
 En premio (se d'algũ premio saõ dignas)
 Não te deixes por cá descansar muito:
 A Lusitania da tuas ricas minas,
 Leua dobrado agora o teu tributo,
 Que não pagas com menos te direi
 O seres tributario de tal Rey.

Em tanto ao nosso Alcaçova tornando
 Mais villas, mais lugares do q' aponto,
 Hum dia, & outro dia foy passando,
 Que passo, porque saõ de menos cõto.
 Em toda parte sempre acrecentando
 Louvores a seu nome alegre, & pronto
 A roda cortesia, com largueza
 Cousas, que mais q' tudo estima, & preza
 Passados

C A R T A XXXII.

Estava o defensor da Christandade
Felipe inclito Rey, no Escorial
Hum templo de tamanha magestade
Que nunca o desenhou Vetrúvio tal
Onde encomendar a eternidade:
Pretende o que lhe coube de mortal,
Junto do inuícto pay grã Carlos quinto
Neste nouo Mausolo, ou Laberinto.

E como Sayas, com presteza infinda,
Sayas seu secretario, o amiasse,
De lá, com lhe mandar a boa vinda,
Mandou, que do caminho descantasse.
Que logo o mandaria hir a si: Inda
Que pera Balsaim daly passasse,
Balsaim, que Segouia tem vesinho,
De Madrid, treze léguas de caminho.

Hú bosque tã guardado, & tã sóbrio
Que nelle de continuo está seguro
O verde pasto do calmo e fto,
Do duro ferro o tronco antigo, & duro
As fontes delle, vão criando hum rio
Onde no transparente cristal puro
Mil Anteoís a sua sombra vem
Sem espanto de si, nem de ninguém.

O Gama a fresca sombra ali rumia,
Outr'hora ao raso fae da espessura,
A sede vay mat ar na fonte fria
Depois de satisfeito da verdura,
Do curso natural não o desuia
Eruada setta, nem pellota dora,
Que forçada de fogo, ou d'ago foute
Sempre consigo tem triste morte.

(O animal)

C A R T A XXXII.

14

O animal feroz q' em branco dente
 Tamañha fozia tras qu'eftraga tudo
 Pasce por onde quer seguramente
 Sem nelle se ríngir o aço agudo
 O medroso coelho, & a innocente
 Lebre, que de seus pès faz seu escudo,
 Ally saltaõ, & brincaõ, sem temor
 Das manchas do ástuto caçador.

168

Ally o branco Cirne logra, & ama
 Do cristallino lago a segurança
 Geme, sem medo a rolla em verde rama
 A pomba do voar ally descansa.
 Seu canto Fillomella ally derrama,
 E a Perdiz q' da quèda tem lembrança,
 Inda qu'engeita a faya, o freixo & o pi-
 No chão seguro té seu caro ninho. (nho

No meio deste bosque, situados
 Estaõ hús bellos paços, bellos cestos
 Dos arcores sombrios tão cercados
 Que não se deixão ver senão de perto;
 Com tão nouo artificio fabricados
 Que julga quem os vê num tal deserto
 Ser em obra d'Aleina, ou d'Atlante,
 Aquelle tão famoso nigromante.

Onde lindos jardins; cultura & arte
 Tem sempre de mil flores copiosos;
 Por mais qu'o tempo avaro, noutra parte
 Roube da bella flora os d'ões fermosos,
 Por canos d'alli bastro se reparte
 Em tanques d'azulejos, muy lustrosos
 Muy larga copia d'agua, que conserua
 A natural belleza a flor, & a erua.

E

Dep

C A R T A XXXII. 219

Por cima das quaes meias outras meias
Leuaaõ, por limpeza d'auo linho,
As botras estiradas com correas
Assi como costumaõ de caminho. 169
Reluziaõ nos hombros as caieas
Do metal, por quẽ sobre hũ fracopinho
Por meyo do inquieto mar profundo
O cobiçoso vay cercando o mundo.]

Chapens de tafetá, cayrel, & trança
Deste rico metal tirado em fio
Onde faziaõ prumas tal mudança
Como as folhas do alemo sombrio
Quando tão pouca força o vête alça
Qu' apenas moue, o doce, & manso rio
Mouendo a saudosos sentimentos
Aquelles vagarosos mouimentos.

Ricas espadas leuaõ, & douradas
Em tallabartes ricos, & dourados,
As mangas dos giboẽs fõra lançadas
Dos gibões de cetim preto, picados
Elles, & as rouperas botoadãs
Cõ botões d'ouro, & perlas realçados.
Porem instraua mais que tudo isto
Leuarem seys, seys habitos de Christo.

Chegando deste modo ja queria
Decer fora dos paços, no terreiro,
Quando sahio o Conde de Bondia
De sua Magestade Camareiro;
Dom Diogo de Cordoua, que seruia
A mesma Magestade d'Alfribeiro
Ally veyo tambem, & tambem vinha
O Ayo dos Irmãos da grão Raynha.

C A R T A XXXII.

Estes o receberam, & o leuaram
A hũas fermosissimas foteas
Que pera ti grão Rey se fabricaram,
Onde nas mores calmas te recreas.
Ally as presas agoas se soltarão
De Satyros m'gofos, de Napeas
Que com doce murmurio s'escondião
Nas urnas de crystal onde cahião.

Não fez na fresca quadra, mais demora
E em quão outro vestido lhe foi dado
E do Côde, & dos mais na propria hora
A sua Magestade foy leuado:
Nenhum dos que leuou ficou de fora,
Entra o mais medroso mais ousado,
Estão portas abertas, não ha goarda,
Entrão tẽ onde em pẽ, el Rey agoarda.

Mas antes que daqui o passo mude
A quem pedirey eu, quem me dará
Socorro tal que minha voz ajude
Que sinto que me vay saltando já?
Ah branda Syluia minha, aqui m'acude
Hum nouo alẽto, hũ nouo som me dà,
Agora que me vou chegando tanto
Ao mais difficil ponto do meu canto.

El Rey, como ja disse em pẽ estava
Olhando pera quantos entrar via,
O vestido que tinha a quem olhava
De corte não de bosque parecia.
Pardas eraõ as calças que calçava,
O gibão tambem pardo que vestia:
Capatos tinha brancos, & colleto
Tudo de cordão, mas era preto.

Mais

C A R T A XXXII. 123

Mais tinha, se da vista bem m'ajudo
Ao pescoço, a diuísão do Tosaõ,
Na cabeça hũa gorra de veludo 170
Alta, que dizem ser delle inuenção.
Hum farraguello negro: & da a tudo
Tal graça, que contendem, com razaõ,
Fortuna, & Natureza, sobre qual
Coelle se mostrou mais liberal.

Ally estauaõ, cubertos, dous Senhores
Que sós, se n' mais ninguê, cõsigo tinha,
Ambos, o que notei, mordomos mōres
Das Magestades, delle. & da Raynha.
Seu delle o Duque d'Alua, q' dos mōres
De mór a preminencia lhe conuinha,
E o Marques dos Velles era o della,
Dos grãdes, do grão Reino de Castella.

Mas pera q' não sayha do caminho,
Tanto que fique o verso menos clara
Depois d'entrarê hũ, & outro sobrinho
E do meu pillar firme o filho caro,
Depois q' dō Christouão, de pa drinho
A todos tres seruió, cõ Rey preclaro,
Depois q' os recebem com muyto gosto
Se julgamos vontade pello rosto.

Eis entra com seguro continente
Aquelle onde prudencia esta segura
Diante do grão Rey brando, & porête
Fazendo logo entrando hũa melura;
Tiroulhe agora el Rey tão cortezimête
Como faz a quẽ muyto hórar procura
Foi se chegando Mais; quasi em gíolhos
Buscou a real mão, cõ mão, & olhos.

C A R T A X X X I I .

El Rey o leuantou muito depressa
E os braços lhe deitou quando isto fez,
Mandoulhe pôr a gorra na cabeça,
A sua descobrindo ind'outra vez
Em tudo (por quem todo o fazoreça)
Tão ledo se mostrou, & tão cortez,
Que quãto a tal tempo ally s'acharaõ
Vendo tal nouidade s'e'panraraõ.

O prudente orador logo tirou
(Porque lhe não fugisse a occasiã)
Esta carta sellada, que beijou
E a sua Magestade a deu na mão:
Com noua cortesia lha tomou
Por ser do grande Rey Sebastião
Cujas cousas são taes, q' são bem dignas
Que tẽ os Reys as tenham por diuinãs.

Não sendo esta carta inda bem dada
Quando fazendo el Rey hũ breue aceno
A casa foy num ponto despejada,
Sem nella ficar grande, nem piqueno:
Ficou onuindo sò sua embaixada
Que durou tanto que já o sol sereno
Tinhã quasi decido o que sobio
Quando sua Magestade o despedio.

Quanto de mdr estima seja digno
O saber ond'estã, quanto melhor
Qu' pedras preciosas, qu'ouro fino.
Que toda a mais riqueza essa que for,
Por quem auenturamos de continuo
As vidas, & as almas, qu'he pior,
Cuidando matar sede, d'ouro, & prata,
E nunca se matou, que tantos mata.

Por

C A R T A XXXII. 124

Por muitosReys se vê, q' não lhe tira
 O tempo hum nome tal q' eterno dura,
 Os quaes est'alto dom, q' o Ceo inspira
 Prezaraõ sempre mais q' os da ventura
 Senaõ vede Alexandre que sospira
 Quando d'Achyles vio a sepultura, 17
 Que dera se por ouro se comprara
 Saber que soube dar fama taõ clara?

Que diremos da carta qu'escreueo
 Seu pay ao graõ filosofo, no dia
 Que taõ ditoso Principe nasceo,
 Que conquistou do mûdo a Monarchia?
 Não diz que mais ao Ceo agradeceo
 O darlho em tal tempo que podia
 Ser por taõ grande mestre doutrinado
 Do que lh'agradecia auerlho dado?

Fauores, & merces que Octauiano
 A Sabiõs sempre fez he cousa clara.
 Horacio diga, diga o Mantuano
 Se lhe sentiraõ nunca maõ auara.
 O nosso dom Denis Rey Lusitano
 Que no seu tẽpo a ruda Musa empara,
 Qu'inda assi ruda a fama lhe renoua
 Tambem desta verdade he clara proua.

Mas o refugio certo, & verdadeiro
 Lume deste saber que tanto val,
 Qual foy senaõ o Rey, q' foy terceiro
 Do nome do Bautista, em Portugal?
 A quem celebre o mundo por primeiro
 Em sabio, em piedoso, em liberal:
 Emparo do humano, & do diuino
 De fama cã, no Ceo de gloria digno.

C A R T A X X X I I .

ElRey o leuantou muito de
E os braços lhe deitou quando i
Mandoulhe pôr a gorra na cabe
A sua descobrindo ind'outra vez
Em tudo (por qu' em todo o fano
Tão ledo se mostrou, & tão cort
Que quãtos a tal tempo ally s'a
Vendo tal nouidade s'e pantara

O prudente orader logo tiro
(Porque lhe não fugisse a occasi
Nha carta sellada, que beijou
E a sua Magestade a deu na mão
Com noua cortesia lha tomou
Por ser do grande Rey Sebastião
Cujas cousas são taes, q' são bem
Que tẽ os Reys as tenham por di

Não sendo esta carta inda be
Quando fazendo elRey hũ breue
A casa foy num ponto despejada
Sem nella ficar grande, nem piqu
Ficou ouulndo sò sua embaixad
Que durou tanto que já o sol ser
Tinha quasi decido o que sobio
Quando sua Magestade o desped

Quanto de mór estima seja di
O saber ond'està, quanto millhor
Qua pedras preciosas, qu'ouro fi
Que toda a mais riqueza essa qu
Por quem auenturamos de con
As vidas, & as almas, qu'he pior
Cuidando matar sede, d'ouro, &
Que nunca se matou, que tantos

C A R T A XXXII. 124

Por muitosReys se vê, q' não lhe tira
O tempo hum nome tal q' eterno dura,
Os quaes est'alto dom, q' o Ceo inspira
Prezaráo sempre mais q' os da ventura
Senaõ vede Alexandre que sospira
Quando d'Achyles vio a sepultura, 17
Que dera se por ouro se comprara?
Saber que soube dar fama tão clara?

Que diremos da carta qu'escreueo
Seu pay ao grão filosofo, no dia
Que tão ditoso Principe nasceo,
Que conquistou do mudo a Monarchia?
Não diz que mais ao Ceo agardeceo
O darlho em tal tempo que podia
Ser por tão grande mestre doutrinado
Do que lh'agardecia auerlho dado?

Fauores, & merces que Octauiano
A Sabios sempre fez he cousa clara.
Horacio diga, diga o Mantuano
Se lhe sentiraõ nunca maõ auara.
O nosso dom Denis Rey Lusitano
Que no seu tẽpo a ruda Musa empara,
Qu'inda assi ruda a fama lhe renoua.
Tambem desta verdade he clara proua.

Mas o refugio certo, & verdadeiro
Lume deste saber que tanto val,
Qual foy senaõ o Rey, q' foy terceiro
Do nome do Bautista, em Portugal?
A quem celebre o mundo por primeiro
Em sabio, em piedoso, em liberal:
Emparo do humano, & do diuino
De fama cã, no Ceo de gloria digno.

C A R T A . XXXII.

Por onde não se deue d'estranyar
Se com estyllo nouo, & desusado;
Quis sua Magestade tanto honrar
A quem ja tinha o sogro tanto thorado
Pois como sabedor, soube estimar
Hum varão de tal Rey não estimado,
Que delle fhou sempre seus conceitos,
Criado (como dizem) a seus peitôs.

Tanto que do Real alto conspeito
Despedido se vio, sem dilação
Co'd' Alua, & de Bondia foy direito
A comprar a segunda obrigação:
Dando claro final o seu aspeito,
E o gosto que mostraua com razão,
De ser, alem de ser bem recebido,
A seu contentamento respondido.

Chegando assi, cõtete, & acõpenhado
A casa da Raynha, em meio delles,
De fóra o recebo, por seu mãado (les:
O seu mordomo mór Marques dos Vel-
A qual estaua em pè. num rico estrado
Rodada de Damas, ond' apelles
Olhando de qualquer a fermosura,
Retratara de Venus a figura.

Quis lhe bejar a mão, não lha quis dar
Nem meno' quis ós mais tal consentir
Antes o fez erguer, com s' inclinar,
E com alegre rosto o fez cobrir.
Outra carta lhe deu, com lhe falar
Palavras, qu'ella só podia ouir,
E posto que mais altas que podial
Ouir, quem a tal tempo tanto via?

(Resplan-

Resplandecia alli qual pura estrella,
 O Principe seu filho tenra planta
 Que de poder formar cousa tão bella
 Affirma a Natureza que s'espanta.
 Em vez de dar a mão fuzio coella
 Com tamanho repouso, & graça tanta
 Que podia caber tal gravidade
 Em mais annos q' cinco annos d'idade,

172
 Mas q' direy da luz que derramava
 A Infanta Isabel, que ally s'omente:
 A mão direita da Madrastra estava,
 Estando a mais moça entrão doente?
 Agora a fermosura que mostrava
 No bello gesto seu resplandecente,
 Mostrauão as mais graças q'em si tinha
 Que o Ceo a dera cá pera Raynha.

Vêdo ella o embaixador posto diâte
 Qué lhe pedia a mão, com doce modo.
 Atras a retirou a bella Infante,
 Mouendo ayrosamente o corpo todo:
 Tornou elle à Raynha ao mesmo instante
 A qué fez (por cōprir de todo em todo)
 Despedindose della, hũa misara.
 Esquecerãolhe as Damas por ventura?

A todas, cō grão têtto, em se voluêdo
 O decoro guardou, como deuia,
 Ellas por não ficar isso deueno
 Pagarão com brandura, & cortesia.
 Dally sem tempo algũ hyr entretendo
 Qué o mesmo tẽpo mais não consentia
 Foy visitar os Principes Irmãos
 Filhos do Imperador Rey dos Romão

C A R T A XXXII.

Os quaes por ser razão q' d'elles cõte
Ambos de verde claro se vestião,
Sihal de frequentar o valle, & o monte
Como tarde & manhaã sempre faziaõ.
Moços de gentil arte, alegre fronte,
Onde fermosas partes florecião,
Ornando d'alto enãno a gentileza,
Que engrandecia mais sua grandeza.

A porta-da sua camara ambos vieraõ
Arcebelo, quando entrar o viraõ.
Tal foy a honra aly que lhe fizeraõ
Que tẽ elle se cobrir não se cobriraõ.
Depois q' hũ pouco em pẽ s'etretiueraõ
Co a mesma cerimonia s'espeditaõ,
Mouendo a quẽ tal vio estranho espãto
Tamanha cortesia em valor tanto.

Depois que tudo isto assi passou,
O valeroso Alcaçoua Carneiro
Antes de se tornar na casa entrou
Onde leuado fora de primeiro,
Ally co Duque d'Alua praticou,
Sem antr'elles auer algum terceiro.
Ally fez outro tanto co Marques.
Co Conde de Bondia o mesmo fez.

E logo, porque ja Febo nos braços
Da branda Thetis descansar queria,
Tomando cada vez mdores espaços,
A sombra que dos montes ja cahia,
De todos s'espedito fora dos paços,
Tẽ onde lhe fizerão companhia
Deixando de seu nome, hum nome qual
Serã louvor eterno a Portugal.

E quan-

E quando ja no Ceo Diana bella
 O lumioso rosto descobrira
 Deixando o hosq̃ atras, deixando aq̃lla
 Magestade real, que tanto admira,
 A segovia chegou, descansou nella;
 Onde tambem descance a minha lyra,
 Porque depois melhor encordoadã
 Possa cantar o fim desta jornada.

C A R T A 173

AO Lecenceado Ioaõ Pimenta meu
 sobrinho.

S Enhor sobrinho, este silencio vossõ
 Se se quebra cõ versos, prouar quero
 Que cõ profas bem sey q̃ ja não posso
 De sol, em sol, de lũa, em lũa espero
 E inda q̃ d'anno em anno tãbẽ diga,
 Pouco, do certo ponto destempero.
 Qual ley, ou qual razã vos desobriga
 Da ley da Natureza? qual enleo?
 Poruẽtura o Ceo quer q̃ se não siga?
 Tanto vos sumergistes no Lethco
 Que de muy fracas ja vossas lãbrãças
 Esporas haõ mister, não durõ freo.
 As promessas que tem leues mudanças
 Saõ votos, em naufragio prometidos
 Que depois mal se cõprẽ nas bonãças.
 Que sejaõ outros homẽs esquecidos
 De mim; pouco me dá, de vos o sinto
 De vos q̃ sois senhor doutros sãtidos
 Consentirdes descuydos não consinto,
 Porq̃ assi ireys criãdo tão grãd bojo
 Que

C A R T A.

Que não s'abrangerà cõ qualq̃r
 Pois vos hides logrando do despo
 Das ouelhas. qu'estão á vossa co
 Vigiai, não lhe faça o lobo nolo.
 Vós tereis tal lembrança por af
 Mas eu façõ o q̃ faz mestre desgr
 Que para dar na mão á vitta ap
 Não vos pinto a figura deste Enim
 Porque figuras já vos são mais cl
 Que no fresco veraõ agnas do L
 Vsaõ os que gneraõ d'almenaras
 Para de longe dar à gente auiso,
 q̃ ponha o cobro as suas cousas c
 Em vaso crystallino puro, & liso
 Parece mal qualq̃uer peño argu
 Que no de barro fica senão riso.
 Ariosto os seus versos d'hũ oleyro
 Mal cantados ouuindo, & vèdo c
 As panelas. qu'enxugaua ao soalh
 Pitoullas todas hũa vez, & duas?
 Dizê do: Pois me dâna obras mi
 Não t'espâtes de mim, se dâno as
 As cruas amargosas tem mezinhas
 As aues. que seguras viuer queres
 Não conuersaõ raposas, nẽ foy
 Enfim vossos descuidos se mod're
 Nay mais de vós a este vosso hosp
 Onde sabeis que todos bẽ vos qu
 Não deis d'ingratidão mais claro
 q̃ negar não se pôde ser caminho
 Que cerra a porta a nouo benefici
 Hides. & vindes d'ãtre Douro. è Min
 Que vos custa mãdar-me hũ sò reca
 Come vossos lacões, gastaos linh
 Agora que me dou por reuingado

Em vos dar com amor esta fraterna,
Que sem amor não fora tam ousado.
Vos pergunto, em q' modo se governa
A vossa opposição, & porqu'espera,
Se cuidaó ser finita, ou ser eterna.

No que se não desata, já podera
Coitar-se com razão, & s'assi fora
Causa de más suspeitas, não nós dera.
Mas pois tudo tem fim, tudo tem hora
Da vossa inda não vir não vós q'ixeis
Sofrei, como fizestes ategora.

Pergunto mais (se em Musas entendeis
Nesse tempo que dais a vossa Igreja)
Por qu'auaro me sois do q' escreueis?

Que pois oscio, & lugar lá vos sobeja,
Os versos que formardes, hẽ formados
Quem quereis vós q' cõ m'õr gosto os
Os olmos cõ as parras abraçados (veja
Os regos, que por baixo vão correndo.

Os campos d'aluas flores matizados;
O gado, que da relua anda pascendo,
A fonte de sombria já musgosa,
A Rola, q' em ramo seco está gemêdo.

E tudo isto lá na selua saudosa
Vos moue a poetar; & sobre tudo
A vossa branda vea copiosa.

E sofrese comigo serdes mudo?

Ah, não, fallalme já, por qu'algũ dia
Não me vejais conuolco carrancudo.

Eternamente de vós me queixaria
Se prolongaís este esquecimento,
Que por vontade entam sei que seria.

Mas não se abaixa hũ alto pensamêto
A dar causa de pena, a quẽ dar deue
Por sangue, & por amor cõtêramêto.

Dizeime

C A R T A

Dizeime (iqu' isto bẽ lembraruos deue)
 Não ficastes de vir ter hũas serias
 Com quẽ estas palauras vos efreue?
 Mas não tornemos a picar arterias
 Porque não vos pareça ser defeito
 Hindo tratando já doutras materias.
 Dizeime s' estaõ inda em laço estreito
 Do seu rãcor antigo, a sogra, & a nora
 Ou se fizestes nisso algũ proueito?
 Dizeime, quem do meu se logra agora
 Sem q̃ tenha de mim nenhũ cõsenso:
 E se restituyllo melhor fora?
 Que vos juro q̃ pãmo, & estou suspẽso
 De ver que não ãuer, que tudo sabe
 Quẽ sabe medir tudo, sendo immẽso.
 Colher o fruito alheo em razaõ cabe,
 Sem disso o proprio donõ ser cõtete?
 Passemos adiante, isto s'acabe.
 Dizime s' achais là da nossa gente,
 Quẽ se lebre se viuõ, senão quando
 Interesse ou trabalho vẽ presente.
 Inda fora mais cousas preguntando
 Senão fora dar mostras d'ouciõso,
 Mas sò cõ duas a cõta hirei cerrãdo.
 Daimenouas do Lynna laudoso;
 E mais daquella, q̃ lhe soy vezinha,
 De cuja visita viuõ deseioso.
 Ella saiba de vós a teagãõ minha:
 Elle sempre fermoso siga a via
 Cõ tal brandura, qual para mi tinha,
 Quando por Siluia sospirar m'ouuia.

F I M.

25 1778